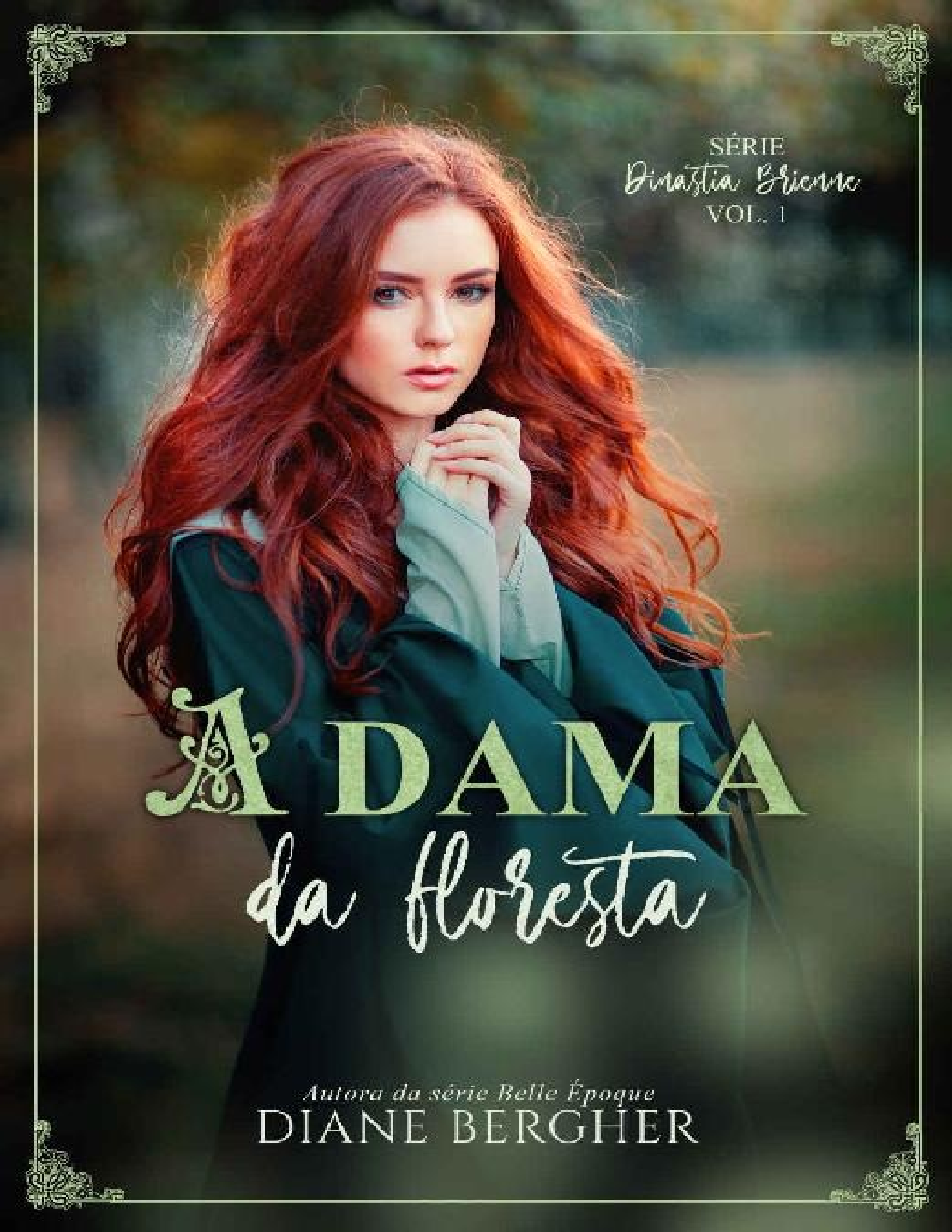




SÉRIE
Dinastia Grienne
VOL. 1

A DAMA *da floresta*

Autora da série Belle Époque
DIANE BERGHER



A DAMA
da floresta

DIANE BERGHER

Copyright © 2018 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Camille Chiquetti

Capa: Layce Design

Diagramação Digital: Layce Design

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.



[Nota da Autora](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

Às mulheres que acreditam no poder do amor.



E nos encontramos mais uma vez em mais um romance. Dessa vez, viajamos mais longe, atravessamos o Oceano Atlântico e visitamos a Grã-Bretanha do século XI, por alguns estudiosos tido como o século que marcou o fim da Alta Idade Média, ainda influenciado pelas religiões pagãs, que cultuavam a natureza acima de tudo.

Embora não tendo a intenção de ser fidedigna à história, fui beber de acontecimentos reais para compor o enredo de *A Dama da Floresta*, mesclando-o com elementos da mitologia e fantasia. O Rei Guilherme I de fato existiu e foi intitulado como “O Conquistador”, por ter conquistado a coroa inglesa, tornando-se rei de dois mundos: Inglaterra e Normandia, o que o fez ficar conhecido como um dos primeiros representantes da monarquia absolutista.

A Normandia fora um território ao noroeste da França, colonizada inicialmente pelos vikings. Atualmente é uma província da França, o que significa dizer que a Inglaterra já teve o francês, embora em sua versão arcaica, como língua oficial falada na Corte.

Os normandos, quando atravessaram o Canal da Mancha, sob a liderança de Guilherme, encontraram saxões e anglos já estabelecidos, e ainda outros povos, como os galeses ao oeste. Guilherme, então, adotou uma política expansionista, reforçando as defesas da terra recém-anexada à coroa normanda através da construção de castelos e fortalezas de pedras e promovendo casamentos de seus aliados com as nobres locais, incluindo as saxãs.

Os normandos eram cristãos e a Igreja Católica estava no início de sua consolidação como entidade espiritual universal. Já a farta maioria dos nativos da Grã-Bretanha cultuavam o paganismo e vários deuses, representados por divindades ligadas à natureza. Tidos por selvagens pelos valores e costumes diferentes eram temidos e dificultavam a expansão da unificação da Inglaterra, resistindo bravamente por séculos.

Diante de tal cenário, a história de amor entre Eileen, uma filha dos povos da floresta, e Aaron, um bravo e leal normando, floresce e obstáculos precisam ser vencidos para que seu amor sobreviva e torne-se uma lenda.

A Dama da Floresta é acima de tudo um recorte fantasioso da história universal, na qual o amor de um homem por uma mulher ditou o rumo dos acontecimentos, primeiramente, os unindo, depois, os separando e, finalmente, fazendo-os se entregar ao sentimento sublime que os unia. É a história do encontro do feminino com o masculino em um equilíbrio perfeito e majestoso. Todos carregamos dentro de nós a força masculina que nos leva a conquistar e a força feminina que nos leva a preservar.

Conquista e preservação lado a lado movem o mundo sempre sob o respaldo do amor.

Com carinho,
Diane Bergher.



Eileen costumava ir dia sim e dia não até o vilarejo para fazer algumas trocas. Levava unguentos, pomadas e algumas ervas secas para trocar com os habitantes. Sobrevivia daquilo que a floresta lhe dava e sempre fora suficiente, mas alguns pequenos luxos lhe agradavam, como sal e carne de carneiro. Não gostava de ir até a aldeia onde suas origens lhe faziam se sentir desdenhada. Todos a tinham por uma feiticeira e temiam que o agouro lhes atingisse quando a jovem os visitava. Mas não hesitavam de buscá-la quando um doente precisava de suas poções ou mesmo para ajudar um bebê a nascer. E, assim, Eileen seguia com sua vida, tentando passar despercebida sempre.

A nova religião havia feito todos de sua família se afastar da cidade e procurar abrigo dentro da mata. Eileen era a última de uma linhagem de feiticeiras brancas e sacerdotisas da Grande Deusa, mas não haviam mais os cultos em sua honra, apenas um Deus era venerado. Desde tenra idade, havia sido treinada para curar, tratar e amenizar os males do mundo. Aprendera a extrair da natureza toda a cura de que o homem precisava para uma vida confortável e sentia muito por não ter a quem passar seus conhecimentos.

— A natureza nos dá a vida, Eileen! — Dizia-lhe sempre sua estimada tia. Uma mulher com rosto marcado pelo tempo, poucos cabelos brancos e olhar terno. Sentia falta de seus conselhos sábios e ainda chorava por sua morte. Morrigan foi-lhe sua única mãe, já que a própria havia lhe sido tomada em uma noite de caça às bruxas e queimada viva. — Observe e escute a natureza, ela sempre lhe dará a resposta. — O grande ensinamento que era passado de geração

para geração.

Eileen amava sua vida por mais solitária que fosse. A floresta lhe fornecia frutos e caça, além dos rios lhe saciarem a sede. Também se sentia útil quando chamada para curar, pois a arte da cura pela natureza foi-lhe passada como uma herança de família. Orgulhava-se de sua origem e apreciava as histórias que sua tia lhe contava sobre seu povo ao redor da fogueira em noites frias, feitos de grandes mulheres, damas sábias e respeitadas que faziam parte de uma sociedade onde homens valorizavam seu saber e não as oprimiam.

Mas Eileen havia nascido em uma época diferente e temia ser incapaz de passar adiante os segredos de seu ofício. Houve um tempo em que tentou em vão ser aceita entre os moradores locais, mas não conseguiu. Algumas moças até a convidavam para visitar suas casas, mas seus pais se desgostavam e a fim de não criar mais problemas, apenas agradecia e dispensava o convite. Assim cresceu solitária, apenas com a companhia dos pássaros que animavam seus dias com seus cantos majestosos.

— Como tem passado, minha jovem? – O açougueiro, um dos poucos que a cumprimentava sem medo, perguntou-lhe.

— Muito bem e o senhor? – Eileen apreciava atos gentis e conversar com os habitantes locais lhe fascinava. — Trouxe sua encomenda para dor de garganta. — Retirou um pequeno frasco feito de chifre de boi e entregou ao velho homem, que sofria de dor na garganta. Eileen acreditava que o homem não se agasalhava bem, o que só fazia piorar a doença. — O senhor tem feito o que lhe recomendei semana passada?

— Tenho feito sim! Mas o gosto não é dos melhores! – Eileen havia recomendado um chá de macela adoçado com gemada e mel. O gosto era intenso e não agradava todos os paladares, mas era um remédio eficaz para a garganta, aliviando a sensação de dormência como se espinhos espetassem ao falar, uma das principais queixas do açougueiro.

— Diga-me, como tem passado sua filha? – Perguntou na expectativa de que tudo estivesse bem. Eileen havia trazido à vida o primeiro neto do açougueiro. Havia sido um parto difícil e temeu perder tanto a mãe quanto o bebê.

— Minha filha e meu neto passam bem graças às suas mãos habilidosas, Eileen! Não haverá forma de pagá-la pelo que fez por eles.

— Não há o que pagar, meu caro amigo! É meu dever ajudar! E fico imensamente feliz em poder ser útil.

— Tome! — O açougueiro havia separado um pedaço de carne de carneiro para presentear a curandeira. — Separei um pedaço para você em agradecimento. Não é o melhor pedaço, pois os mais nobres sempre são levados para o castelo para atender nosso novo senhor. Sinto por isso!

Eileen havia ouvido falar do novo Senhor de Lyndford. Era um homem que havia vindo de terras distantes, a mando do novo rei e com costumes diferentes, a fim de consolidar seu domínio. Também era um rei estrangeiro e muitos ainda não o aceitavam. Houve revoltas um ano antes e o povo tentou um levante. A resistência não durou mais do que um mês. Sua tia ainda era viva e a proibiu de ir ao vilarejo durante as revoltas, e assim Eileen não sabia mais do que lhes contavam.

— É verdade que as fortificações do castelo foram reforçadas a fim de manter os povos do oeste afastados? — Perguntou curiosa.

— É sim! O novo duque ergueu mais uma torre e planeja erguer mais duas. Contratou mão de obra de fora para erguer um muro que protegerá todo o vilarejo em caso de invasão.

— Mas isso significa que o vilarejo ficará sitiado!

— Não, minha cara! Ficaremos protegidos mais do que nunca. Deve reconsiderar e se mudar para cá. Posso ajudá-la a encontrar uma pequena cabana. Conversei com minha esposa a respeito e ela acha que não é seguro uma moça morar sozinha na floresta.

— Não temo a floresta, senhor! Não mais do que temo os homens. Aqui todos me chamam de bruxa e temem que lhes traga somente desgraça, por isso, todos se mantêm afastados. Não importa o quanto sou capaz de ajudá-los com meus conhecimentos, sempre serei uma ameaça.

— Como queira, Eileen! Saiba, porém, que estaremos ao seu dispor para o que precisar.

— Obrigada! — Eileen agradeceu a gentileza e a preocupação e apressou-se para partir. Queria chegar em casa antes do sol do meio dia. Era inverno e o sol se punha ao oeste mais cedo. Ainda precisava recolher gravetos para o fogo que lhe manteria aquecida durante a noite. Havia também que alimentar suas

galinhas e escovar a pelagem de sua égua. Cuidados diários que lhe ocupavam e lhe faziam relaxar. Mas eram as ervas que ocupavam a maior parte do seu dia. Caminhar no meio da mata à procura das plantas e catalogar em seu diário dava-lhe prazer, sentia-se útil e importante. Por essa razão, ansiava o fim do inverno. Seus estoques de ervas findavam à medida que as noites davam passagem aos dias, e cedo ou tarde não haveria como atender seus doentes. Sempre a procuravam para tratar uma constipação de inverno. Os resfriados eram comuns nessa época do ano e ainda haviam os ferimentos que também exigiam pomadas e unguentos.

Subiu no lombo de sua velha égua e partiu sem olhar para trás. Evitava escutar os cochichos daqueles que a temiam, também evitava os olhares maledicentes. Toda vez que a raiva tentava apoderar-se de sua alma, lembrava-se das palavras de sua tia.

— Fazes o bem sem olhar a quem ou mesmo em troca de algo, Eileen! Nosso dom é uma dádiva divina e simplesmente não podemos escolher a quem curar. — Dizia-lhe a velha tia, inclusive, em seu leito de morte. Mas sentia pelos outros não compreenderem seu dom e por a temerem tanto.

Indignação passava pela sua mente quando recordava das atrocidades que haviam imposto ao seu povo. Pessoas pacatas que não mereciam ser perseguidas, pensava sempre antes de dormir. Se não existisse ódio no mundo, talvez haveriam outras como ela e não seria sozinha.

Ao chegar em sua pequena, mas aconchegante cabana, Eileen desencilhou da montaria, cuidando para que Princess, sua égua, passasse a noite aquecida. Ventava muito e logo poderia nevar, assim não conseguiria recolher gravetos para o fogo. Sua vida era difícil em certos aspectos, mas não se queixava da dureza ou da simplicidade de como vivia. Acreditava que a vida era a maior dádiva de todas e poder abrir os olhos toda manhã já lhe era uma bênção.

Aprumou-se dentro da capa de pele de lebre que ela mesma havia confeccionado no outono e com uma pequena cesta em mãos adentrou na mata. Precisava dos gravetos e não haveria nevasca que lhe impediria de se aquecer. O fez da forma mais rápida que pôde e retornou para dentro da cabana, onde acendeu a lareira e colocou água para ferver. Desejava um banho, mas temia se resfriar a ponto de adoecer, e não podia adoecer quando ela era quem devia cuidar de todos naqueles arredores. Eileen costumava se banhar no riacho que ficava próximo à cabana quando não estava congelado, o contrário do que estava

acontecendo nos últimos dias. No inverno, para seu desgosto, precisava se contentar com panos molhados em água quente.

— Banhar-se como gato no inverno e como peixe no verão, eis o segredo da longevidade, Eileen! – Dizia-lhe sua tia.

Eileen precisava parar de se recordar da tia. É como se ela estivesse ainda vivendo ali na cabana, a brônquear-lhe e exigir-lhe que tomasse mais lições. Aprendera muito com sua velha tia, como as línguas estrangeiras, além da língua de seu povo. Aprendera a ser uma curandeira habilidosa e uma fortaleza em momentos de dificuldade. Ensinou-lhe muito, mas esqueceu-lhe o principal, pensava Eileen: viver sem sua presença.

Um mês depois da partida da tia, considerou a ideia de mudar-se para um povoado mais ao oeste. Mas desistiu ao lembrar-se de que eram tempos difíceis para mulheres e mais difíceis ainda para mulheres que curavam. Recusava-se a ser chamada de bruxa ou de feiticeira. Era uma curandeira e esse nome conseguia expressar a importância de seu dom. Mas Eileen sabia que houve um tempo em que valorizaram a arte da cura e que pessoas como ela poderiam circular sem medo de serem perseguidas. Ao contrário, sempre eram recebidas com pompas e honras pela importância de ter uma curandeira em suas terras.

Tempos que ficaram para trás, pensou Eileen, sentindo saudades de algo que nunca passou de uma fantasia. Nunca chegou a viver esse tempo e sempre precisou esconder seus poderes. Não que ela considerasse ser uma mulher poderosa. Foi-lhe também ensinado por sua tia que o poder lhe era emprestado pela natureza. Não lhe pertencia e àquelas que desejaram dominar tais poderes como parte de si acabaram sucumbindo.

— A mãe natureza é a mais poderosa de todas! Não a subestime, Eileen! – Morrigan sempre lhe falava quando uma poção dava errado. Misturar plantas era uma arte que exigia paciência e perseverança, não era para todos e Eileen sabia que era uma das melhores, mas nunca lhe deixou subir à cabeça ou mesmo ser dominada pela cobiça de ser a mais poderosa. Respeitava a natureza como sua tia havia lhe ensinado e assim pretendia fazê-lo enquanto vivesse.



Do outro lado da floresta uma jovem lady gritava implorando pela vida. A

duquesa havia passado por uma gestação difícil e mal fora vista fora de seus aposentos depois que o Duque de Lyndford, título recém-conquistado pelos préstimos em guerra ao Rei Guilherme, o conquistador, havia anunciado a vinda de seu primeiro herdeiro.

Aaron de Brienne era o quarto filho de um conde, sem perspectivas de herdar as terras e o título do pai, ao menos que matasse seus três irmãos mais velhos, um fardo de que sabia ser impossível carregar. Aaron havia matado pessoas, mas pôr fim à vida de seu próprio sangue não lhe agradava, por isso, preferiu buscar em terras distantes seu futuro e alistou-se sem hesitar no exército de Guilherme, filho ilegítimo do Duque da Normandia. Não demorou para que sua coragem o fizesse um dos braços direitos de Guilherme e fosse elevado ao posto de General de um dos exércitos mais temíveis da Europa continental. Aaron, o terrível, como ficou conhecido em terras que conquistou para seu rei, foi recompensado com parte delas e com um título ainda mais importante do que o de seu pai.

Aaron se casou com uma das primas de Guilherme e consolidou a aliança com o nobre. Mas sua esposa demonstrava saúde frágil e pouca disposição e isso lhe preocupava, sobretudo, por estarem em terras distantes, sem recursos e sem médicos para atendê-la.

— Milorde, Lady Genevive... — Seu principal soldado e braço direito entrou em sua sala particular com o medo estampado no rosto — Lady Genevive pode não sobreviver. — Aaron fechou as mãos em punho, sentindo-se impotente diante da morte iminente de sua senhora. Não a amava, mas casamentos nem sempre eram feitos de amor, eram acordos políticos, negociados à exaustão e seu caráter jamais colocaria o amor acima do dever, era-lhe certo. Porém, sentia por sua perda prematura e a queria o suficiente para lhe fazer falta. — Meu senhor, se não se ofender, tenho algo a dizer! — Marcel era um jovem guerreiro de coração puro e honrado, e Aaron não duvidava do respeito que o movia até sua presença. Permitiu-lhe, então, que prosseguisse com a explanação. — Ouvi boatos de uma curandeira que mora na floresta, com mãos habilidosas... Contam que salvou a filha e o neto do açougueiro do vilarejo, milorde!

Um lampejo de esperança cruzou o peito de Aaron e, sem pensar duas vezes, ordenou que a buscassem.

Marcel partiu sob o olhar implacável de seu senhor. A dama da floresta lhe era sua única esperança e se ela não pudesse ajudar sua esposa a trazer seu filho ao mundo, nada mais naquele fim de mundo poderia ser feito. Aaron havia se

acostumado com a morte, muitos homens morreram pela força impiedosa de sua espada, mas nada poderia confortar seu coração se sua jovem esposa o deixasse tão cedo.



O vento assobiava fora da cabana, lembrando Eileen de que a noite seria longa. Aconchegou-se no meio das peles em seu catre que outrora dividia com a tia, desejando uma boa noite de sono. O dia havia sido cansativo, sempre se sentia mais cansada quando precisava se deslocar até o vilarejo.

Mergulhada em pensamentos, mal ouviu as fortes batidas na porta. Acreditava que eram apenas os rangidos das ferragens que prendiam a porta à madeira, mas o barulho não parou e Eileen levantou-se aos tropeços, xingando-se por não perceber antes que poderia se tratar de um senhor em busca de seus serviços de curandeira.

— Perdoe-me, milorde! – Tentou fazer uma reverência diante do homem de olhos azuis parado em sua porta. Os olhos dele eram de um azul tão intenso que mesmo a escuridão não era capaz de ofuscá-los. — Entre logo antes que congele! – Afastou-se da porta de modo que pudesse dar passagem ao senhor. Pela opulência de suas vestes era um nobre.

— Eu quem devo desculpas, senhora, por invadir seu descanso! – Marcel olhou para Eileen e foi enfeitiçado pelos seus brilhantes cabelos, eram claros, acreditou em um primeiro momento, mas quando ela se aproximou do fogo fraco da lareira, revelou madeixas lisas e acobreadas, vários tons em loiro avermelhado. O sorriso da moça lhe deixava irresistível, pensou o jovem. Esperava encontrar uma senhora mais madura, com corpo redondo pelos diversos filhos que colocou no mundo e algumas pregas a lhe enfeitar o rosto,

mas nem desconfiou que encontraria uma jovem, ainda mais jovem do que ele.

— Não é um incômodo, milorde! Diga-me, o que lhe traz até minha casa em uma noite tão fria? – Eileen perguntou preocupada. Não costumavam bater em sua porta tarde da noite sem ser um caso de extrema gravidade.

— É a duquesa, senhora! Ela entrou em trabalho de parto e as coisas não progridem como o esperado! – Falou o jovem apreensivo. — Correram boatos de uma parteira que morava na floresta e o duque me enviou para buscá-la.

— Mas não posso fazer o parto de um nobre! – A palidez tomou conta do rosto de Eileen. Ela sabia que se não conseguisse salvar a duquesa e o bebê estaria condenada à uma morte lenta. Tratava-se de um nobre normando, cuja fama lhes faziam implacáveis com os hereges. Diziam-lhe que o sangue implacável dos vikings corria nas veias dos normandos. Eileen havia sido criada em uma cultura diferente, com um credo diferente e nem sempre conseguia disfarçar seus costumes pagãos. Era uma filha da floresta. — Perdoe-me, milorde, mas seu senhor deve ter meios de buscar alguém mais habilidoso para assistir sua senhora.

— Não, moça! A senhora é a única pessoa que pode ajudar Lady Genevive. Não há uma parteira no castelo e minha senhora agoniza por ajuda. – As palavras tocaram o coração de Eileen e, sem perda de tempo, tratou de vestir-se o melhor que pôde e recolheu suas poções e ervas em sua pequena valise. — Senhora? – Marcel chamou-a e Eileen parou o que estava fazendo para ouvi-lo. — Não tema! Prometo em nome de Deus de que não a deixarei desamparada caso Lady Genevive não sobreviva. – Eileen não acreditava em promessas de homens em nome de seu Deus, pois não conseguia entender as atrocidades que os moviam em nome de um poder divino, mas o olhar terno do jovem guerreiro deu-lhe a credibilidade de que necessitava para segui-lo, seja qual fosse seu destino.



O trajeto até o castelo de pedras poderia ter sido pior caso Marcel não tivesse aquecido Eileen com seu corpo. Sua égua era muito velha para aguentar uma marcha rápida e a jovem quis poupá-la de um sacrifício. Soltou-a para que pudesse se alimentar na floresta. Princess era esperta e sempre encontrava o

caminho de volta para casa. Mas Marcel não se aproveitou disso e a respeitou, mantendo-a segura e confortável toda a viagem.

Eileen nunca havia pisado em uma fortaleza como o Castelo de Lyndford. Contou-lhe, certa vez, sua tia, que descendia de nobres, mas que a nobreza não havia sido capaz de salvá-las e desde que se entendia por gente havia morado na floresta. Se um dia fora uma princesa como dizia-lhe sua tia, não importava mais. O tempo era implacável e apagara qualquer vestígio de sua ascendência nobre. Mas aquelas pedras eram magníficas e encaixavam-se à perfeição, o que a fascinava e a deixava de boca aberta.

— Deixe-me ajudá-la, senhora! – Marcel ofereceu ajuda para que Eileen pudesse descer da montaria em segurança. Ela não precisava de ajuda, mas não quis ser descortês com o jovem guerreiro, não quando havia sido tão atencioso e respeitador.

— Meu nome é Eileen, milorde! É suficiente se referir à minha pessoa por Eileen. Prefiro assim!

— Eu me chamo Marcel Dupont e não sou nobre para que me chame com alta distinção. Basta apenas Marcel. – Eileen o olhou com desconfiança, pois apesar de não ser nobre vestia-se como um e ainda havia sido recebido pelos guardas do portão com respeito. Se não era um nobre, no mínimo, era um homem próximo ao duque e merecia sim ser tratado com deferência, mas não fazia ideia de qual tratamento deveria usar. — Eileen! – Marcel a chamou, trazendo-a de volta ao presente e deixando-a constrangida por sua apatia momentânea. — Vamos! A duquesa precisa de seus cuidados.

Eileen voltou a puxar o capuz de sua capa de pele e seguiu o jovem guerreiro em direção ao edifício central, onde ela esperava encontrar o grande salão. Ouvira histórias das comemorações e das decisões que eram tomadas em lugares como aquele, onde nobres se reuniam não apenas para brindar suas conquistas, mas também para selar tratados e acordos.

Silenciosamente, atravessaram o salão e subiram por uma escadaria estreita e de certa forma opressora. Arrepios percorreram a espinha de Eileen e todo fascínio de apreciar o castelo por fora havia lhe abandonado.

O quarto da duquesa era espaçoso e aquecido. Tapetes intrincados ornavam as frias paredes de pedras, deixando-o mais aconchegante.

— Quando ela entrou em trabalho de parto? – Eileen se apressou em passos largos, tão largos quanto suas pernas foram capazes e assumiu os cuidados da duquesa. A senhora do castelo mal conseguia manter seus olhos abertos, sua palidez mortal lembrava de que as coisas não lhe foram fáceis e que não havia muito a ser feito para salvá-la de seu destino.

— Desde ontem, moça! – A criada respondeu com voz consternada. Todas naquele quarto não acreditavam que fosse possível salvá-los, nem a sua senhora, nem ao bebê.

— Tragam-me água quente e panos limpos, por favor! – Eileen tirou a capa e foi para junto da duquesa. Primeiro tocou sua testa suada a fim de se certificar de que a febre não a havia tomado. Um suspiro de alívio abandonou seus pulmões. No entanto, quando apalpou sua barriga conseguiu entender o que a impedia de empurrar. O bebê estava virado, o que complicava muito as coisas, pensou aflita. — Preciso de braços fortes e mulheres corajosas! – Bradou sem perder tempo.

Eileen recolheu sua farta cabeleira com o pedaço de couro que encontrou dentro de sua valise. Não desejava que nada a atrapalhasse e rezava às forças da natureza que tudo corresse bem. Iria ter que ajudar o bebê a se posicionar dentro da barriga da duquesa e isso poderia esgotá-la, tanto a ela quanto ao bebê.

— O que pretende apalpando-a dessa forma? – Uma jovem a encarou com os olhos esbugalhados, mas Eileen não se impressionou ou mesmo deixou-se abalar. Nunca havia se deixado impressionar por mulheres que não compreendiam seu ofício e a necessidade de fazer escolhas para o bem de vidas humanas.

— Tragam um pedaço de couro duro para que a lady possa morder! – Eileen ordenou, sem se preocupar em parecer ríspida em demasia. — Milady, acredito que a senhora será mais proveitosa se juntando às orações que sei que as damas do castelo fazem. – Eileen apelou para o bom senso da jovem antes que acabasse tendo que lidar com os nervos da moça. Não havia tempo a ser perdido, pensou. Se ao menos a tivessem chamado mais cedo, talvez conseguisse salvá-los, mas as esperanças se esvaíam à medida que a respiração da duquesa se tornava mais pesada.

A barriga de Lady Genevive estava com marcas roxas em toda sua extensão. Eileen havia forçado mais do que devia, mas o bebê não se mexia, nem um centímetro sequer. A duquesa não respondia mais aos seus comandos e um

desespero as rondava. Lady Genevive não parecia forte o suficiente ou mesmo determinada a lutar por sua vida e muito menos pela vida de seu filho. Sentiu uma raiva súbita e decidiu de imediato agir por sua própria conta e risco. Eileen não se entregaria sem brigar pelos dois, mesmo que tivesse que pagar com sua própria vida.

Foi até a bacia com água quente e lavou suas mãos com esmero. Só parou de esfregá-las quando viu o rubor tingi-las. A higiene era imprescindível, mesmo assim, considerando todos os cuidados, o que faria era arriscado e nunca o tinha feito antes, não sem a presença das mãos habilidosas de sua tia.

Lady Genevive havia evoluído bem no trabalho de parto e sua dilatação era suficiente para dar passagem à pequena mão de Eileen até o bebê. Virá-lo-ia à força, um pequeno empurrão, pensou a jovem curandeira. Lady Genevive reagiu à dor e urrou em busca de ajuda.

— Não aguento mais isso! – Gritou com os olhos cheios de lágrimas.

— Só mais um pouco, milady, só mais um pouco! Seja corajosa e empurre. Empurre para trazê-lo para fora. – Eileen implorou e se pudesse trocava de lugar com a mulher. Sua tia lhe dizia que nem todas eram fortes o suficiente para a maternidade e que a natureza as selecionavam para gerar a vida. Uma seleção injusta aos olhos de Eileen, mas quem era ela para querer ser mais forte do que a natureza? Ninguém, diria sua tia se viva estivesse.

A duquesa empurrou agarrada às criadas que a sustentavam, sempre incentivada por Eileen e quando tudo parecia não ter surtido o efeito desejado, o bebê se virou, ele queria nascer, pensou Eileen e ela o ajudaria.

— É uma menina, milady! – Falou a curandeira com os olhos marejados. — Uma linda menina!

— Dê-lhe o nome de Adele, por favor! E diga-lhe que sinto muito por deixá-la tão cedo.

— Não diga uma coisa dessas, milady! Está apenas esgotada pelas horas de esforço e dor. – Eileen entregou a pequena para uma das criadas e foi para junto da mãe, sem se importar com o sangue que escorria de suas mãos.

— Não tenho mais forças! Apenas o suficiente para pedir-lhe que cuide de minha menina! – A lady fechou os olhos e Eileen pensou que seria melhor se pudesse se juntar a ela. Não se perdoaria se a perdesse, não depois de tanto

esforço.

— Abra os olhos, milady! Abra os olhos e prometa que vai viver, para o bem de sua filha, por seu senhor... — Respirou profundamente e em um soluço contido implorou pela última vez. — Viva por mim, senhora, por mim, eu imploro!

Mas ela não reagia, não queria reagir. Havia perdido muito sangue e estava fraca demais. Eileen sabia que a perda de sangue não era uma boa coisa, mas o que poderia ter feito contra a natureza debilitada da duquesa? Nada. E temia que ninguém pudesse tê-la salvado. Mas o bebê vivia. Era uma menina forte e cabeluda, pensou com os olhos cheios de lágrimas. Eram lágrimas sinceras e doloridas. Foi a primeira vida que perdeu, pensou consternada. Sua tia Morrigan havia lhe alertado de que um dia aconteceria e que não poderia se deixar abalar.

Acomodou o corpo frágil e cansado de Lady Genevive no colchão macio de penas de ganso. Limpou-a, cada gota de sangue e suor foi-lhe limpado e tentou deixá-la o mais confortável possível. Deu-lhe algumas gotas de uma poção que havia preparado no dia anterior à base de valeriana, queria-a calma o suficiente para que enfrentasse seu destino. Sua tia também lhe ensinou a arte de confortar um moribundo quando nada mais era possível fazer para curá-lo ou salvá-lo da morte. E assim Eileen fez com a lady, sabendo que o castelo inteiro choraria a partida de sua senhora.

Sem mais o que ser feito, Eileen foi levada para uma pequena sala contígua ao quarto da duquesa, levando consigo a pequena Adele que chorava de fome. Recém-nascidos choravam de fome e ao lembrar-se de que ninguém havia se ocupado de saciá-la, pediu por um pouco de leite de cabra, o mais apropriado para um estômago imaturo, lembrou.

Horas depois, voltou a ser chamada para o quarto de Lady Genevive, apenas para confirmar que a senhora havia feito sua passagem. Aquilo poderia ter lhe pego desprevenida, mas era de Eileen que se tratava e ela enfrentaria seu destino com a cabeça erguida, com a consciência tranquila por ter dado o seu melhor.

— Ela está morta! — Anunciou com a voz embargada, apertando a pequena Adele contra seu peito.



No grande salão, Aaron aguardava por notícias impacientemente. Batalhas não lhe atormentavam tanto quanto ter que enfrentar o nascimento de seu herdeiro e quando uma criada chegou até ele anunciando o nascimento de sua filha, um misto de alegria e desapontamento lhe tomaram. Sua filha havia nascido com saúde, mas esperava por um varão para perpetuar seu domínio sobre as terras de Lyndford. Desejava fincar raízes ali por estar cansado de lutas e andanças mundo à fora. E um filho selaria seu direito sobre a propriedade das terras recém-conquistadas. Não que não desejasse uma filha, mas mulheres eram facilmente forçadas ao casamento e, no final, as terras arduamente conquistadas poderiam voltar aos anglo-saxões. Um filho lhe traria estabilidade, pensou.

— Devemos comemorar, milorde! – Marcel bateu no ombro do seu senhor, mas ainda o peso da morte rondava seus pensamentos. Ninguém lhe dava notícias de Lady Genevive e temia pelo pior.

— Sim, devemos, meu caro! Avise a todos de que minha filha nasceu com saúde! Genevive desejava chamá-la por Adele. Lady Adele nasceu para trazer prosperidade a todo o ducado, Marcel! Avise a todos! – Falou com a voz hesitante, um pouco embargada pelo nó que se formou em sua garganta. Não devia chorar, afinal, era tido como o terrível.

— Milorde! – Uma voz delicada e ritmada lhe chamou a atenção. Virou-se e deu de cara com uma jovem de complexão esguia, sorriso tímido e lábios finos, delicados como suas mãos, pensou, e como todo o resto, concluiu. Era-lhe a mulher mais bonita que havia posto os olhos, decidiu. Seus cabelos estavam recolhidos em uma longa trança, mas refletiam o brilho do fogo, e se não fosse o próprio fogo, não lhe espantaria. Talvez lhe lembrasse o bronze, reconsiderou, à medida que a moça se aproximava em direção à luz das velas e tochas que iluminavam o salão. Trigo tostado pelo sol, lembrou-se. Os cabelos da jovem eram como o trigo maduro que havia sido tostado levemente pelo sol. Mas o mais impressionante eram os seus olhos, pensou Aaron, de um castanho claro diferente, com rajadas esverdeadas no centro. Nada poderia ser comparado à beleza dos olhos da moça, por mais que sua cabeça se esforçasse para lembrar.

— Sou Eileen, a curandeira trazida para atender sua esposa! – Disse-lhe séria, sem mostrar os dentes. — Vim até o senhor para comunicar que sua estimada esposa não resistiu e faleceu. — Eileen não conseguiu encará-lo e Aaron se enterneceu com sua coragem e determinação em ser a pessoa a lhe informar a partida da esposa. Poucos teriam sua coragem, pensou. Era uma moça notável, apesar de sua juventude e sua presença não poderia passar despercebida,

constatou assim que notou os olhares de cobiça em cima da curandeira. — Mas sua filha nasceu forte e saudável, milorde!

— Sou grato por seus serviços, Eileen! — Aaron respondeu em um timbre de voz mais forte do que desejava, fazendo Eileen se encolher.

Aos olhos da curandeira, Aaron era intimidante. Tão alto e forte que poderia facilmente esmagá-la com o punho. Seus cabelos negros caíam pelos ombros e uma pequena penugem se revelava em seu maxilar forte. Alguns vincos marcavam seu olhar e uma cicatriz fina cruzava sua face esquerda. Ferimento de batalha, pensou a jovem.

— Milorde! Eu fiz tudo que estava ao meu alcance para salvá-la, mas o bebê estava virado e desconfio que isso drenou as forças de Lady Genevive. — Eileen precisava contar-lhe o quanto se esforçou para não deixá-la partir, mas o duque não parecia se comover com seu relato e Eileen apenas se sentiu uma tola por ter ido até ele na esperança de que a ouvisse e considerasse seus esforços.

— Bertha, acompanhe Eileen até seus aposentos e cuide para que lhes levem comida e água. — Aaron era um homem endurecido pela guerra, carregava mais do que cicatrizes em seu corpo, mas também na alma, mesmo assim era um homem justo e sabia que a jovem dama da floresta havia dado o seu melhor, havia feito o que estava ao seu alcance para salvar sua esposa. Era-lhe sabido que sem o auxílio de Eileen, poderia ter perdido as duas e não apenas a esposa.

Eileen abaixou a cabeça entendendo seu lugar naquele castelo. Preferia partir ao ter que enfrentar os olhares dos curiosos, mas mal conseguia permanecer em pé depois de horas de trabalho árduo. Ainda havia a pequena Adele, que mesmo saudável prescindia de cuidados e não queria afastar-se sem se certificar de que seria bem cuidada.

— Milorde, ainda tenho algo a falar, se me permitir! — Eileen não era uma mulher de se acovardar. Sabia os limites que a separavam dos nobres e mesmo dos camponeses comuns que a consideravam menos do que eles, mas nunca fora uma covarde e não haveria de se intimidar diante de um duque, por mais amedrontador que lhe parecesse. — Peço-lhe que me deixe cuidar da pequena Adele. Lady Genevive, como último pedido, desejou que sua filha fosse batizada com o nome de Adele. A pobre não para de chorar, desconfio que o leite de cabra não lhe assentou.

— Tome conta de minha filha, Eileen, como se fosse sua! Faça o que for

necessário, por favor! – Eileen, surpresa, não encontrou as palavras apropriadas para agradecer a confiança do senhor do castelo. Não era o homem de coração gelado como imaginou assim que o viu, ele talvez fosse apenas um homem com muitas preocupações. Por outro lado, a ausência de lágrimas pela perda da esposa foi-lhe notada e Eileen não deixou de se surpreender. Contavam-lhe que, em outros povos, as uniões não perseguiam o amor. Interesses e poder eram o principal motivo para um homem se casar com uma mulher. Uma mulher não devia ser obrigada a se unir a um homem e dar-lhe filhos que não representassem o fruto de seu amor por seu marido. Mas naquele mundo distante do seu, os homens buscavam mulheres ricas, com sangue nobre para gerar herdeiros ainda mais poderosos, o que parecia ser suficiente, mesmo que nunca pudessem sentir o doce sabor do amor.



Eileen trancafiou-se em um dos aposentos sem se separar da pequena Adele. Sabia que não podia se apegar ao bebê, assim como Adele não poderia se acostumar com seu cheiro. O cortejo fúnebre da duquesa passava ao longo do leito do rio e Eileen só conseguia observar, à distância, uma massa negra que acompanhava o cortejo. Os normandos somente enterravam os mortos, e não os queimavam por ser um costume pagão.

Em respeito ao credo do povo que vivia no castelo, Eileen vestiu sua túnica preta apesar de não suportar a cor; deixava-lhe triste e só lhe trazia uma sensação de sufocamento. Voltou-se para pensamentos menos opressores, como a chegada, em breve, da primavera, e até lá desejava já estar de volta em sua cabana e se preparar para o Beltane.

— Você iria gostar muito das festividades de Beltane, minha pequena! — Falou para Adele como se a menina conseguisse lhe entender. Enrolou-a em uma manta de lã grossa para que se aquecesse, apesar de não nevar, o dia havia amanhecido gelado. Fora um dos mais rigorosos invernos de que tinha lembrança.

— Bom dia, moça! — Bertha, uma senhora de corpo pesado e dedos tortos por sofrer de dor nas juntas abriu a porta do quarto de Eileen e a cumprimentou como todas as manhãs. — É desejo do duque que se junte a todos no salão para o desjejum.

— Não acredito ser apropriado! — Eileen não se sentiria à vontade no meio de

tantas pessoas. Era uma intrusa no castelo e sabia que sua aparência e suas vestimentas fariam o duque se envergonhar.

— Não discutimos as ordens ou as vontades de nosso senhor! — Bertha a repreendeu. — Marcel disse-nos que vivia sozinha em uma floresta, cercada apenas por árvores e animais, o que justifica que se sinta deslocada no meio de pessoas estranhas, mas não tema, Eileen! Apesar do que falam sobre Lorde Aaron de Brienne, ele é um homem justo e não a deixará passar por necessidades ou mesmo tolerará que a maltratem.

— Não posso ficar aqui para sempre! Tenho uma vida na floresta e um lar. Por mais que não compreenda, eu gosto da vida que levo na floresta.

— Quanto a isso, não posso fazer nada, minha criança! Nosso senhor a quer aqui para cuidar da pequena Lady Adele e o melhor que tem a fazer é acatar as ordens. Lorde Aaron de Brienne também é o seu senhor, dono da floresta em que vive.

As florestas não deveriam ser de propriedade de ninguém, pensou Eileen frustrada. Eram sagradas demais para serem maculadas pelas mãos de homens inescrupulosos. Sua tia Morrigan contava-lhe que as florestas intocadas estavam cada vez mais escassas e temia que, no futuro, não restariam muitas delas. A floresta era sagrada para seu povo, era da terra que brotava a vida.

— Atenderei as ordens de nosso senhor! — Respondeu com pouca convicção. Eileen havia crescido livre e não estava acostumada a receber ordens. Mas era apenas uma mulher, uma curandeira da floresta, uma mulher sozinha. Não podia ir contra à força de um homem poderoso como o Duque de Lyndford.



Na manhã seguinte, Eileen colocou a única túnica limpa que restara, prendendo-a à sua cintura com um cinto de couro. Trançou os cabelos em duas compridas tranças. Não estava como as damas do castelo que observou passearem no pátio. Jamais poderia se parecer com uma delas, refletiu. Sua aparência destoava delas de diversas formas. Eileen era mais alta e magra do que as mulheres normandas. Seus cabelos eram mais claros e a cor dos seus olhos não se definia com precisão. Sabia que mudavam de tonalidade à medida que seu humor mudava, ora ficavam da cor do mel ora pendiam para o esverdeado.

Respirou profundamente o ar que vinha de fora para tomar coragem. Infelizmente, não poderia mudar sua aparência para passar despercebida e não ser notada no salão. Teria que ser forte e enfrentá-los.

Ao chegar ao salão, encontrou todos conversando animadamente como se Lady Genevive já estivesse no passado, o que era uma verdade, de certa forma. Estranhou a falta de luto do duque, que não deixou suas responsabilidades de lado.

Aaron, na verdade, não podia e nem queria viver o luto da perda da esposa. Havia decisões a serem tomadas e muito trabalho a ser feito. Acreditava que não cabia se afundar na dor. É claro que sentiu a morte de Lady Genevive. Era uma mulher generosa e uma boa esposa para ele, mas não podia lutar contra os desígnios de Deus e apenas se conformou com sua má sorte.

Por outro lado, seus pensamentos na dama da floresta se recusavam a deixá-lo em paz. Sonhara com a moça mais do que queria. A beleza incomparável de Eileen mexeu com sua libido. Sim, desejava-a mais do que qualquer mulher que conhecera antes. A curandeira era a mulher mais bela de que guardara lembranças, e foram muitas.

Desejava dividir o leito com ela, trazê-la para aquecer sua cama nas noites frias que ainda estavam por vir antes do florescer da primavera. Mas sentia-se um miserável por trair os votos que havia feito à Genevive. Ele acabara de enterrar a esposa e só tinha pensamentos em outra, os mais impuros que era capaz de nutrir.

No dia anterior, Aaron havia dado ordens para que a curandeira fosse trazida para participar do desjejum, queria vê-la, mas não conseguia arranjar desculpa melhor. Também precisava evitar os mexericos e resguardar a memória da esposa. Era-lhe esperado um período de luto, talvez um ano ou menos, ainda não havia decidido.

— Bom dia! — Eileen se aproximou da mesa com o rosto tomado pela vergonha, o que a deixava ainda mais desejável aos olhos de Aaron. Haviam lhe alertado para a beleza das mulheres da região e por mais que acreditasse ser imune ao charme das nativas, com Eileen foi diferente, ele sabia que a moça era especial.

— Aproxime-se, Eileen! — Ordenou com a voz forte e alta, exigindo que um dos seus guerreiros abrisse lugar para que a moça de cabelos claros e olhos

misteriosos pudesse se acomodar em lugar estratégico para que pudesse observá-la, isso deveria bastar-lhe por enquanto.

A movimentação para servir a mesa atrapalhou um pouco a visão de Aaron, e mesmo assim não pôde afastar os olhos de Eileen. Todos os guerreiros exigiam sua atenção, mas a dama não se sentia à vontade para respondê-los e não dava sinais de querer flertar com nenhum de seus homens. Melhor, pensou o duque. Não saberia dizer se conseguiria vê-la nos braços de outro. Seus sentimentos pela jovem curandeira lhe estranhavam e precisava tomar cuidado ou todos perceberiam.

Ao final da refeição, Eileen se levantou e pediu licença para poder falar com o senhor do castelo.

— Milorde, peço licença! – Aaron autorizou que Eileen se aproximasse, sentindo-se satisfeito por tê-la tão perto e deixando-se embriagar pelo aroma de lavanda que se tornava mais intenso à medida que se aproximava.

— Precisa de algo, Eileen? – Perguntou fitando-a nos olhos, na tentativa de desvendá-la. — Minha filha está bem?

— É sobre ela que desejo falar, Vossa Alteza! – Havia uma forma apropriada de chamar um duque, mas Eileen não o sabia ao certo. Sua tia havia lhe contado que duques eram como os príncipes do seu povo, seu pai fora um príncipe e os chamavam de Alteza. — Perdoe-me, mas não sei qual a forma correta de tratamento que devo adotar para me referir ao senhor! – Julgou melhor ser sincera, por mais que estivesse parecendo uma tola aos olhos de todos.

— É suficiente milorde, Eileen! Mas o tratamento correto para o título de duque é Sua Graça.

— Entendo, Sua Graça! – Baixou a cabeça, envergonhada por sua falta de modos ou mesmo de conhecimentos quanto à etiqueta normanda.

— Diga-me, o porquê veio até mim? – Aaron parecia ainda mais intimidante sentado em sua cadeira mais elevada em relação aos demais à mesa e Eileen desconfiou que não se acostumaria com a robustez e frieza tão características de Aaron.

— Lady Adele não se adaptou ao leite de cabra e tem chorado em razão das cólicas, eu desconfio. – O olhar intimidade do duque passeava pelo corpo de Eileen, deixando-a sem jeito e embaralhada com as palavras. — A filha do

açougueiro deu à luz há poucos dias e penso que não se recusará a alimentar Lady Adele.

— Não há nenhuma mulher que possa ser ama de leite de minha filha? – Aaron perguntou indignado com o fato de sua filha não estar sendo alimentada como esperava.

— Não há, milorde! – A voz grave e rouca de Aaron não intimidou Eileen, não dessa vez, quando havia feito tudo o que estava ao seu alcance para cuidar da pequena lady.

— Tratarei de resolver o problema, Eileen! Ainda hoje, Lady Adele terá à sua disposição o leite de que necessita para crescer forte e saudável.

Eileen tentou executar uma reverência. Passou dias observando as damas do castelo e os costumes dos normandos. Era uma boa aprendiz, dizia-lhe sua tia, e haveria de aprender também como se portar entre os normandos.

— Se milorde me der licença, preciso voltar para junto de Lady Adele!

— Eileen, até quando pretende ficar no castelo? – A jovem estranhou a pergunta, pois dias antes ele havia pedido que cuidasse de Lady Adele como se fosse sua própria filha e agora questionava quando pretendia ir embora.

— Até o umbigo cicatrizar por completo, caso o senhor entender que devo ficar! – Respondeu ainda confusa com o longo diálogo que parecia querer manter. — Até lá, o senhor deve procurar por uma mulher que possa cuidar de Lady Adele. Talvez a irmã de Lady Genevive possa assumir os cuidados de Lady Adele. – Sugeriu, embora julgasse a nobre muito jovem e insegura para cuidar de um bebê recém-nascido.

— Lady Giane está de partida e creio que seu luto pela irmã não a deixe se aproximar da sobrinha. Como sabe, minha cunhada se recusa a conhecer a sobrinha. – Eileen acreditava que a pequena Adele ainda sofreria com o fardo de ter trazido a morte de sua mãe, não que tivesse culpa pelo infortúnio, mas nem todos conseguiam compreender. — Não há outra mais experiente do que você, Eileen!

— Mas milorde, preciso voltar para minha casa e para meus afazeres! – Implorou Eileen, amedrontada com os olhares e ouvidos sobre ela. Odiava quando lhe faziam se sentir acovardada.

— Tratemos do assunto mais adiante, Eileen! – Aaron já não conseguia

pensar com a razão. A beleza da jovem curandeira o fascinava cada vez mais e dispensou-a antes que tomasse uma decisão equivocada. Era o senhor do castelo e das terras e era-lhe esperado ser o exemplo, mas se continuasse a exalar o perfume da mulher, se deixaria levar pela luxúria e volúpia que atravessavam seu corpo como uma tempestade. — Pode ir! – Falou, desviando o olhar da moça, determinado a trazer de volta seu juízo.

Sempre se julgou um homem controlado, em pleno controle de seus desejos; e depois do casamento não invadiu a cama de outra, mesmo que Genevive não fosse a mulher mais receptiva e apenas o aceitara, até que engravidou. Talvez não ter tido companhia nos últimos meses ofuscou seus pensamentos e precisava dar um fim nisso. Esperaria mais alguns dias e buscaria aconchego nos braços de uma camponesa ou criada. Haveria de bastar para esquecer a dama da floresta.



Eileen estava arrependida de ter sugerido que a filha do açougueiro fosse chamada para alimentar Lady Adele, quando Aaron de Brienne não demonstrou qualquer compaixão em afastá-la do próprio filho.

— Não devia ter deixado seu bebê, Lilith! É muito pequeno para ficar longe da mãe e, com certeza, estará faminto quando retornar.

— Não retornarei, Eileen! – A jovem mãe respondeu assustada enquanto dava de mamar para a filha do Duque de Lyndford.

— Como não? – Eileen não poderia compactuar com algo do tipo. Havia se esforçado para trazer o filho de Lilith ao mundo e não o deixaria morrer de fome. — O pequeno John precisa de seu leite também.

— O que posso fazer? Cumpro ordens de nosso senhor. Não posso negar-me sem trazer desgraça para minha família, Eileen.

— Mas ele não pode fazer uma coisa tão vil como essa! Não pode mesmo! Não deixarei que afaste uma mãe de seu filho. – Eileen há muito tempo não sentia tanta raiva de um homem. Quando sugeriu que Lilith pudesse alimentar a pequena Adele com seu leite, não era para trazê-la para o castelo e fazê-la se tornar uma ama de leite.

— Não há o que ser feito! Meu pequeno John terá que se acostumar com o leite de cabra que será enviado todos os dias.

— Haverá de ser feita alguma coisa ou não me chamo Eileen!

Eileen partiu determinada a dizer umas verdades ao todo poderoso duque-guerreiro vindo de terras distantes, a mando de um rei usurpador, pensou. Não era seu senhor e se o tratava como tal era por mero respeito e para não complicar ainda mais sua vida. Aprendera, com o tempo, que passar despercebida era o melhor para sua segurança. Mas haviam coisas que não lhe eram toleráveis e injustiça era uma delas.

Desceu as escadas correndo, sem se importar com o sufoco que a tomava toda vez que precisava andar por ali, dava-lhe calafrios. Provavelmente, encontraria Lorde Aaron de Brienne em sua saleta particular, uma espécie de sala individual com uma mesa em um dos cantos e algumas prateleiras em outro, onde guardava alguns pergaminhos.

Bateu na porta com força e aguardou a permissão para entrar. Estava com raiva, mas sua natureza cortês a impedia de agir sem o mínimo de modos. Disseram-lhe que era uma nobre e ensinaram-lhe a se portar como uma, embora os costumes de seu povo fossem muito diferentes dos normandos, uma vez que já o eram dos saxões, que conquistaram as terras da Britânia décadas antes. Mas o abismo que separava seu povo dos normandos era ainda maior.

— O senhor não pode exigir que Lilith passe mais tempo aqui do que com seu filho! — Eileen bradou mais alto que pôde, deixando-se levar pela raiva que lhe tomava quando lembrava de John sem o conforto dos braços da mãe.

Aaron se levantou da cadeira em um sobressalto. Não eram todos que tinham a audácia de afrontá-lo como Eileen o fizera. Mas quando a viu com as faces tomadas por um vermelho delicado, deixando-a ainda mais bela, os lábios inchados e o peito que subia e descia descompassadamente, revelando a maciez de seios calorosos e mamilos endurecidos, apenas desejou trazê-la para seus braços e afundar-se no mais inebriante desejo. Eileen lhe era como uma miragem, um sonho erótico que o perturbava nas madrugadas. Procurou por outra mulher, mas a companhia de outra não aplacou seu desejo por Eileen, ao contrário, apenas o frustrou por saber que quando a tocasse de verdade, estaria arruinado para outra.

— Eu fiz o que julguei ser o certo, Eileen! É o meu castelo, são as minhas terras e faço com elas o que bem entender. — Respondeu na tentativa de aplacar a vontade louca de beijá-la e senti-la por inteiro. Era um homem de sangue quente a correr nas veias e a jovem curandeira lhe era atrativa, lhe foi desde a primeira vez que a viu.

— Um verdadeiro líder jamais toma uma decisão como a que tomou! — Eileen não se acovardou. Aaron a olhava sem desviar-lhe a atenção e aquilo poderia fazê-la hesitar, mas não hesitaria, porque estava cansada de se esconder das pessoas e do mundo. — Um verdadeiro líder coloca seu povo em primeiro lugar.

— O que sabe de liderança, moça? — Aaron perguntou fascinado com a prepotência de Eileen. Alguns fios de cabelos soltavam-se da grossa trança que caía sem fim em suas costas. Queria enrolá-la em suas mãos enquanto a fazia gritar por seu nome. Não conseguia pensar em nada mais do que fazê-la sua e poderia fazê-la sua naquele momento, sem se importar com mais nada a não ser em saciar sua lascívia, um desejo profano que nublava seus pensamentos a maior parte do tempo. Disseram-lhe que a maior parte do vilarejo a temia por acreditarem que fosse uma bruxa. Deveria temê-la também, mas Aaron não acreditava em bruxaria e mesmo que tudo fosse verdade, mesmo assim, não conseguiria temê-la, apenas querê-la.

— O suficiente para acreditar que Sua Graça comete uma injustiça ao tirar uma mãe de seu filho para dar à filha o leite de que foi privada. Quando sugerir que procurasse a filha do açougueiro era-lhe para pedir um favor e não para trazê-la ao castelo e fazê-la ama de leite de Lady Adele. Mas o que poderia esperar de homens como o senhor? Apenas tomam para si o que querem, o que julgam lhe pertencer, sem pensar nas consequências terríveis de suas escolhas. — Eileen havia encontrado a coragem para falar tudo o que lhe perturbava, eram anos de privação e de atrocidades que a incomodavam, havia perdido sua família, sabia pouco de suas origens e havia sido obrigada a se esconder na floresta por medo de ser morta e nada mais a calaria; e se a morte lhe fosse destinada por sua petulância, a receberia de alma tranquila.

— Como ousa me desafiar, Eileen? — Aaron se aproximou da curandeira e a pegou pelos braços com força. Homem nenhum havia chegado tão longe sem ser morto e aquela frágil mulher de corpo esguio e mãos delicadas o afrontava com o olhar mais seguro que poderia ter encontrado na vida.

Eileen engoliu em seco e fechou os olhos para evitar encará-lo. Aaron lhe provocava arrepios. Seus olhos negros mexiam com seus instintivos mais primitivos. Sua proximidade deixou-lhe amolecida. Morreria, pensou. Morreria pela força dos dedos de um guerreiro normando, vítima de sua própria tolice. Não se afronta um guerreiro como Aaron e sai sem nenhuma cicatriz. Ouvira

sobre a impiedade dos normandos e não queria ser vítima dela.

Procurou pensar na floresta, no canto dos pássaros que sempre lhe animavam, na voz sábia de sua tia Morrigan, tentou pensar em qualquer momento de felicidade para amenizar a dor de que seria vítima. Mas foi surpreendida com um roçar suave de lábios. Ele a envolveu com cuidado em seus braços, provocando-a lentamente, carinhosamente.

— Não imponho nada, Eileen! Apenas conquisto e quando conquisto, não hesito em exigir o que é meu por direito. – Aaron falou com a voz mais branda e rouca, uma rouquidão provocada por todo o desejo reprimido que sentia pela dama da floresta.

Aaron havia conquistado o direito de beijá-la e a envolveu novamente em seus braços, puxando-a para mais perto de seu corpo. Determinado a sentir o gosto de Eileen, lambeu os lábios delicados da moça, banquetecendo-se com o sabor dela, um sabor de mel, o mais precioso mel silvestre de sabor intenso, pensou.

Eileen suspirou e separou os lábios em resposta ao instinto que a comandava. Todos seus sentidos estavam aguçados e deixou-se embalar rumo ao desconhecido. Nunca havia beijado antes, não um beijo tão íntimo, não mais do que um beijo carinhoso no rosto e sempre dado por sua tia. E quando a língua intrometida do duque encontrou a sua, uma explosão de sentimentos a tomou. Incapaz de pensar que devia afastá-lo, entregou-se ao beijo e deleitou-se com o que Aaron lhe despertava.

As mãos fortes de Aaron tomavam posse do corpo de Eileen com determinação. Mas era um toque gentil que a aquecia e a fazia querer por mais. Não devia, sabia Eileen. Não esperava viver intocada para sempre, pois sabia que já estava pronta para isso há tempo. Mas não poderia ser com Aaron de Brienne, um normando que não poderia se casar com ela ou prometer-lhe um futuro.

Os sentimentos contraditórios que eram despertados pelo toque de Aaron travavam uma batalha dentro do coração de Eileen. Sua razão havia sido embebida pelo prazer que o guerreiro lhe despertara. Precisava rechaçá-lo antes de que perdessem o controle, mas como o faria sem ferir o orgulho do guerreiro? Não fazia a menor ideia e, sinceramente, não queria ter que pensar nisso enquanto se sentia tão confortável nos braços do senhor do castelo.

— Desejo-a! Desejo-a desde que a vi pela primeira vez... — Aaron a tomou em mais um beijo, fartando-se com o doce sabor de Eileen. Era como tocar o paraíso que os frades falavam em seus sermões. Havia beijado outras mulheres, tocado outras mulheres, mas nenhuma havia sido tão deliciosa e receptiva quanto a dama da floresta. Desconfiava ter se viciado no seu doce sabor.

— Não devia! — Eileen respondeu na tentativa de clarear a mente. — Não sou a mulher apropriada para o senhor!

— Deixe-me amá-la? — Aaron a queria, a desejava e precisava fazê-la sua antes que enlouquecesse.

— Não é certo! Nunca será, milorde!

— Apenas Aaron! Apenas Aaron! Dê-me esse prazer, Eileen, o prazer de ouvir meu nome em sua boca deliciosa!

Ela o disse e o nome do seu senhor saiu em um gemido que acabou por enlouquecê-lo. O desejo o tomou, fazendo-o escravo de Eileen. Ela o tinha a seus pés, a seu dispor, e nada seria capaz de afastá-lo dos braços de Eileen.

O calor das carícias de Aaron a tomavam, aquecendo-a, mesmo em um dia frio. A capa de pele havia sido abandonada aos pés da curandeira e apenas sua fina túnica os separavam. O deslizar das mãos de Aaron sobre toda a extensão de seu corpo a torturava e a fazia ainda mais cativa do desejo torturante que sentiu.

A rigidez pulsante da masculinidade de Aaron cutucou a barriga de Eileen, lembrando-a de que a natureza havia sido perfeita e que, se fossem outras as circunstâncias, uma celebração por aquele encontro aconteceria. Mas se deixasse ir adiante, estaria decretando sua ruína e precisava se afastar antes que o pior acontecesse.

— Não posso! Não posso! — Empurrou-o para longe. Mas Aaron era forte e não se moveu do lugar.

— Sou seu senhor, Eileen! É sua obrigação me aceitar. — Falou frustrado, mas sem arrependimento. Preferia que a curandeira viesse aos seus braços e à sua cama sem ser forçada, nunca precisou se utilizar de tais artimanhas para ter uma mulher, mas por Eileen era capaz de tudo, era capaz de exigir. Sim, era capaz de exigir que ela fosse dele. Mas a trataria com zelo e carinho, porque lhe era uma preciosidade.

— Não... Não devia tê-lo procurado, milorde! Esqueça o que fiz... Apenas

não esqueça a parte sobre ter afastado uma mãe de seu filho. — Eileen ainda se preocupava com Lilith e John. — Mas esqueça o que acabou de acontecer entre nós dois. Foi impróprio e não pode se repetir... — Falhou na determinação e acreditava não tê-lo convencido.

— Você também me quer, Eileen! — Aaron afirmou com segurança, que era capaz de abalar um mundo, pensou Eileen.

— Não... Claro que não! E o senhor não pode me obrigar! Onde ficaria sua honra? — Arrependeu-se das palavras que soltou no afã do momento, mas era uma verdade que ele merecia escutar e se lhe queria fazer algum mal, já o teria feito, mas não o fez, o que significava que não era um homem maligno. Para um normando, havia lhe tido misericórdia.

Eileen se afastou, pegou sua capa do chão e evitou encarar Aaron novamente, por temer acabar presa novamente em suas artimanhas sedutoras. Ele era bom nisso, pensou, sedutor e com mãos que a tocavam de uma maneira... De uma maneira que a fazia não ser capaz de negar nada do que pedia ou exigia. Na verdade, Aaron de Brienne tomava o que queria e isso ficou muito claro.

— Não pode fugir de mim para sempre, moça! — Falou-lhe Aaron com as mãos em punho, sentindo o ardor do toque de Eileen ainda em sua pele. Ela o desejava tanto quanto ele a desejava, na mesma intensidade e não precisaria da força, reconsiderou, mas apenas tempo para enredá-la até seus braços; e quando isso acontecesse, desconfiava não conseguir viver sem o calor dela. Era-lhe um grande problema. Mas nobres mantinham amantes e não se envergonhavam disso. Não podia desposá-la pois seu rei não permitiria, mas a tomaria como amante e a manteria sempre por perto, decidiu.

E quando Aaron decidia algo jamais voltava atrás. Seu caráter confiante e a firmeza de suas convicções lhe fizeram chegar ao posto de duque, um título jamais pretendido para o quarto filho de um conde, mas ele o conseguiu, superando o próprio pai. Com Eileen não seria diferente, fazê-la sua mulher havia se tornado seu fim e não se daria por satisfeito se não a tivesse.



Eileen correu sem olhar para trás, sem se preocupar com os olhares que poderiam lhe estar sendo lançados. Ela ansiava por se libertar do poder sedutor

do duque o quanto antes, desejava se afastar o mais rápido que pudesse. Subiu as escadas de dois em dois degraus e quando se viu segura dentro do quarto da pequena Adele pôde respirar com calma.

— De onde você vem? – Lilith perguntou, estava preocupada com Eileen. — Ou melhor o que você fez? – Refez a pergunta diante do medo estampado no rosto da curandeira.

— Cometi um erro, o maior da minha vida! – Confessou ainda corada pela lembrança dos beijos que trocou com o senhor do castelo, o homem mais poderoso da região.

— Oh meu Santo Deus! Você o desrespeitou?! – A jovem mãe, recém-convertida em ama de leite de Lady Adele, conseguiu ficar ainda mais preocupada.

— Fiz pior, eu temo que cometi o maior equívoco de minha vida! Mas está feito e não há o que mudar, não há como voltar atrás.

— Eileen! O que será de ti?

— Não sei e temo saber. – Encheu os pulmões de ar e em uma rápida lufada o soltou. — Mas temo que o duque queira me converter em sua amante. – Ela precisava falar para alguém ou enlouqueceria. Havia sonhado com um amor, claro que havia! Era uma mulher como outra qualquer e sonhava com o dia em que conheceria um homem que a amasse e a tratasse com carinho, mas tinha sérias desconfiças de que um homem como Aaron de Brienne não fosse capaz disso.

— Isso é pior do que a morte! – Até Eileen começava a acreditar que a morte lhe fosse mais abençoada. — Sabe que todos a acusarão de feitiçaria, de ter enfeitiçado o duque e o atraído para sua cama. Teria a proteção dele, sabemos, mas apenas até que se cansasse de você e te mandasse embora. Se esse for seu destino, Eileen, temo que nem a floresta será capaz de protegê-la.

— Eu sei, Lilith! Minha tia sempre me falou para me manter afastada de homens como o duque, que não teriam para me oferecer nada além de prazer. – O desespero não era um sentimento de que Eileen se orgulhasse, mas o pior é que sua determinação em rechaçar os avanços de Aaron ruiu por completo assim que a tocou. A verdade era tão difícil de ser encarada à medida que tomava consciência do quanto também desejou fazer parte do que ele lhe prometera.

— Não devia ter se exposto tanto por mim!

— Como não?! Fui eu a responsável por terem ido buscá-la no vilarejo. – Se arrependimento matasse, Eileen desconfiava que poderia já estar morta e ainda enterrada, o que lhe seria um sacrilégio. Mas fez o que fez com boas intenções e havia tentado de tudo para amenizar as cólicas da pequena Adele. — Pela Deusa, o que farei?

— Não sei, Eileen! Não sei o que dizer para você! Queria dizer que tudo vai se resolver, mas sabemos como os normandos são e temo que ainda sofrerá.

— Não terei de facilitar, Lilith! – Precisava evitar Aaron e se não conseguisse evitar encontrá-lo, precisava ser forte para se afastar; mesmo que seu corpo ardesse por mais do seu toque, não podia se deixar levar por sentimentos assim. Cumpriria com seu dever e voltaria para sua vida, precisava ser forte, voltou a falar para si mesma quando lembrou da dor que sentiria ao ter que deixar Adele. Havia se apegado à menina como se fosse sua filha e deixá-la para trás lhe seria dolorido.

Eileen temia pela fraqueza de seu corpo ao toque de Aaron, não propriamente dele. Não a machucou quando poderia ter feito e não acreditava que viria a fazê-lo, não quando a tocou de forma tão gentil. Mas Lilith parecia temer pela sua segurança, sem ter consciência do desejo que tomava a amiga à mera menção no nome de Aaron. A curandeira não temia Aaron, mas temia ser traída por seu próprio desejo, disse ela não teria como se salvar se não fosse forte o suficiente para enterrar tais sentimentos dentro de si. Ela precisava fazer isso para o bem de todos.



A cabeça de Aaron estava presa em Eileen. Ele a desejava como nunca desejou uma mulher. Admirava-a à distância para não assustá-la, o que a fazia ainda mais fascinante. Não lhe era certo ficar tão envolvido por uma mulher nativa e precisava se concentrar no trabalho, havia muito o que ser feito nas terras de Lyndford. As substituições das instalações de madeira estavam dentro do cronograma exigido pelo rei, mas Aaron queria contratar mais homens e dobrar a força de trabalho para concluir o mais rápido possível e afastar de suas preocupações o fantasma de possíveis invasões pelos saxões e outros povos nativos. Guilherme, o conquistador, queria que todas as fortalezas de madeira fossem substituídas por grandes e impenetráveis castelos de pedra, uma tarefa árdua que exigia tempo e consumia muito dinheiro, uma riqueza que poderia estar sendo empregada para atender as necessidades de seu povo. Mas ele não era o rei e não competia a ele discutir decisões de sua majestade.

— O que acha de Eileen, Marcel? — Aaron perguntou para seu melhor guerreiro.

— Me parece uma boa moça, milorde!

— Não falo de seu caráter, mas de sua beleza! — Aaron falou com o olhar preso em Eileen que sentada embaixo de uma bétula, penteava delicadamente os cabelos. Aquela imagem o deslumbrou e o deixou de boca aberta. Sua masculinidade se manifestava de forma vexatória à medida que a imaginava em seus braços, acariciando-a e amando-a de todas as maneiras, extrairia dela

gemidos de prazer, um prazer profano tanto quanto seu corpo voluptuoso.

— Eileen é uma mulher muito bonita, meu senhor! Todos nossos guerreiros perceberam a beleza da moça. — Algo que preocupava Aaron e muito. Não toleraria que nem um de seus homens se engraçasse com a curandeira.

— Espero que todos a respeitem! — Frisou em tom de voz de repreensão. Aaron era o líder naquele fim de mundo, era o senhor das terras e sua palavra não poderia ser contestada. — Isso é uma ordem, Marcel, uma ordem que todos devem acatar sem nem pestanejar.

O jovem Marcel se limitou em acatar a ordem de seu senhor com um rápido aceno de cabeça. Embainhou sua espada e partiria tão breve fosse liberado para informar a decisão de Aaron para os outros homens.

— Mais alguma coisa, milorde? — Marcel perguntou sério. Era um jovem de estatura mediana se comparada a Aaron, mas muito habilidoso com a espada. Também tinha o dom de domar cavalos e isso foi de grande utilidade para Aaron e o Rei Guilherme.

— Sim! Quero que acompanhe Lady Giane até a casa de seus pais. Ela partirá dentro de dois dias.

— Sim, milorde! É uma honra para mim.

— Faça isso e retorne imediatamente para Lyndford. Temos muito trabalho pela frente e temo que os nativos ainda nos deem dores de cabeça. Estão muito quietos! — Aaron refletiu ainda com o olhar preso em Eileen, desejando vencer a resistência da curandeira e se juntar a ela o mais rápido possível. A jovem despertava-lhe a paixão que jamais ousou ser capaz de sentir e toda vez que a via, seu sangue aquecia e lhe acordava para a vida.

Incapaz de resistir, Aaron deixou-se guiar pelas sombras da paixão que lhe ofuscavam não somente a visão, mas também seus pensamentos. Era como se pudesse senti-la em seus braços apenas com o leve odor de lavanda que lhe chegava às narinas, lembranças de quando a provou pela primeira vez, quando a beijou implacavelmente como se dependesse do néctar dos beijos de Eileen para seguir vivendo. Irremediavelmente, estava apaixonado e por uma mulher que lhe era tão misteriosa quanto às terras ao oeste, terras que seu rei ansiava conquistar.

— Sua Graça! — Eileen se levantou em um sobressalto assustado quando viu a aproximação de Aaron. Havia o evitado a todo custo, não por temê-lo; não, ela

temia se tornar escrava de seus sentimentos, desejos despertados por beijos calorosos dias antes. — No que posso ajudá-lo, milorde? — Perguntou com a voz embargada. Havia ido até à bétula para espairecer e sentir o vento em seu rosto. Mas as lembranças de sua tia a assombraram e lhe deixaram saudosa. Era-lhe sua única parente viva, a mulher que lhe amou como uma mãe.

— Visitarei minha filha, esta noite, Eileen, e não é do meu agrado que se retire antes de minha chegada!

— Não quero incomodar, milorde!

— Você nunca seria um incômodo, Eileen!

Ela não duvidava disso, mas sua determinação em se manter longe de Aaron poderia ruir a qualquer momento. Ela o desejou tanto quanto ele ousou ao confessar que a queria e isso não lhe era uma boa coisa.

— Prefiro dessa maneira! — Olhou para o chão de modo a não ser fisgada pela intensidade dos olhos negros de Aaron. Os olhos do duque eram seu ponto fraco. Quando Aaron a fitava, era como se o mundo parasse e só existisse ele, ninguém mais. Desconfiava que havia se apaixonado, mas não entendia muito bem o sentimento, nunca havia se apaixonado antes, nunca houveram outros homens antes de Aaron, o que lhe assustava ainda mais. — O umbigo de Lady Adele está praticamente sarado. Cairá em poucos dias e desejo partir para minha casa, para minha vida na floresta.

— Não permitirei que parta! — Aaron se aproximou ainda mais da jovem curandeira e as batidas do coração de Eileen se intensificaram em um ritmo alarmante. Arrepios percorriam seu corpo ao recordar do quanto era bom ter pertencido, apesar de por poucos minutos, ao seu calor. — Diga-me o que quer e darei para você, Eileen, em troca de que permaneça em meu castelo.

— Preciso voltar! O senhor sabe que meu lugar não é aqui e que nunca poderá oferecer-me... — Eileen hesitou temendo ofendê-lo. Parecia que tudo se complicava quando precisava ou tentava manter um diálogo racional com o Duque de Lyndford. — Eu sou uma simples camponesa sem títulos, sem terras e, sendo assim, o melhor é partir.

— Eu a proíbo de partir, Eileen! — Aaron, movido pela angústia de perdê-la antes mesmo de fazê-la sua por inteira, a prendeu contra o caule da bétula. Ela precisava entender que não toleraria sua partida.

— Sua Graça não pode me proibir! Não sou sua arrendatária ou mesmo uma súdita de seu rei para que me proíba. Sou uma mulher livre e posso ir para onde quiser. — Eileen o enfrentou e o fitou determinada a não ser enfeitiçada pela escuridão dos olhos de Aaron. Morrigan havia lhe alertado de que a escuridão sempre poderia ser perigosa e o duque era um perigo, um sedutor que a envolvia como outro jamais foi capaz.

— Até onde sei, a floresta em que se abriga é minha também!

— Haverá outras florestas, milorde!

— Nenhuma de que não possa ser capaz de encontrá-la, Eileen! — E a beija novamente, sem dó nem piedade, fartando-se de seu sabor e de seu cheiro delicado de lavanda. Era uma feiticeira sim, uma feiticeira do amor que havia lhe feito cativo. Era ousada, bela e tão malditamente perfeita que acreditava estar sonhando, mas não estava, porque Eileen era quente, puro calor efervescente que o despertava para sentimentos até então desconhecidos.

— Milorde, pare, por favor... Eu clamo que pare!

— Não consigo, Eileen! Não consigo deixar de desejá-la e sou capaz de morrer se não saciar o desejo que me desperta. — Era honesto e confessava seus sentimentos para a curandeira. Ela haveria de se sentir privilegiada por sua atenção, afinal, era o duque, um homem poderoso, um guerreiro famoso e temível, mas ela sempre o rechaçava com palavras quando seu corpo sucumbia ao toque de Aaron.

— Não posso e o senhor não deve! Não devemos nos envolver, não romanticamente como sugere que o façamos!

— Por que não? Somos livres e desimpedidos!

— Não! Não somos, e o senhor não consegue ver a insensatez disso tudo. Sei que não poderá se casar comigo e sei que não abrirá mão de nada por mim. — Os olhos de Eileen tornaram-se mais esverdeados em razão das lágrimas que se acumulavam. Era-lhe dolorido admitir que os dois não podiam ficar juntos quando seu coração e todo seu corpo o havia escolhido. No fundo, sempre soube que o amor lhe chegaria de uma hora para outra e lhe tomaria sem considerar a pertinência do homem ou o momento. — O senhor me converterá em sua amante e eu sempre terei que me contentar em ser a outra.

— Mas eu a protegeria, Eileen! Eu a protegeria com a força do meu nome! —

Proteção poderia não bastar, pensou a jovem, não quando apenas desejava encontrar amor nos braços de um homem.

— E me daria filhos ilegítimos também! Filhos que seriam considerados menos importantes do que seus filhos legítimos. — Mas o pior não lhe era isso, apesar de ferir seu coração imaginar que seus filhos não carregariam o nome do pai, o pior era saber que eles poderiam ser acusados de serem filhos do demônio, como contara sua falecida tia. A própria Eileen fora considerada filha do satanás, não se recordava dessa época, mas devia ter sido pavoroso, a ponto de fazer questão de esquecer.

— Eu não os deixaria desamparados. — Aaron bufou contra o pescoço da curandeira, incapaz de deixá-la ir. Sua parte teimosa não se satisfazia com um não. Seu corpo ardia em desejo frustrado e não poderia deixá-la partir! Nem que precisasse a prender em uma das torres. Uma havia sido concluída e serviria para os seus propósitos, pensou.

— Tenha piedade de mim e se afaste, eu lhe peço! Se soubesse o quanto já sofri, se soubesse o quanto sofro por coisas que não posso explicar e que não conseguirá compreender, deixará eu partir, milorde!

— Não consigo! Já falei, Eileen. Preciso de você aqui comigo, por mais que não me queira, recuse minha presença e minha companhia, não consigo deixá-la partir. — Aaron precisava convencê-la a ficar ao menos mais uns dias. — Se for a filha do açougueiro a razão, já ordenei que tragam seu bebê e que volte para casa todas as noites.

— Oh... — Eileen foi surpreendida pelas palavras de Aaron. Ele havia voltado atrás e por ela. — Muito obrigada! — Falou com o coração enternecido.

— Veja, Eileen, minha filha precisa de você, eu preciso de você! Dê-me mais algumas semanas, por favor! — Ele estava se humilhando e justo para uma mulher. Não era um homem que pedia as coisas, ele as tomava, lhes fazia suas por direito e a palavra “por favor” nunca fez parte de seu vocabulário. Mas Eileen tinha um poder sobre ele que o fazia duvidar de sua própria capacidade de comandar exércitos. Seu jeito meigo e sincero lhe despertava para o novo e coisas que jurou jamais fazer, acabavam por ser feitas num piscar de olhos, tudo por ela e para ela.

Eileen sorriu e aqueceu ainda mais o coração apaixonado de Aaron. Ele a tomou nos braços mais uma vez e beijou-a como se o mundo fosse acabar no

instante seguinte. Ela o recebeu calorosa e apaixonante, e ele se viu mais envolvido do que antes. Acariciou os longos cabelos da curandeira, deslumbrado pelo esplendor das mechas bronzeadas que caíam soltas. Eram lindos, perfumados assim como imaginara noites antes. Sonhava mais do que desejava com a dama da floresta e sempre acabava com as cobertas molhadas. Ele a fazia gozar apenas em sonhos, ela entrava em sua mente adormecida com tanta facilidade que lhe provocava arrepios.

— Está frio aqui fora! – Aaron a repreendeu. — Não devia passar tanto tempo fora do castelo.

— Não me importo com o frio, milorde! Eu precisava espairecer e não consigo fazê-lo com paredes de pedras ao redor, elas me sufocam. – Ele riu do desespero descabido de Eileen. O castelo não era assim tão opressivo, mas para quem viveu uma vida inteira no meio da floresta, se era verdade o que falavam da curandeira, era-lhe natural se sentir oprimida.

— Venha cá, Eileen! Ei de aquecê-la ou irá me proibir também?

— Oh... – Eileen sentiu as faces corarem, não o suficiente para espantar o frio que assolava seus ossos. Havia exagerado ao ficar tanto tempo fora do castelo, mas lhe foi necessário... Embora de nada adiantou, acabou sendo mais fácil encontrar o duque do que se esconder dele como imaginara. — Eu não proibi o senhor de nada, milorde! Apenas esclareci que não tenho que obedecê-lo.

— Na prática, não há diferença! – Aaron sorriu novamente. Brincou com uma mecha de cabelo solto de Eileen, enrolando-a no dedo e levando até seu nariz para exalar seu perfume. Ela cheirava lavanda como se todo dia fizesse questão de se banhar em um lago repleto dela.

— Sua Graça jamais será capaz de compreender a diferença! – Eileen parecia frustrada e um tanto cansada pela luta que travara para se manter o mais distante que conseguia do duque. Mas ele era um homem obstinado e muito teimoso, pensou, que não se contentava com uma recusa, com um não.

— Eileen, Eileen, você é a única que ousou tentar me explicar algo ou mesmo me contrariar.

— Não contrario o senhor. – Deu de ombros e, ao sentir a dureza do frio, encolheu-se embaixo da capa de Aaron. — Apenas tento fazê-lo enxergar as

coisas de uma forma diferente!

— Não, Eileen, você é a única que teve a ousadia de me contrariar ou mesmo tentar me explicar as coisas sob um novo ângulo, mas eu não me importo, não quando seu sorriso me captura e me faz sorrir como um tolo. Mas devo alertá-la de que não se pode ousar tanto com um guerreiro, eles são homens de gênio forte e impacientes.

— Sua Graça não me parece ser um homem impaciente! – Eileen o olhou novamente e o admirou em toda sua glória. Aaron era alto e forte, com cicatrizes de guerra e mãos calejadas. Não lhe lembrava os nobres, não que tivesse conhecido muitos, mas acreditava que tais homens não precisassem trabalhar, mas o duque demonstrava ser trabalhador e não foram poucas as vezes que o observou empilhando pedras ou treinando com seu exército.

— Quando diz respeito a ti, sou impaciente. Muito impaciente. E preciso te dizer que me desconheço quando estou em sua presença. É como se você me enfeitiçasse. – Eileen se encolheu ainda mais embaixo da capa de Aaron. Todos a acusavam de ser uma bruxa e jogar feitiços e aí estava mais um a fazer o mesmo. Isso não lhe parecia ter fim.

— O que foi, Eileen? – Aaron perguntou preocupado com o silêncio repentino da curandeira.

— É apenas o frio! – Uma mentira, pensou. Uma mentira descarada. Eileen acabara de dizer que não se importava com o frio. Ele havia falado algo que a machucou, mas não fazia ideia do que. Precisava ter paciência e conquistar sua confiança. Mas era um homem embrutecido pelas várias batalhas que travou e mortes que havia sido responsável, não sabia lidar com uma moça delicada e meiga como a curandeira.

— Vamos! Irei acompanhá-la de volta ao castelo. – E foram as últimas palavras de Aaron para Eileen. Não queria assustá-la ou deixá-la ainda mais insegura.



Ao chegar no castelo, Eileen se despediu de Aaron e tomou a direção das escadas que a levariam até o quarto de Lady Adele. A bebê reclamava quando

Eileen ficava muito tempo longe e a sentia cada vez mais apegada.

— Moça! — Bertha a chamou. — Encontrei as raízes de que precisava para fazer o unguento. — Eileen prometeu preparar um unguento para aliviar as dores nas juntas da serviçal. O rigoroso inverno apenas lhe trouxe mais dores.

— Ah sim, Bertha! Logo vou até a cozinha para prepará-lo. Dê-me alguns minutos para que possa ver como está a pequena lady.

— Lady Adele se apegou à moça! Lilith me falou que quando a senhora se afasta, a menina resmunga todo o tempo. — Eileen sorriu em resposta ao recordar que também sentia falta da pequenina.

— É natural Lady Adele sentir minha ausência. Estamos juntas desde que nasceu. — Falou na tentativa de se justificar. Temia que as pessoas a considerassem uma usurpadora.

— Nosso senhor também a tem em alta estima, Eileen!

— Apenas gratidão por eu ter trazido sua herdeira ao mundo! — A curandeira precisava evitar fofocas ou sua vida no castelo se tornaria um inferno.

— Perdoe-me, minha jovem, mas não sou cega e uma mulher com anos nas costas sabe quando um homem olha para uma moça com segundas intenções. O milorde a olha com olhos famintos, olhos que revelam puro desejo.

— Impressão sua! — Eileen desconversou, sentindo-se incomodada e envergonhada com o comentário. Sabia que outros poderiam ter notado também.

— Não é impressão! É certeza, que foi confirmada quando Marcel voltou com ordens para que os homens se mantenham afastados de você. — Bertha se aproximou da curandeira e pegou-a pelas mãos. — Escute, minha querida, você é uma mulher bonita, uma das mais bonitas que cruzou o pátio deste castelo. Estou aqui há anos e já servi o antigo duque e posso afirmar com segurança de que é uma das mais bonitas. E uma mulher bonita, desperta sentimentos nos homens e nosso senhor não é diferente de qualquer outro. É um macho e tem necessidades, se consegue me entender. — Eileen corou, mas consentiu com um leve balançar de cabeça.

— Eu e o duque não podemos ficar juntos! Pertencemos a mundos diferentes e se não fosse isso, mesmo que eu fosse uma normanda, não passo de uma simples curandeira. Não tenho nada a oferecer a não ser minhas habilidades.

— Minha querida criança, é claro que você tem muito a oferecer para Lorde Aaron. Desconfio que tem mais do que imagina poder oferecer. Isso é claro quando ele a olha.

— Como ele me olha? – Eileen se desprendeu do aperto de Bertha e se retirou para um canto do salão, temendo que a mulher notasse seu constrangimento e a verdade de que também se sentia atraída por Aaron acabasse confessada.

— Com desejo, com paixão! Nunca o vi olhar para Lady Genevive como olha para você, Eileen! Todos comentam pelos corredores que Lorde Aaron está encantado por você. E vejo que ele é correspondido.

— Não! – Eileen se apressou em responder à velha senhora. — É apenas admiração mútua, Bertha.

— Oh moça! É jovem demais para entender sentimentos como paixão e desejo, mas peço que você tome cuidado e não entregue seu coração ao lorde facilmente. Ele poderá fazê-la sofrer.

— Eu sei, minha amiga! Eu sei e tenho feito o impossível para mantê-lo distante. Mas não consigo, nada parece impedi-lo de vir até mim.

— Porque ele está determinado a tomá-la para ele. Se não estivesse, não teria ordenado aos seus homens para que se mantivessem afastados. Ele deixou claro que a quer e que não tolerará que outro a toque ou a queira.

— O que faço, Bertha? – Eileen decidiu se aconselhar com uma mulher mais velha e experiente. Conversara com Lilith, mas sua amiga era tão inexperiente quanto Eileen, mesmo sendo casada. Quem sabe a serviçal pudesse lhe aconselhar e lhe dar uma luz.

— Temo que não há o que ser feito por ti para evitar o inevitável, moça! Lorde Aaron a quer e ele é o senhor de tudo e o pior... Creio que você corresponda cada sentimento dele por você e isso ainda será seu fim.

— Não quero me tornar amante de um nobre, não quero me tornar amante de ninguém. – Desabafou, cansada de brigar com os sentimentos que a perturbavam desde que beijou Aaron pela primeira vez. Se ao menos o temesse como o guerreiro terrível que diziam ser, mas não, ela apenas conseguia admirá-lo toda vez que o via.

— Ser amante de um nobre normando lhe trará benefícios! E proteção

também. Mas o faça de forma segura, minha querida, evite os filhos e não entregue seu coração para ele.

— Por que me falou isso? – Chocada, Eileen olhou para a criada. As rugas do tempo marcavam seu rosto que outrora fora delicado.

— Por que temo que irá acontecer antes do que pensa. Ele a tomara para ele e a fará sua amante e você precisa estar preparada.

— Ele que te mandou aqui? – Perguntou desconfiada com a conversa.

— Não! – Bertha respondeu em timbre de voz que revelava o quanto se sentira ofendida com o questionamento de Eileen. — Lorde Aaron jamais viria até mim, uma simples serviçal, para conversar sobre um assunto tão íntimo. Se o faço é porque penso que alguém deve orientá-la.

— Agradeço sua preocupação! Mas não pretendo me tornar amante de Lorde Aaron e nem de outro normando. Cumprirei meu dever neste castelo e retornarei para minha antiga vida depois do Beltane. – Eileen falou determinada. Acabava de decidir seu destino e não lhe era certo se tornar amante de um duque normando, por mais que se sentisse apaixonada por ele. Se afastaria e voltaria para sua vida como se nada tivesse acontecido, levando consigo as lembranças de beijos trocados, uma recordação doce que carregaria para sempre em sua memória.



O rigoroso inverno se afastava à medida que a primavera se mostrava colorida. O gelo havia derretido há alguns dias e o sol aquecia a esperança do povo de Lyndford. Todos ansiavam pela primavera, especialmente, os normandos que ainda lutavam para se acostumar com o inverno mais frio das terras que os receberam.

Eileen apreciava os dias de primavera e saía do castelo sempre que o tempo estivesse bom, levando consigo a pequena Adele, que abria os primeiros sorrisos. Era uma menina linda de bochechas gordinhas graças ao leite de Lilith. Muitas vezes, as duas mulheres saíam para fora dos limites do castelo, mas ainda dentro do cerco da guarda de Aaron, para que Adele e John pudessem respirar ar puro e apreciar o sol, cada vez mais brilhante.

Para a sorte de Eileen, Aaron havia viajado para atender a um chamado do Rei Guilherme. Sua vida havia se tornado mais fácil sem ter que conter os seus avanços. Mas não era tola e sabia que hora ou outra ele voltaria para Lyndford e seria praticamente impossível mantê-lo distante. Era-lhe certo que estava apaixonada pelo duque e havia sentido sua falta mais do que esperava. Evitava pensar em Aaron ou mesmo mencioná-lo como medida derradeira para sufocar a paixão que só parecia crescer em seu interior.

Marcel havia retornado para Lyndford dois dias depois da partida de Aaron. Lady Giane estava segura nas terras do pai e logo se casaria com um rico conde, mais um casamento arranjado para o bem do reinado de Guilherme.

Eileen e Marcel haviam se aproximado e conversavam sempre que se encontravam no pátio do castelo. O normando era um bom homem e sempre se oferecia para escoltá-la quando deixava a proteção dos muros do castelo. A curandeira sabia que Aaron havia deixado instruções para que Marcel a protegesse e sua preocupação com sua segurança acalentava toda a tormenta de emoções que ocupavam os seus dias.

Não demorou muito para que os moradores do castelo descobrissem as habilidades para a cura de Eileen e a procuravam sempre que se viam indispostos. Os guerreiros também a procuravam em caso de ferimentos mais sérios e Eileen havia costurado mais homens ali do que em toda a sua vida, sempre sob o olhar atento de Marcel.

— Não pode querer me acompanhar em toda visita que faço aos camponeses, Marcel! — Eileen sorriu para o acompanhante que a seguia montado em um forte alazão.

— Se algum mal acontecer a ti, Lorde Aaron não será clemente! — Uma ordem decretada por Aaron parecia ser mais do que uma ordem para o jovem, significava não perder a admiração de seu líder.

— Você e Lorde Aaron são muito próximos?! — Eileen parou sua caminhada para poder ver melhor o rosto de seu protetor.

— Lorde Aaron, assim como eu, não é o primogênito e me recebeu quando meu próprio pai me desprezou por não aceitar sua recomendação de seguir a vida religiosa. Acredito que não entenda a seriedade de ter me colocado contra as ordens de meu pai, Eileen!

— Certamente, não compreendo! Minha tia me falou que nosso clã, o povo no qual nasci e passei parte de minha infância, escolhia seus líderes, o direito de nascimento não era preservado se o herdeiro não fosse um bom guerreiro e um bom líder para seu clã.

— Me parece mais justo! — Marcel desvencilhou-se do cavalo e passou a caminhar ao lado de Eileen, interessado na conversa. — Mas estranho aos meus ouvidos.

— Não penso ser tão estranho! Pelo que me contou, você e Lorde Aaron buscaram seus sonhos e a prosperidade em terras distantes. Outros do meu povo também o fizeram.

— Foi com sua tia que aprendeu a arte da cura, Eileen? – Marcel havia se apegado à jovem e suas ideias diferentes o intrigavam. Era uma mulher de uma força diferente, dotada de uma beleza incomum, e tão delicada que todos sempre sentiam necessidade de protegê-la. Não fora uma surpresa o fato de seu lorde ter se apaixonado a ponto de ordenar que Marcel não a deixasse por um minuto.

— Foi sim! Minha tia Morrigan era muito habilidosa para a cura e me ensinou o que sei. As mulheres de minha família sempre foram conhecidas como curandeiras habilidosas e muito respeitadas.

— E onde elas vivem? – Marcel estava mais falante do que o normal, pensou Eileen, mas acreditava que não faria mal falar-lhe sobre certos assuntos que sempre foram segredos muito bem guardados. Manter segredos cansava sua alma e ela sempre desejou amigos para compartilhar sua história, suas dores e, por fim, suas alegrias.

— Elas não vivem mais, Marcel! Sou a última da linhagem. Mas isso é uma história de que não me faz bem recordar.

— Perdoe-me, Eileen, não queria me intrometer. – Marcel se empertigou e recuperou sua postura de guerreiro e braço direito do Senhor das Terras de Lyndford. Não era dono de um título, pensou a curandeira, mas se portava como um verdadeiro nobre.

A conversa morreu e ambos seguiram para o vilarejo, onde Eileen atenderia um chamado de ajuda. Sempre lhe fora um prazer atender os que necessitavam de seus cuidados, mais do que uma obrigação e sempre que podia ia até eles. Nem sempre a tratavam com consideração e depois que se beneficiavam de seus préstimos, viravam-lhe as costas, temendo-a ou mesmo por puro preconceito. Mas não lhe importava, apesar de julgar ser errado o que faziam, não lhe cabia julgar as razões das pessoas. O dom da cura havia lhe sido dado pela mãe natureza para curar apenas, sem olhar a quem.

Mas quando ia até o vilarejo na companhia de Marcel, a quem todos respeitavam, ninguém ousava lhe tratar mal ou mesmo lhe jogar ovos podres como já havia acontecido em outras oportunidades.

Depois de atender todos que precisavam de seus préstimos de curandeira, retornou para o castelo e encontrou Adele chorando desesperadamente. Eileen não gostava de separar-se de Adele, mas precisava que se acostumasse com outras mulheres, o Beltane se aproximava e estava tudo decidido para sua

partida. Mas toda vez que olhava para o rostinho rosado da pequena lady e ela abria as meigas covinhas, sua determinação em deixá-la morria um pouco mais.

— O que será de mim sem você, minha pequena fada? É tão linda! – Eileen a tirou de seu berço, um digno de uma filha de duque, talhado em madeira, da mais nobre da região, o carvalho. Embaixo de seu colchão, a curandeira havia colocado um amuleto de ervas que a protegeriam dos espíritos zombeteiros e o cheiro perfumava o ambiente. — Espero que sinta minha falta, Lady Adele! – A bebê soltou um resmungo e se ajeitou em seu colo.

Eileen desejava se tornar mãe em um futuro, mas temia ser um sonho inalcançável. Um marido não lhe cairia do céu e sua fama de bruxa não era um convite para os cavalheiros a desposarem. Sempre se considerou sortuda pelos homens a temerem e não hesitava em usar do ardil para afastar aqueles mais afoitos por atenção, mas toda vez que olhava para a pequena lady, uma dor despontava em seu peito, a dor de que poderia nunca ter uma família, um filho para chamar de seu.

Lilith cruzou o quarto com John nos braços.

— Vamos, Eileen! O que acha de levarmos as crianças para tomar a fresca da tarde? – Falou-lhe a jovem mãe, mais empolgada do que nunca.

— Vamos sim! – Respondeu-lhe Eileen, deixando-se contagiar pela alegria da amiga.

— Lady Adele não irá se acostumar sem você! Não existe outra mulher para ela e temo que quando partir, deixará uma criança inconsolável.

— Eu preciso partir, Lilith! Sabemos que é o melhor a ser feito. E para evitar uma desgraça tenho que partir logo que as festividades de Beltane acabarem. Aos poucos, Lady Adele se acostumará com outro colo, outros cheiros e devemos lembrar de que é apenas um bebê e nem se lembrará de mim quando estiver mais crescida.

— Mas você não a esquecerá! – Eileen não a esqueceria e Lilith estava certa, a carregaria para sempre em suas lembranças mais queridas, o momento em que a trouxe para a vida, o momento em que a acariciou pela primeira vez, todas as noites que a embalou e todas as cólicas de que tratou de amenizar. Amava-a como uma filha, talvez a filha que jamais teria.

— Claro que serei incapaz de esquecê-la, Lilith! – Secou uma lágrima que

escorreu em seu rosto.

— Nem ao seu pai, presumo!

— Não é apropriado dizer isso quando podemos ser escutadas. — Eileen repreendeu a amiga, alheia ao fato de que já comentavam mais do que seus ouvidos eram capazes de aceitar. Lilith preferiu se calar e não deixar Eileen ainda mais preocupada.

Em silêncio, enrolaram os bebês em mantas de lã leve e partiram para um passeio curto. Levaram consigo uma pequena cesta com um pedaço de pão, um pouco de queijo e uma garrafa de água. Lilith amamentava dois bebês e sentia fome com regularidade, precisava também se manter hidratada de modo a não secar seu leite. Eileen acabava por cuidar de Lilith como uma irmã, na maior parte do tempo.



Aaron acabava de chegar e nada mais lhe era importante do que ver Eileen. Havia passado dias desde que partira para atender um pedido de seu rei e a viagem havia se estendido mais do que planejava. Precisou ir ao norte para ajudar a conter um avanço de tribos nativas. Erguera mais uma vez a espada em nome do rei.

Guilherme reinava à distância, em seu castelo na Normandia. E só o fazia com tanto sucesso porque havia deixado homens de sua confiança espalhados pelos quatro cantos das recentes terras conquistadas. E Aaron sempre se via preso às batalhas para manter o novo reino fortalecido. Uma atribuição que lhe era mais do que um dever, mas uma honra.

Entregou seu cavalo negro aos cuidados de Marcel e partiu em busca de Eileen. Encontrou-a embaixo da antiga bétula, seu lugar preferido e que ficava próximo ao rio. Um lugar afastado das cercanias do castelo, mas mesmo assim Aaron designou homens para protegê-la sem que sua privacidade fosse prejudicada. Era-lhe uma preciosidade, sempre fora, e cuidava com todo seu ardor para que nenhum mal lhe atingisse.

Lilith o avistou primeiro e, sorrateiramente, afastou-se sem deixar Eileen perceber. Fez uma reverência breve ao seu lorde, levando consigo o pequeno

John e a cesta com mantimentos.

— Não acha também que Lady Adele será uma linda dama quando crescer? – Eileen perguntou acreditando estar conversando com sua amiga.

— Minha filha é sim muito bonita! – Aaron respondeu com o olhar preso no rosto de Eileen e parecia que uma eternidade havia passado antes de poder vê-la novamente. Estava mais linda do que recordava. Os dias de primavera a deixaram corada e ainda mais atraente. Os cabelos estavam queimados nas pontas e mais acobreados do que de costume. Algumas sardas despontavam em cima do nariz, resultado da exposição ao sol. Era bela, tão formosa que enchia seus olhos apenas em vê-la sorridente.

— Milorde! Não esperava o senhor! Nem eu, nem a pequena lady! – Eileen voltou o olhar para a bebê em seu colo. Adele havia crescido, estava com o rosto mais cheio e mexia as perninhas e bracinhos quando lhe dirigia a palavra. — Lady Adele não está linda, milorde?

Aaron se aproximou, sentando ao lado de Eileen, totalmente capturado pela imagem das duas. Duas mulheres felizes à sombra esparsa de uma bétula.

— Ela cresceu! – Falou festivo na intenção de pegar a filha nos braços. Não havia feito antes porque era tão pequena e frágil que temia deixá-la cair ou quebrar-lhe um de seus finos ossinhos. Adele levou seu dedinho à boca, deixando-o consternado com a perfeição de suas mãozinhas.

— Ela gostou de seu colo, milorde! – Eileen comentou satisfeita por ter tido o privilégio de presenciar a primeira cena de carinho entre pai e filha.

— Por favor, chame-me apenas por Aaron!

— Tentarei, mas não é um costume que conseguirei mudar de uma hora para outra.

— O que tem feito, Eileen? Sentiu saudades de mim? – Aaron a fitou com verdadeira paixão. Não houvera uma noite ou amanhecer que Eileen não povoasse seus pensamentos. Levou consigo um pequeno lenço da curandeira, um que pegou escondido pelas sombras entre seus pertences antes de sua partida. Queria ter o cheiro de Eileen por perto, como um amuleto de boa sorte. E aquele lenço tão modesto em valor, lhe concedeu esperanças de que voltaria para ela com vida.

— Aaron, por favor, não voltemos ao assunto! – Eileen voltou a olhar para a

água calma do riacho que corria à sua frente, mas ainda sentindo o calor do corpo do duque ao seu lado e a certeza de que não seria capaz de ocultar mais o sentimento que a tomou quando ouviu sua voz grave a tilintar como um sino em seus ouvidos.

— Não podemos mais evitar o que sentimos um pelo outro! Voltei não só porque tenho um povo para liderar, terras para proteger ou por minha pobre filha órfã de mãe, voltei por ti, Eileen! – Aaron acomodou a pequena Adele em um dos seus braços e com o outro envolveu a cintura da curandeira, puxando-a para seu abraço e sentindo a plenitude do aconchego da mulher que idolatrava. Sim, ele a idolatrava como uma espécie de deusa pagã, seu coração a havia colocado em um altar e a venerava com todo ardor.

Ignorando a razão, Eileen deixou-se levar pelo coração e deixou-se abraçar, encostando a cabeça no ombro de Aaron. Os fios grossos do seu cabelo estavam mais compridos e presos para trás por um cordão de couro, revelando os traços fortes de seu rosto, um maxilar quadrado e um nariz reto. A barba também estava mais comprida, o que indicava que não a cortava fazia dias. Sinais claros de que havia lutado e o coração da jovem apertou no peito. Um medo a tomou e a levou a pensar que fora uma bênção ele ter voltado para casa e, talvez, isso lhe fosse uma mensagem das forças divinas. Ele havia voltado são e salvo para ela e, talvez, não haveria outra vez, pensou confusa.

— Senti sua falta! – Eileen confessou sem encontrar a coragem para olhá-lo.
— Todos sentiram a falta de seu senhor, Aaron! – Arrependida, tentou consertar o que falara no calor do momento.

— O mais importante é você sentir minha falta! Minha adorável dama da floresta! – Eileen deixou-se levar pelas palavras encantadoras de Aaron, aninhando-se ainda mais contra seu corpo. Foram as palavras mais lindas que ouvira em sua vida e seria mais um momento doce para lembrar quando voltasse a viver sozinha na floresta.

— Se eu o aceitasse em minha vida, o que você faria? – Encorajada pelos atos amorosos de Aaron, a curandeira perguntou, precisava saber o que lhe aconteceria se viesse a se entregar para ele.

— Eu a amaria, Eileen! Devotaria a você o melhor de mim. Cuidaria de você como minha preciosidade, a dona do meu coração, o meu amor! – Aaron tocou-lhe no queixo com a ponta de seus dedos calejados pela dureza do cabo da

espada, forçando-a gentilmente para que o olhasse no fundo dos olhos. Embasbacado com a beleza da curandeira, esqueceu-se do que deveria dizer e deixou-se embalar pelo desejo que corria dentro de suas veias, beijando-a delicadamente, em um primeiro momento. Mas à medida que sentiu o gosto da boca de Eileen, os instintos lhe tomaram e acabou por aprofundar ainda mais o beijo. Não queria assustá-la e acabar com o lindo momento que dividiam, mas não conseguia se controlar. Ela havia se infiltrado em sua pele, em seus pensamentos e comandava cada parte de suas ações. Ele a amava, sim, ele a amava com todo seu coração.



Os dias primaveris e mais quentes traziam alegria ao povo de Lyndford, que se preparava para as festividades de Beltane, uma tradição pagã ainda reverenciada nas terras da Britânia. Todos ansiavam por uma boa colheita, o que traria fartura. Se havia uma coisa que Aaron aprendera durante seu primeiro ano como chefe das terras de Lyndford era que não devia ir contra a vontade popular. Era um homem sábio e sabia que algumas tradições não podiam ser mudadas de uma hora para outra. Por outro lado, o duque não era um religioso fervoroso e não via mal em deixar o povo se divertir e renovar suas esperanças.

As festividades que marcavam o início do período mais quente do ano eram sagradas para os habitantes de Lyndford mais do que qualquer outro povo em que visitou. Na Normandia haviam resquícios de festas pagãs, mas nenhuma chegava ao esplendor do que via entre os ali, pensou Aaron, abismado com as guirlandas de flores e folhas que eram colocadas nas portas das casas. Um mastro alto fora erguido na parte central do vilarejo, onde ficava a fonte d'água de que se serviam os moradores. Jovens e crianças carregavam gravetos e pedaços de galhos de árvores para cima de um monte, era o início do que seriam as duas fogueiras de Beltane.

Aaron, em respeito às tradições do povo de Lyndford, decretou três dias de descanso para os trabalhadores do castelo, incluindo aqueles que erguiam os muros e as torres. Alguns dias não iriam atrasar o cronograma imposto pelo Rei Guilherme e todo trabalhador merecia um descanso de suas obrigações, até ele,

pensou animado com a lembrança de Eileen.

Eileen também ajudava como podia com os preparativos para o Festival de Beltane, sua data favorita, onde a energia do mundo era renovada através da união entre a Grande Deusa e o Deus Sol. O solstício de verão era-lhe o momento perfeito para renovar suas crenças em um mundo melhor e marcava o início da metade mais clara do calendário.

E o povo de Lyndford também levava a sério as homenagens aos deuses. Nem mesmo a chegada dos saxões décadas antes conseguiu enterrar uma tradição tão fervorosa. Os normandos pareciam não se importar, ao menos Aaron não parecia contrário ao Festival e à agitação do povo à sua volta.

Mas um medo crescia no interior da jovem curandeira ao saber que precisava partir e se separar de Adele. Amava-a com todo seu coração. Tinha-a como uma filha. Adele havia se apegado à Eileen com a mesma adoração, e apenas aceitava os cuidados de Lilith porque a jovem ama de leite lhe fornecia o alimento, mas era Eileen a quem preferia quando se sentia indisposta ou amedrontada.

— Como conseguirei viver sem seu cheiro, minha pequena fada?! – Adele sorriu para Eileen, estendendo os bracinhos para fora do xale em que estava enrolada. — Aceita tomar um banho comigo mais tarde? – Um novo sorriso de Adele aqueceu o coração da jovem curandeira.

As duas estavam sentadas embaixo da sombra de um enorme salgueiro, apreciando a brisa quente e o canto dos pássaros que também anunciavam a chegada do verão. A natureza estava em festa, celebrando a vida que desabrochava cativante aos olhos de todos.

Marcel as escoltava a uma distância segura, preso em seus sentimentos impossíveis. Havia se apaixonado pela irmã da falecida duquesa, um amor impossível, que lhe corroía as entranhas. Lady Giane já deveria estar casada com o nobre a que fora prometida, enterrando seu sonho de viver um grande amor.

— Marcel! – Eileen chamou o jovem guerreiro para que observasse Adele que acabava de tentar engatinhar. — Veja o que nossa pequena lady acabou de aprontar!

O guerreiro se aproximou e sorriu com o pequeno atrevimento de Lady Adele. Eileen lhe fazia bem e com o amor que recebia da curandeira havia desabrochado como um pequeno botão de rosa.

— Por favor, Marcel, vá ao encontro de Lorde Aaron! – Eileen pediu com os olhos marejados, tomada pela mais pura e genuína emoção.

— Não acredito que Lorde Aaron ficará feliz em ser tirado de suas atribuições como senhor do castelo! – O guerreiro respondeu ainda com o sorriso estampado no rosto.

— Como não?! Não seja azedo e vá ao encontro de Lorde Aaron. Estou segura de que ficará feliz ao ver com os próprios olhos o quanto sua filha é esperta.

Marcel partiu rindo com as ousadias de Eileen. Mas desconfiava de que seu senhor viria ao seu encontro sem reclamar. Tudo que a curandeira pedia era como uma ordem para Aaron e todos sabiam do fascínio com que a tratava.

Mas Marcel não precisou se afastar muito. Aaron cruzava o portal principal montado em seu cavalo e ao ver que seu melhor homem o chamava, tratou de desvincilhar-se da montaria e ir para junto de seu braço direito. Travaram uma conversa rápida e Aaron, sem maiores delongas, foi ao encontro de Eileen e Adele, enfeitiçado pelo chamado da moça.

— Ela engatinhou, Aaron! – Eileen sorriu e apontou para pequena lady que acabava de arrancar um punhado de grama, e se não fosse a rapidez da curandeira, teria conseguido comê-lo. — Oh... Isso não é para você comer, minha pequena fada! – Aaron permaneceu estático como se qualquer movimento pudesse acabar com o encanto em que havia sido envolvido. Era uma espécie de miragem vê-las tão belas e coradas embaixo da sombra de uma árvore tão imponente quanto um salgueiro.

Eileen amava a natureza e sempre que podia se refugiava nela, e era esperado que se sentisse mais feliz em meio ao verde e aos sons da natureza do que dentro do castelo. Havia crescido dentro da floresta, pensou ainda preso na beleza da mulher que tanto amor dedicava à sua filha.

— Não é uma graça? – Eileen voltou a atenção para seu senhor e seu coração, já tomado pela felicidade trazida por Adele, bateu forte e em um ritmo acelerado ao perceber o olhar de cobiça de Aaron. Era Beltane, pensou Eileen, tudo acabava intensificado pela atmosfera festiva e prazerosa, afinal, se comemorava o casamento dos deuses.

— Venha cá, Adele! – Aaron estendeu os braços para a filha, na esperança de

se livrar dos pensamentos mais pecaminosos. Eileen despertava sentimentos que ele acreditava não ser mais capaz de nutrir. Sentimentos de luxúria intensa que ainda poderia lhe levar à perdição, mas ao mesmo tempo e mesmo sabendo que era errado, se sentia livre na presença da mulher, purificado de todas as atrocidades que havia cometido até então. — O que fazem aqui? – Perguntou estranhando o fato de que Eileen não participava dos últimos preparativos do Festival.

— Preferi passar minhas últimas horas com Lady Adele! – Respondeu-lhe Eileen, a agonia tomando conta de sua alma.

— Sabe que não precisa partir, Eileen! – Aaron devolveu Adele ao chão e agarrou o braço da curandeira, forçando-a que o encarasse nos olhos. Perdeu-se no brilho colorido dos olhos de Eileen que iam do marrom ao esverdeado em poucos segundos. Congelaria o tempo dentro de pequenas molduras, apenas para eternizar o colorido dos olhos da curandeira. — Seu lugar é junto de nós. – Repetiu com voz firme e grossa. — Já ofereci meu amor a ti! Pode ser pouco perto do que outros poderão ofertar, mas é o que posso oferecer, minha dama da floresta.

Os olhos de Eileen foram tomados por lágrimas enquanto seu coração mergulhava na dor de não querer partir. Não pertencia ao mundo de Aaron, ela sabia. Pertencia a um lugar distante. Mas ele oferecia seu amor e era Beltane, pensou, atordoada com o toque do duque em sua pele.

Aaron lhe oferecia amor e não era pouco. Amor era o que movia a roda da vida, sua tia havia lhe falado anos antes quando sangrou pela primeira vez. Sua pureza devia ser guardada para seu verdadeiro amor, concluiu a partir de tudo o que lhe fora ensinado.

— Se não exigir nada mais do que uma noite, estou disposta a ser sua! – Decidiu convicta dos sentimentos de que lhe moviam ao encontro do amor de Aaron. Não queria carregar o peso do arrependimento pelos anos de solidão que se seguiria e não queria ser velha e incapaz de recordar um momento tão doce. Eileen havia vivido até então com lembranças, que não eram suas e queria ter as suas próprias recordações, que aqueceriam seu coração quando o inverno de sua vida chegasse.

— Me pede muito, Eileen! – Aaron deslizou as mãos até a cintura de Eileen, puxando-a de encontro ao seu corpo com cuidado para não machucá-la, era tão

delicada e frágil que temia que seu toque áspero e endurecido pela batalha a maculassem de alguma maneira. — Mas aceito o que me oferece! — E beijou-a ardentemente, prendendo-a contra o grosso caule do salgueiro, envolvido pelo compasso das batidas dos corações dos dois, sintonizadas por corpos que mereciam se unir para acalantar toda a tormenta que os moviam para o paraíso dos apaixonados.

— Me espere nas margens do rio, Aaron... — Beijou-a novamente, incitado pelo fogo do desejo que o consumia como gravetos atirados ao fogo. — Depois de acessas as fogueiras... Serei sua na noite de Beltane, meu amor. — Eileen acariciou o rosto de Aaron, arrebatada por sua beleza feroz. O Duque de Lyndford não era um homem de traços delicados ou pele macia como acreditava serem os nobres normandos a partir de esparsas descrições que ouvira no passado. Aaron lhe lembrava a força bruta da natureza e isso a deixava extasiada, sem ar e sem poder encontrar as palavras certas para descrever a agitação que lhe tomava quando sentia seu toque.



Eileen estava segura de sua decisão de se entregar a Aaron e uma empolgação a tomava à medida que o sol se punha no horizonte, deixando o céu rasgado por sombras alaranjadas e violetas. Logo as estrelas tomariam conta do céu, pensou olhando para longe da janela do quarto que dividia com Adele. O fato de cuidar da pequena lady lhe garantia a privacidade de que sabia não ter direito se não estivesse sob a proteção do Duque de Lyndford.

Esperou Bertha lhe trazer um pouco de água, mergulhou flores de lavanda que havia colhido e secado na última primavera e se limpou, preparando-se como se fosse a Rainha de Maio, a virgem escolhida para se juntar ao Grande Deus Sol. Faria seu próprio ritual de Beltane, entregando-se a Aaron, o dono de seu coração. Não haveria lugar para a culpa ou arrependimento, pois era Beltane.

Já vestindo uma túnica limpa e branca, um *léine*, um modelo tradicional de seu povo que lhe caia solto pelo corpo, desembaraçou os cabelos e colocou na cabeça a coroa que havia confeccionado com flores silvestres que colheu no início da manhã. Bertha havia trazido flores de laranjeira e Eileen deixou-se levar pelo delicioso aroma enquanto sonhava com o momento de ser dele, de fazer parte de seu corpo. Apesar da imensidão de músculos e força que era

Aaron, não o temia, nunca o temeu. Retirou de seus poucos pertences o par de braceletes de bronze e um broche para prender o cinto no *léine*, uma herança de sua mãe, uma lembrança do que era, e os olhou com nostalgia. Evitava usá-los, mas a noite era especial e queria estar bonita aos olhos de seu amor.

Bertha chegou para ficar com Adele e sorriu com o que viu. Eileen era a personificação da beleza divina, a velha senhora estava convicta de que Lorde Aaron ficaria impressionado. Os cabelos estavam ainda mais lisos, sem a marca das tranças que Eileen costuma exibir. A coroa singela de flores lhe deixava ainda mais delicada e o branco de sua túnica de tecido fino lhe caía como uma moldura. Eileen era bonita, pensou com a boca aberta, tão linda que encantaria o mais determinado dos homens.

— Tem certeza de que não quer festejar, Bertha? — Eileen perguntou preocupada. Havia tomado a tarefa de cuidar Adele com tanto afincio que sofria ao ter que separar-se dela. Bertha sabia que Eileen não teria coragem de abandonar a pequena lady e muito menos Lorde Aaron. Por mais que a jovem curandeira negasse os sentimentos que o duque lhe despertava, a forma como olhava para ele a denunciava. Era-lhe uma pena ficarem separados por convenções e posições sociais.

— Uma velha como eu não tem disposição de comemorar mais nada além do fim da vida, minha querida! — Bertha respondeu zombeteira.

— Não brinque com a morte, Bertha, ou ainda haverá de ser surpreendida por ela! — Repreendeu-a Eileen. — Adele não lhe dará qualquer trabalho. — Beijou as duas faces gordinhas da menina. — É uma criança adorável!

— Convenhamos, Eileen, Lady Adele só se comporta contigo por perto! — Bufou a velha serviçal, recolhendo uma mexa de cabelo grisalho que havia escapado do lenço.

— Não seja ranzinza! — Eileen também beijou-lhe trazendo calor ao velho e solitário coração de Bertha. Ainda custava acreditar que a curandeira lhes deixaria logo. Haveria uma oração ou uma simpatia que pudesse fazê-la mudar de ideia, pensou, já que seu senhor parecia ter falhado miseravelmente na tarefa de convencê-la a ficar. — Lady Adele não dará trabalho algum, se ela resmungar, dê-lhe um pouco de leite de cabra aquecido e se ela chorar, faça-lhe massagem com suaves movimentos na barriga, deixei preparado um pouco de óleo de manjerona, caso tenha cólica...

— Por favor, tenho idade e cabelos brancos suficientes para saber cuidar de um bebê! — Ralhou-lhe Bertha, empurrando a curandeira para fora do quarto antes que acabasse mudando de ideia e ficando ali. Eileen merecia um pouco de distração e não seria Adele a lhe impedir.



Aaron havia escolhido seu melhor traje e vagava entre a multidão recebendo cumprimentos de seus súditos. Havia sido uma boa estratégia não impedi-los de comemorar e adorar seus deuses, o que o ajudou a ser aceito e popular entre os nativos. Os saxões haviam se equivocado neste ponto e quando os normandos chegaram, as várias tribos da região viram uma oportunidade de se livrar do seu domínio. Mas Aaron, assim como Guilherme, temiam represálias e revoltas. Eram povos selvagens e respondiam com muito clamor quando se sentiam ameaçados ou traídos. Havia aprendido com os romanos que sempre procuravam aliados entre os nativos e com tal estratégia conquistaram o mundo.

— Milorde, a empolgação pagã do povo não haverá de ser tolerada pela Igreja da Normandia! – Lembrou-lhe Marcel sob os olhares atentos de outros guerreiros.

— Aquiete-se, meu caro Marcel! Aproveite a festa e brinde à fertilidade do solo. – Respondeu-lhe o duque vidrado com o espetáculo que seria encenado. Uma donzela havia sido trazida e conduzida para dentro de uma cabana que fora montada nos últimos raios do sol, onde se entregaria a um homem que simbolizava o Deus do Sol. Tudo acontecia como uma grande cerimônia para garantir a fecundidade da terra, a fertilidade dos animais e a prosperidade do povo.

— Dizem que em tempos antigos, era o chefe do clã quem se deitava com a Rainha de Maio! – Falou-lhe outro de seus homens mais próximos.

— Desconfio que se tomasse para mim a incumbência, Rei Guilherme não se oporia. — Aaron riu, juntando-se aos demais.

— Mas seria excomungado pelos bispos! — Marcel lhe disse, fazendo o sinal da cruz como se tal gesto lhe protegesse daquilo que ousou apelidar de ritual do pecado. Aaron soltou uma gargalhada tão alta que chamou a atenção dos transeuntes que festejavam à sua volta. — Não ria ou arderá no fogo do inferno!

— No Beltane, nosso Deus haverá de nos conceder um salvo conduto, meu nobre amigo! Aproveitem a festa e divirtam-se enquanto podem, pois temos muito trabalho a fazer. — Aaron não deixaria nada ou qualquer coisa estragar sua noite, a noite em que teria Eileen em seus braços e se fartaria dela; precisava se fartar, embora lhe fosse quase certo de que não seria capaz de deixá-la partir depois de prová-la como sempre sonhara.

Admirou mais um pouco a agitação ao seu redor, os casais que se revezavam ao redor das fogueiras, as donzelas que dançavam ao redor do mastro de onde saíam intrincadas tranças de couro, tudo em homenagem ao casamento da Grande Deusa com o Deus do Sol. Não entendia muito daquelas tradições, apenas o suficiente para não temer. Era apenas um credo e não via mal algum em ver o povo feliz, pensou, depois de sorver um longo gole de cerveja, o melhor barril lhe fora servido com prazer pelo mestre cervejeiro do castelo.

Foi chamado para um discurso e o fez com ardor e comoção. Era seu povo, mais do que um povo conquistado, pessoas que o acolheram, fossem quais fossem as razões que os fizeram acolhê-lo, ele era o seu senhor e era respeitado por isso. E quando estava prestes a descer do pequeno palco improvisado para o discurso, a viu como uma agradável mancha branca em meio à escuridão da noite, com os cabelos acobreados reluzindo e o extasiando num sacolejo excitante. Era-lhe a sua luz divina que o enfeitiçava rumo à perdição. Talvez, a ímpia de Beltane a deixasse ainda mais misteriosa e desejável, não sabia dizer com precisão, apenas que a queria o quanto antes.

Encontrou-a ao pé das fogueiras, iluminada pelo brilho das labaredas, cheirando a perfume fresco, transportando-o para um campo de lavandas. Eileen estendeu a mão para Aaron, convidando-o para que cruzassem o caminho juntos entre as duas fogueiras, cujas labaredas mais altas se encontravam com o brilho das estrelas, tornando-se uma coisa só, confundindo-se em meio à escuridão da noite.

— Vamos, Aaron, para que tenhamos fartura! — Eileen abriu seu mais caloroso sorriso, hipnotizando seu senhor, deixando-o à mercê de sua beleza profana. Como poderiam considerar seu amor por ela um pecado? Em silêncio, Aaron se perguntou. Ela era divina e perfeita, cunhada como uma rica joia em meio à imensidão de um mundo castigado por atrocidades. Ela lhe despertava o melhor. Eileen era seu amor e havia se impregnado em sua pele e em seu coração sem pedir permissão, tão ousada e delicada, que enternecia a dureza de seu coração amargurado e ferido pelas guerras que precisou travar. Sobrevivera por um milagre e para vê-la tão bela e fazê-la sua, marcando-o para sempre. Desejava-a com tanto ardor que a levaria para sempre em sua memória, em sua pele.

Precisou tocá-la assim que chegaram ao outro lado das altas labaredas que consumiam a lenha empilhada durante o dia, para ter certeza de que não se tratava de uma ilusão. Primeiro, tocou-lhe os cabelos sedosos que faziam um bonito conjunto com o fogo que ardia às suas costas. Depois, tocou-lhe a face enrubescida pelo calor da fogueira à sua frente. Ondas de excitação o dominavam e ditavam o compasso de seu coração.

— Encontro você daqui alguns minutos na beira do riacho! — Disse-lhe Eileen com pressa, temendo que Aaron a beijasse sob os olhares atentos dos homens e mulheres que acabavam de aplaudir seu discurso. — Não tema, Aaron! Não fugirei de ti, não nesta noite! — Falou com o olhar preso ao dele. — Ainda terá que erguer o brinde e depois pode se juntar a mim no riacho.

Eileen o deixou ali parado, no calor das fogueiras, como um tolo apaixonado, embasbacado pela beleza daquela que pegou seu coração para si. Queria se livrar de suas obrigações como senhor do castelo e das terras e ir ao seu encontro o quanto antes. Foram meses de espera angustiante, uma espera que lhe daria um lugar no céu se existisse um, pensou. Pelas vidas que ceifou através da lâmina afiada de sua espada não merecia o céu, mas havia se conformado com isso.

Ergueu o brinde e deu início ao banquete, que não era uma tradição dos nativos, mas era oferecido pelos normandos como mais uma forma de convívio pacífico. Sob a liderança de Aaron, os dois povos se abraçavam como irmãos, comungando ritos e festividades e respeitando-se acima de tudo. Não queria voltar a erguer a espada e sacrificar mais vidas, mas sabia que se lhe fosse exigido, o faria sem remorso.

Misturou-se entre os homens, mulheres e crianças que comemoravam a

chegada do período mais quente com entusiasmo. Todos celebravam para uma colheita farta e para um inverno seguro, com comida e bebida à mesa. Mas Aaron celebrava seu amor por Eileen.

Encontrou-a sentada à margem do riacho que tantas vezes emoldurou a beleza dela. Desde que a viu pela primeira vez, havia se convertido em um tolo apaixonado e por mais que lutasse para evitá-la ou deixá-la de lado, não conseguira mantê-la distante de seus pensamentos, porque a desejava, a queria somente para si. Uma pequena tocha havia sido fincada no chão e a luz do fogo a envolvia como um halo adornava um anjo. Frades lhe contavam sobre a aparência de anjos, mas Aaron desconfiava que Eileen seria a descrição perfeita de um.

Em outras terras, os brados lhe contaram sobre fadas de cabelos vermelhos. Seria Eileen uma delas? Não duvidava disso quando seus olhos acabavam enfeitiçados por tanta beleza e acreditaria em qualquer história que lhe contassem depois de Eileen.

— Você veio! — Eileen falou, voltando-se contra a claridade bruxuleante fornecida pela tocha, o que lhe iluminou o rosto, enaltecendo as sardas que lhe salpicavam a ponta do nariz. Os olhos, tomados pela penumbra, estavam mais castanhos, lembrando um cálice de mel.

— Como não viria até ti, quando me prometeu amor?! — Falou Aaron em resposta, puxando-a pelas mãos para que se levantasse e a pudesse tomar nos braços e dar início à satisfação de seus instintos mais primitivos.

— Temia que houvesse reconsiderado minha oferta! — Sussurrou Eileen, aconchegando-se contra o peito de Aaron, sentindo o calor que transpassava a fina túnica de tecido nobre que vestia, sentindo seu calor.

— Jamais, Eileen! Não fiz outra coisa a não ser desejá-la desde que a vi! Como ousaria reconsiderar uma dádiva como você, minha dama da floresta?!

Eileen colocou o dedo na boca de Aaron a fim de calá-lo. Apenas queria ser dele naquela noite, ansiando levar consigo todas as recordações de seu amor. Ansiava por fazê-lo dela também, pois unir-se-iam na plenitude do amor. Puxou-o pela mão até o outro lado da bétula de que tanto gostava e o convidou para se acomodar em cima da manta que havia estendido ao chão. Envolveu-o com os braços, oferecendo-se sem medo ou vergonha. Uma vez sua tia Morigan lhe contou que curandeiras de sua linhagem ofereciam seus corpos na noite de

Beltane para garantir a fecundidade da terra e a prosperidade de seu clã. Se seu povo não houvesse sido dizimado com a chegada dos saxões e suas disputas com os outros povos bretões, sua virgindade seria oferecida aos deuses como um ato de abnegação e respeito.

Mas... Eileen havia recebido a dádiva de se entregar ao homem que amava com todas suas forças e faria da noite de Beltane algo memorável, que lhe marcaria para sempre.

— Sou sua! – Eileen confessou, tremendo pela ansiedade do momento. O toque gentil de Aaron em seu queixo apazigou-lhe um pouco, apenas o suficiente para voltar a se perder na promessa de prazer que lhe oferecia.

A promessa do êxtase aqueceu o sangue de Aaron, deu-lhe disposição para puxá-la para seus braços, acomodando-a de encontro à manta xadrez. Beijou o pescoço de Eileen com sofreguidão, sentindo a rigidez tomar volume dentro de suas calças. Aaron precisava livrar-se das roupas, das vestes de Eileen e apreciá-la por inteira. Ela era alva e macia em todas as partes, na exata medida de suas fantasias, as mais perniciosas fantasias, e poderia se sentir envergonhado com as noites em que precisou encontrar o alívio com as mãos quando recordava de seu perfume, de seu calor, de seu sabor.

Beijou-lhe mais em uma descida alucinante com pequenas pausas para se recuperar de todo o ofuscamento que sua beleza lhe causara. Aaron estava impressionado com o corpo de Eileen. Era-lhe tudo e mais um pouco do que esperava e se fartou do seu delicioso cheiro de lavanda, preso na bruma erótica que tentava ofuscar sua sanidade.

Chegou à montanha feminina e a tocou ali, primeiro com os dedos, levando-os à boca para provar o verdadeiro sabor de Eileen. Tão doce quanto o mel de seus lábios. Depois, tocou-a com os lábios, sugando-a com a língua em movimentos circulares, atraindo-a ao paraíso dos apaixonados. Faíscas de prazer ameaçavam se desprender de seus corpos envoltos pelo mais puro e ardente desejo.

Eileen relaxou e deixou-se levar pelo torpor que a tomava em ondas cada vez mais potentes como se estivesse cavalgando livremente em uma campina aberta. As carícias cada vez mais libidinosas de Aaron a conquistavam docemente. Amava-o e se entregava a ele sem medo.

— Amo você! – Aaron lhe falou e as próprias palavras de Eileen ficaram

presas na garganta, e quando conseguiram se libertar saíram em um grito rouco, revelando o ardor que a consumia.

Pura paixão.

Puro desejo.

Eileen deixou-se levar pelos instintos. A natureza sempre fora sabia e não temia quando Aaron lhe penetrasse. Sabia que poderia sangrar, mas o sangue simbolizava a vida, a renovação e celebraria com toda a alegria.

— Apenas me colocarei dentro de ti, Eileen, quando tiver certeza de que está preparada para me acolher. — Aaron falou, fazendo questão de encará-la nos olhos. — Quero-a por inteira, meu amor! Mas apenas quando também me querer!

— Eu quero você, meu amor! Quero você dentro de mim e quero celebrar nosso amor através de nossa união! — Declarou-lhe Eileen com lágrimas nos olhos, emocionada pelas palavras gentis de Aaron, sabendo que outros não lhe teriam tanta consideração.

E assim Aaron voltou a afastar as pernas de Eileen, penetrando-a devagar, beijando-a como a preciosidade que sempre fora, em todas as partes que alcançou e amando-a como nunca amara uma mulher antes. Ela o recebia com prazer, corajosa e ousada como sempre fora. Sua dama da floresta, pensou com os olhos vidrados na beleza do seu corpo. Era linda em todas as partes, quente em todas as partes e perfeita ao acolhê-lo por inteiro.

— Causei-lhe dor, meu amor? — Aaron perguntou preocupado. Ela negou, trazendo-o em encontro aos seus lábios, deixando-se conduzir à imensidão de um prazer indescritível. Doeu-lhe sim, de início, como a dor de um corte causada pela lâmina afiada de uma navalha, mas quando ele a olhou com amor e a beijou, tudo passou e o prazer voltou a lhe tomar. Isso era o amor, pensou, emocionada, satisfeita por sua decisão de se entregar a Aaron.

O amor tinha nome e sobrenome, pensou Eileen: Aaron de Brienne, Duque de Lyndford e senhor de seu coração.



Saciados depois de algumas horas dedicadas ao prazer, Eileen se encolheu contra o corpo quente de Aaron. Uma brisa mais fria a atingiu lhe causando calafrios. Talvez fosse um sussurro dos espíritos da floresta que não aprovavam a união dos dois. Mas tapou os ouvidos e ignorou qualquer recado que queriam lhe dar.

— Está com frio, meu amor? — Aaron a abraçou com gosto e tratou de aquecê-la com um dos cobertores que Eileen havia trazido.

— Sim! — Eileen respondeu aninhando-se ainda junto ao calor do corpo de Aaron. — Nada que seu calor não dê conta de afastar, meu amor! — Beijou-lhe no rosto, ainda entorpecida pelo poder da entrega. Morrigan lhe descrevera o ato do amor, não com tantos detalhes, mas o suficiente para entender a união entre um homem e uma mulher. Nada era mais sagrado para seu clã e seu povo do que compartilhar o corpo com seu escolhido, não haveria laço mais forte e sempre haveria de ser abençoado pela natureza. Por essa razão, os casamentos de sua família, de seu clã, eram realizados dentro da floresta, o mais espetacular santuário.

Aaron ainda sentia o sangue quente correndo em suas veias e a alegria que sentiu ao tomar Eileen como sua. O paraíso tinha um nome: Eileen, a dama da floresta, a mulher que quebrou as geleiras de seu coração e aqueceu sua vida.

— Você brilha como as estrelas! — Aaron apontou para o céu e depois o dedo seguiu até o nariz arrebitado de Eileen. — Uma estrela na terra! — Movimentou-se de modo a ficar novamente sobre o corpo da curandeira. — A minha estrela na terra. Alguns homens se sentem fascinados pelas estrelas, e passam noites a contemplar o céu com a esperança de decifrar os mistérios do universo. E eu sou o mais privilegiado dentre eles, meu amor... Porque toquei uma estrela e deixei-me envolver por seu brilho. Você é a minha estrela, Eileen, a minha dama da floresta.

Lágrimas vertiam dos olhos de Eileen e a cor mel de seus olhos cedeu lugar a um verde brilhante. A jovem chorava de emoção, também pela tristeza de uma decisão que não teria que ser forçada a tomar. Era para ser apenas uma noite de Beltane, sua oferenda de amor para celebrar a união da Grande Deusa com o Deus Sol, mas Aaron a havia marcado. Não só o corpo, mas a alma de Eileen pertencia a Aaron.

— Queria ser como as estrelas, Aaron! — Eileen confessou absorta na beleza

do momento e na imensidão do amor que compartilhara com Aaron. — Eternas para jamais ter que deixá-lo partir.

— Não precisa partir! Fique e faça de mim o homem mais feliz do mundo! – Suplicou-lhe Aaron, ansioso para afundar-se novamente na maciez do corpo de Eileen.

— Eu ficarei, mas temo que não serei eu a partir e sim você! Haverá o dia em que sua posição em Lyndford cobrará um preço e, nesse dia, sei que partirá! – Eileen sabia, não porque os espíritos da floresta lhe disseram, simplesmente sabia e nada poderia ser feito. — Mas quero estar ao seu lado enquanto puder estar e compartilhar de sua companhia, de seu calor e de sua proteção enquanto puder. Eu amo você, Aaron! – Eileen falou com o coração, trancando a razão em um canto escuro.

Aaron apenas a beijou em resposta e a penetrou com paixão. Não foi cuidadoso dessa vez, porque era incapaz de se conter. Sua felicidade transbordava e desejava gritar ao mundo que era o homem mais feliz do universo e que mantinha a mulher mais bela nos braços, que a amava mais do que tudo.

Embebido pelos impulsos mais carnis, compartilhou de seu prazer e fez-lhe sorrir. E quando Eileen abriu o sorriso, Aaron foi capturado novamente e rendeu-se a ela com satisfação. Eileen era sua mulher, seu amor e sua redenção.



Aaron ajudou Eileen a se vestir e a recolher os cobertores. O sol nasceria dentro de poucas horas e o melhor era que ninguém os visse. Não se importava com as fofocas, mas sabia que Eileen se magoaria.

Sem pressa, caminharam entre as sombras das árvores de mãos dadas. Hora ou outra, encontravam um casal escondido atrás das moitas. Não só ele e Eileen se entregaram ao amor na noite de Beltane, pensou feliz. Havia tomado uma decisão depois de contemplá-la dormindo aconchegada em seus braços. Assumiria a mulher como sua perante todos. Não poderia prometer casamento, não logo, uma vez que dependia do consentimento do Rei Guilherme, mas a protegeria e deixaria muito claro que ela era sua.

— Para onde pensa que está indo? – Aaron perguntou com os olhos enrugados, estranhando o rumo que Eileen pegava. Ela havia largado sua mão e, envergonhada, caminhava para os aposentos que dividia com Adele. Não haviam muitos cômodos na parte habitada do castelo, que ainda passava por reformas e construções, mesmo assim, Aaron fazia questão de que ela dormisse com ele a partir daquele dia.

— Para o quarto de Lady Adele, Aaron! – Respondeu aflita Eileen.

— Não, meu amor, a partir de hoje dividirá a cama comigo! Somos só um a partir de hoje. Não suportarei tê-la longe quando sei que estará o tempo todo tão perto.

Eileen o olhou assustada. Se ela aceitasse a proposta se converteria na amante oficial do senhor do castelo, do Duque de Lyndford. Ele não podia lhe prometer casamento, Eileen era segura disso. Novamente, uma luta entre a razão e a emoção tomaram conta da jovem curandeira e antes que pudesse reconsiderar e negar o convite, apenas estendeu a mão e deixou-se conduzir até o quarto de Lorde Aaron.

Ao chegar à porta dos aposentos de Aaron, uma aflição tomou conta de Eileen por lembrar-se de Adele e Bertha. Olhou para o duque, em súplica, e partiu para buscar Adele. Aaron entendeu o significado do olhar de Eileen e, com um gesto de cabeça, concordou que ela partisse em busca de sua filha.

Eileen encontrou Bertha com Adele aos prantos no colo. Era uma bebê manhosa e só a curandeira conseguia acalmá-la. E assim aconteceu diante do olhar apaixonado de Aaron. Bertha se retirou em respeito ao seu lorde, deixando-os a sós.

— Adele, assim como eu, não conseguiria viver sem você, meu amor! — Envolveu-a com os braços por trás, puxando-a contra seu peito. Adele adormeceria em breve, sabendo que estava segura nos braços de sua mãe postiça.

— Deixe-me levar Adele conosco? Ela está acostumada a dormir encostada a mim, Aaron.

— A levemos, meu amor! Desconfio de que esta garotinha não nos dará sossego se não estiver com sua mãe.

— Oh... Aaron! É sabedor de que não sou a mãe dela!

— Mas é como se fosse, Eileen! Ela a ama como uma mãe, assim como eu amo você como minha mulher.

Eileen sorriu e deixou-se envolver pelo momento, sentindo o gosto de pertencer a uma família de verdade. Não saberia dizer em que momento havia se apegado tanto à rotina do castelo de Lyndford, mas sabia que se tivesse seguido com seus planos de partida, sofreria como nunca. Amava Adele como uma mãe amava seus filhos, apreciava a companhia gentil de Lilith e Bertha e até mesmo da amizade que Marcel lhe oferecera, mas amava mais do que tudo Aaron e tornar-se-ia uma amargurada se o tivesse deixado para trás tão-somente pelo medo de um dia as obrigações de Aaron obrigá-la a partir.

— Amanhã pedirei que tragam o berço de Adele para nosso quarto, assim

como seus pertences! – Aaron falou ainda embasbacado com o fato de Eileen aceitá-lo sem reticências.

— Por favor, gostaria de que buscassem minha égua Princess. Ela está velhinha, mas foi-me muito útil e ainda uma companheira depois que minha tia Morrigan morreu. – Como Aaron se recusaria a atendê-la quando lhe pedia com tanta delicadeza? Aaron desconfiava que jamais conseguiria dizer um não para os pedidos de Eileen, mesmo aqueles mais ousados.

Entraram nos aposentos de Aaron e Eileen ficou admirada com a simplicidade do lugar, tão diferente dos aposentos da falecida duquesa e até então ainda não encontrava resposta ao fato de marido e mulher dormirem separados. A cama era grande sim, como pensara. Aaron era um homem alto e forte e não seria qualquer leito que conseguiria acomodá-lo. Grossas peles a cobriam e pareciam ser muito confortáveis. Deitou Adele e depositou um beijo no topo de sua cabecinha. A menina ressoava num sono profundo e nem parecia a mesma criança de minutos antes, desesperada nos braços de Bertha.

— Aaron?

— Sim! – Respondeu absorto na cena à sua frente. Sua filha sendo cuidado pela mulher que amava, tão perto de serem tocadas e acariciadas, tinha dificuldade para acreditar em sua sorte.

— Eu aceitei seu pedido e vim com você para o quarto, mas você está preparado para o que todos irão falar? Ou mesmo o que pensarão de mim? Mesmo em Lyndford não passo de uma forasteira, a curandeira da floresta.

Aaron se sentou na cama e trouxe a mão de Eileen até seu colo.

— Eu não me importo com o que falarão ou pensarão, Eileen! Só me importo com você, meu amor. Mas temo que não poderei assumi-la como uma esposa. – Isso era doído para Aaron, tão dolorido quanto uma flecha pontiaguda enfiada em seu coração.

— Eu sei! Sempre soube e nunca esperei que me pedisse em casamento, não de acordo com os costumes dos normandos... Mas Aaron! – A curandeira se ajoelhou na cama, colocando-se de frente ao amor de sua vida. — Quando nos amamos embaixo das estrelas e sob a proteção dos espíritos da floresta, para o meu povo, aquilo foi um casamento! Você me tomou e eu o aceitei e isso bastaria para minha família, para o meu clã.

Julgavam as tribos nativas como selvagens, mas nada seria mais civilizado do que celebrar o amor entre um homem e uma mulher sem qualquer obrigação a ser considerada a não ser o amor, tão-somente o amor. Se aquilo não era civilizado, o que seria? Pensou Aaron com o olhar vidrado em sua mulher. Ela o considerava seu esposo e seu coração a considerava sua, embora os outros a chamassem de amante.

— Você é tão preciosa e única, Eileen... — Envolveu-a com os braços, oferecendo o calor de seu colo para Eileen. — Nada e ninguém vão lhe ferir, meu amor! Eu não deixarei que zombem de nossa relação ou que falem por suas costas, se isso lhe entristecer. Será respeitada ou não me chamo Aaron de Brienne.

— Confio em você, Aaron! De olhos fechados, ao menos confio no homem que sei que é, mas não me iludo com o Duque de Lyndford, que sei que não deixará suas obrigações em nome de uma curandeira que não tem nada a oferecer em troca para o seu rei.

— Provarei a ti o quanto a amo! — Eileen acariciou os grossos e negros fios de cabelo de seu senhor e o consolou. Aaron ainda estava cego de amor e não conseguia perceber as dificuldades que enfrentariam. Os espíritos da floresta lhe sussurraram e ela sabia que tempos difíceis viriam, mas pouco tinha o que ser feito a não ser tentar ser resiliente. Aproveitaria o tempo que ainda restava para viver ao seu lado, sem pensar no amanhã.

— Meu amor, não prometa algo que sei que não será capaz de cumprir. — Ele tentou falar, mas Eileen não o deixou. — Nós dois sabemos que há coisas maiores que podem nos separar e isso nunca será capaz de diminuir meu amor por você.

Aaron decidiu não contrariá-la, sabendo que Eileen falava verdades, que lhe amedrontavam mais do que a própria morte ou o fracasso em uma batalha. Sempre foi um homem orgulhoso e seguro de suas escolhas, forjado no calor da guerra, que ambicionava um lugar no mundo. Mas quando se tratava de Eileen e de sua impotência de controlar o futuro, o pavor lhe tomava e um medo sem precedentes lhe trazia angústia.

Aaron e Eileen, cientes de que não podiam controlar o destino, apenas viveriam a dádiva do presente, e se acomodaram cada um em um lado da cama, com a pequena Adele entre eles, cruzando as mãos e deixando o sono dos justos

conduzi-los ao amanhã.

Aaron pensava que uma mente cansada não resolvia nada, não encontrava solução para nada. Eileen era sábia o suficiente para não pensar em mais nada apesar de sua juventude. A decisão de ficarem juntos e assumir o amor que um sentia pelo outro exigiu coragem e disposição para enfrentar as adversidades que não lhes faltariam. Amavam-se e esse amor era mais forte do que tudo, mais forte do que as obrigações de Aaron ou mesmo os segredos de Eileen.



Eileen despertou com um dedinho de Adele dentro de sua boca. Como podia um pequeno ser lhe despertar tanta ternura? A menina havia conquistado o coração da curandeira desde que a viu na noite em que nasceu, tão frágil e pequena.

— Creio que perdemos a hora, minha pequena fada dos bosques encantados de Lyndford! — Sentou-se na cama e a pegou no colo, preocupada com os panos que poderiam estar úmidos, mas não estavam e só podia acreditar que Aaron a houvesse trocado quando despertou. Eileen tentou ensinar para Aaron como cuidar de um bebê e apesar da falta de jeito, conseguiu trocar as fraldas. — Quando crescer um pouco mais, contarei para você as histórias sobre os bosques encantados de Lyndford e você irá gostar de todas elas. — Beijou-lhe no nariz.

— Bom dia, milady! — Bertha entrou sem pedir licença e acabou por assustar Eileen.

— Bertha, ainda haverá de me matar de susto. E não sou sua lady! — Continuava a ser Eileen da floresta e não via porque ser trata dessa forma.

— Como não, moça? Milorde a trouxe para os aposentos dele. Aliás, nunca vi o duque tão feliz, assoviando como um jovem enamorado. — Eileen corou com o excesso de intimidade com que Bertha lhe falou, mas relevou, sabendo que precisava se acostumar. Havia aceitado os termos daquela união e os comentários da amiga eram gentis perto de outras línguas maledicentes.

— Não sou uma lady, Bertha! O fato de aceitar compartilhar a cama com Lorde Aaron não me faz sua esposa, não para os olhos dos normandos, e não vejo motivos para me tratar como se tivesse me tornado a senhora do castelo.

— Digamos que sua posição é, no mínimo inusitada, Eileen! Mas você passou a ocupar a posição mais próxima do que entendemos por senhora do castelo.

— Não Bertha! Não diga tamanha tolice! Sabemos que o duque mal saiu do luto e que tem obrigações para cumprir, que vem antes de mim.

— Bobagem! Uma bobagem sem pé nem cabeça. Milorde é o senhor de tudo isso, o Senhor das Terras de Lyndford e ele faz o que quiser com sua vida. Quanto ao rei, se é este quem a preocupa, está longe e pouco poderá fazer para mudar os fatos.

— De que me converti em amante de Lorde Aaron de Brienne? – A conversa com a serviçal começava a lhe cansar e ainda tinha um longo dia pela frente, pensou frustrada, e uma montanha de olhares inquisidores para enfrentar. — Creio que não poderá fazer nada contra o fato de Aaron manter uma amante, mas não posso abusar disso. Guilherme é conhecido por ser um homem que se irrita facilmente e não quero causar problemas a Aaron.

Eileen deu por encerrada a conversa constrangedora e tratou de se vestir. Não era porque agora todos a reconheceriam como amante do senhor do castelo que iria dar uma de preguiçosa e não trabalhar, tinha muito o que fazer, ervas para colher e secar e cuidar da pequena Adele, a parte favorita do seu dia.

Não viu Aaron pelo resto do dia e agradeceu por isso. Claro que sentiu saudades, mas não se sentia preparada para encarar todos como a amante do duque. Evitou ficar muito tempo no salão principal ou mesmo junto às outras mulheres. Elas já não a aceitavam antes, nem agora, desconfiava que talvez a tolerariam por temer seu senhor.

— Lilith! – Eileen precisava pedir um favor para sua amiga, a única que tinha além de Bertha e Marcel, mas o jovem guerreiro não era de falar muito, então, não contava como um confidente, apenas um amigo, pensou. — Preciso de um favor, já que não voltará para o vilarejo hoje.

— Nem precisa pedir, Eileen! Ficarei com Lady Adele, com prazer! – A ama de leite falou abrindo um sorriso para a amiga.

— Como sabia que pediria tal favor? Oh... Não precisa responder, as fofocas varrem o castelo como ventania. – Eileen pensou ser uma ingênua em acreditar que ninguém perceberia sua mudança para os aposentos do duque. — Queria ter

um momento a sós com Lorde Aaron! – Confessou encabulada.

— Não se fala em outra coisa no castelo a não ser na felicidade do milorde! Lorde Aaron costuma ser muito sério, mas hoje distribuiu sorrisos e até afagos nas crianças. O que a noite de Beltane faz por um homem! – Lilith suspirou, sem qualquer cuidado de parecer intrometida e deixar Eileen envergonhada.

— Por favor, ainda não sei como lidar com tudo isso! – Confessou Eileen. — Você e Bertha me tratam com deferência, como se eu houvesse me convertido na nova senhora do castelo, o que não sou e nem sei se um dia virei a ser. É quase certo que não, e ainda tem os outros que me olham torto, temendo que uma nativa tire o lugar de direito de uma normanda ou até de uma saxã. Sabemos que os normandos têm se casado com herdeiras saxãs para garantir a propriedade das terras mais ricas depois do cerco do Rei Guilherme e...

— Eileen, por favor! – Lilith a interrompeu. — Ele está feliz e você também. É o que importa! Não pense em tantas coisas, não agora. Apenas aproveite e viva o que tem para viver com Lorde Aaron. O futuro a Deus pertence, minha amiga, ou à Grande Deusa como você mesma diz.

Lilith estava certa. Bertha estava certa. Mas o medo em perder Aaron e Adele parecia ter se convertido em uma mancha cinzenta, uma bruma que lhe causava calafrios. Tentaria viver um dia de cada vez, sem se preocupar com o futuro. Ainda haveria sua floresta, caso tudo se complicasse. Havia também sua história familiar, que precisava resguardar e esconder sua verdadeira origem de Aaron, e isso atormentava a alma de Eileen. Ela o fazia pelo seu bem e para protegê-lo, mas haveria um dia que precisaria contar e talvez quando o fizesse o perderia para sempre. Poucos entenderiam, muito menos Rei Guilherme.

Deixou Adele sob os cuidados de Lilith e partiu em direção aos aposentos que passou a compartilhar com Aaron na madrugada anterior. Queria esperá-lo com água quente e uma refeição deliciosa. O convenceria a ficar no quarto sem ter que descer para jantar. Era uma covarde, sabia, e Aaron poderia não se orgulhar de sua falta de coragem. A verdade, no entanto, passava também pelo fato de que era egoísta suficientemente para querer ele só para ela, ao menos enquanto podia, ele seria só dela.



Aaron se ocupou o dia inteiro com diversos assuntos para compensar os três dias em que não trabalhou. Havia decisões importantes a serem tomadas e suas obrigações como Duque de Lyndford lhe eram importantes, por mais que houvesse considerado, no mínimo umas dez vezes, antes de deixar seus dois amores no conforto da cama aquecida. Desejou amar Eileen novamente, só não o fez porque temeu acordar Adele e a pequena menina quando acordada exigia toda a atenção da mulher. Teria que conversar com Eileen sobre Adele, ela não poderia dormir para sempre entre eles, não quando sentia o desejo enrijecer sua virilidade. Entendia as necessidades de um bebê, mas mal havia descoberto o seu sabor e teve que dividi-la com a filha. Uma injustiça de que pretendia corrigir, já que não sabia por quanto tempo poderia apreciar a companhia da curandeira.

Deixou ordens para os homens e se recolheu mais cedo, assim que observou o sol caindo ao oeste. Era sempre o último a deixar o pátio de treinamento, mas ansiava por beijar Eileen. Passou o dia imaginando o exato momento em que a levaria para a cama e se enfiaria dentro dela, tão macia e receptiva quanto havia sido da primeira vez.

— Onde está Eileen? — Perguntou à Bertha quando a viu cruzar o grande salão em direção à cozinha.

— Nos aposentos do milorde! — Respondeu apressada. — Onde mais poderia estar? — Bertha soltou uma gargalhada, sumindo entre as sombras das paredes em pedra, provavelmente, fugindo da repreensão de Aaron.

Mas Aaron estava tão feliz que não ralharia com Bertha. Apenas queria correr para os braços de seu amor e amá-la com toda sua devoção.

Quando abriu a porta, Eileen olhava pela janela. Os raios que entravam pela janela refletiam o cobre de seus cabelos, criando novamente um halo à sua volta, transportando-o para um mundo onde só existiam anjos e fadas. Desejou com todo ardor que guerreiros pudessem se casar com fadas. E certamente um guerreiro poderia se casar com uma fada, mas Aaron não era apenas um guerreiro, era um duque e o peso das obrigações do ducado recaía sobre suas costas. Desejou tanto ser o senhor de suas terras e quando as conseguiu para chamá-las de suas, não sentira mais prazer no fato, porque Lyndford também lhe trouxera Eileen e se pudesse, se não tivesse dado sua palavra ao rei, jogaria tudo para o alto e se casaria com a dama da floresta, mesmo que precisasse abdicar de sua posição como senhor de tudo.

— Aaron! Aguardava você! — Eileen se aproximou de Aaron sorrindo lindamente. — Queria recebê-lo e confortá-lo depois de um dia de trabalho árduo. — Beijou-lhe Aaron, enlaçando-a pela cintura e absorvendo todo o perfume de lavanda que sempre o intoxicava. — Preparei um banho para você! — Apontou para uma tina que havia sido trazida pelos criados.

— Como conseguiu trazer isso para cá? — Aaron estava brincando, pois sabia de que não era capaz de fazê-lo sozinho. — Eu não costumo me banhar dentro de uma tina, Eileen.

— É claro que sei que prefere as águas do rio, mas eu acreditei que um pequeno luxo lhe deixaria feliz. Tia Morrigan falava tanto de que nobres apreciavam uma vida luxuosa, mas você é diferente deles.

— Sua tia Morrigan não parecia conhecer todos os nobres, minha adorável dama da floresta! — Exalou o perfume de Eileen, totalmente envolvido pela áurea voluptuosa que a tomava.

— Pois vejo! — Eileen enrugou as sobrancelhas e abriu covinhas no rosto, que sempre acabavam por enfeitiçar Aaron. — O que acha de abrir uma exceção e deixar-me te ajudar no banho? — Perguntou sedutora e o corpo do duque respondeu instantaneamente.

— Somente se você se juntar a mim, meu amor!

Pegou-a nos braços, suspendo-a no ar como uma pluma. Eileen era frágil e

leve diante da fortaleza de músculos que era Aaron. Seus cabelos acobreados caíam como uma cascata de luz pelas costas e sua túnica quase transparente revelava o quanto estava preparada para recebê-lo, para amá-lo e acolhê-lo. Seus seios intumescidos saltavam como dois montes preciosos e fecundos. Ela era perfeita, dona de um corpo forjado no calor do pecado. Sim, Eileen era seu pecado mais delicioso, sua perdição.

Levou-a até a tina de madeira, sempre a beijar-lhe na boca, afundando sua língua e exigindo que se entregasse como imaginara durante o dia, deleitando-se com seu sabor, com a textura acetinada de sua pele. Ela era tão alva perto de sua pele bronzeada, tão macia e tão, mas tão absurdamente atraente.

— Eu devia lhe banhar! — Eileen repreendeu-o olhando para sua roupa encharcada, que grudava ao seu corpo. O olhar sedento de Aaron a aquecia, lançando-a em um redemoinho de sensações.

— Me juntarei a ti, meu amor! — Aaron tirou suas vestes. Primeiro, a túnica suada pelo longo dia de esforços físicos, revelando músculos bem trabalhados e uma pequena trilha de pelos escuros que sumiam para dentro do seu cinto. E quando se livrou das botas e das calças, Eileen olhou para a rigidez saltitante de seu membro, deixando-a extasiada com o grande volume que parecia apenas aumentar, duvidando de que fora capaz de acomodá-lo dentro de si e ter sentido tanto prazer quando ele a tomou no ato do amor.

Mas Eileen não se ocupou em interrogações quando Aaron se uniu a ela dentro da tina, acomodando-se atrás de seu corpo e beijando-a no pescoço, incendiando-a e fazendo-a gemer indecentemente. As mãos de Aaron se ocupavam em apalpar-lhe nos seios, sempre com cuidado e, voluptuosamente, conduziu-a a um torpor sensitivo. As mesmas mãos que lhe deram prazer deslizaram até sua feminilidade. Ele a abriu e a penetrou, dedo por dedo, como fizera na noite anterior.

— Tocar em você é como me faltar em um banquete, minha bela dama da floresta! Olhar para você sem poder tocá-la era como olhar para o banquete e não poder saciar a fome. Mas tocar em seu corpo, beijar cada parte de seu precioso corpo, Eileen, é saciar uma fome que apenas cresce à medida que a provo.

— Oh... Aaron... É tão bom!

— Eu sei, meu amor, eu sei! — Aaron puxou o queixo de Eileen, trazendo os

seus rosados e delicados lábios para junto de sua boca. Devorou-a como um suculento manjar, uma sobremesa que nem um cozinheiro, por mais habilidoso que fosse, seria capaz de preparar. Eileen era seu doce e a cada mordida que dava, mais fome sentia, uma verdadeira obsessão.

Aaron, incomodado com o pano molhado que o separava da pele de Eileen, rasgou a túnica e jogou-a para fora da tina. Seus dedos continuavam na delirante tarefa de dar-lhe prazer. Eileen se entregava porque assim devia ser, jogando sua cabeça contra o peito dele e soluçando toda a aflição e luxúria que a movia rumo à perdição, um caminho sem volta. Havia sido marcada por Aaron e nunca mais seria a mesma depois dele.

Embasbacada pelo poder das mãos de Aaron em sua pele e empoderada pelos seus sofridos ofegos, virou-se repentinamente para ficar de frente para ele. Retribui o prazer que sentiu com beijos, mas queria mais e, ousadamente, envolveu seu membro viril com as mãos. Ele a guiou, ensinando-a o que fazer e como fazer para retribuir cada pedacinho de prazer que ele lhe deu.

— Monte em mim, meu amor! — Pediu com a voz embargada, tomada de intensa volúpia. Os olhos negros de Aaron ficavam ainda mais profundos à medida que Eileen se encaixava em cima dele. — Isso, meu amor! Isso mesmo, minha dama da floresta, minha fada encantada, meu tesouro... — Eileen não sabia ao certo o que fazer, como se posicionar para não machucá-lo e clamou em um zumbido rouco que lhe dissesse se estava a seu gosto.

Aaron, tomado por todos os pensamentos impuros e obscenos, apenas a puxou de encontro ao seu quadril, afundando-se dentro de Eileen, cegado pelos prazeres da carne, havia se convertido em um pecador e em um sem arrependimento. De nada adiantaria se arrepender, pesava sobre ele muitos pecados, muitos dos quais não se orgulhava, mas pecar por Eileen não lhe deixava nem um pouco arrependido. O amor não é um pecado, disse-lhe ela quando juntos foram até o paraíso dos amantes. O amor não poderia ser um pecado, não nos braços dela. Era-lhe uma bênção, uma dádiva e se fartaria dela tanto quanto poderia se fartar.

— Amo você! — Declarou-lhe Eileen com os olhos tomados de prazer, os tons de sua íris variavam entre o castanho até as nuances de verdes mais claros. Então, passou pela mente entorpecida de Aaron de que os olhos de Eileen lembravam os de um gato. Mas fadas, contavam os bardos, podiam se transformar no que quisessem e não duvidava que sua adorável dama se

transformasse em um gato ou mesmo em uma borboleta.

— Meu amor, diga-me que você é real! – Implorou Aaron, sentindo que se Eileen viesse a se mexer não conseguiria mais conter o prazer que queria se derramar dentro dela.

— Sou real! De carne e osso e com sangue que corre nas veias como qualquer mortal. – Respondeu-lhe.

— Tem certeza de que não é uma fada?! – Eileen sorriu e Aaron apenas teve certeza de que se tratava de uma fada, uma de olhar felino e cabelos cor do sol.

— O que faço para dar prazer a ti, meu amor? – Eileen perguntou, temendo não estar satisfazendo as expectativas de seu amante.

— Se ousar a se mexer, temo que me descontrolarei, Eileen, e me derramarei dentro de ti! – Disse-lhe capturado em um beijo pernicioso. Ela o seduzia inocentemente, sem saber o poder que tinha sobre ele. Outras o quiseram, o desejaram, mas nenhuma o fez dela como sua dama da floresta.

E ela se mexeu, calando-o com mais um beijo, atraindo-o como uma verdadeira fada, sem nem ao menos precisar fazer mais do que beijá-lo. Mas ele queria mais e a puxou, impacientemente, contra seu quadril, ajudando-a a se movimentar para cima e para baixo, em uma cadência enlouquecedora. Eileen lhe enlouquecia com tanta determinação e sutileza que o comovia e o fazia cativo dela cada vez mais.

— Venha para mim, Eileen! Deixe-me levá-la para que prove do meu prazer! – O resmungo de Aaron a instigou para o ápice e ela se entregou novamente ao deleite que ele lhe concedia. Jogando a cabeça para trás, sendo enlaçada por fortes braços, ela foi de Aaron novamente, mais uma vez fora lançada para um mundo desconhecido, mas tão prazerosamente intrigante que ela se jogaria sempre que ele a chamasse.

Aaron rugiu como um lobo, grudado na boca de Eileen. A língua imitava os movimentos de seu membro, acabando com qualquer sanidade que restava para ambos. As batidas fortes do coração do guerreiro eram o indicativo do quanto havia sido prazeroso compartilhar o banho com Eileen. Ela respirava em um ritmo frenético na tentativa de reencontrar a noção de espaço e lugar.

Aaron desgrudou-se do corpo de Eileen, o suficiente para buscar uma toalha de linho e envolvê-la nela.

— Não sinto minhas pernas! Na verdade, meu corpo está entorpecido de amor! – Falou-lhe com os olhos vidrados, deixando-se levar por Aaron, enrolada na toalha, até o calor das peles da cama. — Eu planejei com todos os detalhes cuidar de você. É tão frustrante! Você acabou por tomar conta de mim.

— Sempre, meu amor! – Beijou-a na testa e depositou-a no leito com cuidado.

— Fique comigo, Aaron! – Ele atendeu, nada naquela noite seria capaz de tirá-lo do lado de Eileen. Nem Adele, pensou preocupado com um possível escândalo de sua filha manhosa. Mas a entendia perfeitamente. Eileen era apaixonante e pai e filha haviam sucumbido aos encantos da curandeira.



Eileen ainda se sentia entorpecida com o toque de Aaron em seu corpo, com os beijos pecaminosos que trocaram e com a devoção com que a amou. Extasiada caiu no mais profundo sono, um sono no qual não existiam preocupações e medos. Eram apenas ela e Aaron em um lindo bosque, livres no meio da mata, acasalando como animais livres.

Acabou despertando com o peso de Aaron no colchão.

— Deve ser tarde! – Falou-lhe Eileen espreguiçando-se. Aaron ofereceu um pedaço de pão que Eileen aceitou com gosto. Estava faminta.

— Acredito que ainda dá tempo para nos reunirmos aos demais no grande salão. – Aaron desejava assumi-la como sua mulher perante todos, para que todos soubessem que Eileen lhe pertencia.

— Se importa se ficarmos aqui? – Eileen temia os olhares de repúdio, principalmente dos normandos. Sabendo que a olhariam como uma ameaça, uma forasteira de terras distantes que apenas queria usurpar para si algo de que não fazia questão de ter. Implorou para que Aaron ficasse com ela no quarto. A única coisa que queria para si era o seu amor e sua presença apaixonante, apaziguando-lhe todos os temores de um futuro que esperava ser distante.

— Claro que não, meu amor! – Trouxe-a para o colo, ninando-a contra seu coração. As batidas do coração do lorde eram como música para os ouvidos de Eileen, transmitiam paz e amor, eram batidas de amor, pensou, aconchegada

contra Aaron. — Não sou tolo em recusar oferta tão deliciosa!

— Ah, Aaron, como amo você!

— Eu também amo você, Eileen!

Beijaram-se perdidamente. Confessaram seu amor com gestos que significavam mais do que qualquer palavra e se amaram novamente, desejando que o momento perdurasse pela eternidade, como um fio dourado que os unia além do tempo. Eileen era de Aaron, assim como Aaron era de Eileen. Não haveria lei dos homens ou deuses que poderiam separar dois corações enlaçados pelo amor.

— Você precisa se alimentar, Eileen! — Repreendeu-lhe Aaron preocupado.
— Não a quero debilitada por ter sido egoísta.

— É como se eu pudesse apenas viver de amor quando estou contigo! — Ele a sentiu quente e reconsiderou a oferta por comida. Mas precisava alimentá-la ou não se perdoaria caso adoecesse por inanição. Aaron podia ser implacável contra seus inimigos, mas era um homem de coração nobre e determinado a servir mais do que a exigir. — Quando é tão protetor comigo sinto como se nada pudesse me atingir! — Emocionado com a declaração da curandeira, Aaron exigiu sua boca em um beijo repleto de malícia e a comida acabara abandonada novamente.

— Não deixarei nada de mal acontecer contigo, Eileen! Juro que a protegerei, custe o que custar, mesmo que eu tenha que fazer coisas que nunca imaginara fazer. Para protegê-la de qualquer ameaça, eu o farei.

Eileen acreditava nas promessas de Aaron, era um homem corajoso e honrado. Se havia prometido que a protegeria, assim o faria, mas esperava que, quando a hora chegasse, não exigissem mais do que poderiam suportar.

— Meu amor, apenas me prometa que irá me amar para sempre, aconteça o que acontecer, prometa que me amará! — Eileen apenas queria o amor de Aaron, não do lorde ou do duque. Pouco lhe importava se Aaron era um ferreiro ou um guerreiro, aos olhos de seu coração continuava a ser seu amor. Mas ele era um duque, um homem de confiança do rei normando, não que lhe fosse um defeito, longe disso, sentia orgulho por suas conquistas, mas sabia que assim tudo se tornava mais difícil. E Eileen guardava segredos, não que o quisesse tê-los, mas se não os guardasse, nem viva estaria para conhecer o homem de sua vida.

— Como me pede algo assim, minha preciosa dama da floresta? Nunca

duvide de que a amarei para sempre. Meu corpo, minha alma e meu coração são seus. Eu lhe fiz minha na noite de Beltane, e desconfio que naquele momento eu também fui seu. Ali, Eileen, eu entreguei a você meu coração. Você é a minha melhor parte!

Naquela noite, Aaron e Eileen trocaram juras de amor eterno, embalados pelo compasso da paixão que fervia entre os dois, numa troca sublime de sentimentos. Amaram-se como se apenas os dois importassem no mundo, numa eterna celebração ao amor. Silenciosamente, juraram aproveitar os dias que teriam juntos, deixando as preocupações para o amanhã, que era tão desconhecido quanto os mistérios do universo.



Depois de uma manhã de folga na companhia de Eileen e Adele, Aaron atendeu alguns moradores do vilarejo. Eram reivindicações triviais, brigas para resolver e disputas corriqueiras para pacificar. Como Duque de Lyndford, a autoridade máxima da região, Aaron era constantemente procurado para solucionar conflitos e o fazia com prazer, não fosse o fato de que atender os seus súditos lhe ocupasse mais tempo do que planejava e fora surpreendido pelas saudades que sentia de seu amor.

Eileen havia se acostumado com a atenção do duque e já não se intimidava quando eram surpreendidos em momentos de afeto. O quarto de Adele fora convertido em uma sala em que Eileen preparava suas poções e unguentos e ali recebia alguns pacientes. Dedicava-se alegremente à cura, mas era quando estava com Adele ou Aaron que se sentia mais feliz. Ela tinha uma família e por mais que a chamassem de usurpadora, ela apreciava a família que a Grande Deusa lhe trouxe. Mas sabia que era apenas um empréstimo e a sensação de que seus dias felizes estavam no fim a sufocava cada vez mais.

Naquela tarde, em especial, deixou Adele aos cuidados de Lilith e foi cavalgar com Princess que havia sido trazida da floresta. Era uma égua forte e com pelagem branca. Marcel a seguiu a uma distância segura, atendendo ordens de seu senhor. Ela acreditava não ser necessário tanto zelo, havia crescido dentro da floresta, mas Aaron não a queria exposta sabendo que podia ser alvo de alguma maldade. As mulheres não a aceitavam muito bem. Com exceção de Bertha e Lilith, outras a temiam e haviam homens que a queimariam viva se

tivessem a oportunidade. Eileen lidava com forças ocultas ao curar e o imaginário popular não conseguia compreender o bem que fazia às pessoas ao amenizar as dores do corpo.

— Eileen, não deveríamos nos afastar tanto! – Marcel gritou acelerando o ritmo da cavalgada a fim de alcançá-la.

— Só mais um pouco! – Gritou-lhe a curandeira. — Preciso de algumas ervas que só crescem no pântano de Lyndford.

— Diga-me do que se trata e eu mesmo irei buscá-las, mas por favor, reduza o ritmo da cavalgada. Princess está muito velha.

— Princess precisa se exercitar! – Eileen era teimosa, pensou o jovem guerreiro e, simplesmente, seguiu atrás dela.

Os últimos raios de sol caíam no horizonte e uma sombra nebulosa da lua se erguia no céu, anunciando a chegada da noite, quando Eileen e Marcel entregaram os cavalos para um dos jovens que os aguardavam nas cavalariças.

Eileen estava corada e com os cabelos bagunçados pelo vento quando entrou no grande salão e foi ao encontro de Aaron.

A visão selvagem de Eileen ofuscou Aaron, que conversava com um de seus homens. Ele só tinha olhos para ela e foi ao seu encontro, beijando-a sem pudor na frente de todos, despertando a curiosidade em alguns, inveja em outros. Aaron sabia que dentro daquela sala haviam homens que a queriam como amante, mas Eileen era dele, só dele e precisava demarcar sua posse de uma forma que todos compreendessem que a curandeira lhe pertencia, não como um objeto, mas como sua mulher.

— Não devia! – Eileen, envergonhada e tomada de intenso rubor, tentou se afastar, mas Aaron não deixou.

— Jantarão ao meu lado essa noite, meu amor! – Era uma ordem, não um pedido, deixou-lhe claro. — Ao meu lado, Eileen, para que todos vejam o quanto me é preciosa.

Eileen acatou o pedido de Aaron sem discutir, mas um nó na garganta acabava de se formar, um pressentimento de que as coisas se complicariam tão logo ela se sentasse ao seu lado. Eileen vinha de uma linhagem de mulheres poderosas e sensitivas, não apenas dominava os segredos da cura, mas também, com um pouquinho mais de empenho, poderia prever o futuro.

Depois que trocou o *léine* por um dos vestidos que Aaron lhe presenteou, pois assim lhe pediu, desceu e foi ao encontro de seu destino. O duque a recebeu com gentileza e todos se levantaram quando foi conduzida até a parte mais alta da mesa. Aquela disposição de lugares a intimidava, os normandos levavam a hierarquia a sério, que lugares eram ocupados conforme a posição que ocupavam no castelo. Ao alto ficavam os homens de maior confiança e maiores títulos. Eileen, incomodada, ocupou a cadeira ao lado direito de Aaron, aquela que seria da duquesa.

Aaron deu o sinal para que o banquete fosse servido, mas Eileen não conseguia focar em nada à sua volta a não ser nos olhares curiosos e interrogativos que lhe eram dirigidos sem cerimônia. Todos se questionavam o que Lorde Aaron de Brienne pretendia com o oferecimento de um banquete sem saber os motivos de tão distinta comemoração ou mesmo levando uma nativa a se sentar ao seu lado à mesa.

Aaron fez questão de oferecer à Eileen os melhores pedaços da caça do dia, demonstrando a todos que a jovem era sua escolhida.

— Está tão bela esta noite, meu amor! — Aproximando-se mais do que pode, Aaron falou junto ao ouvido de Eileen, que corou diante de elogio tão espontâneo. Ele a elogiava sempre, mas sempre tomava o cuidado de fazê-lo longe dos ouvidos de outros que não entenderiam a força do amor que compartilhavam.

Aaron também estava belo naquela noite. Não havia trocado a cota de malha que usara no treinamento de seu exército no início do dia. As audiências a que fora submetido pelo resto da tarde, o impediu de se banhar e teve que se contentar em apenas lavar o rosto e as mãos. Quem sabe mais tarde, convenceria Eileen de acompanhá-lo até o riacho para um banho a dois. Estava uma noite quente e nada como se refrescar na companhia de seu amor antes de cair no sono dos justos, pensou.

— Aaron, o que esconde de mim? — A curandeira o fitou com olhos interrogadores e um sorriso discreto grudado nos lábios. O calor do verão apenas a deixou mais bela e desejável, pensou o duque enquanto a admirava, louco para se enterrar dentro dela e apreciar cada parte do seu atraente e delicioso corpo.

— Apenas estou feliz com uma decisão que tomei hoje à tarde, Eileen! — Tomou-lhe a mão e beijou-a, deixando todos em volta da mesa extasiados com a

ousadia. Demonstrações explícitas de afeto eram reservadas às paredes dos aposentos que dividiam e não feitas sem pudor na frente dos súditos. Aaron se levantou e todos o olharam espantados. — Senhores e senhoras, tenho um anúncio para fazer!

Todos ali reunidos no grande salão, espantosamente, acreditavam que Aaron anunciaria sua nova esposa e Eileen seria sua nova duquesa. Algumas vozes se levantavam em resmungos baixos de admiração, outros de ressentimento pelo fato da nova duquesa não ser uma normanda, por ser uma mulher pagã.

Mas Aaron foi impedido de fazer seu anúncio com a entrada de um mensageiro do Rei Guilherme, que se aproximou altivo por ter cumprido mais uma missão oficial.

— O Rei Guilherme manda congratulações, Lorde Aaron de Brienne, Duque de Lyndford! – Ajoelhou-se diante de Aaron e estendeu o pergaminho enrolado. Aaron, intrigado com o seu conteúdo, o aceitou. Rei Guilherme não costumava mandar mensagens apenas para oferecer congratulações. Algo de importante havia acontecido ou mesmo decidido e só não esperava ter que viajar novamente, não agora que havia decidido se casar com Eileen e fazê-la sua duquesa.

Desenrolou o pergaminho e o leu com olhos aflitos. Não eram boas novas, nem uma convocação para a guerra, era um decreto de que Aaron não poderia fugir. Todo o medo de que nunca foi vítima em sua vida, o tomou como uma chuva de flechas a cravar-lhe em todas as partes de sua pele, flechas com pontas poderosas cuja malha não era capaz de repeli-las. Sentou-se extasiado em sua cadeira e releu as palavras de seu rei na esperança de que não passasse de um equívoco, mas não era. As palavras do rei eram claras e Aaron apenas queria desaparecer.

— O que aconteceu? – Eileen o tocou no braço, incapaz de ler a língua da nova corte que serviam os bretões. Sua tia Morrigan lhe ensinou várias línguas, mas o francês normando não foi uma delas, talvez, porque nem ela era fluente na língua do novo rei. — Aaron, por favor, diga-me o que Rei Guilherme deseja! – Aaron não respondeu novamente. Limitou-se a levantar e olhar para Marcel para lhe dar ordens.

— Marcel, cuide para que o mensageiro real seja bem servido e cuide de Eileen! – E saiu, deixando todos extasiados e a curandeira com o coração na

mão.



Eileen se recolheu ao quarto que dividia com Aaron, sentindo-se perdida com o que havia acontecido. Pareceu-lhe ser algo sério. Aaron não lhe deixaria sozinha no meio de tantos olhares zombeteiros e mesquinhos se não tivesse acontecido algo sério, pensou, aninhando Adele em seu colo. A pequena era-lhe o único conforto no momento.

Marcel também não soube lhe dizer o que acontecia e a angústia crescia em seu peito. O futuro havia chegado e antes do que imaginara. Sabia que um dia chegaria e exigiria de Aaron uma decisão que impactaria na vida dos dois, mas ela acreditava que era um futuro distante e que ainda havia muito a partilhar de felicidade com Aaron.

Talvez não passasse de um mau pressentimento e eram apenas questões administrativas que precisavam da atenção de Aaron, uma guerra para travar ou apenas uma exigência de reforço para outro senhor de terras. Ele já havia viajado uma vez para isso e não seria de admirar que o rei houvesse o chamado novamente.

Adele ressoava nos braços da curandeira, a única mãe que conhecera. Cuidadosamente, ela acomodou a pequena lady na cama e se deitou ao lado. Aaron preferia que Adele dormisse em seu berço, mas naquela noite, Eileen precisava do conforto, do calor e cheiro da pequena, como se Adele lhe fosse uma tábua de salvação.

Mas Eileen não conseguiu se confortar o suficiente para adormecer. Levantou algumas vezes e foi até a janela para conferir a posição da lua. Aaron havia saído há horas e não parecia que voltaria antes do nascer do sol, para seu desespero. E ainda haviam muitas horas pela frente, a espera lhe atormentava como um pesadelo, pensou resignada.

Voltou a se deitar ao lado de Adele, que havia resmungado, com os pensamentos em Aaron e com o coração angustiado. Quando o sono parecia querer chegar, um ranger de porta lhe despertou. Eileen saiu debaixo das cobertas, acreditando que Aaron havia retornado, mas era apenas Bertha que a chamava para atender uma mulher que acabara de entrar em trabalho de parto.

— Bertha, por favor, leve Adele contigo. Não posso deixá-la sozinha, sem saber quando conseguirei voltar. — Eileen sabia que quando a chamavam para ajudar em um parto era porque as coisas não andavam bem. Muitos moradores de Lyndford a temiam e somente a procuravam quando estavam desesperados.

— Pode ir, moça! Tomarei conta de Lady Adele. — A anciã falou já pegando a criança nos braços. — Lorde Aaron não retornou ainda? — Indagou-lhe Bertha com o semblante desconfiado.

— Ainda não! Nunca estive tão preocupada. — Confessou-lhe Eileen, sentindo um frio na espinha, um que era tão gelado quanto o medo que a tomava quando lembrava do rosto aflito de Aaron ao ler a mensagem do rei.

— Não se preocupe, logo Lorde Aaron retorna e explicará o que aconteceu! — Era o que Eileen mais queria, o que mais desejava com toda a força de sua alma. — Lorde Aaron iria anunciar o casamento de vocês ou foi apenas impressão minha?

— Não sei o que ele pretendia, Bertha! — Eileen não sabia o que Aaron anunciaria quando se levantou e exigiu a atenção de todos. — Ele não me falou suas intenções ou mesmo deixou escapar se iria me pedir em casamento. — Mas ele poderia ter feito, reconsiderou a curandeira.

— É muito jovem para entender o significado do olhar de um homem, Eileen! É claro que Lorde Aaron anunciaria que a queria como esposa, era tão perceptível pela forma com que a olhava, com o cuidado que a tratou. Nem um homem serve uma mulher com os melhores pedaços da caça se não é porque a tem em alta estima. Ele a pediria em casamento, sim, moça. Não duvide disso!

— Mas não o fez! — Disse-lhe Eileen, novamente sentindo a opressão da angústia de que algo não estava bem.

— Porque foi interrompido, mas o teria feito! — A velha senhora sorriu para a curandeira, partindo com Adele nos braços.

Eileen se apressou em vestir uma de suas velhas túnicas. Precisava se apressar para ajudar mais uma mãe a trazer seu filho ao mundo, mais uma nova vida. Um dia, talvez, traria seus filhos ao mundo e esperava que uma alma generosa a ajudasse também. Talvez um filho de Aaron e um sorriso se formou no rosto da curandeira ao pensar nisso, amenizando os vincos de preocupação que lhe tomaram por toda a noite, como um resquício de esperança de que

viveria para sempre ao lado do homem que amava.



Eileen retornou ao castelo com o sol do meio dia a pino. Estava cansada pelas horas de esforço pelo qual passou ao lado da jovem camponesa, para no final, não conseguir salvar o bebê. O menino nasceu morto e a dor pela perda de mais uma vida por suas mãos a deixou abatida.

— Lorde Aaron retornou? – Eileen perguntou assim que avistou Lilith com a pequena Adele no colo.

— Acredito que não! Por favor, pegue-a! – Adele estava com o rosto vermelho de chorar e quando Eileen a pegou, acabou abrindo um sorriso. — Ninguém conseguia consolá-la. Recusava-se a mamar. Lady Adele é muito geniosa. Mas o que aconteceu, minha amiga? Está com uma aparência terrível. – As olheiras escuras ao redor dos olhos da curandeira estavam profundas e estava mais pálida do que de costume.

— O bebê nasceu sem vida, Lilith! – Eileen falou deixando toda a dor sair para fora em forma de lágrimas. — Eu tentei trazê-lo à vida, mas ele não respirava, não chorava, não se mexia e quando contei para a mãe, a dor que vi em seu rosto acabou comigo. Era como se eu sentisse a mesma dor cravada em meu coração.

— Eileen, você deu o seu melhor, tenho certeza que deu o seu melhor. Mas você mesma diz que a natureza é sábia e se o bebê não vingou era para ser assim. – Lilith a abraçou sem saber o que falar ou fazer para consolar a amiga. — Você precisa descansar! Foram muitas emoções para uma noite.

— Não sei se conseguirei descansar com Lorde Aaron ainda fora. Pela Deusa, Lilith, o que lhe aconteceu para sair como um louco e ainda não ter retornado?

— Todos querem saber as razões que tiraram Lorde Aaron do salão justo quando iria pedi-la em casamento! – As palavras de Lilith apenas tiveram o efeito de deixar Eileen ainda mais apreensiva e temerosa com o que havia acontecido.

Eileen se despediu de Lilith e partiu para o quarto que dividia com Aaron, levando consigo a pequena Adele. Precisava descansar e comer alguma coisa ou acabaria desmaiando, mas o embrulho no estômago não a deixaria comer e a preocupação com o sumiço de Aaron não a deixaria fechar os olhos.

Com Adele mais calma, a curandeira livrou-se das roupas sujas de sangue e desembaraçou os cabelos. Precisava de um banho, em água corrente, para afastar todas as energias negativas que pareciam acompanhá-la desde a noite anterior.

Sua tia Morrigan esqueceu de ensiná-la que o amor poderia ser opressor e dolorido. A angústia parecia apenas crescer à medida que o sol caía ao poente como fazia todo dia. Não saiu da clausura dos aposentos pelas horas que se seguiram e não teria coragem de sair até ter notícias de Aaron. Ninguém sabia do paradeiro, nem Marcel, que sempre lhe fora o mais próximo. Não adiantava correr atrás de Aaron como uma desesperada, expondo-se aos perigos, sem nem saber para onde tinha ido ou qual direção havia pegado.

Sentindo-se sufocada pela penumbra que tomava aos poucos o quarto e aproveitando que Adele havia aceitado mamar em Lilith, deixou o castelo e foi sentar-se embaixo da bétula em que ela e Aaron costumavam trocar juras de amor, como se aquele lugar fosse o único capaz de trazer-lhe um pouco de paz.

Molhou o rosto com a água do riacho que corria fresca entre algumas pedras. Tirou suas botas e mergulhou também os pés dentro da água, na tentativa de acalmar toda a agitação que corria dentro de suas veias.

Logo após, encostou as costas no caule da bétula e fechou os olhos, querendo esquecer todo o tumulto que lhe corroia as entranhas, só queria um pouco de paz e os braços de Aaron ao redor de seu corpo. Recusando-se a escutar qualquer sussurro dos espíritos da floresta, adormeceu por um breve instante, e quando despertou o viu em pé observando as águas calmas do riacho, forte e alto como sempre fora, impressionante como sempre lhe pareceu. Aaron estava vivo,

pensou esperançosa e havia voltado para ela.

— Aaron! – Gritou-lhe para certificar-se de que não se tratava de um sonho. E não era, percebeu, assim que ele se voltou para ela. — Onde esteve por tanto tempo? – Perguntou-lhe em um misto de agonia e alívio.

— Eileen, minha adorável dama da floresta, eu preciso contar algo para você. – Aaron aproximou-se da curandeira em passos hesitantes, tão lentos que acabavam por deixá-la ainda mais preocupada.

— Pela Deusa, Aaron, não sei se suportarei mais uma notícia ruim! – A dor da morte do bebê ainda lhe consumia a alma, atormentava-lhe como uma ferida aberta, cuja cicatrização era difícil.

— Meu amor! – Tomou-a nos braços para confortá-la, temendo que a notícia que precisava dar lhe consumisse ainda mais. Algo de ruim havia acontecido com Eileen, ele sabia apenas ao senti-la tão desesperada em encontro aos seus braços. — Sinto ter que dizer, mas o que tenho a contar não é agradável, mas preciso fazê-lo, minha honra e meu amor por você não permitem esconder algo tão sério.

— Por favor, você está me assustando e eu tive uma noite tão ruim... Eu perdi um bebê e isso me dói tanto. Eu só queria poder encontrar você e sentir seu amor.

— Eileen, eu amo você, amo com todo o meu coração e não existirá outra para mim, mas você terá que ser forte e me prometer que lutará por nós dois.

— Claro que lutarei por você e por nosso amor! – Disse-lhe Eileen, sem entender o que Aaron pretendia com tanto mistério.

Aaron não sabia como contar ou mesmo dizer-lhe de que se tivesse escolha, sempre a escolheria, porque Eileen sempre fora desde o início a escolha de seu coração. Amava-a e jamais poderia ser capaz de deixar de amá-la. Mas haviam obrigações a cumprir e lamentava por isso mais do que qualquer outra alma.

— Ontem à noite eu pretendia pedi-la em casamento e o teria feito com toda a felicidade se a mensagem do rei não tivesse chegado antes... – Eileen jurou que os olhos de Aaron ficaram marejados. — Nada mudará entre nós dois. Eu prometo! Mas o Rei Guilherme quer que eu parta até Whortshire e me case com Lady Mildred Winifred, a filha do conde que foi decapitado por insurgência.

— Você se casará com uma saxã? – Perguntou-lhe Eileen, sentindo seu

coração falhar e suas pernas amolecerem. — Você irá se casar com uma saxã por ordem do rei? E eu, Aaron... O que será de mim, de nós?

— Eu não posso ir contra um decreto do rei, meu amor! — Suplicou-lhe Aaron, ainda atordoado com a notícia. Quando a leu no pergaminho e saiu como um louco, desejando apenas cavalgar para longe, havia custado para recobrar o juízo e pensar com a razão. Ele era o Duque de Lyndford e precisava cumprir as determinações do rei por mais que seu coração jamais conseguisse se recuperar. — Mas tudo permanecerá como está, Eileen! Você ao meu lado, jamais permitirei que saia do meu lado. Eu preciso me casar, mas é você que é minha mulher.

— Não, não posso ser a outra. Se eu aceitar essa situação, eu serei a outra. Eu posso ser apenas sua amante agora, mas a outra não conseguirei. — Eileen se afastou dos braços de Aaron, sentindo-se enganada e dolorida pelo que acabava de lhe falar. Amava-o com todo o esplendor de sua alma e ele se casaria com outra.

— Por favor, Eileen, eu não tocarei em Lady Mildred.

— Terá que tocar, em algum momento, terá que tocar e consumir o casamento. É com ela que terá filhos e não comigo. — A maldição havia chegado, pensou Eileen. Desde o início sabia que Aaron teria que escolher e, por mais que conseguisse compreender as razões dele, esperou com toda a força de seu ser que ele a escolhesse. — Preciso ficar só! Minhas últimas horas foram agitadas e me sinto esgotada. — Aaron se aproximou da curandeira, abraçando-a por trás e trazendo-a para perto de seu corpo. Não aceitaria que ela o rechaçasse. Ela precisava compreender que era ela que o seu coração escolhia, mas que não podia se colocar contra as ordens do rei. Sem a força do rei ao seu lado, sem o título de duque, ele não teria meios de protegê-la.

— Eu amo você, minha adorável dama da floresta! — Aaron sussurrou no ouvido de Eileen, que se aconchegou a ele, uma última vez, pensou. Ali naquele pedaço de chão, eram apenas homem e mulher, sem títulos, sem obrigações, apenas dois apaixonados trocando juras de amor eterno.

— Eu também amo você, Aaron! Mas o que me pede vai contra tudo o que acredito. Não me importo de não ser casada com você de acordo com as tradições normandas, porque me sinto sua mulher, mas com a chegada de uma esposa, eu serei relegada para sempre à condição de outra e não quero viver de

sobras. — As lágrimas que escorriam pelas faces pálidas de Eileen eram uma pequena amostra do quanto se sentia despedaçada por dentro.

Eileen se virou de frente para Aaron, espichando-se para que pudesse beijá-lo e senti-lo uma última vez. Queria amá-lo ali, embaixo da bétula, como na primeira vez. Seria uma despedida, se tivesse coragem de tocar adiante sua vida longe do castelo de Lyndford.

Os dedos longos e finos da curandeira deslizavam pelo rosto de Aaron. Ela queria gravar cada parte de suas feições, para jamais esquecer. Ela queria absorver cada detalhe do guerreiro. Ela queria ser dele uma última vez.

— Quando deverá partir? — Eileen perguntou resignada com seu destino, sabendo que jamais encontraria a cura para a dor de seu coração.

— Amanhã, meu amor! O rei teme que outro tome Lady Mildred em casamento e não podemos perder o domínio das terras de Whortshire, elas ficam em região estratégica para os planos de avanço em direção ao oeste. — Eileen tapou a boca em um momento de realização, como se tudo fizesse sentido. Aaron não precisava explicar mais nada, ela havia entendido que sua escolha fora feita. Somente sentia pelos homens ambicionarem mais do que precisavam.

— Então me ame, Aaron, me ame pela última vez. Apenas me ame como Aaron, sem reis, ducados ou herdeiras entre nós dois. Apenas eu e você, meu amor!

Aaron a puxou contra seu peito, atendendo ao pedido de Eileen com gosto, encontrando o alívio de que merecia e esquecendo que era um duque. Ali embaixo da bétula, eram apenas Eileen e Aaron, não a nativa e o duque, apenas um homem e uma mulher que se amavam com todo o ardor.

Beijou-a, envolvendo-a com os braços. Eileen correspondeu ao toque ávido do guerreiro, o seu guerreiro, deixando-se elevar e se sustentando contra a fortaleza de músculos dele. Amava-o e o amaria para todo sempre.

Aaron carregou Eileen para dentro do riacho e a despiu lentamente. Queria contemplá-la totalmente nua, delicadamente iluminada pela lua que acabava de se erguer no céu. O brilho da lua seria testemunha do amor que compartilhavam e ali, olhando para a mulher, banhada com o véu da lua, prometeu-lhe amor eterno.

— Ninguém vai ocupar o lugar que é seu, Eileen! Nenhuma mulher

conseguirá meu amor, porque é você a mulher que amo. — Aaron choraria não fosse a beleza de Eileen a lhe ofuscar. Havia passado horas, quase um dia todo fora, desesperado e perdido em meio a uma tormenta de rancor e preocupação. Não lhe era justo ter que fazer uma escolha tão difícil. Na verdade, não havia escolha para Aaron de Brienne, ele precisava se casar com a saxã em nome da honra e do juramento que fez ajoelhado diante do trono do rei. Guilherme contava com ele e sabendo dos interesses que estavam em jogo, precisava cumprir com seu dever.

— Saber que em seu coração eu sou a única me conforta! Você também será o único em meu coração, não haverá espaço para outro, porque eu sou sua, sempre fui.

Aaron beijou-lhe novamente, livrando-se das vestes pesadas para poder senti-la, pele contra pele. A delicadeza aveludada da pele de Eileen sempre fora seu maior prazer. A beleza da curandeira sempre fora sua perdição, seu cheiro de lavanda sempre fora seu delírio. Não poderia haver outra quando tudo lhe conduzia a lembrar de Eileen.

— Eu darei um jeito de tê-la sempre junto de mim, meu amor! Não sobrevivereei se me deixar. — Aaron precisava confessar, precisava ouvir de Eileen que não o abandonaria.

— É você que parte, Aaron! Você que me abandona em nome do dever. — Eileen falava verdades, ela sempre fora clara e centrada quando falava sobre seus temores. A dama da floresta estava ali com ele, abrindo seu coração, acolhendo-o e confortando-o rumo ao desconhecido que seria o seu futuro. Linda, preciosa, corajosa e tão resignada que o coração de guerreiro de Aaron se orgulhava da fortaleza que era sua Eileen. — Eu teria gostado de aceitar seu pedido de casamento, Aaron! E teria sido uma felicidade sem igual poder ser sua esposa também diante do seu Deus. Precisava lhe falar isso... Mesmo que não tenha conseguido fazer o pedido, eu aceitaria, se o tivesse feito... Sem hesitar!

— Minha bela fada, você teria me feito o homem mais feliz do mundo! — A maior verdade de sua vida, pensou Aaron. Nada e ninguém lhe fora tão valioso quanto Eileen. Mas, naquele momento, não deixaria a dor estragar o prazer de tê-la nos braços, mesmo que o temor de que fosse a última vez lhes rondassem como uma mancha nebulosa, mesmo que amanhã, Eileen o expulsasse de sua vida. Ele temera que ela não aceitasse sua nova condição no castelo. Era inteligente o suficiente para saber que Eileen era uma mulher de firmes

convicções e ser apenas a amante, sem uma duquesa para lhe fazer sombra e lembrar-lhe de que era apenas a mulher que dormia com o duque, era mais fácil aceitar. Mas com a vinda de sua esposa, tudo seria diferente e não sabia nada sobre Lady Mildred, o que ela esperava do casamento. Sua nova esposa poderia não se importar com a presença de uma amante, mas poderia tornar a vida de Eileen insuportável. Não que ele fosse deixar alguém a maltratar... Nunca admitiria que a maltratassem; e quem se achesse teria que pagar com a vida.

— Fique comigo, meu amor! Fique comigo! – Falou à Eileen quando a penetrou. Ela não respondeu, ela não queria responder. E o prazer de estar se afundando no seu calor se misturava ao temor de perdê-la, de se ver preso em um casamento sem amor, apaixonado por uma mulher que jamais poderia ser sua oficialmente, dependendo apenas da boa vontade dela para permanecer com ele. Aaron estava destroçado e desconfiava de que se Eileen o deixasse, jamais voltaria a ser o mesmo homem de outrora.

— Eu amo você, Aaron! Para sempre amarei você! É só isso que posso prometer. Você fez sua escolha...

— Não foi uma escolha, Eileen!

— Claro que foi! Sua escolha foi feita quando jurou lealdade ao seu rei. Ali abriu mão de fazer novas escolhas e não serei eu a prendê-lo. – Eileen entendia as coisas com uma simplicidade comovente. Não julgava as pessoas, apenas tentava aceitá-las do jeito que eram. Acreditava que a vida era um fino e delicado fio de lã, facilmente corrompível. Homens faziam escolhas por razões que ela não entendia, mas não podia julgá-los, nunca julgou uma pessoa antes, mesmo aquelas que a maltratavam. Aaron não seria o primeiro a ser julgado por ela, não o homem que amava mais do que tudo.

Mas Eileen não queria mais ouvir as justificativas de Aaron, apenas queria amá-lo e que ele a amasse também. Desculpas não mudariam o destino das coisas, pensou com os olhos marejados, tomada pelo torpor das investidas de Aaron contra seu quadril.

Aaron a entendeu e a contemplou como uma deusa pagã, a mais bela do panteão, se existisse um, conduzindo-a para um mundo em que não existiam obrigações para cumprir, que não existiam guerras para vencer, terras para conquistar, um mundo onde apenas existisse Eileen. Ela merecia um amor, sim, ela merecia um homem livre e desimpedido, menos complicado e marcado, ela

merecia um homem que pudesse se entregar sem ressalvas, ela merecia outro homem, Aaron era consciente disso. Mas ele também sabia que era egoísta e que se este homem chegasse a cruzar o caminho de Eileen, o mataria, só pelo pecado de querer tocá-la.

Aaron amou Eileen naquela noite, com mais ardor, mais desejo e tomado por um medo de perdê-la. Ela correspondeu com paixão e devoção, o recebeu com calor e declarou seu amor várias vezes. Mas em nem um momento prometeu que não partiria. E quando a noite parecia avançada o suficiente e sabendo que o raiar do sol os despertariam para a realidade, ela vestiu a túnica molhada e beijou-lhe uma última vez.

— Quando voltar casado, pretendo não estar mais aqui! Não suportarei vê-lo com outra. Você precisa entender que exigir que eu permaneça em Lyndford é como me enterrar viva. — As palavras da curandeira chegaram aos ouvidos de Aaron como se fossem uma lâmina a cravar-lhe o peito. Doeu-lhe tanto que julgou que a morte lhe seria mais acalentadora.

Aaron se levantou com as mãos em punho e a fúria transbordando, o autocontrole ameaçando ruir em rasgos sem qualquer possibilidade de remendo.

— Eu partirei, Eileen, partirei porque preciso, porque me fora exigido por meu rei. Mas eu voltarei, e quando voltar, você estará aqui me esperando e eu provarei que nada mudou entre nós.

— O que exige é um absurdo, Aaron! — Cansada, com os nervos em frangalhos, Eileen gritou toda a agonia que vivera nas últimas horas. — Eu e você estaríamos adiando o inevitável!

— Não, Eileen! Não consigo pensar em uma vida sem você, mas não consigo virar as costas para o meu rei, para meu dever. Eu tenho que partir ao amanhecer e não tenho tempo para convencê-la a ficar, por isso, só há uma coisa a ser feita.

Aaron se aproximou de Eileen com os olhos escurecidos pela fúria que o tomava e agindo pelo calor da emoção, jogou-a no ombro. A prenderia em algum lugar e colocaria Marcel para cuidá-la, mas ele não a deixaria partir. E assim, quando retornasse, daria o seu melhor para compensá-la e para persuadi-la de que não havia nada mais importante do que ela.



Após o terceiro dia da partida de Aaron, Marcel foi obrigado a tirar Eileen do confinamento. Adele chorava desesperadamente pela ausência da curandeira e Bertha desconfiava de que a menina ficaria doente por se recusar a se alimentar.

Eileen se comprometeu em não fugir, mas só o fazia porque amava muito Adele e não suportaria vê-la doente. Seu coração estava despedaçado e sem vontade de fazer qualquer coisa, dedicava seu tempo livre à Adele ou à arte da cura. Queria ajudar o maior número de pessoas para compensar a dor pela perda do bebê. Sabia que não podia controlar a vontade da natureza, mas não estava preparada para perder vidas.

— Precisa se alimentar, Eileen! – Lilith lhe chamou a atenção, preocupada com a apatia da amiga. A jovem curandeira havia sido tomada de uma profunda tristeza.

— Eu devia ter partido, Lilith! – Eileen confessou, temerosa de que quando Aaron retornasse não conseguisse rechaçá-lo. — Quando ele voltar casado e me procurar, eu não estou segura de que conseguirei impedi-lo e isso me assusta tanto.

Nem Lilith, nem Bertha, nem Marcel sabiam como ajudá-la. Eileen era consciente de sua condição no castelo e os dias pareciam apenas tornar tudo mais pesado.

E sete dias depois, quando a agonia transpassava o peito de Eileen como uma

flecha envenenada, um batedor enviado pelo duque trazia notícias de seu senhor e da nova senhora do castelo. Dentro de poucas horas, todos deveriam estar a postos para recebê-los.

A agitação do castelo para receber a nova duquesa oprimia o coração já machucado de Eileen, que acabou trancafiada no quarto de Adele, sendo os sorrisos da pequena seu único alento.

— Minha fadinha, o que será de mim neste castelo? — A menina sorriu enfiando a mãozinha na boca de Eileen. — Seu pai voltará casado e você terá uma nova mãe e roguemos para que seja uma boa mulher e te aceite como uma filha. A mim... Oh Adele, devo me conformar em ser apenas mais uma criada. — Seria a solução para poder ficar ao lado de Adele e ter certeza de que cresceria saudável. Mas apenas pelo tempo suficiente para fazê-la se acostumar a outro colo. Tudo era tão difícil quando seu coração sempre lhe lembrava de que amava Aaron, de que amava Adele e de que tudo seria de outra em poucas horas, de que já eram de direito de outra.

As paredes de pedras do interior do castelo já não lhe sufocavam como outrora. Sua alegria havia desaparecido, enterrada em algum lugar escuro de sua alma. Aaron havia levado consigo sua vontade de viver, não havia mais sentido para respirar a não ser por Adele. Cada sorriso que ela lhe dava era uma pequena luz de esperança que iluminava sua miserável vida.

Apesar de todas as adversidades que fora obrigada a enfrentar desde pequena, nada se comparou a dor de ter que deixar Aaron partir para um destino do qual ela não fazia parte. Chorar por quem não conheceu, por aquilo que não havia vivido, apesar de sofrido, não conseguia se comparar à dor de um coração partido.

E tudo pioraria, Eileen sabia que quando o visse junto da esposa, o buraco dentro de seu peito abriria ainda mais. Passara os dias tentando se convencer de que o melhor era aceitar os desígnios do destino, mas não conseguira espantar a revolta, a tristeza da solidão que havia sido condenada desde nova. Tiraram-lhe a família sem ter dito a bênção de conhecê-los e quando havia sentido o gosto de ter uma família para amar, as mãos implacáveis do destino tiraram novamente os que mais amava.

— Não podem me afastar de ti, fadinha! Não permitirei que nos afastem. — A curandeira olhou para a formosura de menina que brincava com uma mexa de

seu cabelo e chorou mais uma vez, sem se importar se passasse a maior parte do tempo com os olhos vermelhos e se escondendo dos olhares piedosos que todos lhe lançavam.



Quando Aaron conseguiu se livrar dos cumprimentos pela passagem de seu casamento com a herdeira de Whortshire, procurou com os olhos por Marcel, buscando notícias de Eileen. Ele agora não somente era o Senhor de Lyndford, mas também de Whortshire, duas importantes propriedades garantidas à Coroa Normanda. Deveria estar feliz com o feito, mas não conseguia nem sequer sorrir diante da ansiedade em saber notícias de seu amor.

Havia cumprido com sua promessa e retornara para Eileen sem consumir o casamento. Teria deixado Lady Mildred no castelo de Whortshire se não pairasse sobre ela a ameaça de ser sequestrada ou mesmo de contestar o casamento. Eram tempos difíceis e qualquer coisa seria usada como motivo para atacar Rei Guilherme.

Mas a repudiou como mulher. Cada vez que a olhava, a lembrança de Eileen o tomava e apenas sentia desejo de livrar-se da esposa. Lady Mildred era uma dama muito educada, mas tão frígida que não conseguiria despertar qualquer sentimento em Aaron, a não ser pena pelo triste destino dos dois.

Aaron deu ordens para que a nova duquesa fosse acomodada nos antigos aposentados de Lady Genevive e pudesse descansar da longa viagem. Não queria comemorar nada, não quando precisava sentir o calor dos braços de sua dama da floresta.

— Marcel! — Chamou seu braço direito, apreensivo por notícias de Eileen. — Como ela está?

— Não consegui mantê-la aprisionada na torre leste, milorde! — Respondeu-lhe o guerreiro, sabendo de quem pedia notícias. A visão escureceu e Aaron sentiu o chão lhe faltar. Se ela houvesse partido, a procuraria, nem que precisasse revirar os confins do inferno. — Eileen não fugiu, milorde! Lady Adele se recusava a receber o leite de sua ama, e para que não adoecesse, levamos a curandeira até à pequena. — O alívio tomou a face do duque.

— Ela está bem? — Precisava saber, arrependendo-se de mandar a trancafiarem em uma das torres como se fosse uma criminosa, mas estava desesperado e sem tempo para fazer de forma diferente.

— Abatida, milorde! Eileen não sorri mais e quase não come! Bertha acredita que morrerá de tristeza. — Precisava vê-la o quanto antes e dizer que a amava mais do que nunca, que não houvera um único dia que não pensara nela. — Perdoe-me por contrariá-lo, mas temia que Eileen não sobrevivesse naquela torre. Não era apenas Lady Adele que agonizava por sua ausência, a curandeira também.

— Obrigado, meu caro amigo! — Aaron abraçou Marcel com gratidão por ter cuidado de Eileen e por ter tido mais juízo do que ele próprio. — Fez bem em tirá-la da clausura. Agi de forma precipitada ao ordenar que a mantivessem na torre leste. Eileen não teria sobrevivido e eu não encontraria mais paz.

— Espero que ela se anime com a chegada do milorde! — Falou-lhe Marcel com o semblante taciturno, o que acabou por deixar Aaron ainda mais preocupado.

Sem mais delongas, livrou-se dos outros guerreiros que pareciam dispostos a uma comemoração e partiu em busca de Eileen. Queria ao menos vê-la e implorar por seu perdão, pela atrocidade que cometera ao enviá-la para o cárcere.

Sem ser capaz de controlar a ansiedade invadiu os aposentos de sua filha e quando avistou Eileen adormecida em cima da cama com Adele ao lado, admirou-a como se fosse a mais bela das esculturas. Aproximou-se em silêncio e ajoelhou-se diante da cama, exalando seu perfume de lavanda, pensando que sempre fora a mais perfumada. Acariciou-lhe os cabelos, encantado pelo brilho acobreado das mechas que se esparramavam soltos. Era tão bela, tão encantadoramente bela que ficaria ali horas ajoelhado contemplando-a.

Ao se recuperar do êxtase de que fora lançado, Aaron percebeu as aparentes olheiras que contornavam os olhos, sua palidez estava mais acentuada do que se lembrava e também havia perdido peso. Jamais se perdoaria por tê-la feito sofrer e faria de tudo para compensar tanto sofrimento. Vê-la abatida lhe era dolorido, tão dolorido que trocaria de lugar com ela, se pudesse, apenas para poupá-la da angústia que tinham sido seus dias.

— Aaron, é você? — Eileen entreabriu os olhos, esfregando-os a fim de

recobrar os sentidos e ter certeza de que não se tratava de um sonho.

— Sou eu, minha adorável dama da floresta! – Respondeu-lhe Aaron com o coração saltitante de emoção, sentindo cada parte de seu corpo responder à presença de Eileen. — Perdoe-me, meu amor, perdoe-me pelo mal que te causei! – Suplicou-lhe; e se fosse necessário se humilharia, deixando o orgulho de lado.

Eileen ainda estava entorpecida pelo sono que a tomou horas antes e, acreditando ainda estar dentro de um sonho bom, deixou-se acolher pelos braços de Aaron, deixando-lhe tomar em um beijo tão delicioso que seus pelos se eriçaram diante da promessa que lhe era ofertada. Os sonhos eram bons, pensou Eileen, não querendo despertar. Tudo voltava a ser colorido e feliz e ficaria ali presa para sempre. Não desejava acordar e ter que se conformar com a dura realidade de seu amor casado com outra mulher.

— Eu amo você, Aaron! – Falou-lhe Eileen, acreditando ainda estar dormindo.

— Eu também amo você, Eileen! – Aaron respondeu tomado pela emoção de ouvir que ela ainda o amava, apesar de tudo que fizera. — Estou de volta e agradeço tanto por você não ter me deixado, meu amor.

E então Eileen abriu os olhos e percebeu que não se tratava de um sonho. Aaron havia voltado e estava ali diante de seus olhos e mais casado do que nunca; e não era com ela, mas com outra mulher, que lhe trouxera terras e mais prestígio do que poderia imaginar. Essa mulher o havia feito mais importante para o seu rei enquanto ela não passava de uma nativa sem qualquer título ou propriedade, uma mulher solitária, sem família, que havia se conformado com a companhia dos animais da floresta.

— Lorde Aaron, por favor, me solte! Não é apropriado estar aqui sozinho comigo. Tem uma nova esposa para atender e não deveria estar se ocupando de mim. – Eileen estava atônita, perdida e não sabia o que dizia. Sua vontade era puxar Aaron para seus braços e dizer-lhe que havia sentido sua falta, mas sua razão, numa batalha cansativa com o coração, mandava-lhe afastar-se dele antes que não tivesse mais como impedi-lo de se aproximar mais.

— Eileen, eu voltei e voltei para você. Casei-me com Lady Mildred como me fora exigido, mas é você que quero. Não me afaste de forma tão fria, não quando me beijou com tanto ardor.

Em um sobressalto, Eileen se desenvencilhou dos braços de Aaron e foi para junto da janela. Evitando encará-lo, falou o que precisava ser dito.

— Eu fiquei, não porque me trancafiou em uma torre alta, não por você, Lorde Aaron! — Fez uma pequena pausa para recuperar a coragem que parecia querer abandoná-la a qualquer momento, na tentativa de acreditar nas próprias palavras. — Eu fiquei por Lady Adele e se me permitir serei sua dama de companhia pelo tempo que ela precisar de mim. Mas não aceitarei mais compartilhar a cama com o senhor. Trouxe meus pertences para cá...

— Eileen, por favor, não pode ser capaz de me rechaçar quando tem o meu coração para si.

— Não, Lorde Aaron! Foi bom enquanto durou, não posso negar que vivi momentos prazerosos ao seu lado...

— Vai negar que me ama, Eileen? — Aaron se aproximou, não sendo capaz de acreditar nas palavras frias que ela falava. Tudo era apenas uma forma de se proteger de todo o mal que havia lhe feito, ele estava certo disso.

— Não posso negar! Além de uma mentira, seria um ato vil de minha parte, negar todo o amor que devotei a você. Eu o amo e esse amor tem me consumido, e só encontrei forças para viver porque tenho Lady Adele. Peço a você que me deixe em paz e que siga com sua vida longe de mim. Eu prometo não deixar sua filha, em contrapartida.

A nova Eileen, mas ainda tão suave e frágil quanto se lembrava, chocou Aaron. Mas sabia que era pouco pelo que a fez passar, pela decepção que lhe trouxe e por toda dor e tristeza que via em seu semblante. Aaron precisava ter paciência para reconquistá-la, por mais difícil que fosse; precisava controlar o impulso em fazê-la sua e saciar toda a saudade acumulada dentro de si. Sabia que, apesar de tudo, havia tido sorte em encontrá-la ainda no castelo e teria que descobrir um jeito de se conformar apenas com sua presença. Se essa era a sua decisão, respeitaria.

— Não quero que viva infeliz aqui, Eileen! Pode não acreditar nos meus sentimentos, mas apenas quero que seja feliz.

— Eu terei de encontrar um motivo para voltar a sorrir. Você não é a primeira pessoa que me deixa em nome da obrigação, Lorde Aaron. Um dia talvez eu consiga encontrar a coragem para contar sobre minha história e o

senhor consiga compreender o quanto meu destino sempre cruzou a dor da perda. Por essa razão, eu devia estar mais acostumada, mas não nego o quanto sofri e o quanto sofro pela escolha que fez e não o culpo também por ter cumprido suas obrigações junto ao rei... Devo dizer que eu, melhor do que outro, compreendo o peso das obrigações. Tente viver sua vida como se eu nunca tivesse feito parte dela. Sabemos que o melhor era eu partir, voltar para a floresta e retomar minha vida simples, mas não posso deixar Lady Adele enquanto ainda sente minha falta. Imploro, Lorde Aaron de Brienne, que esqueça de mim!

Eileen não falava com o coração, percebeu Aaron. Havia voltado a erguer um muro em volta dele, uma forma de se proteger de toda a dor que havia sentido nos últimos dias. Praguejou o rei, as guerras intermináveis que travava pela ganância de conquistar novas terras, a sua nova esposa e praguejava a si pelo sentimento de honra lhe ter sido mais forte do que tudo. Não culpava a curandeira por querer manter distância dele quando ele mesmo sentia não ser merecedor do amor dela. A bondade e o coração puro de Eileen não mereciam um homem afundado em pecados como ele.

— Por favor, Lorde Aaron, retire-se imediatamente dos aposentos de Lady Adele, e quando desejar vê-la, mande avisar-me para que possa deixá-los a sós. Não peço mais nada e sei que não tenho direito ou mesmo ocupo posição de fazer exigências, mas clamo por misericórdia, como vocês normandos falam. Deixe-me viver em paz, por favor.

Atordado, Aaron deixou os aposentos e Eileen para trás, sentindo-se o homem mais desprezível do mundo, mas sabendo que era merecedor do tratamento frio que lhe fora dado. Chegou ao seu quarto e lembranças o invadiram quando encontrou um longo fio avermelhado em sua cama, que ainda cheirava ao perfume de lavanda de Eileen. Eram lembranças agradáveis que dividira com ela. E apesar da decepção em ter sido desprezado, confortava-o saber que a veria ainda no castelo e a protegeria dos males do mundo como uma rica joia do Ducado de Lyndford.



A vida seguia o ritmo que a natureza impusera, pensou Eileen, semanas depois, sentada à sombra de um salgueiro, com Adele e John a brincar com a grama, na companhia de Lilith. Observava ao longe Aaron treinar seus homens e toda vez que os olhos dele encontravam os da curandeira, ela desviava, temendo que interpretasse errado. Era difícil para Eileen vê-lo tão perto e não poder tocá-lo ou mesmo devotar todo seu amor que não havia esmorecido nem um pouco, apenas parecia lhe sufocar cada dia mais. Amava Aaron com todo seu ser e desconfiava que tanto amor não desapareceria de uma hora para outra, nunca desapareceria, ela sabia.

Aaron tentava seguir com sua vida e respeitar a decisão de Eileen por mais que parte de si não se conformasse com a distância que ela impusera para os dois. A observava sempre a distância, de modo a aplacar a saudade que crescia como erva daninha. Amava tanto Eileen que apenas em pensar que deveria cumprir com suas obrigações conjugais o fazia enojar-se com a presença de Lady Mildred.

Eileen o evitava a todo custo e toda vez que ia até os aposentos de Adele, esperando poder vê-la um pouco mais perto ou mesmo sentir seu cheiro de lavanda, ela sempre estava longe. Não suportava mais aquilo. Não aguentava mais tê-la tão perto e tão distante.

— Dizem que ele não visitou nem uma vez a esposa durante a noite! – Lilith lhe falou.

— Não preciso saber das intimidades de nosso lorde! Na verdade, não quero saber o que se passa entre o duque e a esposa. — Se Lilith soubesse o quanto machucava Eileen saber o que se passava ou imaginar o que se passava entre o duque e a duquesa, não fazia comentários do tipo. Mas Eileen não podia evitá-los, ao menos sabia que a amiga não os fazia com a finalidade de machucá-la, como outras mulheres do castelo, que faziam questão de comentar quando ela passava. — Mudemos de assunto, por favor!

Lilith concordou e se calou por um momento, sabendo que havia falado demais. Todos comentavam o fato de Lorde Aron se manter afastado da cama da esposa e todos sabiam o motivo. Lilith precisava contar para Eileen que a nova duquesa sabia as razões da recusa do marido em dividir a cama com ela e temia que a amiga fosse prejudicada por isso.

— Eileen, sei que não quer falar sobre Lorde Aaron, mas temo que a duquesa saiba que você e ele foram amantes. — Mesmo que doesse em sua amiga falar sobre Lorde Aaron, Lilith precisava deixar-lhe a par do que falavam no castelo.

— Como? Mas eu não sou mais amante de Lorde Aaron. — Eileen estava cansada daquela situação, por mais que se mantivesse afastada de Aaron e de sua esposa, os mexericos não paravam e não teriam fim enquanto ela não partisse para longe. — Pela Deusa, Lilith, do que adianta eu fazer de tudo para não encontrá-lo se continuam a falar e a envenenar a duquesa contra mim?

— Sinto muito, Eileen, sinto por tudo e sei o quanto sofre por ter que vê-lo casado com outra. Não me conformo de que não é você no lugar daquela saxã. — Falou Lilith com o olhar preso nos guerreiros que treinavam não tão longe de onde as duas se encontravam com as crianças. — Ninguém a viu sem o véu, ninguém sabe de que cor são seus cabelos! Não é de se estranhar que Lorde Aaron não a queira na cama. Deve ser fria como um bloco de gelo.

— Por favor, não percebe que seus comentários apenas me deixam nervosa? Não posso mudar o passado, não posso mudar o fato de que Aaron escolheu seu rei ao invés de mim. — Eileen se entregou as lágrimas e não suportando o aperto que tomava-lhe o peito, pediu licença e se afastou. Precisava respirar sem Lilith a lhe confidenciar coisas das quais não poderia mudar, que lhe faziam infeliz. Toda a situação que fora jogada na sua vida aliada à ausência de Aaron lhe eram uma tristeza sem igual.

E, por mais que tentasse se desapegar de Adele, não conseguia, ao contrário,

apenas a amava mais e a queria sempre perto. Vivia entre a tristeza de não ter Aaron para si por ser marido de outra e a incapacidade de se afastar de Adele. Tentava, em vão, se entregar ao ofício de curandeira e passava horas preparando poções e unguentos para aliviar as dores dos outros, quando apenas queria uma fórmula mágica para acabar com sua própria dor.

Procurava não pensar em seu futuro e se agarrava às recordações dos momentos bons que foram compartilhados com Aaron. Durante alguns dias, os pacientes e as visitas aos camponeses lhe faziam esquecê-lo e sua dor interminável, breves momentos em que ela voltava a ser a velha Eileen, a simples e gentil curandeira da floresta. Mas quando a dor retornava em seu peito e a fazia lembrar de que Aaron não a acalentaria durante a noite, tudo ficava ainda pior, parecia ainda pior.

Aproveitando que Adele brincava feliz com John e Lilith, foi até à bétula em que costumava se encontrar com Aaron e sentou-se às margens do riacho. Aquele lugar era seu paraíso, o lugar onde ela e Aaron sempre foram apenas homem e mulher a celebrar o amor, onde se amavam sem obrigações e dúvidas.

— Tem um minuto? — Eileen olhou em direção de onde vinha a voz e espantou-se em ver Lady Mildred. Até então, havia evitado a duquesa e apenas sabia que era ela quando avistava uma mancha acinzentada a se aproximar; era um aviso de que precisava se afastar.

— Milady! — Eileen se levantou com pressa e fez uma reverência, afinal, era sua senhora e merecia respeito. — Em que posso ajudá-la?

— Falaram-me que você é a curandeira de Lyndford e peço que me ajude com uma questão. — Eileen a ajudaria, com certeza. Mas não havia necessidade de procurá-la ali. Era como se a presença de Lady Mildred maculasse o lugar sagrado em que havia feito amor com Aaron.

— A senhora precisa de meus préstimos como curandeira? Se assim o for, poderia ter enviado uma criada até mim e eu iria até a senhora.

— Prefiro lhe falar longe das paredes do castelo. É um assunto íntimo e não quero dar motivo para as fofocas. — Eileen a entendia, mas ainda não aceitava sua presença ali. Era seu lugar, dela e de Aaron, e não a queria ali. — Quero que deixe as terras de Lyndford!

— Como? — Eileen sentiu as pernas fraquejarem diante das palavras da nova

senhora do castelo.

— É como escutou, Eileen! Quero que vá embora do castelo, que se afaste das terras de Lyndford. Como a nova senhora, não quero uma herege dentro de minhas terras, profanando nossos costumes.

— Não a entendo, milady! Não sou seguidora do seu credo, mas a respeito, nunca ousei fazer diferente. Lorde Aaron sabe que não seria capaz de...

— Meu marido foi enfeitiçado por você! É uma bruxa e se deseja viver, irá embora de Lyndford. – Os olhos de Lady Mildred não conseguiam esconder sua alma escurecida pelo rancor de não ter o amor de Aaron. Ela queria Eileen longe de Lyndford por se sentir despeitada.

— Não posso partir de uma hora para outra, milady! Lady Adele é muito apegada a mim. – Declarou-lhe Eileen como um pedido derradeiro para que reconsiderasse, mas foi-lhe sincera e se não existisse Adele, já teria partido para longe.

— Lady Adele é apenas um bebê e tem a mim agora. Parta o quanto antes, não tolerarei nem mais um dia sua presença em meu castelo.

— Compreendo seus motivos, milady! Mas não posso abandonar Lady Adele... Da última vez que tentei, ela se recusou a mamar...

— Não a quero mais aqui, Eileen! Cumpra minhas ordens ou prometo que transformarei sua vida em um inferno. – Mildred se virou e partiu como a mancha cinzenta e silenciosa que havia chegado, deixando a curandeira extasiada e sem saber o que fazer.

Eileen não podia procurar por Aaron, mas também não poderia partir sem preparar Adele para sua ausência e não fazia a menor ideia de como conseguiria prepará-la para algo de que ela própria não estava preparada para fazê-lo. Amava aquela menina como sua filha. Sempre fora assim, desde que a trouxe à vida. A solução era falar com Marcel, ele ainda a protegia. Era a única solução que lhe passou pela cabeça.



Mildred partiu sem olhar para trás, desejando que Eileen estivesse morta.

Sentia raiva da nativa por ter enfeitado seu marido e o feito um tolo apaixonado. Precisava consumir o casamento com Lorde Aaron e garantir sua hegemonia como duquesa. Não lhe agradou saber que precisava se casar com um normando, mas sabia tirar proveito das adversidades e essa lhe foi uma solução atraente. Aaron de Brienne era um homem viril e forte, lhe daria filhos saudáveis se não fosse a presença da feiticeira.

— O que faz aqui fora, Lady Mildred? – Aaron perguntou para sua esposa, surpreso com sua presença fora da capela do castelo. Desde que a havia trazido, Mildred passava mais tempo enfiada na capela do que fora dela.

— Vim encontrá-lo, meu marido! Pensei que você poderia me mostrar as terras de Lyndford. Estive aqui há muito tempo, acredito que muita coisa mudou. – Mildred falou sem mover os olhos em nem um momento, revelando ainda mais frieza do que estava acostumada.

— Pode pedir para que um dos meus guerreiros acompanhe a senhora, Lady Mildred! É duquesa e pode ir para onde desejar. – Falou-lhe Aaron sem olhar. Sua indiferença lhe deixava com raiva e ainda mais ódio da curandeira.

— Gostaria de saber quando meu marido irá consumir o casamento?! – Aaron parou o que estava fazendo, enfiando a espada no terreno fofo. Mildred não devia o confrontar perto dos seus guerreiros. Todos já fofocavam o suficiente e não pretendia lidar com a desconfiança de seus homens.

— Devo alertá-la de que não é o lugar para me desafiar! – Aaron estava cansado da presença de sua esposa, esgotado com a lembrança de que fora obrigado a se casar com uma nobre saxã, deixando para trás a mulher que amava verdadeiramente. Se dependesse de Aaron, Mildred continuaria intocada. Fora obrigado a se casar com ela, mas não compartilharia a cama com a dama.

Pegou-a pelo braço e conduziu-a para dentro do castelo. Precisava esclarecer algumas coisas e não queria testemunhas quando o fizesse.

— Venha comigo, milady! Preciso conversar a sós com a senhora. – Falou-lhe Aaron, determinado a deixar tudo em pratos limpos.

Mildred se empertigou quando Aaron a tocou firme, revelando medo e apreensão. O duque não era o mais delicado dos homens, mas jamais abusaria ou trataria com desrespeito uma mulher. Sabia que outros não se importavam com a honra de mulheres como Mildred e as violentavam sem dó nem piedade, mas

Aaron sempre desprezou comportamentos tão vis e acabou por se ofender com a reação da esposa.

— Não pretendo fazê-la minha esposa na cama, Lady Mildred! — Aaron falou-lhe com clareza. Foi tão claro que a deixou sem palavras. — Casei-me com a senhora. Dei-lhe a proteção do meu título e do meu nome e o fiz em nome do dever para com meu rei, mas não espere que me deite com a senhora.

— Mas e os filhos? Haverá de querer herdeiros legítimos. — Mildred se sentiu despeitada, mais despeitada do que quando lhe chegaram aos ouvidos os comentários de que Aaron mantinha uma amante e quase a fez sua duquesa.

— Não os quero! Faça o que quiser de sua vida ou com sua pureza, Lady Mildred! Apenas peço que seja discreta e não me envergonhe. — Aaron foi-lhe sincero. Não esperava que ela se mantivesse casta apenas pelo orgulho, não lhe importava em nada de que tivesse amantes desde que fosse discreta e que o deixasse em paz.

— É uma afronta o que o senhor meu marido faz comigo! Não sou como uma das prostitutas que compartilha a cama, Lorde Aaron. Sou sua esposa e mereço respeito. — A raiva tomou as faces de Mildred, revelando que era uma mulher com sangue nas veias. Ela se sentia humilhada. Sabia que era uma saxã e que se casara com o inimigo, mas não toleraria ser trocada por uma bruxa de cabelos cor de cobre e olhos de gato. — Não darei motivos para o senhor levar para sua cama aquela bruxa.

— Não tolerarei que me afronte, milady. Sou o senhor do castelo e das terras e tem que respeitar minha vontade. — Aaron tentava controlar o desejo insano de estapeá-la. Não toleraria que se referisse à Eileen como uma bruxa.

— Pois saiba que exigi que sua amante parta! — Gritou-lhe Mildred com raiva.

— O que fez? Não admitirei que tome decisões que passem por cima de minha autoridade, Mildred.

— Ela é uma bruxa, uma feiticeira que enfeitiçou você e que o faz agir sem consciência do mal que ela representa para nosso povo.

— Não! Lave a boca antes de chamar Eileen de bruxa e aprenda de uma vez por todas que a curandeira só sairá do castelo se ela desejar. Ela não é a culpada pelo nosso infortúnio, coloque isso na cabeça, e se quer viver em paz em minhas

terras, a deixe em paz ou não serei tão complacente da próxima vez que se colocar acima de minha vontade, Lady Mildred.

Aaron a deixou e partiu antes que acabasse por fazer algo do qual se arrependeria mais tarde. Não a queria mal e compreendia que Mildred não era responsável pelo casamento de que fora obrigado. Mas não toleraria que se voltasse contra Eileen como se ela fosse a culpada por ele não desejar a própria esposa.

Precisava conversar com Marcel e pedir-lhe que ficasse de olho em Eileen e em Mildred. Havia prometido ficar afastado, mas precisava de alguma forma protegê-la da ira da esposa. Mildred pareceu-lhe inconformada com a presença da curandeira e não duvidava de que procuraria tornar a sua vida um inferno. Aaron não permitiria, não toleraria e seria capaz de prender a própria esposa se fosse necessário, apenas para garantir a liberdade de Eileen.

Furioso, Aaron foi ao encontro do seu cavalo e o montou antes que cometesse alguma besteira. Precisava espairar, acalmar-se antes de qualquer coisa. Não podia se deixar levar pelo calor do momento, pela raiva de ter sido afrontado por uma saxã e não poderia procurar Eileen para aplacar todo o ardor que o consumia há semanas. Uma cavalgada teria que lhe bastar, mesmo que soubesse que seria incapaz de desfazer a confusão de sua vida. Por mais que desejasse que tudo fosse diferente, Aaron tinha uma esposa e precisava controlá-la para o bem de Eileen.



— Marcel, preciso que fique no castelo e cuide de tudo. — Aaron fora avisado de que um grupo de nativos atacava Lyndford ao sul. — Preciso que cuide de Eileen e Adele! — Não podia deixá-las desprotegidas e só confiava em seu melhor homem para fazê-lo.

— Cumprirei suas ordens, milorde! Mas ainda acredito que seria mais útil no campo de batalha. — Marcel era jovem e desejava ir para guerra mais do que qualquer homem. Depois que perdeu Lady Giane pela sua falta de título, a guerra lhe era um consolo quando não podia ter a mulher que amava nos braços.

— Faça isso e terá minha gratidão para sempre, meu caro amigo! — Aaron despediu-se e partiu rumo à fronteira sul de Lyndford.

Eileen o observava do alto da janela dos seus aposentos. Queria tê-lo abraçado e desejado boa sorte, mas não se atreveu a confrontar Lady Mildred ainda mais. Marcel havia ajudado Eileen a permanecer em Lyndford, mas sabia que não podia abusar da boa sorte.

— Desejava ter se despedido de Lorde Aaron, moça? — Bertha a olhou com olhos repletos de pena. — Duvido de que ele não a leve consigo no coração!

— Me dói demais, Bertha! — Confessou-lhe Eileen, ainda tomada pelo medo de Aaron não retornar com vida.

— Eu sei, moça! Seus olhos não escondem todo o amor que nutre por Lorde Aaron e te dou um conselho, minha querida criança, fique longe dos olhos da

milady. Ela não parece se conformar com o fato do marido não ter olhos para ela, e desconfio de que desconfiará sua frustração em cima de você, Eileen.

— Não posso mais ficar em Lyndford! Aaron não será capaz de me proteger para sempre e Lady Mildred foi muito clara ao me expulsar daqui. — Eileen precisava tomar coragem e partir para longe, mas toda vez que olhava para o rostinho redondo e feliz de Adele, seu coração falhava e a coragem desaparecia como vapor. — Tenho que resolver minha vida o quanto antes e deixar Aaron e Adele para trás, mas pela Deusa, é tão difícil ir embora quando meu coração não quer.

— Entendo você! — Bertha puxou Eileen para um abraço. A velha serviçal havia se apegado à curandeira como a uma filha, uma que não teve, e somente queria o seu bem. — Não quero que você parta, Eileen, mas temo que não exista futuro para ti em Lyndford, a não ser tristeza e tragédia.

Eileen aceitou o conforto dos braços de Bertha e deixou a tormenta que lhe corroía a alma se abrandar. Bertha, apesar de seu jeito rude, sempre se mostrou amigável, assim como Lilith e a família do açougueiro. Eram-lhe suas únicas amigas, assim como Marcel que a protegia sempre que Lady Mildred ameaçava se aproximar. Sem o carinho e o apoio dos três, não teria sobrevivido tanto tempo no castelo, não quando todos a olhavam como uma aberração do demônio. A nova duquesa havia espalhado notícias de que Eileen curava porque prometia ao diabo a alma do enfermo. E com isso, cada vez menos procuravam seus serviços como curandeira.

Não demorou muito para que todos comentassem que as mortes da primeira esposa de Aaron e do bebê da camponesa foram resultado dos acordos que a curandeira fazia com o demônio. O cerco em torno de Eileen se fechava cada vez mais. Não podia sequer andar pelas ruas do vilarejo que tomates e restos de comida lhe eram jogados. Marcel tentava impedi-los, mas nada parecia barrar o clamor do povo, uma vez incitado por sua nova senhora.

Eileen e Mildred evitavam os encontros, mas a língua ferina da senhora do castelo, assim como seu rancor por ser preterida por Aaron, fizeram-na cada vez mais maquiavélica. Não admitia que uma nativa, uma feiticeira, lhe usurpasse as atenções daquele que devia ser só dela. Aaron era-lhe a porta para o poder e precisava conquistá-lo, custasse o que custasse.

Os dias passavam rapidamente e poucas notícias eram enviadas dos

guerreiros que viajaram ao sul. Enquanto Eileen pedia às forças da natureza que poupassem Aaron, Mildred apenas trabalhava para acabar com a reputação de sua rival. Seu último ato foi impedir Eileen de cuidar de Lady Adele, sob a alegação de que a menina estava crescida demais para ser tão manhosa. Nem mesmo Marcel foi capaz de deter as ordens da duquesa e a curandeira se viu perdida sem a presença de Adele.

Lilith, sem saber o que fazer com a pequena dama, sorrateiramente, levava-a até a companhia de Eileen. Eram os únicos momentos em que a menina não chorava ou se desesperava e aquilo partia o seu coração ainda mais. Mas as duas sabiam de que se chegassem aos ouvidos da milady, não somente Eileen seria castigada, mas também Lilith. Se Aaron não retornasse o quanto antes para o castelo, as coisas só se complicariam ainda mais.

— Temo por sua vida, mais do que tudo! – Disse-lhe Lilith, segurando-lhe as mãos. Eileen havia feito Adele dormir e a colocava em seu berço. — Lady Mildred foi tomada pelo ódio e é capaz de qualquer coisa.

— Eu sei, mas não posso deixar Adele sozinha. Tenho que esperar a chegada de Lorde Aaron e, por mais que me doa, precisarei enfrentá-lo. — Eileen teria que colocar seus sentimentos por Aaron de lado e falar o que acontecia com Adele. O duque era um homem justo e a escutaria.

— Marcel recebeu notícia da fronteira?

— Apenas de que a rebelião foi controlada, mas ainda é muito cedo para retirar os homens de lá. Acredito que Lorde Aaron deixará alguns guerreiros para proteger a fronteira sul.

— O que eles querem, Eileen?

— Não sei, Lilith! Marcel também não sabe mais detalhes, mas desconfia de que Lady Mildred enviou homens de sua confiança para lá. — Eileen respondeu com o coração na mão, sentindo-se impotente por não ter riquezas ou terras, nem mesmo homens para oferecer a Aaron. Mildred era uma rica herdeira e entendia o porquê de Rei Guilherme a querer como aliada e não como inimiga. — Eu preciso ir antes que alguém nos surpreenda e chegue nos ouvidos da duquesa que descumpri suas ordens.

— Vá, minha amiga! Vá em paz e tenha certeza de que a chamarei se não conseguir acalmar Adele. Obrigada por cuidar de meu John. — Lilith e Eileen se

ajudavam na medida em que conseguiam, sempre às escondidas para não chamar atenção e passarem despercebidas dos olhos da duquesa. A mulher não hesitava quando o assunto era espalhar olhos e ouvidos por todo o castelo.

— Fique tranquila, Lilith! John estará seguro comigo e na madrugada retorno para que possa alimentá-lo. Serei eternamente grata pelo que faz para minha Adele.

— Isso terá fim quando Lorde Aaron retornar, Eileen! Apenas temos que ser persistentes e aguentarmos as provações impostas por Lady Mildred.

— Que a Deusa lhe ouça, minha amiga! Estou cansada disso tudo, esgotada.

As duas se despediram e Eileen partiu para longe dos aposentos de Lady Adele, levando consigo o pequeno John, que dormia em seus braços. Era um menino forte e saudável e se sentia um pouco mãe dele, afinal, o havia trazido ao mundo. A confiança que Lilith lhe depositava a deixava enternecida e agradecida. Não havia tido amigas antes e Lilith havia se convertido em sua melhor amiga, uma confidente de todas as horas, que não a julgava, mas apenas a acalentava.

— Marcel! – Eileen se assustou com a chegada repentina do braço direito de Aaron. — Você me assustou. – Prendeu John contra seu peito.

— Eileen, onde estava? Procurei-a em seu quarto nos fundos do castelo. – Lady Mildred havia-lhe transferido para um dos aposentos reservados aos criados, um pequeno e escuro quarto sem janelas. — Um mensageiro acaba de chegar e avisar de que Lorde Aaron foi ferido.

— Como? – As pernas de Eileen falhavam à medida que Marcel revelava mais sobre a condição de Aaron. Ele havia sido ferido com uma flecha no ombro e estava sendo trazido para o castelo.

— Deve se preparar para recebê-lo! – Marcel lhe falou com a apreensão visível em seu rosto. — Ele precisará de seus préstimos como curandeira.

— Sim, sim! Irei reunir as ervas que ainda tenho e fazer uma lista do que falta. Precisarei de muita água fresca, de preferência fervida, e casca de salgueiro... – Eileen precisava se acalmar ou desconfiava de que não seria capaz de atender o duque quando chegasse. Mas a notícia a havia pego desprevenida e era de Aaron de quem falavam, o seu amor. — Fique com John, por favor!

— Mas não sei cuidar de um bebê, Eileen! – Marcel pegou o bebê no colo de

forma desajeitada.

— Não lhe será mais difícil do que uma luta de espadas, Marcel. Apenas terá que segurá-lo enquanto separo as ervas e os unguentos para poder atender Lorde Aaron. Quanto adiantado o mensageiro está em relação à comitiva que traz o duque? – Perguntou sentindo o aperto no peito lhe tomar. Eileen estava preocupada e sabia o quanto um ferimento de flecha podia ser mortal.

— Duas horas. Mas já se passou uma hora desde que o mensageiro chegou com a notícia, então, Lorde Aaron deve estar chegando.

— Pela Deusa, eu preciso me apressar. – Eileen revirava seus poucos pertences. Encontrou lavanda, mas não casca de salgueiro e teria que instruir Marcel de como deveria colher a casca. — Marcel, por favor, leve John até Lilith e vá em busca de casca de salgueiro e um pouco de beladona. A beladona ajudará na dor e na inflamação.

— Mas não basta uma boa e forte dose de cerveja? – Perguntou-lhe Marcel.

— Eu sou a curandeira aqui e você, o guerreiro. Por favor, Marcel, faça o que peço e corra, sim. Lorde Aaron chegará a qualquer momento e quero ter as ervas ao meu dispor.



Marcel se apressou e foi atrás das ervas que faltavam para Eileen, mas quando retornou ao castelo, encontrou Eileen chorando em um canto. Seu senhor havia chegado ao castelo, mas a duquesa não havia permitido a entrada da curandeira em seu quarto e toda a implicância de Lady Mildred havia passado dos limites, pensou o jovem guerreiro.

Seu lorde não precisava de orações, muito menos receber a unção de um frade. O duque precisava de uma curandeira e Eileen era a única de Lyndford.

— Venha comigo, Eileen! – Marcel entregou a cesta de ervas para Eileen e a levou pela mão até a porta do quarto de Lorde Aaron.

— Ela não me deixará entrar aí! – Falou-lhe Eileen com os olhos cheios de lágrimas, sentindo-se fraca por se deixar abater por uma mulher como Mildred. Ela iria matar o marido se não deixasse a curandeira o tratar e Marcel sabia

disso.

— Ela vai deixar sim, porque eu garantirei que deixe. — Marcel abriu a porta e entrou com Eileen pela mão. Em tom de voz alto, mandou que abrissem as janelas e se afastassem de seu lorde moribundo.

— O que faz aqui, Marcel? — Mildred se voltou para o guerreiro com olhar raivoso e Marcel teve certeza de que aquela mulher era a personificação do mal. — Dei ordens para que ninguém incomodasse o descanso de meu marido.

— Antes de ser seu marido, milady, Lorde Aaron é meu chefe e não me perdoarei nunca se deixá-lo morrer por falta de atendimento. Venha, Eileen! Aproxime-se e cuide da ferida de Lorde Aaron.

— Como se atreve a trazer uma bruxa para cuidar do meu marido? — Lady Mildred cuspiu fogo pelas ventas, mas nem Marcel, nem Eileen se deixaram abalar e apenas trataram de cuidar de Aaron. Marcel expulsou todos dali de dentro, incluindo a duquesa, colocando-se de guarda na porta para que a curandeira pudesse cumprir com tranquilidade seu ofício.

Eileen assim o fez e quando depositou a mão sobre a testa de Aaron, constatou que ele ardia em febre. Se o ferimento não matasse, com certeza, a febre o faria e detestou ainda mais a prepotência de Lady Mildred.

— Pela Deusa, Aaron, o que fizeram com você? — Eileen não se conteve e o beijou nos lábios.

— Eu morri e não fui para o inferno! — Disse-lhe Aaron delirante. — Estou no céu apesar de todos os meus atos, eu estou no céu, sendo cuidado por um anjo de cabelos vermelhos.

— Sou eu, meu amor, e você não morreu! Não deixarei que morra, Aaron! Você me escutou?

— Eileen, é você, meu amor? A minha adorável dama da floresta? — Aaron segurou o braço de Eileen com força, mesmo enfermo e debilitado, era um homem forte.

— Fique calmo, por favor! — Tentou acalmá-lo. — Prometo que não sairei de seu lado até estar recuperado.

— Pois prefiro morrer, Eileen! Prefiro a morte do que vê-la partir para longe de mim. — Ele variava, pensou a jovem e não sabia o que falava. Seria um tolo

em deixar de querer viver, depois de ter aberto mão dela por tanto. Ele precisava viver e não admitiria deixá-lo partir tão cedo. Ele era Aaron de Brienne, o Duque de Lyndford, e não ousaria a deixá-la sozinha no mundo, ele não podia.

— Não fale tolices, Aaron! Você viverá, meu amor, viverá por mim e por Adele. — Disse-lhe Eileen com lágrimas nos olhos.

Cortou a camisa de Aaron e examinou a ferida depois de lavá-la com água fresca. Estava feia, purulenta e precisou abri-la para constatar que parte da flecha que o atingiu ainda estava dentro. Quem o atendeu havia feito um mal serviço e aquilo poderia custar a vida de Aaron.

Correu para porta e ordenou que Marcel trouxesse água quente e panos. Também precisava de uma bebida mais forte para entorpecer os sentidos de Aaron, cerveja não lhe bastaria. Eileen sabia que a dor de uma ferida inflamada era insuportável e somente uísque conseguiria dar um pouco de conforto a Aaron.

Marcel retornou com Bertha e mais dois homens para fazer a guarda da porta.

Eileen ajudou Aaron a beber o uísque e Marcel segurou-o com força quando a curandeira espetou a faca mergulhada em água quente no ombro de Aaron. O duque gritou e se contorceu e mesmo Marcel teve dificuldades em contê-lo.

— Mais uma vez, Aaron! Eu preciso puxar o pedaço de flecha e você terá que ser forte. — Eileen estava determinada a tirar aquele pedaço de madeira do ombro de Aaron e limpar a ferida para que cicatrizasse o mais rápido possível. Mas ainda temia a febre que o fazia ficar cada vez mais delirante. — Segure-o forte, Marcel! Bertha, mais água quente, por favor.

Tanto Marcel quanto Bertha atenderam as ordens de Eileen e quando ela puxou o pedaço de flecha para fora do ombro de Aaron, ele gritou, praguejando alto.

— Pronto, Marcel! Segure-o mais um pouco para que possa jogar uísque na ferida e limpar a pus. — Mais um grito de dor e o suor escorria pelo rosto de Marcel pelo esforço impressionante de manter Aaron imobilizado. — Só falta costurar e você poderá descansar! — Eileen acariciou o maxilar de Aaron com carinho. Partia-lhe o coração ter que lhe infringir ainda mais dor, mas Eileen não tinha escolha, ou era mais dor ou perdê-lo para a infecção.

— Onde aprendeu a costurar desse jeito? — Bertha perguntou com os olhos esbugalhados e com as mãos tremendo. Sentia náuseas pelo cheiro de sangue que dominava o recinto.

— Com minha tia! Ela era uma curandeira habilidosa e ainda penso de que a perdi muito cedo, havia tanto para ainda me ensinar. — Eileen falava sem desgrudar os olhos da ferida que costurava. — Mais um ponto e estará acabado, Aaron! Prometo que é o último ponto e poderá descansar.

Eileen terminou o curativo com cuidado e pediu que Bertha preparasse um chá com as cascas de salgueiro que Marcel havia colhido mais cedo. Estava esgotada, mas convicta de que o salvaria e, antes do que esperava, veria Aaron de pé, era um homem forte e haveria de se recuperar prontamente. Ela havia chegado tarde, mas não tão tarde, e graças à coragem de Marcel ela havia conseguido livrá-lo do pedaço de madeira fincado em seu ombro antes de que a infecção piorasse.

— O que faço com a duquesa, Eileen? — Marcel lhe perguntou. — Não posso mantê-la para sempre fora dos aposentos do marido.

— Por favor, Marcel, se ela entrar me expulsará e Lorde Aaron ainda precisa dos meus cuidados. Deixa-a onde está, ao menos até que ele recupere a consciência e possa decidir por si mesmo.

— Está bem! Mas temo que ela declare uma guerra contra mim. Aquela mulher é o demônio e tem um exército de homens que a servem.

— Você é o segundo no comando, Marcel! Lorde Aaron saberá recompensá-lo quando estiver curado. No momento, apenas posso agradecê-lo pelo que fez por seu senhor. — Eileen abraçou Marcel com carinho de irmão. Poucos teriam tido a coragem de se colocar contra a frieza e a insanidade da duquesa.

Eileen custava a acreditar de que Lady Mildred o deixaria morrer sem atendimento. Não compreendia os credos dos saxões, menos ainda o dos normandos. Chamavam-na de bruxa e que tinha parte com o diabo, mas deixariam um homem morrer sem atendimento. Se salvar vidas lhe fazia uma bruxa, Eileen aceitaria o apelido com honra. Entendia o que sua tia Morrigan lhe dissera quando era mais jovem de que não importava como as chamassem e sim as vidas que ajudariam com seus dons.



Aaron passou quatro dias e três noites delirando de febre. Eileen não o deixou nem um minuto sequer e Adele havia sido trazida por Lilith para que a curandeira pudesse acalmá-la. Marcel havia assumido o comando do castelo e dado ordens para que Lady Mildred não saísse de seus aposentos. O que lhes importavam é que Aaron se recuperasse para o quanto antes assumir suas funções de Senhor das Terras e do Castelo de Lyndford.

— Você precisa descansar, Eileen! — Falou-lhe Bertha quando acabava de deixar um prato de ensopado. — Dormir um pouco! Eu posso ficar com Lorde Aaron e me comprometo em chamar você se ele piorar.

— Lorde Aaron está fora de perigo, Bertha! Mas receio que quando acorde, sintase fraco. A febre consome com as forças de qualquer um.

— Tem mãos abençoadas, moça! — Bertha pegou as mãos de Eileen e as beijou como se fossem uma preciosidade. — Não me importo com o que falam de você, de que é uma bruxa e que tem parte com o diabo, que aceita sacrificar vidas para salvar outras, porque me recuso a acreditar que não foi abençoada pelo próprio criador.

Emocionada, Eileen abraçou a velha mulher. Eram momentos como aquele que a faziam acreditar ainda na humanidade, apesar de todo o mal de que fora vítima, de que seu povo fora vítima. Outras como ela foram perseguidas, caçadas como animais e receber o apoio de Bertha dava-lhe esperança de que um dia compreenderiam o dom de seu ofício, como já haviam compreendido em

outrora, quando a civilização florescia e a simplicidade reinava entre os humanos.

— Sou grata por seu carinho, Bertha! Mas não se preocupe, estou bem e pretendo ficar ao lado de Lorde Aaron até vê-lo forte novamente. — Eileen se recusava a deixá-lo, temendo qualquer mal-estar ou mesmo que a febre retornasse. Aaron dormia placidamente e se recuperava como devia ser, não queria correr o risco de algo dar errado.

Bertha se retirou, levando consigo a pequena Adele que havia adormecido nos braços da curandeira. Adele e Aaron eram os grandes amores de Eileen, por eles era capaz de tudo, pensou, sentando-se ao lado do duque e acariciando seu maxilar. A barba despontava grossa nas maçãs fortes do seu rosto e Eileen tomou a decisão de barbeá-lo, deixá-lo o mais limpo possível.

O fez com carinho, cuidando para não machucá-lo e quando o viu livre da penugem escurecida, beijou-lhe com paixão, fazendo-o despertar de seu sono profundo.

Aaron parecia estar em um sonho, um dos quais Eileen estava em seus braços, beijando-o apaixonadamente. O cansaço e a dor em seu ombro o lembravam que fora atingido com uma flecha, mas o cheiro dela era muito vivo em sua memória e o mantinha envolto em uma áurea de luz. Se aquilo fosse um sonho, não acordaria jamais.

Recusando-se a abrir os olhos, aprofundou o beijo ainda mais. Talvez fosse apenas uma despedida antes de ser enviado ao inferno. Mas era tão real, agradável e delicioso beijá-la que apenas se deixou envolver pelo prazer de senti-la tão viva.

— Eileen, meu amor, você veio até mim! — Confessou-lhe Aaron ainda com os olhos fechados e na expectativa de não despertar, queria ficar ali com ela para sempre.

— Aaron! — Ela o chamava com sua voz gentil e suave. — Você acordou? — Não, pensou o duque, ele não queria acordar, não naquele momento em que a tinha tão perto, tão calorosa e apaixonada. — Abra os olhos, Aaron! — Implorou-lhe Eileen, mas ele ainda não estava preparado para sair do entorpecimento em que fora lançado. Havia sentido muita dor nos últimos dias, frio e dor, e ali, nos braços de Eileen, tudo era mais quente e confortável.

— Não quero despertar, não quando a tenho junto de mim em um sonho. — Disse-lhe Aaron, puxando-a ainda mais contra o seu corpo. Mesmo fragilizado, Aaron ainda era mais forte do que Eileen e a prendeu contra a imensidão de músculos de seu peito.

— Não é um sonho! Sou eu, Eileen, em carne e osso! Abra os olhos e veja com seus próprios olhos.

Aaron abriu os olhos incentivado pela voz suave e delicada da mulher que era dona de seu coração e quando a viu, a puxou para mais perto de seu corpo, agradecendo pela benção de poder vê-la novamente.

— Meu amor, eu não esperava mais vê-la, nunca mais! Não esperava poder tocá-la novamente. — A presença da curandeira em seu quarto era como um sopro de vida para Aaron. Fora ferido em batalha porque não conseguia concentrar-se o suficiente, Eileen sempre estava lá, por mais que quisesse esquecê-la, ela sempre estava lá. Havia cometido o maior dos erros, ele sabia, passava mais tempo a lutar contra as lembranças de Eileen do que outra coisa. A flecha que o feriu nada mais foi do que um descuido.

— Você sobreviveu! — Ela se aconchegou contra Aaron, deixando-se levar pela felicidade de vê-lo acordado. — Diga-me como se sente, com fome, cansado ou mesmo dolorido. Preciso trocar seu curativo?

— Eileen, minha adorável dama da floresta! Obrigado por curar minha ferida, por não desistir de mim.

— Não há o que ser agradecido! Além de ser minha obrigação atender um doente ou ferido, eu o amo e temo que o perdesse para sempre. — Eileen precisava colocar para fora o medo que a tomou quando o viu desfalecido, mortalmente pálido e sem vida. Foi, então, que se lembrou de Lady Mildred e se afastou dos braços dele, temendo que os dois fossem surpreendidos.

— Não, meu amor, não se afaste de mim! Deixe-me tocá-la mais um pouco e ter certeza de que estou vivo.

— Não é certo! Preciso dizer que eu e Marcel tomamos decisões que talvez você não aprove, mas assim fizemos para salvá-lo, Aaron. Não me arrependo de ter me colocado contra o desejo da duquesa.

— Do que fala? — Perguntou-lhe Aaron preocupado com o receio que via no rosto de Eileen.

— Lady Mildred me proibiu de entrar em seu quarto para curá-lo. Se não fosse Marcel, eu não teria entrado e nem sei o que seria de ti. — Aquela simples ideia provocou arrepios em Eileen. Sabia que quando a morte chegava, não havia muito o que ser feito, mas pensar que Aaron chegou tão próximo dela, embrulhava-lhe o estômago. — Marcel explicará melhor! Buscarei algo para você comer, precisa reestabelecer as forças... — Rapidamente, a curandeira saiu do quarto, deixando-o para trás com um turbilhão de perguntas para fazer.

— Eileen, volte aqui! Preciso dizer que... — Mas a curandeira não o escutava mais. Havia muito para ser esclarecido e precisava urgentemente sair daquela cama, pensou, sentindo o peso dos dias em que ficou prostrado. Seu corpo doía como se tivesse sido atropelado por vários cavalos, mas estava vivo e tudo graças ao dom de cura de Eileen. A última coisa de que se recordava antes de cair na escuridão do sono foi que deu ordens aos seus guerreiros de que o trouxessem para Lyndford, onde Eileen poderia cuidar dele ou se fosse a vontade de Deus, pudesse morrer amparado pelos braços da mulher que amava. Era pedir muito, considerando o pecador que sempre fora, acima de tudo, pelo mal que a fez suportar. Nunca mais, desde que voltou casado, viu-a sorrir. O sorriso de Eileen sempre fascinou Aaron como um lampejo em uma noite sem estrelas e saber que ele fora o responsável por ela não sorrir só o fazia se sentir mais miserável.

Aaron ainda pensava no que havia acontecido durante sua convalescência, quando ouviu uma batida na porta e Marcel entrar sem jeito.

— Com sua licença, milorde! — Abaixou a cabeça em um gesto de respeito. — Fico feliz que despertou e, pela graça de Deus e das mãos de Eileen, vejo que melhor.

— Sim, graças a você e a Eileen eu vivo para contar história, meu amigo! Por favor, Marcel, puxe um banco e sente perto de mim. Você tem muito a me contar, já que Eileen não teve coragem.

Marcel descreveu com ricos detalhes como precisou agir para salvar a vida de seu senhor e das decisões de que fora obrigado a tomar para evitar que Lady Mildred assumisse o comando do castelo em sua ausência.

— Não acredito que Lady Mildred ousou tanto! — Aaron estava furioso com as atitudes insanas de sua esposa. — Ela não poderia ter mantido Eileen e Adele separadas, não quando todos sabem o quanto minha filha se recusa a ficar longe

dela. Sempre foram elas duas, é a única mãe que conheceu. Não tolerarei um comportamento desprezível como o de Lady Mildred em minhas terras.

— Desculpe-me, milorde, mas não permitiria que Lady Adele fosse prejudicada e menos ainda que Eileen fosse humilhada. Mas temo que milady tentará me punir e espero sua misericórdia.

— Prometo, Marcel, que nenhum castigo será imposto a você, não quando apenas cumpriu com o dever que lhe fora atribuído. Lady Mildred pagará caro pela prepotência em tentar prejudicar Eileen utilizando minha filha em seu jogo sórdido, uma alma ingênua que não faz mal a ninguém. Pela honra com que protegeu meu título e minhas terras, Marcel, e em nome do poder que me foi conferido pelo Rei Guilherme, majestade da Normandia e da Britânia, eu lhe concedo o título de Sir. — Aaron levantou apoiando-se, primeiro, na cama e depois, na parede, em busca de sua espada. Marcel se ajoelhou ao notar o que seu senhor pretendia. — Eu lhe nomeio Sir Marcel Dupont, primeiro cavaleiro da Ordem de Lyndford.

— Serei eternamente grato pelo reconhecimento, milorde, e juro-lhe ser fiel e leal, servir-lhe sempre que for chamado com honra e dignidade. — Jurou-lhe Marcel com a cabeça baixa enquanto Aaron o tocava com a ponta da espada.

— Levante, Sir Marcel, e venha abraçar seu senhor. — Exigiu-lhe Aaron, orgulhoso por poder contar com os serviços e a lealdade de Marcel Dupont, um jovem de coração leal, corajoso e destemido. O duque devia à vida às mãos abençoadas de Eileen e à coragem de Marcel em fazer o que era necessário, mesmo que isso significasse se colocar contra os poderosos. Não havia maior prova de lealdade para ele. — Sempre que me afastar, seja qual for o motivo, você será a autoridade neste castelo e nas terras de Lyndford, assim como a autoridade máxima nas terras de Whortshire.



Eileen retornou horas depois com uma espessa canja de galinha em uma cumbuca. Fez questão de prepará-la, deixando-a suculenta, mas também nutritiva.

— Por que demorou tanto para retornar, Eileen? — Falou-lhe Aaron com os olhos vidrados na beleza da curandeira. Estava mais magra, mas tão bela como

suas recordações descreviam. Os dias em que passara ao seu lado deviam ter consumido suas forças, pensou.

— Preparei uma canja forte para ti! Precisa se alimentar direito se quiser se levantar logo da cama. — Eileen abriu um sorriso discreto, deixando Aaron ainda mais admirado com sua beleza. Ela era linda, tão linda e perfeita que seus olhos ainda não acreditavam que não se tratava de um sonho. — Deixe-me ajudá-lo com os travesseiros. — Largou a tigela em cima da mesa e foi para perto de Aaron, deixando-o atordoado com seu cheiro de lavanda.

Incentivado pelo prazer que sentia ao tê-la tão perto, Aaron a puxou pelo braço, levando seu pulso até à boca. Beijou-a ali, naquela parte delicada e perfumada de Eileen, recordando-se do quanto é carinhosa e calorosa, lembrando-se de toda a maciez de seu delicioso corpo e agradecendo às forças do universo e da natureza por trazê-la de volta.

— Meu amor, deixe a comida para depois e apenas se deite ao meu lado. Você precisa descansar ou adoecerá. — Preocupava-lhe as escuras marcas que marcavam a pele ao redor dos belos olhos, que sempre lhe lembravam os de um felino. — Uma curandeira não pode ousar adoecer, Eileen! — Aaron puxou as cobertas, incentivando-a para que se deitasse ao seu lado. — Deixe-me cuidar de você.

Eileen hesitou por alguns segundos, sentindo sua determinação em não se envolver novamente com o lorde se esvaír. Não haveria mal em poder dormir um pouco, sentia-se exausta, não apenas por ter cuidado de Aaron, mas também de Adele. Deixou-se levar pela vontade de ter apenas umas horas de sono reconfortante, nos braços do homem que amava, seu lugar predileto.

Acomodou-se contra o corpo quente de Aaron. Tê-lo curado era uma dádiva, uma das quais não havia como agradecer à grande Deusa. Ele continuava casado com outra, mas também continuava a ser o homem que amava antes de tudo. Eileen se deixou levar pelo cansaço de noites mal dormidas. Aaron acariciava seus cabelos e depositava pequenos beijos no topo de sua cabeça. Ela queria que o tempo não passasse, que pudessem ficar presos naquele momento, dividindo o amor mais sublime de todos, tão puro e cristalino quanto a água de uma fonte.

— Dorme, meu amor! Descanse o quanto precisar. Não deixarei que nem um mal chegue até você. — Sussurrou-lhe Aaron.

— Preciso ver Adele! — Falou-lhe Eileen entre um bocejo e outro. Sempre os

outros eram a prioridade da curandeira, pensou Aaron, com o coração enternecido pela amabilidade da mulher que quase dormia em seus braços, embalada pelo seu amor.

— Darei ordens para que a tragam para cá, meu amor! Prometo que ninguém a separará de Adele. — Uma promessa que pretendia honrar mesmo que precisasse fazer uso da força. Lady Mildred precisava entender os termos daquele casamento e assim que estivesse recuperado, trataria de conversar com a esposa.

— Então, dormirei! Estou exausta. — Confessou-lhe Eileen com os olhos fechados, aconchegada contra o corpo de Aaron. Ela dormiria apenas o suficiente para recuperar as forças. — Não me deixe dormir muito, por favor. — Pediu-lhe, mas Aaron a deixaria dormir o quanto quisesse, ali em seus braços descansaria em paz, amparada pelo seu amor, que apenas parecia mais enraizado do que as raízes dos centenários carvalhos de Lyndford.



Eileen dormiu tanto que despertou se sentindo maravilhosamente bem. Precisava descansar, mas acreditava que havia exagerado e perdido a hora.

— O que faz de pé, Aaron? – Perguntou aflita por vê-lo de pé, mas tão lindo que foi tomada por uma emoção profunda. Aaron era um homem de um porte impressionante e toda vez que o via sem camisa, comichões tomavam conta de seu corpo. — Não devia estar em pé! Não depois de quase morrer.

— Sinto-me ótimo! Melhor impossível, meu amor. – Aaron se aproximou da cama e sentou, fazendo com que seu peso afundasse o colchão e trouxesse Eileen para perto dele.

— Que horas são? – Perguntou-lhe Eileen numa voz rouca, revelando o quanto havia se entregado ao sono. — É como se tivesse dormido dias a fio.

— E você dormiu, Eileen! Um dia e uma noite.

— Devia ter me acordado! – Eileen custava a acreditar que ela havia dormido tanto. Nunca fora uma dorminhoca antes e gostava de ser a última a dormir e a primeira a acordar.

— Não tive coragem, meu amor! – Aaron tocou o queixo de Eileen e delicadamente trouxe os lábios para junto de sua boca. Beijou-a com gosto e satisfação, afundando sua língua faminta dentro da maciez da boca da curandeira, sorvendo cada suspiro que ela ousava soltar.

Eileen, não tendo coragem de interrompê-lo, deixou-se levar pelo deleite de

sentir a proteção de Aaron em seu corpo, pelo desejo que a cegava para qualquer resquício de racionalidade. Ali no quarto de Aaron, envoltos na magia do amor que compartilhavam, ela poderia ser dele assim como ele era dela. Não haveria outros, nem deveres a serem cumpridos, eram apenas os dois e seu eterno amor.

— Aaron... Nós não devíamos... – Eileen não conseguiu completar a frase, já que o duque estava decidido a tê-la e ela poderia permiti-lo avançar mais e entregar-se ao homem que não saía dos seus pensamentos. Sim, ela poderia, mas não era certo. Ele ainda se recuperava do ferimento e os pontos poderiam romper. — Aaron, seu machucado...

— Prometo tomar cuidado, meu amor! Deixe-me provar de seu mel, Eileen, e matar a saudade que me sufoca. – Disse-lhe Aaron, descobrindo-a e passeando com as mãos por toda a extensão das pernas macias da curandeira.

— Isso não está certo! – Eileen precisava pará-lo antes que não conseguisse mais deter seu desejo por Aaron. — Você tem uma esposa.

— Você é a esposa do meu coração, minha adorável dama da floresta. Nos casamos na noite de Beltane, não foi isso que me disse quando se entregou a mim?

— Você lembra? – Aaron lembrava e Eileen não acreditava que ele poderia se lembrar de algo tão sublime quanto a noite de Beltane, das juras de amor que trocaram e dos sonhos que foram compartilhados embaixo de uma bétula.

— Jamais meu coração e meu corpo esquecerão daquela noite, meu amor! Somos casados de acordo com os costumes do seu povo, Eileen.

— Mas não de acordo com os costumes do seu povo, Aaron! Você tem uma esposa...

— Não fale sobre isso agora, meu amor. Deixe-me amá-la, se entregue para mim. – Tomou-lhe Aaron em um novo beijo fervoroso, na expectativa de convencê-la a ser dele novamente, na expectativa de arrefecer o desejo que o consumia há semanas.

Eileen correspondeu ao exigente beijo do lorde, entregando-se ao ardor que a consumia cada vez mais, a cada novo toque. Aquele amor não merecia ficar preso, ele desejava sair e se unir ao homem que lhe despertava tanto amor. Aaron e Eileen eram o complemento um do outro e separar duas metades era como quebrar um vaso, deixando-o sem utilidade, apenas dois pedaços quebrados.

— Não deixarei que se afaste novamente, Eileen! Eu a amo e preciso de você ao meu lado... Não servirei para mais nada sem você ao meu lado. Cada maldito dia que passei longe de você, sem desfrutar de seus beijos apaixonantes, meu corpo sofreu, meu coração doeu. Cometi um equívoco em aceitar Lady Mildred como esposa, Eileen, e não sei o que farei para consertar tamanho equívoco. Mas se me aceitar com o pouco que tenho a te dar, prometo que a protegerei e tentarei compensar todas as amarguras que a posição de uma amante lhe trouxe.

Eileen fitou Aaron com os olhos cheios de lágrimas. Amava-o com toda sua vida e o queria perto dela, mesmo sabendo que ele era marido de outra. Tentou esquecê-lo, tentou matar seu amor por ele, mas nada foi capaz de tirá-lo de dentro dela. Seu amor por Aaron era mais forte do que tudo, do que as ordens do rei, do que as convenções normandas e do que sua determinação de não amá-lo.

Simplesmente aceitou seu destino como amante de um nobre guerreiro normando. Ao menos receberia amor e daria amor ao homem que o seu coração elegeu, era uma vítima do próprio coração. Acolheu Aaron em seus braços, abrindo-se para ele, beijando-o e se entregando ao doce sabor de pertencer a ele, aplacando semanas de angústia e tristeza. Ele a completava e a amava com tanta paixão que todos os medos da curandeira foram esquecidos em um canto escuro de sua mente.

O corpo de Eileen era consumido pelo fogo da paixão e fagulhas poderiam ser vistas do céu. Aquele encaixe era o certo. Ela sempre havia desejado compartilhar seu amor novamente com Aaron, até os fins de seus dias, até a morte os separar, e, mesmo assim, ela ousava querer segui-lo para além de um mundo desconhecido para os dois.

— Eu amo você! – Confessou-lhe Eileen com o coração e com a alma em sintonia com o seu corpo, tudo nela respondia ao chamado de Aaron.

— Farei dar certo dessa vez, meu amor! – O corpo de Aaron a queria como nunca e sentir sua virilidade em encontro à brandura do corpo da curandeira era a redenção de que nunca acreditou ser merecedor. Afundou-se ainda mais, sentindo-se cada vez mais entorpecido, cada vez mais pleno e gratificado por ela aceitá-lo como seu amante. — Você é o meu melhor, Eileen! – De uma maneira incontrolável, as investidas de Aaron tornavam-se mais intensas e mais prazerosas para ambos. Nenhuma mulher ousou acolhê-lo como Eileen, nenhuma mulher o tinha tão apaixonado e tão em êxtase quanto Eileen. Aaron respirava ao compasso das batidas do coração da curandeira, envolvendo-a em

uma penumbra intensa de luxúria. Era pequena, esguia e frágil, mas tão acolhedora e receptiva, encaixando-se à perfeição da fome de que seu corpo sentia, da sede de sua alma. Fartar-se-ia dela e quando se sentisse saciado, a tomaria de novo, porque lhe prometera um futuro juntos.

Eileen se contorcia pelo prazer que lhe era oferecido, desfrutando do corpo de Aaron grudado no seu. Eram amantes, sempre foram e a verdade era que nunca deixaram de sê-los. O prazer lhe consumia como um graveto jogado em uma fogueira, tão intenso e envolvente quanto as labaredas de uma fogueira de Beltane. Mas quando os dedos de Aaron atingiram a carne tenra de sua feminilidade, Eileen foi transportada para um outro mundo, um mundo em que todos os sentimentos eram aguçados e alimentados pela ardência da paixão. A cada toque de Aaron em seu corpo, o mundo se desconstruía, a realidade desaparecia e a felicidade não parecia tão distante. Nos braços de Aaron, encontrou a felicidade e ali queria permanecer para sempre.

Aaron queria vê-la por inteiro, relembrar cada pedaço de sua formosura. Separou-se brevemente do corpo da mulher, tirou-lhe a túnica e puxou-a para cima de seu corpo.

— Cavalgue em mim, Eileen! Faço do meu corpo e de minha alma seus, meu amor! – Eileen jogou os cabelos para trás, uma espessa trança cujos fiapos de cabelos se desprendiam caindo em volta de seu rosto como uma moldura de cobre. Seus olhos mais esverdeados do que castanhos o chamavam para a perdição e Aaron, vencido pela luta de se manter afastado de Eileen, entregou-se, porque ali naquele olhar havia uma promessa de prazer intenso, o verdadeiro sabor do amor compartilhado entre duas almas afins.

Como uma verdadeira deusa guerreira, uma daquelas cantadas pelos bardos, Eileen se ajustou ao corpo viril de Aaron e lentamente moveu sua feminilidade em encontro à sua rigidez pulsante, acomodando-o com cuidado, deixando-o ainda mais duro, possuído pelo tesão que o movia à procura do corpo dela. E quando Eileen se sentiu segura e confiante, se moveu mais um pouco e o enterrou dentro de si, trazendo-o para o seu mundo de desejo e paixão.

Ele se perdeu naquela sensação maravilhosa de preenchimento. Ali era seu lugar, pensou Aaron. E se perdeu ainda mais, ajudando-a a se movimentar e quando não aguentava mais segurar, derramou-se dentro dela, depositando a sua semente em rajadas potentes.

As longas semanas afastados acabaram por aguçar todos os sentidos de Aaron e cada vez que a beijava, cada carinho que dava à Eileen, cada estocada que ela recebia com gemidos era-lhe como uma sinfonia, uma canção que o enfeitiçava, fazendo-o ainda mais cativo de seu amor.

— Aaron, foi maravilhoso! – Eileen caiu sobre o peito de Aaron ainda sentindo o pulsar do seu membro dentro dela, tão absurdamente ereto e potente... Ele era viril, forte, atraente e a fazia suspirar, delirar. Era dele e não podia mais fugir de seu destino, como esposa ou amante era de Aaron, só dele e assim queria, assim precisava ser.

Aaron a acolheu com carinho. Desfez a trança longa e desembaraçou os cabelos cor de cobre de Eileen, ainda entorpecido pelo prazer de estar grudado em seu corpo quente, o ápice de um sentimento forte e real. Aquilo fora realidade, o amor que sentia por Eileen era sua realidade e o resto teria que se ajustar, pensou embriagado pelo perfume dos seus cabelos, a lavanda que sempre o intoxicou e o levou a imaginar como seria tocá-la tão intimamente. A imaginação lhe fora generosa, mas ainda lhe faltaram os detalhes de Eileen, seu sorriso tímido ao ser tomada pela volúpia, suas bochechas levemente coradas ao dizer-lhe o quanto o amava e sua voz de fada a lembrar-lhe o quanto era delicada, frágil e preciosa. Era sua fada encantada, sua dama da floresta.



Horas depois, ainda afoito pelos momentos de prazer compartilhados com exaustão, Aaron foi até o quarto da filha e a trouxe para o seu. Adele crescia feliz, e quando avistou Eileen abriu o sorriso desdentado mais encantador que ele teve a honra de ver.

— Ela está linda, não está? – Eileen beijou a face corada de Adele que se entregou às carícias da curandeira, desesperada para matar a saudade.

— Obrigado, Eileen, por fazer parte da vida de minha filha, por amá-la como uma filha e por me fazer tão feliz com sua presença. – Aaron precisava externar o que sentia. Não era o mais habilidoso com as palavras ou mesmo um exímio orador, mas conseguia dizer com simplicidade o quanto a amava e o quanto a queria por perto.

— Ela sorriu para você, Aaron! Penso que ela saiba que você é o pai. –

Eileen acariciou a esparsa cabeleira de Adele, beijando-a ternamente. As duas se amavam e era nítido o quanto se queriam bem. Como Lady Mildred pôde separá-las? Pensou o duque. — Pegue-a! — Eileen entregou-lhe Adele. — Ela se parece contigo, Aaron. Cabelos escuros como uma seda negra e pele bronzeada. Também enruga os olhinhos como você. Veja! — A curandeira fez cócegas na barriga da menina que se contorceu em gargalhadas. — Você pode beijá-la, Aaron. Ela não quebrará! — Eileen riu com o desespero marcado no rosto do guerreiro. Tinha certeza de que enfrentaria batalhões dos mais experientes guerreiros, mas temia quebrar a própria filha com um beijo.

— Temo machucá-la! — Disse-lhe Aaron, segurando a filha desajeitadamente.

— Desde quando o carinho de um pai pode machucar um filho, Aaron? Deixe de ser tolo e beije sua filha. — Ordenou-lhe Eileen ainda rindo do desespero de seu amante. — Você fala que sou frágil e mesmo assim não me machucou, então, o que espera para beijar sua filha?

— É diferente! — Ralhou-lhe Aaron, ainda acreditando que poderia ferir a filha.

— Meu amor! — Eileen foi para junto dos dois e se aconchegou em uma das pernas de Aaron, beijando-lhe a face carinhosamente. — Adele se sente segura em seus braços como eu me sinto e sabe o motivo? Ela sabe que você é o pai.

E assim motivado pelas palavras gentis da curandeira, Aaron, o terrível, beijou o rosto rosado de sua filha e deixou-se contagiar pelo mais puro e genuíno amor: o amor sentido por um filho, carne de sua carne, sangue de seu sangue.

Adele se grudou na cabeleira do pai, soltando gritinhos animados. Era uma criança sapeca e muito feliz, uma felicidade causada pela presença de Eileen.

— Essa garotinha do papai ama cabelos! — Disse-lhe Eileen sorridente com as travessuras de Adele. — Os meus são os que ela mais gosta e vez ou outra consegue arrancar um punhado deles.

— Ela tem bom gosto, minha adorável dama da floresta. — Disse-lhe Aaron embasbacado com tamanha demonstração de carinho. Jamais pensou em dividir momento tão belo em sua vida com outros, apenas sonhou com suas terras e uma esposa, porque lhe era esperado herdeiros, mas nada chegava aos pés de toda a emoção que compartilhava com Eileen. — Minha pequena Adele saiu ao pai. — Falou o duque orgulhoso.

— Sim. Tão obstinada quanto o pai. E exigente também. Essa pequena fada da noite, não suporta ficar longe de mim. Preocupa-me quando não poderei estar com ela, como aconteceu enquanto estive fora. O que será feito de Adele? Ela não cede, Aaron, é birrenta e manhosa como nunca vi.

— Por hora ela a tem e eu garantirei que sempre a tenha, meu amor. Adele, assim como eu, precisa de você. Entendo toda sua manha, Eileen! Faria o mesmo se não fosse um homem feito. Sou conhecido em toda a região e na Normandia como terrível, mas você, uma simples e delicada dama da floresta, me mantém cativo e escravo de seu amor.

— Ah, Aaron... Você que me fez sua escrava, escrava do amor que sinto por você! – Eileen o beijou apaixonadamente, disposta a tudo pelo homem que amava. Eram uma família das mais tortas que existiam, mas eram uma família e isso lhe bastava, enchia seu coração de alegria e deixava-a mais tranquila que Adele cresceria cercada de amor, ao menos estava disposta a lutar para que a pequena crescesse em meio ao amor que ela e o pai devotariam.

— Vamos deixar essa pequena dormir aqui? – Perguntou-lhe Aaron com olhar travesso, na expectativa de poder amar novamente Eileen. Era muita saudade acumulada em seu corpo e se sentia disposto a tê-la mais uma vez, talvez várias vezes antes do amanhecer se ela não se sentisse tão cansada para tanto.

— Podemos colocar ela no berço, se você for até o quarto dela para buscá-lo. Não quero passar nem mais uma noite longe de Adele, Aaron! – Implorou-lhe a curandeira com os olhos mais castanhos, lembrando-lhe um cálice de mel.

— O que não faço por você, meu amor? Tudo que me pede chorando como uma gata, eu atendo sorrindo como um verdadeiro bobo da corte.

— Prometo recompensá-lo! – Eileen não devia fazer promessas, mas estava ali e havia passado tempo o suficiente para que comentassem em toda Lyndford. E se falavam ao menos comentariam uma verdade e não mentiras como sempre espalhavam. A verdade era incontestável, pensou. Amava Aaron e estava cansada de esconder seu amor, de driblar comentários maledicentes e julgamentos precipitados. Tomou a decisão, naquela noite, no colo de seu amor e olhando para a pequena Adele de que entregaria sua sorte ao destino e que ele reservasse coisas boas para ela.



Os dias passavam e Eileen se via mais apaixonada por Aaron, mas se recusava a dividir o quarto com ele. Além de temer a fúria vingativa de sua esposa, Eileen não achava justo afrontá-la, se fosse ela não aceitaria tal condição, por mais que o casamento entre os dois fora apenas uma obrigação, eles estavam casados.

Por essa razão, Aaron prometeu mudá-la para uma casa confortável no vilarejo, autorizando-a a levar consigo Adele. Para Eileen, morar fora do castelo lhe trazia conforto, pois estaria longe dos olhares da duquesa e sua condição de amante não ficaria tão evidente. Não que isso fosse a solução perfeita, mesmo assim poderia se dar ao luxo de esquecer de que não passava de uma amante.

Aaron não gostou do pedido de Eileen. Temia pela segurança das duas, mas não podia obrigá-la a viver no castelo com a duquesa, sua esposa legítima, dormindo no quarto ao lado. Era humilhante não apenas para Eileen, mas também para Lady Mildred. A solução foi arranjar uma casa no vilarejo para que a curandeira vivesse com Adele ao menos até a torre ao leste ficar pronta e ele poder viver com elas lá, deixando o resto do castelo para a esposa.

Lady Mildred, por sua vez, entendeu suas obrigações como Senhora de Lyndford. Aaron deixou claro que não toleraria mais intromissões em seus assuntos, incluindo Eileen e Adele. A conversa fora extremamente desconfortável para ele, mas não se arrependeu de tê-la quando precisava colocar tudo em pratos limpos com a esposa.

A duquesa reagiu com frieza, como era esperado por Aaron. Enfrentou homens frios no campo de batalha, guerreiros furiosos que não tinham alma. Mas aquela mulher era a personificação da frieza. Seus olhos inexpressivos conseguiam demonstrar qualquer coisa menos calor humano. Se fosse homem, pensou Aaron, seria impiedoso com seus inimigos.

Lady Mildred acatou as ordens de seu marido, sem reclamações. Ela sabia muito bem a hora de retroceder e reconsiderar suas ações. Aaron não havia morrido em batalha e era grata por isso, pois precisava dele vivo até lhe dar um herdeiro. Uma mulher tinha pouca utilidade se não tivesse um filho e ela era uma saxã, o que a deixava em uma posição ainda mais delicada. Enfrentar Aaron enraivecido não lhe era uma atitude sábia e precisava esperar ou mesmo agir por baixo dos panos. Não lhe daria um filho até que não se livrasse da feiticeira de cabelos cor do bronze e sua prioridade era pôr um fim naquele ultraje que estava sendo obrigada a suportar.

— O que é isso, milady? — perguntou-lhe sua dama de companhia mais próxima.

— É uma mensagem ao Rei Guilherme, para que mande um bispo investigar uma denúncia de bruxaria, minha cara Chelsea. — Respondeu-lhe Lady Mildred com a ira a lhe justificar cada ação contra Eileen e agradecendo pelo seu pai ter feito questão de que aprendesse a ler e escrever. Dentre seus compatriotas, apenas os homens recebiam instrução, mas Mildred era a única filha do Conde de Whortshire e isso só lhe trouxe benefícios. — Duvido que Rei Guilherme deixará uma denúncia de bruxaria passar sem punição.

— Se milorde desconfiar que a denúncia partiu da senhora, não pensará duas vezes em castigá-la! — Disse-lhe sua dama de companhia.

— Eu sei, Chelsea! Preciso ser mais astuta do que Lorde Aaron nesse ponto e mesmo que ele venha a descobrir que fui eu a denunciar sua amante como praticante de feitiçaria, mesmo assim, meu castigo valerá a pena se a curandeira for condenada à fogueira; e ainda quero que Lorde Aaron seja obrigado a acendê-la. Meu marido não recusará obedecer às ordens de seu rei. Foi assim quando Guilherme ordenou que se casasse com a herdeira de Whortshire e será assim quando Guilherme ordenar a execução de Eileen.

— Milady não teme que Lorde Aaron nunca mais a queira? — Era um ponto que Mildred precisava considerar, mas era um risco que também precisava

correr.

— Cuidarei desse problema no futuro, se ele realmente chegar, e depois, não preciso mais do que uma noite ou duas na companhia de Lorde Aaron em minha cama. O filho poderá ser de outro homem, apenas preciso criar as condições para que todos pensem que Aaron de Brienne é o pai. Depois, quando tiver um bebê em meu ventre, não me será mais útil. — Chelsea se impressionou com a ousadia de sua senhora, mas não duvidava de que Lady Mildred fosse capaz de colocar em prática plano tão audacioso. Sempre fora uma mulher ambiciosa e se havia sobrevivido à guerra contra os normandos é porque fora esperta para negociar em prol de sua vida, mesmo que no processo fosse obrigada a trair o próprio pai. — Vá até Hayden e entregue a mensagem para ele. — Mildred não confiava em outra pessoa a não ser no antigo chefe da guarda de Whortshire. Sempre foram próximos e estavam predestinados a se casar caso os normandos não tivessem conquistado as terras da Britânia. — Esta outra mensagem contém as instruções de como ele deverá agir, Chelsea. Mas seja discreta e tome cuidado para que nem um normando a siga. Tome cuidado com Marcel, por favor!

— Sim, milady! Tomarei cuidado e serei a mais discreta possível! — Chelsea se retirou, deixando Mildred sozinha em seus aposentos, ali passava os dias sem ter muito o que fazer a não ser tramar um meio de se livrar da curandeira.

Aaron havia imposto um castigo humilhante e pagaria caro por tê-la envergonhado tanto. Era sua duquesa e merecia ser tratada com respeito. Tudo era culpa da bruxa, pensou, e tomada por uma fúria intensa acabou por jogar um cálice de prata contra uma parede. Aaron de Brienne pagaria caro pela humilhação, Eileen pagaria com sua vida. Era uma bruxa e sabia que, assim como os saxões, os normandos não toleravam a prática da feitiçaria.

Seu marido seria obrigado a dar um fim em Eileen e quando esse dia chegasse, Mildred comemoraria com uma grande festa.

— Com licença, milady! — Bertha, uma criada velha e carcomida pelo tempo entrou nos aposentos da duquesa. — Hoje serei eu a acompanhá-la até o pátio do castelo para tomar sol. — Disse-lhe a serva com o coração disparado no peito. Sentia-se uma traidora por estar ali nos aposentos da esposa de seu lorde, mas precisava cumprir com seu ofício, mesmo que fosse contra toda a dor que a saxã impôs a Eileen.

— Você é aquela velha que anda para cima e para baixo com a bruxa? —

Perguntou-lhe Mildred, fazendo questão de amedrontar-lhe ainda mais. — Não tenha medo de mim! Teu medo devia ser daquela bruxa de cabelos vermelhos e olhos de gata, não a mim que sou sua senhora.

— Perdão, milady, mas não faz parte do meu trabalho julgá-la. Eileen é apenas uma amiga que muito bem tem feito ao nosso povo, uma curandeira de mãos habilidosas. — Bertha não deixaria que ofendesse a moça, não quando ela não fazia mais nada além de ajudar quem precisava com seus préstimos como curandeira. Se alguém estava incomodando ali, era Lady Mildred, que jamais saiu do altar que se colocou desde que havia pisado no castelo de Lyndford, como se fosse superior a qualquer normando que ali vivesse. Bertha sabia que alguns lhe eram aliados por detestar a presença de Eileen, mas era uma minoria que não conseguia enxergar a bondade nos olhos da jovem e o amor que o seu senhor sentia por ela.

— Devia dar ouvidos aos meus conselhos, velha, e se afastar da bruxa antes que você acabe ardendo junto com ela em uma fogueira. Deve saber que acusadas de bruxaria são queimadas vivas. — Falou-lhe Mildred com tanto rancor que Bertha jurou que aquela mulher tinha uma pedra de gelo no lugar do coração, entendendo a recusa de Lorde Aaron em se deitar com ela.



No vilarejo, Eileen dedicava-se a cuidar de sua nova moradia. Era simples como sempre imaginou, mas confortável e com um pequeno jardim aos fundos, onde cultivava suas ervas. Era maior do que sua cabana na floresta e com uma pequena estrebaria ao lado para guardar sua égua Princess, não a abandonaria por nada.

Adele brincava com os pezinhos em cima de um tapete de lã de carneiro, soltando gritinhos de vez em quando. Ela crescia em graça e formosura, revelando-se cada dia mais adorável e cheia de vida. A menina já não dependia tanto do leite de Lilith e aceitava caldos ralos e algumas frutas.

O verão parecia se despedir à medida que o vento do outono se tornava mais frio ao entardecer. Mas ainda teriam algumas semanas para aproveitar o calor do sol e Eileen ainda precisava colher muitas ervas para o seu estoque. Aaron ficou de acompanhá-la em uma excursão para dentro da floresta em busca de suas

plantas miraculosas.

O Duque de Lyndford ia visitá-la todas as noites e só retornava ao castelo um pouco antes dos primeiros raios de sol. Amavam-se todas as noites como se fosse sempre a primeira vez. Eileen não exigia mais nada dele e evitava saber sobre o castelo e seu casamento com a saxã. De nada adiantava alimentar a dor que sentia toda vez que se recordava que era apenas a sua amante.

Poucas famílias lhe eram simpáticas no vilarejo. Toleravam a presença da curandeira por temer seu senhor, mas nenhuma delas deixava de procurar pelos seus préstimos. Havia se acostumado com os olhares curiosos e com os murmurinhos que se formavam às suas costas quando passava. Não era diferente de antigamente quando não passava de uma simples curandeira da floresta.

— Onde está você, Eileen? – Chamou-lhe Aaron já com a pequena Adele nos braços. Eileen sentia orgulho dos seus avanços como pai. Outrora tão frio e distante, ninguém ousaria a reconhecê-lo tão terno e afetuoso com a filha.

— Estou aqui, Aaron! – Gritou-lhe Eileen da pequena despensa onde guardava alguns mantimentos para a semana e secava algumas folhas para servir de chá durante o inverno. — Chegou cedo, hoje! – Falou-lhe assim que o viu imponente. Qualquer outro sentiria medo da figura intimidante que era seu amante, mas não Eileen que apenas fazia admirá-lo ainda mais. Aaron se revelava um homem carinhoso e protetor, era como desvendar embaixo de camadas e mais camadas de dureza que lhes embruteciam por fora, um homem generoso e amoroso. Somente ela teve o privilégio de conhecer o verdadeiro homem por trás do Duque de Lyndford e isso a deixava ainda mais apaixonada.

— Não aguentei a saudade, meu amor! – Puxou-lhe para seus braços, sedento por um dos beijos com gosto de mel da curandeira. — Queria um pouco mais de tempo com vocês! Até essa garotinha anda me deixando ansioso para vê-la.

— Adele também sente sua falta! – Disse-lhe Eileen com um sorriso no rosto. Era feliz e não lhe faltava mais nada. Ali naquela pequena habitação que não ostentava nem um terço do poder de Aaron de Brienne, a jovem curandeira era feliz, a mais feliz das mulheres.

— Não tanto quanto eu sinto dela e de você, minha adorável dama da floresta! Venha, quero sentir seu perfume de lavanda fresca e quero beijá-la até não ser mais capaz de outra coisa a não ser estar saciado de ti, de tua presença, Eileen. Não suporto passar tanto tempo longe de vocês. Sei que é mais feliz aqui,

mas não suporto saber que não estará me esperando em nosso quarto depois de um longo dia de trabalho e responsabilidades, meu amor.

— Sente saudades dos banhos na tina, Aaron? — Perguntou-lhe Eileen, insinuando-se para ele. — Se este for seu maior problema, mande a tina ser trazida para cá e posso cuidar de satisfazer meu senhor.

— Não sou seu senhor! Quero ser apenas seu amor! — Declarou-lhe com os olhos repletos de paixão, imaginando-a nua, levemente arrepiada e com as pontas dos seios intumescidas pelas carícias deixadas em todas as partes de sua delicada pele. Aaron gravara cada pedacinho do corpo de Eileen, um corpo forjado para lhe dar prazer, uma volúpia tão intensa que o tomava sempre que a imaginava despida, acolhida em seus braços. Mas Aaron não se enganava com o prazer que sentia quando ele a tomava. O prazer era-lhe momentâneo e embora voltasse a nascer sempre que a visse como se aquela fome que sentia pela curandeira jamais viesse a ser saciada, era-lhe o amor que o movia ao seu encontro, um sentimento forte que lhe fazia desejoso pelos seus beijos, pela sua companhia. O prazer era-lhe passageiro, embora sempre estivesse lá como uma pequena chama que não se apagava nunca, era o amor que o fazia desejar compartilhar um futuro com ela, e esse sentimento apenas fortalecia sua determinação em tê-la por perto.

— Como se já não fosse meu amor, Aaron! — Ralhou-lhe Eileen presa no olhar negro de seu amante. Ele a desejava e parecia procurar forças lá no fundo de sua alma para não possuí-la ali aos olhos de Adele.

— Lilith não poderia ficar meia hora com Adele? — perguntou-lhe Aaron, completamente vidrado nas curvas delicadas de Eileen.

— Não pode! Comporte-se! — Eileen se afastou antes que acabasse presa na teia de sedução que Aaron sempre tecia para convencê-la a se entregar para ele. — Vamos jantar e esperar Adele dormir. Depois prometo que saciarei seus desejos, todos eles. — Acabou corada com seu atrevimento.

E assim Eileen terminou de preparar o jantar e como uma verdadeira família cearam felizes. Contou a Aaron como ocupou seu dia e o quanto Adele se divertiu brincando no jardim. O lorde, por sua vez, fez poucos comentários, não querendo magoá-la de alguma forma. Ele sabia que ela não gostava de ouvir sobre Lady Mildred ou mesmo se ocupar com questões que não lhe diziam respeito. Se não tivesse lhe sido ordenado de que desposasse a herdeira de

Whortshire, Eileen ocuparia o lugar de senhora do castelo e tudo seria perfeito. O senso de justiça e o bom coração da curandeira lhe fariam uma duquesa sem igual.

— Eileen, não é de seu gosto falar sobre as coisas do castelo, mas tenho que contar que ordenei o fim da reclusão de Lady Mildred.

— Não pedi a você que a mantivesse em reclusão como castigo pela forma com que se comportou em sua ausência, Aaron. Não sou assim e nunca serei! – Falou-lhe Eileen com o coração magoado.

— Eu sei, meu amor! Mas precisei contar, porque se ela tentar fazer qualquer coisa contra ti ou Adele, precisa me prometer que irá me procurar e me pedir ajuda. Não confio em Lady Mildred e por mais que tenha pedido desculpas e se mostrado arrependida, há algo nela que não me inspira confiança. – Às vezes, Aaron se cansava da vida dupla que tentava levar. Eileen lhe fazia feliz, era-lhe como sua luz, mas suas tentativas de manter tudo à sua volta em ordem drenavam suas forças. Ter uma esposa na qual não desejava sequer a companhia como amiga exigia dele mais do que era capaz de tolerar.

— É sua esposa! – Falou-lhe Eileen, levantando-se do banco em que estava sentada próxima ao fogo da lareira enquanto Aaron sorvia seu último gole de cerveja. Fazia mais frio do que nos outros dias. — Não serei eu a te dizer como deve agir com ela.

— Ela quis prejudicar você, a mulher que eu amo...

— Aaron, por favor, eu não posso julgá-la, nem você pode julgá-la. Ela é a esposa e eu, a amante, se fosse o contrário, jamais aceitaria uma coisa assim. Eu não suporto saber ou pensar que haverá um dia em que terá que se deitar com ela, você precisa de herdeiros legítimos e eu não posso lhes dar. E isso não me faz bem! Sinto-me atormentada a maior parte do tempo.

— Eileen, ela nunca chegará aos teus pés. – Aaron precisava dizer-lhe o quanto era especial.

— Não sou tão especial como fala. Tenho defeitos também, como qualquer outra pessoa. Eu sinto ciúmes por ela ser a esposa e eu apenas a amante, mas não ousarei pedir a você que a prejudique. Lady Mildred é sua responsabilidade, Aaron, o que decidir fazer com ela será apenas de acordo com sua consciência.

— Eileen...

— Não, deixe-me terminar! Aceitei ser sua amante, não porque não posso ser sua esposa de acordo com os costumes normandos, mas porque o amo mais do que tudo, mas não quero ser responsável pelo destino de outra pessoa.

— Você é muito bondosa para entender a complexidade da situação. — Disse-lhe Aaron com o coração transbordando de amor pela mulher que o encarava com olhos cheios de determinação. A coragem ou mesma a ausência de covardia de Eileen sempre lhe fascinaram, lhe encantaram desde o dia em que a conheceu. — Só mesmo você para encontrar algo de bom em Lady Mildred. — Aaron a beijou, puxando-a em encontro ao seu coração. Eileen era menor do que ele e sua cabeça se ajustava perfeitamente à altura de seu coração.

— Apenas tento me colocar no lugar dela. Ela é a sua esposa e deve se sentir ferida e humilhada por você recusá-la como esposa.

— Meu amor, a bondade que você carrega consigo é maior do que qualquer coisa. Se não fosse a bondade a lhe mover, você não ajudaria tantos, mesmo a maioria não lhes sendo simpáticos.

— Não compete a mim julgá-los. Se a mim foi dado o dom da cura, não seria para curar meu semelhante? De que adiantaria um dom tão abençoado como o meu se eu decidisse selecionar quem merecesse ser curado? Eu apenas curo, Aaron! Não espero nada em troca e não exijo que me sejam simpáticos. É dolorido o medo estampado no rosto daqueles que eu atendo, medo que foi aguçado ainda mais com as maledicências espalhadas por Lady Mildred, mas não sou juiz de ninguém e vingança não me fará me sentir melhor.

— Desculpe-me, minha adorável dama da floresta de coração puro! — Aaron a abraçou forte, tão forte que temeu quebrá-la. — Você é a minha luz, meu sol a me guiar e sinto tanto por forçá-la a aceitar uma condição da qual lutou tanto para se afastar. Eu queria tanto poder lhe dar mais, Eileen. Queria tanto lhe dar a proteção do título de duquesa.

— Não há com o que desculpar. Eu o aceitei como é, Aaron. Eu amo você e assim foram as coisas. Mas não me use para justificar suas ações contra Lady Mildred. Faça-as de acordo com sua consciência e não de acordo com o que pensa que irei querer ou não. Sempre estarei aqui para você, porque você é minha vida e uma vida sem você não terá sentido. — Eileen levantou a cabeça para encará-lo nos olhos. Aaron foi tomado pelo desejo de possuí-la e marcá-la uma vez mais como sua, sua mulher.



Aaron havia deixado Eileen e Adele no vilarejo depois de terem passado alguns dias na floresta como uma verdadeira família. Havia prometido levá-la para colher ervas e raízes e quando prometia algo sempre tratava de honrar com sua palavra.

Foram seus melhores dias. Eileen estava feliz como nunca havia visto antes, resplandecente em meio às coisas que a acolheram por tanto tempo. Naquela pequena choupana coberta de palha e móveis rústicos, a jovem havia crescido e aprendido com sua tia a ser uma curandeira.

Os momentos divididos com ela na simplicidade ficariam gravados para sempre na memória de Aaron. Ali, sem luxo ou conforto, se entregou ao mais inebriante e forte dos sentimentos, ao amor que Eileen lhe oferecia sem ressalvas ou julgamentos.

Deixá-las no vilarejo e partir para o interior frio de seus aposentos no castelo provocou-lhe arrepios, um forte presságio de que haveriam notícias ruins a lhe esperar. Mas precisava encarar suas responsabilidades como Duque de Lyndford, muitas vidas dependiam dele.

— Milorde! — Um dos cavaleiros o recebeu no portão principal. — Sir Marcel aguarda ansiosamente pelo senhor. — Falou-lhe com a expectativa que seu senhor deixasse a montaria aos seus cuidados.

Aaron entregou-lhe as rédeas do forte alazão e foi em busca de Marcel. Algo

de extrema gravidade havia acontecido para que tivesse se preocupado em deixar-lhe uma mensagem urgente.

Em passos largos tomou o rumo do castelo e encontrou Marcel sentado à mesa com semblante preocupado.

— O que aconteceu, meu caro? — Aaron perguntou-lhe afoito pelas novidades que não lhe pareciam ser boas a julgar pela ruga que se formava no alto da testa do amigo.

— Chegou hoje cedo uma mensagem de Lorde Benneville, milorde! — Marcel entregou-lhe o pergaminho enrolado com olhos em expectativa. — O mensageiro não queria entregar-me e me fez jurar com a vida de que não deixaria cair em outras mãos que não as do senhor.

Aaron abre sem perder tempo o pergaminho e quando toma ciência dos planos do rei, toda a angústia que lhe tomou quando deixou Eileen e Adele no vilarejo fez sentido.

— Não posso acreditar que Rei Guilherme enviará um bispo a Lyndford para apurar a prática de bruxaria. — Não lhe era preciso ler o resto da mensagem para saber que a acusada de bruxaria era sua amante, a mulher que amava. — Eileen está em perigo! — Disse-lhe com o coração apertado, a fúria o fazendo amassar o pergaminho. Ele precisava fazer algo por ela antes que acabasse condenada a um enforcamento ou a arder na fogueira, como era o costume.

Pedi para que Marcel se retirasse, pois precisava ficar só para pensar. Releu cada linha do que fora escrito por Benneville, haviam lutado lado a lado na Normandia anos atrás e devia sua vida ao amigo, tantas vezes quanto sua memória era capaz de gravar. Eram como irmãos e saber que ainda o tinha em alta consideração, deixou-lhe em eterna dívida.

Haviam denunciado Eileen e exigido que providências fossem tomadas o mais rápido possível. Não apenas a acusaram de bruxaria como por ter lhe enfeitiçado. Aquilo só podia ser obra da mente perturbada de sua esposa. Mas não podia acusar Mildred sem provas. Haviam outros que detestavam a curandeira e a temiam, e qualquer um poderia ter feito a denúncia junto ao rei. E quando descobrisse quem fora, matá-lo-ia com a força de sua espada. Mas a prioridade, no momento, era salvar Eileen e não mediria esforços para vê-la em segurança o quanto antes.

A única solução que passou pela cabeça de Aaron foi casá-la com algum homem cuja nobreza do nome a colocaria em salvaguarda dos avanços da Igreja Normanda. Sim, trataria de casá-la com um nobre, mesmo que isso a levasse para longe dele. A vida de Eileen era mais importante do que tudo, até mesmo de sua necessidade de tê-la ao seu lado.

Em um sobressalto, Aaron se levantou e foi para junto do fogo que ardia na lareira e atirou o pergaminho para que as labaredas consumissem a informação antes que caísse em mãos erradas. Deu ordens para que chamassem Marcel e, decidido de que era o melhor a ser feito, colocaria seu plano em prática.

— Mandou-me chamar, milorde? — Ali estava seu melhor guerreiro, seu braço direito e aquele que se casaria com Eileen.

— Você deverá se casar com Eileen! — Disse-lhe com o coração magoado. Foi-lhe uma decisão difícil e, se não estivesse desesperado, não a tomaria em hipótese alguma. Ele amava Eileen com todo seu coração e imaginá-la esposa de outro lhe atormentava de todas as maneiras possíveis.

— Como? — Marcel, atônito com o que ouvira, pareceu não acreditar nas ordens de seu senhor. — Milorde, quer que eu me case com sua amante?

— É a única maneira de protegê-la da ira vingativa da Igreja da Normandia! Você precisa desposá-la o quanto antes, Marcel.

— Mas e quanto ao senhor? Eileen é sua mulher, milorde! Não posso me casar com a amante do meu senhor. — Aquilo era um despautério indecente aos olhos do guerreiro.

— É sabedor de que posso ordenar que se case com Eileen e você, como um dos meus cavaleiros, deverá cumprir. Mas eu prefiro pedir a você, não obrigá-lo, meu jovem. Eileen me é estimada, mas a dor de vê-la condenada a uma morte agonizante é pior do que deixá-la para outro. — Aaron se deixou cair em uma das cadeiras. Era um homem forte, mas ali com os pensamentos todos na mulher que amava e no quanto ela poderia sofrer, faltava-lhe coragem para enfrentar o olhar surpreso de seu amigo. — Prometo que jamais voltarei a tocá-la, Marcel! Eileen será sua esposa e me mantereí afastado dela. Deixe-me apenas me despedir e depois não me oporei que a faça feliz como seu marido.

— Deve haver outra maneira de protegê-la! — Falou-lhe Marcel ainda atordoado com a reviravolta em sua vida. Até outro dia, era um terceiro filho de

um nobre normando, sem perspectivas de títulos e terras, foi nomeado Sir pelo seu senhor, promovendo-o ao posto de seu substituto e, agora, praticamente ajoelhado, implorava para que salvasse a vida de sua amada, casando-se com ela.

— Não há! A comitiva enviada por Rei Guilherme desembarcará em Lyndford em poucos dias, a julgar pelo tempo que se passou desde que a mensagem de Lorde Benneville foi despachada. A única solução é você se casar com Eileen, o quanto antes.

— Se eu aceitar me casar com ela, a deixará para mim? – Marcel precisava perguntar. Não queria abusar da boa vontade de seu senhor, muito menos enfurecê-lo, mas queria ter uma família, uma esposa que lhe desse filhos e aconchego. Não esperava amor, pois o seu amor já era de outra e não exigiria daquela que seria sua esposa, aquilo que não poderia dar. Mas esperava companheirismo e fidelidade.

— Sim! Prometo que não a procurarei mais e prometo que uma vez casados terão uma vida confortável. – Aquela promessa seria umas das mais difíceis para Aaron manter. — Eileen lhe será uma boa esposa. É jovem e será uma mãe amorosa para os filhos que lhe dará. O único pedido que faço é que permita que ela cuide de Adele.

— Não serei capaz de separá-las, milorde! Não permitir que Eileen esteja com Lady Adele é o mesmo que condená-la à morte.

— Agradeço pela compreensão! – Marcel ainda custava a acreditar com o que acabava de concordar e muito menos que o Duque de Lyndford, um dos homens mais poderosos do reino, havia lhe agradecido em alto e bom tom. Mas a verdade era que simpatizava com a curandeira e lhe queria bem o suficiente para salvá-la de uma acusação injusta.

— Casarei com Eileen quando ela estiver pronta para fazê-lo, milorde! – Declarou-lhe Marcel, rezando para que sua decisão não fosse equivocada. Ele e o duque decidiram por ela e esperava que compreendesse tanto quanto eles a necessidade da união.

— Ordene que um dos nossos homens vá atrás de um frade para que possa casá-los o quanto antes e, por favor, ainda não comente sobre as bodas com ninguém. Preciso conversar com Eileen antes.

— Sim, milorde! – Marcel pediu licença ao seu senhor e retirou-se.

Aaron socou as grossas paredes de pedra, sentindo o amargor de sua decisão lhe atingir o estômago, provocando-lhe náuseas. Bateu na pedra até sentir o sangue escorrer entre seus dedos, na vã tentativa de aplacar a dor que atingia seu coração. Ela seria de outro homem, outro a tomaria como esposa e teria tudo que devia ser só dele, todo o calor do corpo de Eileen seria de Marcel.



Eileen acabava de banhar Adele quando avistou Aaron amarrando seu cavalo no portão. Estranhou sua chegada, uma vez que havia lhe dito que retornaria apenas no outro dia para vê-las. Parecia cansado e irritado e isso apenas a deixou preocupada. Enrolou a bebê no xale e foi até a porta para esperá-lo.

— Eileen! — Ele a fitou com os olhos tomados de lágrimas e abraçou-a fortemente. — Eu amo você! Precisa compreender que jamais deixarei de amá-la. — Aaron lhe assustava e a agonia lhe tomou, lembrando-a do que os espíritos da floresta lhe sussurravam sempre. Havia decidido não escutá-los, mas eles teimavam em repreendê-la que as coisas não poderiam ser como ela e Aaron desejavam.

— Eu também amo você, mas estou assustada com seu desespero. — Confessou-lhe a curandeira tremendo. Ele tinha algo a lhe contar e não era nada bom. — Conte-me o que lhe trouxe até aqui, Aaron!

O lorde apenas a puxou para seus braços e beijou-a como se o mundo fosse acabar no minuto seguinte. Degustou-a com clamor e paixão. Devotou todo seu amor à Eileen em um beijo. Seu último e derradeiro beijo. Ela seria de outro e Aaron não teria mais o direito de beijá-la, de tocá-la e de amá-la. Como ele faria isso? Não sabia e acreditava que lhe seria dolorido quando a entregasse em casamento para outro, mas precisava ser forte e fazê-lo antes que a morte a tirasse dele para sempre.

— Aaron... — Falou-lhe Eileen com os lábios inchados pelos beijos que lhe foram dedicados com ardor.

— Não podemos mais ficar juntos! — Falou-lhe antes que a coragem se esvaísse. Precisava dizer antes que a carregasse para longe, sem pensar nas muitas vidas que dependiam de sua proteção. Ele precisava proteger Eileen, mas também devia proteção às pessoas que viviam nas suas terras.

— O que fala? – Perguntou-lhe Eileen amedrontada pela dor estampada nas feições endurecidas de seu amante.

— Você se casará, Eileen, e não podemos mais nos ver!

— Eu me casarei? Enlouqueceu, Aaron? Não posso me casar quando amo você e você já é casado... – Foi então que as peças se juntaram na cabeça da curandeira e tudo passou a fazer sentido. — Você pretende me casar com outro homem?

— Não faria se não estivesse desesperado. – Aaron se afastou dela a fim de esconder as lágrimas que tomavam seus olhos. Não chorava, nunca havia chorado antes, mas a mera lembrança de que terá que viver sem o calor de Eileen, deixava-o desesperado, enfurecido. Mas não havia mais nada a ser feito. Havia decidido e cumpriria com a parte no acordo feito com Marcel. — Uma denúncia de que existe uma bruxa em Lyndford chegou aos ouvidos do rei e ele ordenou que uma comitiva da Igreja Normanda viesse para julgá-la, Eileen. Preciso que se case com Marcel. Ele é um Sir e seu título irá protegê-la.

— Não sou uma bruxa! – Gritou-lhe Eileen apertando Adele contra seu peito.

— Eu sei, meu amor. Mas não quero correr o risco de vê-la presa por um tribunal que sei ser implacável com mulheres que praticam a cura como você. Já vi outras serem condenadas à fogueira por menos.

— Mas você é um duque! Um duque haverá de ser poderoso o suficiente para me proteger. – Eileen acreditava que sim, mas Aaron não podia fazer nada a não ser se ela se casasse com um nobre. Era uma plebeia, além de ser uma nativa das terras da antiga Britânia, sem títulos, sem riqueza. — Rei Guilherme não lhe seria clemente quando não passa de minha amante. – Julgou melhor não comentar que a acusavam também de tê-lo enfeitado.

— Não posso me casar com Marcel! – Eileen sabia que o jovem normando amava Lady Giane e ela amava Aaron. Os dois estariam condenados à infelicidade se casando. — Eu posso fugir para longe de Lyndford. – Parecia-lhe o mais certo.

— Mas e Adele? Como minha filha sobreviverá sem sua mãe? Mesmo que você queira a levar junto, não posso permitir que partam. A estrada está cheia de perigos... – O nobre não sabia o que lhe doeria mais, vê-la com outro, mas vê-la todo dia, ou não vê-la e não saber que estava bem. Uma fuga não lhe era uma

alternativa segura.

— Aaron, não me faça casar com outro! Você estará me matando se me forçar a um casamento que não desejo, que você não quer também. — Implorou-lhe a curandeira com os olhos marejados, revelando toda a dor e aflição que a consumia.

— Não há escolha! Você se casará com Marcel e será fiel a ele.

— Como ousa exigir de mim algo do tipo?! É claro que não admitirei ser sua amante quando me casar com Marcel. Ele é um bom homem, um amigo leal e não merece ser traído. Se quer que me case, me casarei. Saiba que o farei porque é o único jeito de ficar ao lado de Adele, mas não preciso jurar que serei fiel ao meu marido a ti. Eu o farei diante do próprio. É Marcel que merece minha consideração e não você. — As palavras de Eileen, como sempre, foram carregadas de verdade, mas atravessaram o peito do normando como uma espada.

Aaron nunca fora merecedor do amor de Eileen. Sempre soube disso, mas se iludiu ao pensar que os dois poderiam viver juntos e felizes. Não só havia se casado com outra, como exigia que ela fizesse o mesmo, desposando seu melhor guerreiro.

Puxou-a novamente contra seu peito e beijou-a, afundando sua língua dentro de sua boca. Queria sentir novamente seu sabor de mel, sentir seu cheiro inebriante de lavanda, gravando em sua memória cada pedacinho de seu corpo. Sabia que jamais poderia esquecê-la e que nunca outra ousaria ocupar o vazio que ela deixaria, mas precisava se despedir. E aquele beijo seria sua despedida de Eileen.

Soltou-a, sem conseguir encará-la nos olhos.

— Esteja preparada para se casar a qualquer momento! — Disse-lhe Aaron, vestindo sua carapuça de duque. O homem endurecido que outrora foi, retornava e acabava de levantar um muro entre os dois.

— Nem ao menos sou batizada na Igreja Normanda. — Declarou-lhe Eileen, temendo ainda adoecer de tristeza. Precisava ser forte para mais uma provação.

— Não importa! — Falou-lhe com a voz enrouquecida pela emoção que o tomava. Apesar de tentar parecer duro e determinado, estava dilacerado por dentro, uma alma em mil retalhos que não poderiam ser costurados facilmente.

Talvez jamais.

Beijou a cabeça de Adele, depois entrelaçou os cabelos acobreados de Eileen nos dedos, sentindo o quão sedosos eram, cabelos que remetiam à delicadeza de sua pele, ao calor de seu corpo. Olhou-a dentro dos olhos, para gravar cada nuance colorida, tomando coragem em um suspiro pesado e profundo para se despedir.

— Adeus, meu amor! – Deu-lhe às costas, deixando Eileen para trás em uma tormenta de sentimentos conflitantes, um misto de raiva e amor, carinho e ódio, desejo e perda.



Como autoridade máxima de Lyndford, Aaron devia participar da celebração do casamento de Eileen. Não podia fugir de suas responsabilidades e ainda precisou conduzi-la até o altar, onde Marcel a esperava em seu melhor traje.

A curandeira usava um de seus vestidos de corte reto, preso por um cinto de metal. Seus cabelos estavam soltos e uma delicada coroa de flores fora colocada em sua cabeça para realçar ainda mais o brilho avermelhado de seus cabelos. Aaron duvidava de que Lyndford havia visto noiva mais bela do que ela.

O frade começou a cerimônia na pequena capela usada pelos moradores locais para celebrar casamentos e orar por seus mortos, ali também se batizavam as almas recém-nascidas. Marcel a recebeu como sua esposa, prometendo-lhe proteção, amor e fidelidade. Eileen hesitou por um momento, mas encontrou coragem para repetir as palavras que o noivo lhe dissera minutos antes, não sendo capaz de encará-lo, sabendo que suas palavras eram mentiras. Ela amava outro homem e a ele pertencia seu coração e seus votos.

— Eu, Eileen Arwel, recebo você, Sir Marcel Dupont, como meu marido, prometendo-lhe ser fiel, amando-te e respeitando por todos os dias de minha vida, até que a morte nos separe. — Não foram os melhores votos, pensou a curandeira. Ela não conhecia os costumes dos normandos e estava muito abalada para conseguir se concentrar nas palavras do frade.

Entorpecida com a rapidez com que as coisas aconteceram, ouviu as últimas palavras do frade que a declarou esposa de Marcel Dupont. Estava casada e não

com o homem que amava. A dor em seu peito era infinita, dilacerante e opressora, não somente porque havia se casado com um amando outro, mas porque pelos costumes de seu povo ela já estava casada com Aaron e traíra não somente o homem que amava, mas também enterrava um pouco mais os costumes de que sabia ser uma das últimas representantes. Casar-se era o mesmo que ser queimada em uma fogueira, assim como fora sua mãe e outras tantas. A nova religião era implacável com o desconhecido, com aquilo que não conseguia compreender ou mesmo explicar.

Os noivos receberam os cumprimentos dos poucos convidados que serviram de testemunhas. Marcel sorria feliz, apesar da preocupação lhe dominar a maior parte dos pensamentos. Estava casado com a amante do Senhor de Lyndford e nem sabia o que deveria fazer dali em diante.

Uma pequena comemoração os esperava no grande salão do castelo, com comida, bebida e música. Deviam confraternizar a união de um normando com uma nativa, disse-lhes Aaron sem expressar qualquer sentimento. Era uma máscara de frieza e dureza.

As comemorações não duraram muito, pois Aaron se retirou cedo, sendo seguido por Mildred que muito bem desempenhou o papel de duquesa. Eileen deixou uma lágrima escorrer ao vê-los subindo lado a lado a escadaria. Era um recomeço para todos, não apenas para ela e Marcel, mas também para Aaron e a esposa. Aquilo simbolizou o verdadeiro fim daquele sentimento para seu coração.

— Vamos! – Marcel ofereceu-lhe o braço. Havia bebido mais ao que estava habituado e sorria muito, tentando se acostumar com o fato de estar casado com a mulher mais bonita de Lyndford. Não havia um guerreiro que não cantasse a beleza da curandeira e não haviam tentado nem um avanço com ela porque sabiam que era a mulher do duque.

Eileen aceitou o braço e os dois partiram sem olhar para trás. Engoliu em seco e fez uma pequena prece aos deuses para que a protegessem e lhe dessem forças para cumprir com suas responsabilidades como esposa. Deitar-se com Marcel após o casamento, como exigia o costume normando, era o mais apropriado para ela e para seu conforto, mas temia não ter coragem para fazê-lo.

— Não tive tempo de providenciar uma casa, Eileen, e entendo que você não queira passar nossa primeira noite como marido e mulher na cabana que dividia

com Lorde Aaron no vilarejo. – Ela negou com a cabeça, não conseguindo parar de tremer diante do nervosismo de pensar que precisava se deitar com o marido para o bem de todos.

— Aqui está bom! – Falou-lhe Eileen com o coração cheio de dúvidas. Precisava contar, mesmo sabendo que estaria arruinando qualquer chance de felicidade com o jovem guerreiro. — Marcel, eu preciso...

— Eu sei que tudo foi apressado e que não lhe foi dada escolha, a não ser me aceitar como marido. – Marcel estava diferente, mais sedutor, o efeito do álcool lhe deu forças para avançar com a curandeira. Seu senhor a deu como esposa e pretendia fazê-la sua. Estava cansado de amargar a perda de um amor que jamais teve. Lady Giane era de outro e ele acabava de se casar com uma mulher bela e voluptuosa.

— Por favor, escute-me! Eu preciso que saiba que carrego um filho de Aaron no ventre. – Declarou-lhe a curandeira com os olhos tomados de um verde intenso, que lhe lembravam as matas esverdeadas de Lyndford. Eileen era como aquelas matas, pura, selvagem e inatingível por ter entregado seu coração a outro.

Marcel se afastou, indo em direção ao catre que o havia acolhido em muitas noites desde que chegara às terras conquistadas para o Rei Guilherme.

— Você tem certeza?

— Sim! Perdoe-me, Marcel, eu sei que casou comigo para me proteger e me salvar de um destino cruel, mas não posso me deitar contigo quando carrego o filho de outro no ventre. Entendo se quiser anular o casamento. Eu devia ter lhe dito antes, mas...

— O casamento está feito e somos marido e mulher, não há mais o que ser feito. Protegerei a ti e ao filho que carrega em nome do juramento que fiz ao meu senhor. O filho é meu, Eileen, e todos também assim pensarão.

— Mas falarão por suas costas e não quero humilhá-lo!

— Não me importo com fofocas e maledicências. O filho nascerá e carregará meu nome e não há mais o que ser discutido. Prometi protegê-la e o farei mesmo que tenha que assumir uma criança que sabemos não ser minha.

— E Aaron? – Perguntou-lhe Eileen apreensiva.

— Para o bem dele e de todos, não pode contar a Aaron de Brienne que carrega um filho dele. Temo pelo destino de Lyndford. Tudo ficará difícil com a denúncia feita ao rei. Não somente sua vida corre risco. O Rei Guilherme está duvidoso quanto à capacidade de Aaron em governar as terras de Lyndford.

— Como assim? – Aquilo era uma novidade para a curandeira.

— Você também foi acusada de enfeitiçar o duque e a proximidade dos dois somente vai provar que a denúncia não fora injustificada. Seu filho também corre risco de vida, Eileen. Não apenas os normandos o perseguirão, mas os galeses.

— Você sabe, então? – Perguntou-lhe Eileen surpresa com as palavras de seu marido.

— Você é uma Arwel e desconfio de que é a princesa perdida. Lendas são ouvidas em todos os cantos de Lyndford sobre uma princesa nativa que se perdeu nas florestas da região.

— Por favor, Marcel, não conte para ninguém! Eu pouco sei sobre minhas origens. Apenas de que minha tia me tirou de minha mãe antes que a prendessem e a queimassem viva. Nosso clã era forte e influente. Meu pai, o chefe de nosso povo, era um galês e se uniu à minha mãe, uma druidesa. A ordem de druidas que minha mãe pertencia, assim como minha tia, se dedicava à cura e durante anos serviram aos Arwel como conselheiros. Com a invasão saxã, os Arwel passaram a ser perseguidos por não aceitarem os novos costumes, e o resto são apenas fragmentos de histórias contadas por minha tia. Fui criada por ela e tivemos uma vida nômade até nos estabelecer na floresta de Lyndford.

— Não haviam outros herdeiros? – Perguntou-lhe Marcel tentando juntar as peças daquilo que parecia ser um grande quebra-cabeça.

— Eu tinha um irmão mais novo. Foi morto quando capturaram minha mãe, por acharem que era filho do demônio. Era apenas um bebê e foi queimado com ela.

— Sinto muito, Eileen!

— Faz parte do passado! – A curandeira se sentou ao lado de Marcel. — Isso precisa continuar a ser um segredo. Não contei nem para Aaron.

— Não devia ter se exposto tanto ao atender os habitantes do vilarejo.

— Eu sei! Tia Morrigan não gostava de que eu fosse ao vilarejo para curar. Mas sempre foi mais forte do que eu. Ela mesma se arriscava além do recomendado, porque a cura faz parte do que somos e é muito difícil negar nosso dom quando vemos o sofrimento dos doentes.

— Devia contar sobre ser uma Arwel ao duque. Ele precisa saber de fato tão importante. Mas o faça apenas depois que os representantes da Igreja forem embora.

— E quanto ao filho que carrego? – Eileen acreditava que Aaron merecia saber, mas ela tinha um marido e não queria começar um casamento com brigas.

— É meu filho, Eileen! Dele não abro mão. – O guerreiro levantou e se direcionou à porta.

— Onde vai?

— Procurar um lugar para dormir. Não pretendo dividir a cama contigo enquanto estiver grávida de outro.

E assim o guerreiro bateu a porta e foi para qualquer lugar que o fizesse esquecer dos problemas em que fora jogado sem querer, deixando a esposa para trás em uma desolação tão forte que a fez se jogar na cama e chorar, colocando para fora todo o desespero que a consumiu nos últimos três dias. Se ao menos tivesse Adele para se aconchegar e amenizar sua dor. Mas não podia deixar os aposentos em sua noite de núpcias à procura da menina, que havia ficado com Lilith. Virou para o lado e apagou a pequena vela que iluminava o ambiente, deixando-se embalar pela escuridão.



Aaron, sem sossego, andava de um lado para o outro em seu quarto. Havia saído do grande salão determinado a consumir seu casamento como Mildred e consertar as coisas até a comitiva do rei chegar e encontrar tudo em ordem. Mas não conseguiu porque todos os pensamentos estavam em Eileen e no ciúme que sentia ao imaginar que seria tocada por outro homem.

Não dormiu naquela noite abatido pelos últimos acontecimentos. Chegou a cogitar a ideia de raptá-la e levá-la para longe. Em outras terras poderiam ser felizes, ele poderia conseguir trabalho como soldado de algum clã galês e seriam

apenas os três, ele, Eileen e Adele. Mas o remorso que lhe tomou por ser tão fraco lhe fez reconsiderar e manter seus planos originais. Afinal, ele era Aaron de Brienne, o terrível, o implacável, o que não tinha misericórdia, um dos melhores guerreiros do Reino da Normandia.

Numa sucessão interminável de caminhadas e tentativas em vão de adormecer, entregou-se ao torpor do álcool antes que acabasse louco. Um copo atrás do outro, secou as garrafas que lhe foram deixadas horas antes e mesmo assim ela continuava a povoar seus sonhos, cheirosa e macia.

Não conseguira dormir, nem aplacar a ira que sentia ao imaginá-la nos braços de Marcel. Amanhecera com ressaca e a cabeça a explodir pela longa noite passada em claro.

— Onde está Sir Marcel? – Perguntou a um de seus homens quando chegou no grande salão para a primeira refeição do dia.

— Acredito que com a esposa, milorde! – Respondeu-lhe o homem com ar zombeteiro, aumentando ainda mais seu mau humor.

— Pois o chame para que se junte a mim o quanto antes. Temos muito o que fazer e já perdemos muito tempo. – Todos o olharam sem entender nada. Marcel havia desposado uma das mais belas das mulheres de Lyndford e entendiam que queria momentos de privacidade com ela.

— Estou aqui, milorde! – O guerreiro se apresentou impecável como sempre e a surpresa nos olhos de todos era nítida. As coisas ali naquela sala não faziam o mínimo sentido.

— Que Sir Marcel sirva de exemplo para todos vocês! – Apontou-lhes o dedo Aaron. — Sempre em primeiro lugar a responsabilidade, depois o prazer. Por isso é o segundo no comando.

Os guerreiros abaixaram a cabeça e trataram de comer a refeição que as mulheres acabavam de deixar. Alguns ainda dormiam pelos cantos e aquela cena deplorável apenas lembrava Aaron de que houvera uma comemoração na noite anterior, uma que faria questão de esquecer, se pudesse.

O resto do dia foi dedicado aos assuntos do castelo e a sua ampliação. Aaron entendeu que apenas o trabalho árduo seria capaz de exorcizar Eileen de seus pensamentos. Mas ao mesmo tempo o ciúme que sentia o fazia inventar atividades para ocupar Marcel o tempo todo, não o queria perto dela de jeito

algum.

— Milorde, se não precisar mais dos meus serviços, peço permissão para me retirar. Deixei Eileen o dia todo sozinha e preciso encontrar uma casa para morarmos. — Marcel estava apreensivo em poder ir até a esposa e ver como passou. Não havia voltado para ela depois da conversa difícil que tiveram. Ela estava grávida e precisava de cuidados, não de mais um a abandoná-la.

— Por que não moram na casa do vilarejo? É de Eileen e agora é sua.

— Eileen prefere uma casa nova. — Julgou melhor ser sincero com seu senhor e esperava que ele compreendesse as razões de sua antiga amante.

Mas Aaron não compreendia e apenas conseguiu se irritar ainda mais. Eileen não queria qualquer recordação dele em sua vida. Enquanto ele chorava a perda, ela simplesmente tratava de se desfazer de todas as recordações dos dois.

— Pode ir, Marcel! Mas o quero sentado à mesa para cearmos todos juntos.

— Não sei se Eileen estará disposta. — Respondeu-lhe Marcel com a cabeça baixa, sem coragem de encarar seu senhor nos olhos, quando traía os votos de lealdade que havia feito semanas atrás.

— Se ela não quiser, deixe-a com Adele e venha apenas você. Não abrirei mão de sua presença quando temos muito o que tratar para a chegada da comitiva do rei. — Aaron estava determinado a manter o marido de Eileen ocupado com outras coisas que não fosse ela. O casamento entre os dois lhe fora imposto pelo destino e pela maldita denúncia, mas poderia dificultar a vida do seu cavaleiro ao máximo, tudo porque não suportava a ideia de vê-los apaixonados e felizes. Sentimento que o tornava um sem caráter e se odiava por isso, mas seu amor pela curandeira era maior do que tudo, do que a razão ou qualquer sentimento de honra.

— Sim, milorde! — Não competia a Marcel discutir com seu senhor, apenas acatar suas ordens.

Sem saber o que falar ou mesmo inventar para mantê-lo ao seu lado, Aaron permitiu que se retirasse, ansiando para que Eileen aceitasse o convite e acompanhasse o marido ao grande salão. Pensamentos obscenos povoam a sua imaginação. Imaginava-a nua, delicada e quente nos braços de outro e quando a ira o tomava apenas sentia vontade de matar alguém. Haveria de encontrar a pessoa que a denunciou como bruxa e esse homem ou mulher sofreria

amargamente pela atitude equivocada que havia tomado.

Aaron jamais encontraria a paz novamente e faria questão de que essa pessoa também não tivesse mais um minuto de tranquilidade sequer. Trataria de atormentá-la pelo resto dos dias, nem que precisasse ir ao inferno, garantiria a mais dolorida das punições.

Ao entrar no castelo, foi informado de que os representantes da Igreja da Normandia estavam há um dia de distância de Lyndford. Na manhã seguinte, chegariam ao castelo para dar início às investigações. Deu ordens para que preparassem o castelo para receber cinco homens de forma confortável e retirou-se para os próprios aposentos, esgotado com o longo dia de trabalho árduo. Seu corpo fora consumido, mas ela continuava a lhe atormentar a mente. Em todo lugar que olhava, sempre a enxergava, sorrindo feliz, queria beijá-la novamente, tocá-la para poder aplacar a saudade que o consumia e o movia rumo às decisões mais equivocadas. Fora injusto com Marcel mais cedo. Ele merecia mais do que ele as carícias de Eileen.

— O senhor parece cansado! – Disse-lhe Bertha quando entrou no quarto. A velha serviçal guardava túnicas limpas em um baú.

— Estou mesmo cansado. – Sentou-se em uma cadeira e tirou as botas, na tentativa de livrar-se do peso da dor que o atormentou durante o dia. — Tem notícias de Eileen? – Precisava saber como sua amada havia passado o dia.

— Ela esteve com Lilith e Adele mais cedo, milorde! Apenas a vi de longe, mas parecia muito bem. – Claro que ela estaria bem, pensou Aaron, com o coração tomado de consternação por tê-la entregado a outro. Marcel era um homem jovem, forte e viril e seria um excelente amante. Esse pensamento o atormentava e jurava que era capaz de um ato impensado se não encontrasse uma maneira de controlar os ciúmes de que fora vítima desde que a entregou no altar.



Eileen ficou assustada com a movimentação incomum no castelo, mas sabia que a comitiva religiosa enviada pelo rei havia chegado. Colocou-se ao lado de Marcel e aguardou que o duque os dispensasse. Havia evitado Aaron pelo tempo que lhe foi possível e vê-lo ao lado de Mildred, sua esposa legítima perante à Coroa Normanda, lhe foi dolorido. Ela havia deixado de lado suas vestes acinzentadas e exibia um vestido vermelho de corte fino e costura precisa, bordado nas mangas e na barra da saia. Seus cabelos ainda estavam cobertos por um véu, como era seu costume, mas enfeitado por uma rica tiara de ouro e cravejada de esmeraldas.

Marcel apresentou a esposa para os religiosos sob o olhar atento de Aaron. Se o plano falhasse, a situação fugiria do controle e temia não ser capaz de salvá-la de uma condenação por bruxaria e todo seu esforço teria sido em vão.

Os bispos e cardeais foram recebidos com honras e encaminhados para os aposentos que lhes foram destinados um dia antes. Mildred cuidou pessoalmente de cada detalhe envolvendo a chegada dos representantes da Igreja, como uma forma de mantê-los como aliados. Precisava deixar uma boa impressão, uma vez que também era uma estrangeira aos olhos dos normandos. Sentia pelo seu plano de fazer Eileen ser condenada ter falhado. O casamento apressado que seu marido lhe arranjou colocou por terra todos seus esforços.

— O que faz ainda aqui? – Perguntou Mildred à Eileen.

— Aguardo Lilith trazer-me Lady Adele!

— Pois lhe proíbo de vê-la novamente. — A duquesa bradou enraivecida.

— Perdoe-me, milady, mas Lorde Aaron concordou que eu continue a tomar conta de Lady Adele. A menina é muito apegada a mim...

— Depois de tudo que passou e do medo que viveu e ainda vive de ser investigada, julgada e condenada à fogueira por bruxaria, insiste em permanecer ao lado de minha enteada. Não percebe que poderá prejudicá-la, à pequena e ao seu senhor?!

— Não lhe bastou afastar-me de Aaron?! Ainda pretende me tirar Adele? — Eileen secou uma lágrima que escorreu pelo seu rosto marcado pelo sofrimento dos últimos dias.

— Quem é você para exigir algo de mim? Ninguém!

— A senhora é tão estrangeira quanto eu, Lady Mildred! E sabemos que sua riqueza e título apenas lhe fazem melhor do que eu aos olhos de Rei Guilherme.

Mildred, enfurecida, deixou a curandeira para trás. Eileen podia ter perdido Aaron para sempre ao se casar com Marcel, mas não deixaria de cuidar de Adele, por amar a pequena e querer protegê-la da frieza da nova senhora do castelo.

— Está pálida! — Lilith se aproximou com Adele nos braços e entregou-a a amiga. — O que lhe passou?

— O mesmo de sempre! Lady Mildred não me quer perto de Adele.

— Mesmo agora que você não representa mais uma ameaça? Está casada com Sir Marcel e...

— A duquesa nunca deixará de me ver como uma ameaça, Lilith.

— Não gosto dela, Eileen! Vejo ódio e maldade nos olhos dessa mulher.

— Eu também! — A jovem curandeira sentiu um arrepio no corpo, um que anunciava que sua vida jamais voltaria a ser a mesma e que naquele castelo e nas terras de Lyndford jamais encontraria a paz. Sua tia Morrigan costumava lhe dizer que a floresta devia ser seu único lar e que mulheres como elas não podiam querer viver entre pessoas comuns. — Como Lady Adele passou a noite? — Perguntou preocupada.

— Bem! Coloquei junto dela o lenço que deixou com seu perfume e ela

adormeceu assim que reconheceu seu cheiro.

— Preciso fazê-la se desapegar antes que o pior aconteça e que Lady Mildred a mande para ser criada em um convento. — Eileen temia que a duquesa usasse a criança para se vingar.

— Ela não teria coragem! E mesmo que tivesse, não penso que Lorde Aaron permita tal ato. — Lilith falou assustada.

— É uma possibilidade, já que Lady Mildred demonstra cada dia mais o poder que tem para manipular Lorde Aaron.

— Ele te ama, Eileen! Lorde Aaron não é o mesmo desde que você se casou com Marcel. Não sorri mais, nem mesmo tem se reunido com os homens no final da tarde.

— O peso das responsabilidades caiu sobre os ombros do Duque de Lyndford, Lilith. — A curandeira temia que Aaron nunca mais fosse capaz de viver em paz, mas não podia fazer nada por ele, seu dom curava apenas as dores físicas e não as da alma.

— Precisa contar-lhe que espera um filho dele. — Disse-lhe Lilith em tom de voz baixo para que ninguém pudesse escutá-las.

— Não contarei em respeito ao meu marido. Marcel deseja assumir a criança como seu filho e não devo desobedecê-lo. — Eileen estava cansada de confusões e sabia que um filho bastardo apenas mancharia ainda mais a reputação de Aaron perante seu rei. Era-lhe dolorido ter que mentir e ainda envolver Marcel em sua mentira, fazendo-o trair seu senhor.

As duas jovens se retiraram sem perceber que Mildred as ouvia, e se a duquesa já não gostava da presença da curandeira em seu castelo, amaldiçoou o filho que carregava, uma criança de seu marido, um bastardo que se dependesse dela não vingaria e não abriria os olhos para o mundo.

Ela poderia simplesmente deixar as coisas seguirem o que o destino lhes reservou. Marcel assumiria o filho de Aaron como seu. Mas não lhe parecia o melhor a longo prazo. Se conseguisse engravidar de Aaron e lhe dar um herdeiro homem, seu filho seria o herdeiro legítimo, mas poderia em um futuro ser ameaçado pela descoberta de um filho mais velho. Também era sabido que um ducado não seria herdado por um bastardo, mas sempre haveria um risco, por menor que fosse. Por essa razão, precisava eliminar qualquer possibilidade de

perder as terras de Lyndford.

Mildred não perderia tempo e foi em busca de sua dama de companhia. Precisava de um plano para se livrar definitivamente da curandeira, sem deixar rastros. Aaron não poderia desconfiar ou seu plano seria um fracasso, assim como aconteceu com sua denúncia de bruxaria. Sabia que a comitiva enviada pelo Rei Normando não daria em nada com Eileen casada com um nobre e tornando-se uma lady pela força do laço do casamento. Mas haveria de existir outra forma de livrar-se da ruiva para sempre e não mediria esforços para tanto.



Aaron estava mais convicto de que Eileen não seria levada a julgamento estando casada com um normando de família nobre. Os Dupont, assim como os Brienne, desfrutavam de posição privilegiada junto ao Rei Guilherme. Porém, as preocupações lhe atormentavam e lhes faziam vacilantes em alguns momentos. Precisava tomar decisões e muito ainda tinha que ser feito para reforçar a segurança de Lyndford dos ataques dos rebeldes nativos. Um mensageiro lhe trouxera uma mensagem da fronteira sudoeste dando a notícia de que um grupo muito bem organizado de rebeldes rumava em direção a Lyndford. Talvez com Eileen em segurança e com os clérigos longe, pudesse vir a se concentrar na defesa de suas terras de um ataque iminente.

Por mais que quisesse evitá-la ou mesmo pensar em encontrá-la, seu amor incondicional o conduzia até Eileen. A vontade de tomá-la em seus braços e amá-la povoava-lhe os pensamentos e sempre se via preso em busca da única mulher que realmente amou. Aaron havia entregue seu amor a outro homem, e por mais que soubesse o quanto Marcel era mais merecedor das atenções da curandeira, sentia ciúmes e rancor pela decisão que havia tomado. Havia momentos, especialmente na penumbra de seu quarto, que se julgava um tolo em tê-la feito se casar com outro. Poderia apenas tê-la escondido em um vilarejo distante e trazê-la de volta quando o perigo houvesse passado.

Naquela tarde, após ter tido uma audiência com os religiosos enviados pelo rei, Aaron saiu para uma caminhada ao ar livre. Queria espairar e deixar de pensar na curandeira. As coisas foram muito bem conduzidas com os bispos e a perspectiva era que terminassem o trabalho a que foram incumbidos antes do previsto. Não havia uma bruxa para julgar e condenar e, só por isso, não se

faziam mais necessários.

Aaron deixou-se levar pelas lembranças dos momentos que dividiu com Eileen e, mesmo contra sua vontade, acabou tomando a direção do riacho em que a amou pela primeira vez e tantas outras que ficaram gravadas em sua mente para a eternidade. Avistou-a sentada, abraçada em suas pernas, perdida em seus pensamentos. Aquela imagem poderia ser congelada, pensou. Era assim que queria levá-la para sempre em seus pensamentos. Deixou-se levar pelo desejo de tê-la mais próxima e foi ao seu encontro, tomando o cuidado de não assustá-la.

— Eileen! – Chamou-lhe o duque com voz enrouquecida pela emoção do reencontro. Não a tinha visto sozinha antes e precisava saber se estava bem.

— Milorde! – A curandeira levantou em um sobressalto assustado e Aaron notou as lágrimas que escorriam pelo seu precioso rosto, maculando sua delicada e alva pele.

— Perdoe-me se lhe assustei! – Disse-lhe Aaron com o coração apertado, lutando contra o impulso de acolhê-la em seus braços e esforçando-se para lembrar-se de que ela pertencia a outro.

— Eu já devia ter retornado para meu marido. – Lembrou-lhe Eileen, fazendo com que todas as esperanças de Aaron fossem suplantadas em um vazio dolorido e humilhante.

— Não deve se afastar tanto do castelo. É perigoso! Foi-me noticiado que um grupo de rebeldes nativos avança ao sudoeste, e se algo de ruim lhe acontecer, não me perdoarei. – Aproximou-se mais de Eileen e tocou-lhe na face com a mão. Não devia fazê-lo, mas precisava aplacar um pouco o ardor da saudade que sentia de sua pele.

— Não é mais sua obrigação zelar pela minha integridade, milorde! Como bem sabe, ou como bem decidiu, tenho um marido para me proteger.

— Sir Marcel é um homem honrado, mas jamais conseguirá proteger-lhe como eu, Eileen. – Aaron havia tomado a resposta da curandeira como uma afronta e sentiu-se ferido em seu orgulho masculino, por mais que soubesse que havia sido o responsável pelo casamento dos dois.

— Agradeço a preocupação, milorde, mas preciso voltar para junto de meu marido, que já deve estar preocupado com meu sumiço.

— Eileen! – Chamou-lhe Aaron para evitar o muro que ela fazia questão de

levantar dia após dia, um que os separariam para sempre. Determinado a tê-la mais um pouco, reduziu a distância entre eles e acariciou a longa trança que caía sobre seu peito. Depois subiu com a carícia até seus lábios e puxou-a para junto de seu corpo, fazendo-a se desmanchar e derrubar as resistências que o impediam de se aproximar. Embevecido pelo doce perfume de sua pele, Aaron encostou seus lábios nos dela e beijou-a sem pensar na inconveniência de trair seu melhor amigo.

Eileen não conseguiu lutar contra o desejo que lhe tomou quando Aaron lhe tocou intimamente, fazendo-a se desmanchar como um pedaço de gelo no calor dos primeiros raios de sol da primavera. Correspondeu ao beijo com gosto, matando a saudade opressora em seu peito. Amava Aaron e jamais poderia esquecer a emoção que lhe atingiu quando sua boca foi tomada pela dele em um beijo caloroso, um que lhe trouxe à tona toda a tormenta de paixão que tentou sufocar durante dias.

No entanto, precisava ser forte e afastá-lo para longe. Precisavam se manter afastados pelo bem de todos. Estavam os dois casados e Marcel não merecia ser traído quando se dispôs a abrir mão de sua liberdade para salvá-la. Empurrou-o para longe de seu corpo, determinada a dar um basta em qualquer avanço que Aaron tentasse novamente.

— Não torne tudo mais difícil, Aaron! Não basta ter me entregue para outro?! – Gritou-lhe Eileen frustrada, sentindo uma opressão tomar conta de sua consciência. Devia odiá-lo por toda a dor que lhe provocou, ao contrário, apenas conseguia amá-lo mais.

— Eu sinto muito! – Disse-lhe Aaron com pesar, sentindo o peso de suas decisões, a dureza das palavras rancorosas de sua amada.

— Você sente?! – Eileen se vira para ficar de frente ao duque e encará-lo com coragem. — Você não pode sentir mais do que eu, Aaron! Não sabe o inferno que vivo em amá-lo todo o tempo e ter que ser fiel ao marido que você escolheu para mim. Eu devia odiá-lo por me fazer passar por provação tão grande, mas não consigo. – Apontou-lhe o dedo a curandeira e, sem pensar duas vezes, avançou para cima de Aaron, o tapeando onde conseguiu alcançar, deixando-se levar pela fúria excruciante que rasgava sua alma.

Aaron prendeu-a contra seu corpo. Temendo feri-la, segurou-a firme contra a parede de músculos que era seu peito. Músculos forjados no calor das muitas

lutas que travou e que naquele momento lhe eram inúteis diante de seu coração ferido.

Não podia exigir-lhe que se tornasse sua amante novamente. Por mais que lhe fosse o caminho mais fácil, havia dado sua palavra a Marcel de que respeitaria Eileen e se manteria afastado. Não podia trair os votos que havia feito ao seu melhor e mais leal guerreiro.

— Solte-me, por favor! – Implorou-lhe Eileen mais calma. — Preciso voltar para Marcel.

— Perdoe-me! – A culpa atingiu Aaron com força, fazendo-o lamentar por ter se deixado levar pelo instinto de beijá-la e tê-la novamente em seus braços. Suas promessas pareciam falhar quando a avistava ou mesmo pensava nela. Até Eileen entrar em sua vida, considerava-se um homem forte e inabalável, sempre determinado a cumprir as ordens de seu rei e conquistar era o que fazia de melhor. Eileen havia se convertido em sua fraqueza, não só física, mas de espírito, e não haveria como viver sem ela, por mais que lutasse para fazê-lo.

Soltou-a e deixou-a ir para junto do marido, sentindo-se fraco, sujo e não merecedor de respeito. A dor e a vergonha lhe tomavam e na tentativa de conter, a muito custo as lágrimas que nunca havia derramado, mergulhou dentro do riacho como se água gelada conseguisse lhe ser o conforto de que sua alma necessitava.



Os dias passavam com uma lentidão que apenas deixava Aaron ainda mais agoniado. Era-lhe difícil se manter afastado de Eileen e, por isso, entregava-se ao torpor do álcool para amenizar a dor e a raiva que lhe tomavam toda vez que era obrigado a dividir o mesmo recinto. Algumas manhãs assustou-se com o abatimento da curandeira e temia que fora acometida por uma doença grave. Mas Lilith lhe garantiu se tratar apenas de cansaço.

— O que faz aqui tão tarde da noite? – Aaron estranhou a presença de Marcel na taverna do vilarejo, onde seus homens costumavam se reunir esporadicamente para satisfazer as necessidades da carne e deitarem-se com moças que não tinham o menor pudor de vender seu corpo.

— O mesmo que os outros, milorde! – Respondeu-lhe Marcel com os olhos vidrados em uma moça de cabelos loiros. Aaron não devia se meter no casamento de seu cavaleiro, mas não entendia como um homem era capaz de deixar uma esposa atrativa para buscar prazer com uma moça que nem chegava aos pés de Eileen.

— Marcel, não devias estar com sua esposa? – Perguntou-lhe o duque ainda surpreso por vê-lo em lugar onde apenas homens solteiros e maridos infelizes procuravam visitar.

— Logo irei para junto de minha esposa, milorde! – Marcel falava enrolado, revelando nitidamente que havia exagerado na bebida e Aaron não podia deixá-lo ali, a fim de cometer um equívoco do qual se arrependeria mais tarde.

— Vamos, meu amigo! Ajudarei você a ir para casa. E devo alertá-lo de que aquele quarto que ocupa no castelo não é apropriado para manter uma esposa. — Sabia que sempre fora o bastante para o jovem guerreiro, mas desejava que Eileen vivesse com o mínimo de conforto e regalias. — Amanhã ou depois trataremos de arranjar uma cabana para que possa viver com sua esposa. — Disse-lhe Aaron, fazendo com que o guerreiro se apoiasse em seu ombro.

Aaron o arrastou pelas ruas desertas do vilarejo e por todo o pátio do castelo. Marcel tentava lhe falar algo, mas sua língua não dava conta de juntar as palavras.

— Me deve uma, meu caro! Estava a ponto de cometer o pior equívoco de sua vida ao procurar calor nos braços de outra que não seja sua mulher. — Disse-lhe Aaron como uma forma de repreendê-lo.

— Com todo meu respeito, mas milorde não é o melhor homem para me falar o que devo ou não devo fazer para salvar meu casamento... — Marcel soltou um soluço e tentou se apoiar na parede a fim de livrar-se da presença de seu senhor. — É casado e também pretendia encontrar calor nos braços de outra.

— É diferente! Minha esposa é tão fria como a neve e tão indiferente quanto uma égua xucra. Já Eileen, perdoe-me, mas tem a mulher mais desejada de Lyndford aquecendo seu leito.

— Milorde sabe do que fala! — O jovem guerreiro havia aceitado a proposta de seu senhor, equivocadamente, pensava. Havia se casado com a sua antiga amante sem considerar que viesse a se sentir despeitado e com o orgulho ferido pelas piadas que precisava escutar por onde passava. — Afinal, compartilhou da cama quente de minha bela esposa. Deveria agradecer-lhe eternamente pelo favor que me concedeu ao me dá-la em casamento.

— Não farei caso do que acaba de falar-me, Marcel! Sei que o faz motivado pelo álcool e que amanhã não recordará de nem uma palavra que proferiu contra seu senhor.

Aaron arrastou-o por mais alguns metros até chegar à porta dos aposentos que dividia com a curandeira. Bateu na porta e quando Eileen a abriu, seu coração ameaçou sair pela boca, antecipando sua vontade de tirá-la daquele lugar e levá-la para longe.

— O que aconteceu com Marcel? — perguntou-lhe Eileen, procurando cobrir-

se com um xale.

— Apenas bebeu demais! Nada do que uma noite de sono não resolva. — Aaron continuava a fitá-la e tal ato apenas a deixava mais constrangida. — Se me der licença, ajudarei a acomodá-lo na cama. — Eileen abriu espaço para que Aaron entrasse com Marcel pendurado em seu pescoço, praticamente desmaiado.

— Obrigado por resgatá-lo, milorde! — Falou-lhe Eileen assustada com a proximidade que voltava a ter com Aaron. Havia decidido se manter afastada e evitava-o sempre que podia. Fazia as refeições junto das demais criadas do castelo e não havia mais voltado à beira do riacho em que costumavam se encontrar. Também evitava subir até o segundo andar do castelo, temendo encontrá-lo e ceder ao desejo de tocá-lo. — Onde o encontrou? — Perguntou curiosa.

— Creio que não queira saber onde o encontrei, Eileen! — Respondeu-lhe Aaron, desviando a atenção para a porta onde encontrou sua esposa empertigada.

— O que meu marido procura aqui embaixo? — Insolente, Mildred usava da proximidade que havia conquistado com os bispos e clérigos para manipular o marido.

— Eu quem deve perguntar! O que minha senhora faz aqui embaixo? — Devolveu-lhe Aaron intrigado com o aparecimento repentino da duquesa.

— Os enviados do rei exigem uma audiência com o senhor meu marido.

— Podia ter enviado um dos homens atrás de mim, milady! Não se fazia necessário o incômodo. — Aaron voltou a olhar para Eileen, depois para sua esposa e um nó no estômago se formou. Ali estavam as duas mulheres que transformaram sua vida. Uma havia lhe trazido o amor já a outra, apenas a desgraça.

Eileen agradeceu a gentileza com uma reverência e foi para perto da cama atender Marcel que dormia profundamente, embalado pelo esquecimento do álcool. Talvez Aaron precisasse do mesmo esquecimento, ao menos por uma noite. Mas teria que ficar para uma próxima vez, pois assuntos importantes exigiam sua atenção.



Na manhã seguinte Marcel acordou com uma forte dor de cabeça, resultante da bebedeira que havia tomado na noite anterior. Desejava apenas esquecer os tormentos que sentia pelo amor perdido e os falatórios que era obrigado a escutar por ter se casado com a amante do Senhor de Lyndford.

Eileen estava ao seu lado quando despertou para oferecer-lhe uma caneca de um preparado com gosto amargo, mas que ela jurou que lhe tiraria o desconforto dentro de poucas horas. Era uma curandeira habilidosa apesar da juventude, tão brilhante quanto seus cabelos avermelhados que lhe caíam como cascatas pelas costas, pensou.

Marcel sabia que havia errado ao ir para taverna em busca de mulheres. Porém, desejava apenas esquecer os problemas e sempre havia apreciado a companhia feminina. Não se deixava dominar pela luxúria, mas apreciava o prazer que uma moça poderia lhe oferecer, mesmo que tivesse que pagar por isso. Além disso, não lhe agradava a ideia de se manter casto até o nascimento do filho de Eileen, quando precisava esquecer a dor de ter sido relegado por Lady Giane.

— Desculpe! – Falou para Eileen, com a vergonha estampada em seu rosto.
— Jurei protegê-la de todos os males e coloco-me em uma situação perigosa, precisando de seus cuidados. – Pegou-a na mão e levou-a aos lábios. — Estive na taverna e só não me deitei com outra mulher porque Lorde Aaron me impediu.

— Não me deve um pedido de desculpas e muito menos fidelidade, Marcel! Que espécie de mulher eu seria se exigisse de você fidelidade, quando eu carrego o filho de outro em meu ventre?

— Mas eu lhe fiz um voto! Um voto de ser-lhe fiel e protegê-la diante de Deus. – Para Marcel a religião e a igreja eram importantes e uma promessa feita diante de Deus devia ser honrada sempre.

— Pois eu o dispenso do voto de fidelidade, Marcel! Não posso exigir de ti algo que fui incapaz de cumprir.

— Do que fala?

— Eu deixei-me beijar por Lorde Aaron há alguns dias. Foi apenas uma vez, mas o suficiente para saber que nosso casamento foi um equívoco e não posso aprisioná-lo em tal mentira. – As lágrimas rolavam pela face da curandeira,

fazendo com que Marcel quisesse ampará-la. — Faça o que bem entender de sua vida. Não o julgarei por isso e não exigirei que me seja fiel. É o mínimo que posso oferecer por ter sido tão egoísta em aceitar o casamento para livrar-me de uma acusação. O preço que o destino me cobrou pela salvação da fogueira me é muito pesado e insuportável. — Secou as lágrimas com a ponta da manga de sua túnica.

— Não fale tolices, Eileen! É a pessoa mais generosa que conheço. Sempre considera o bem-estar dos outros em detrimento de sua própria segurança. Nós dois cometemos equívocos e estamos quitados. Pois proponho que comecemos novamente do zero.

— Mas eu sei que homens jovens são viris e necessitam da atenção de que não estou preparada para dar. Não quando meu coração e meu corpo pertencem a outro. — Confessou-lhe Eileen, tomada de um desespero que lhe doía na alma.

— Meu coração também é ocupado por outra. Não a julgo por ainda amá-lo quando eu mesmo não fui capaz de esquecer Lady Giane. Talvez Deus nos uniu para que um confortasse o outro, Eileen. — Secou-lhe as lágrimas e beijou-lhe na testa. Eram casados e precisavam dar um jeito de se entenderem. Haveriam de dar um jeito.



Marcel fora chamado para se reunir ao duque. Não era um simples chamado, mas uma convocação que não podia ser deixada de lado em decorrência de uma ressaca motivada por excesso de bebida.

Chegou ao grande salão quando todos já ocupavam seus lugares, o que lhe deixou envergonhado perante seu senhor. Era o segundo em comando e devia dar o exemplo antes de tudo. Acabou sendo recebido com piadas maldosas que insinuavam que Eileen lhe ocupava mais do que devido.

— Sejam menos ciumentos! — Um dos mais velhos do grupo soltou divertido. — Sir Marcel acabou de se casar com a garota mais bonita de Lyndford e é natural que se atrase.

Marcel olhou para Aaron ainda mais envergonhado. Não havia passado a noite nos braços de Eileen como todos acreditavam e sim dormido como um porco gordo porque fora incapaz de lidar com os acontecimentos dos últimos dias.

— Calem-se todos! — Aaron bateu forte na mesa, levantando e exigindo a atenção de seus guerreiros. — As forças rebeldes avançam com força e já saquearam duas aldeias que ficam a menos de 50 km de Lyndford.

— Não acredito que terão coragem de nos saquear! — Um dos homens falou alto.

— Eles não têm nada a perder e não duvide que em menos de 3 dias não

estejam tentando nos cercar. Nosso domínio é recente e podem acreditar que ainda estamos nos recuperando da batalha travada contra os saxões. – Marcel respondeu com propriedade.

— O que faremos? – Perguntou outro dos guerreiros, um dos mais jovens do destacamento que acompanhou Aaron às terras ocidentais.

— Despachei um grupo de guerreiros para estudar nosso inimigo. O próximo passo será nos organizarmos e protegermos os habitantes do vilarejo, trazendo-os para mais próximo do castelo. Barricadas deverão ser erguidas nas partes mais desprotegidas e precisamos aumentar o número de sentinelas em todos os setores do castelo. Lyndford é nossa e ninguém ousará nos saquear. – Aaron ergueu sua espada, fazendo com que todos os guerreiros repetissem seu gesto com empolgação.

Aaron precisava daquilo mais do que julgava um dia poder querer uma batalha. Seu sangue fervia diante da expectativa de uma boa luta, não porque desejasse massacrar o povo inimigo, mas tão-somente porque precisava esquecê-la, sua dama da floresta.

As discussões corriam soltas quando o grupo que fora designado a se aproximar do inimigo retornou em uma marcha preocupante.

— Milorde! Eles estão mais próximos do que imaginávamos, a menos de 3 horas de Lyndford. – Um dos guerreiros bradou com semblante fechado.

— Quantos são? – Perguntou-lhe Aaron mais preocupado e temendo uma emboscada súbita.

— Calculamos 50 homens. – Respondeu-lhe outro dos guerreiros. — Carregam a bandeira dos Arwel e segundo o que nos contou um pastor de ovelhas vieram a Lyndford em busca da princesa perdida.

— Princesa perdida? Estamos aqui há um ano e essa história não passa de uma lenda cantada pelos clãs nativos. – Aaron falou-lhes irritado. — Pois que venham e sejam recebidos com nossa ira!

Ali apenas Marcel sabia da verdade. Eileen era a princesa perdida e precisava deixá-la a par do que acontecia. Afastou-se do grupo, aproveitando sua distração e saiu em procura de sua esposa. Não a encontrou no quarto, muito menos na cozinha e só podia existir um lugar que a encontraria, no quarto de Lady Adele.

— Eileen, preciso contar algo a respeito de seu clã! – A curandeira se virou

em direção ao marido, trazendo consigo a pequena menina que brincava com seus cabelos cor de bronze. — Eles se aproximam de Lyndford à sua procura. — Eileen levou uma das mãos à boca chocada pela notícia que acabara de receber.

— Meu tio Owen deve estar à minha procura! Fui prometida ao meu primo quando nasci para selar a paz e afastar as constantes rixas que dividiam nosso clã. E como sou a única filha possivelmente viva do chefe do clã, é muito provável que precisem de mim para legitimar seu nome como chefe.

— Não entendo! — Marcel se aproximou de Eileen e acariciou a cabeça de Adele.

— É um tanto confuso para mim, imagino que para você seja ainda pior. Como te falei antes, sei pouco da história de meu povo, apenas pequenas passagens que me foram contadas por minha tia Morrigan. Havia uma divisão em nosso clã, que acredito ainda perdurar, caso contrário, os Arwel não estariam no meu encalço.

— Então você é a herdeira que eles precisam para legitimar o poder como chefe do clã?

— Acredito que sim! Embora não possa lhe dar certeza.

— Precisamos contar ao milorde o quanto antes. Uma guerra poderá ser evitada se você se apresentar como a princesa perdida. — Marcel estava cansado de derramar sangue em nome da ganância dos homens. Tinham uma terra para plantar e colher o alimento de que necessitavam e julgava que o caminho da paz devia se colocar como prioridade. Era um guerreiro, havia sido criado para a guerra e podia parecer estranho aos olhos de outros, mas apenas desejava a paz. Se os homens pudessem prever as vidas que ceifariam e as desgraças que trariam ao declarar guerra a um povo, talvez reconsiderassem suas ações.

— Não posso me entregar, Marcel! Trairia a memória de minha tia, que passou a vida a me proteger da ira e ganância por poder de meu tio. — Aterrorizava-lhe saber que sua tia tinha vivido e morrido por uma causa perdida.

— Lorde Aaron não irá lhe entregar! Apenas poderá lutar melhor sabendo que tem a princesa perdida sã e salva dentro de seu castelo. Pense, Eileen, a vida de muitos pode ser poupada se você contar a verdade para nosso senhor.

— Eu seria como uma moeda de troca, é isso? — Um nó se formou no estômago de Eileen, um prenúncio de que o perigo lhe rondava, que estava cada

vez mais perto dela.

— Uma garantia de que Lyndford seria poupada de um ataque por parte dos Arwel. Relatos nos chegam todos os dias do quanto são bestiais e selvagens, não temem a morte quando vão para um campo de batalha. Pense em Adele, por favor!

Eileen precisava tomar uma decisão. Sua vida não seria a mesma com a revelação que Marcel lhe exigia. Mas a vida das pessoas que viviam em Lyndford poderia ser poupada se tivesse a coragem de declarar-se a princesa perdida.

— Eu contarei ao Lorde Aaron, mas tenha em mente que poderei estar legitimando minha morte. Meu tio não tolerava a presença das druidesas no clã e eu sou uma delas também.

— Mas ele precisa de você para ser aceito.

— Até ser aceito! Minha tia fugiu comigo não apenas por temer a perseguição dos saxões, mas porque temia meu tio. Ela acreditava que eu seria a próxima a ser assassinada para não restar qualquer vestígio ou lembrança do poder de meu pai. Sofremos com a conquista dos saxões, mas isso apenas foi mais um problema em um mar de discórdias que tinha no centro a ambição do irmão mais novo de meu pai.

— Eileen, eles não chegarão perto de ti! Eu prometo-lhe em nome de Deus que a protegerei com minha vida se for necessário.

— Eu sei, Marcel! – Acariciou-lhe o rosto Eileen, tomada de uma emoção profunda. Nunca fora egoísta e não seria em momento tão crucial para os moradores de Lyndford, seu lar por anos a fio. Fora na floresta de Lyndford que Eileen e Morrigan conseguiram viver anos de paz e só por isso devia-lhes muito. — Eu irei ao encontro do duque e contarei minha história.

Marcel e Eileen saíam do quarto de Adele quando trombaram em Lady Mildred.

— O que faz aqui, milady? – Perguntou-lhe o jovem guerreiro.

— Estava apenas querendo visitar minha enteada. – A duquesa empertigou-se, alisando sua túnica em um gesto de apreensão. — Lady Adele precisa se acostumar com minha presença, já que, em breve, Lorde Aaron pretende enviá-los para administrarem as terras de Whortshire. – Eileen arregalou os olhos, mas

parecia ser também uma surpresa para seu marido. — Meu marido ainda não revelou suas intenções?! Oh perdoe-me, Sir Marcel e Lady Eileen, acredito que acabei por me adiantar. Por favor, não revelem que lhes contei ao Lorde Aaron. Ele levará como uma afronta de minha parte e não pretendo iniciar uma briga, não quando começamos a nos entender.

A preocupação de Eileen por desconfiar de que Mildred havia escutado o que não devia foi substituída pela dor ao ouvi-la de que ela e Aaron estavam convivendo como marido e mulher. Foi-lhe ainda mais dolorido imaginá-los abraçados em uma cama. Mas era o natural e o esperado dos senhores. O povo se alegraria com a chegada de um herdeiro legítimo em breve.

A duquesa renovou seus votos de desculpas e tomou a direção de seus aposentos. Eileen e Marcel esqueceram a notícia de que um dia teriam que viver em Whortshire e rumaram ao encontro de Lorde Aaron, para Eileen lhe contar a verdade.



Mildred entrou em seus aposentos ansiosa para compartilhar a informação de ouro que havia conseguido ao se esgueirar até o quarto da enteada. Livrar-se-ia da curandeira de uma vez por todas e apenas precisava barganhar com o chefe dos Arwel.

— Chelsea, minha cara, preciso que vá novamente ao encontro de Hayden para entregar-lhe uma nova mensagem. — Dessa vez não escreveria o recado, pois seu antigo amante era um homem de pouca instrução e não entenderia. Era-lhe mais prático enviar a mensagem por meio de sua criada. — Diga-lhe que preciso que ele vá até o acampamento dos Arwel nas cercanias da floresta e procure por Owen. Hayden deverá dizer que eu, a Duquesa de Lyndford, tenho uma proposta irrecusável para lhe fazer.

— O que milady pretende? — Chelsea perguntou-lhe intrigada com a repentina mudança de humor de sua senhora.

— A princesa perdida que os Arwel tanto procuram estava embaixo de nosso nariz o tempo todo. Eileen é a princesa perdida! E essa descoberta é a solução definitiva para os meus problemas. Entregarei a curandeira à sua família de sangue e ainda livrarei meu povo de ser castigado pelo exército dos Arwel. Já

sofremos um ataque em Whortshire e sabemos o quanto são traiçoeiros por não temerem a morte.

Mesmo que os Arwel procurassem Aaron para contar-lhe a verdade, nada, absolutamente nada seria capaz de impedir Mildred de atingir seu propósito e entregar Eileen para o tio. Apenas precisava ter cuidado para não chamar atenção para si. Mas não haveria de ser difícil. Fizera o mesmo ao denunciar a curandeira por prática de bruxaria e até então ninguém havia sequer suspeitado de sua participação. Sabia que Aaron a vigiava dia e noite e que esperava surpreendê-la e só por conhecer o jeito do marido agir, lhe era uma vantagem poderosa.

— Devo instruí-lo a marcar uma audiência com o líder dos Arwel? — A criada perguntou-lhe.

— Apenas com Owen Arwel e mais ninguém. Não posso correr o risco de ser descoberta. — Respondeu-lhe Mildred ciente de que se a surpreendessem seria enviada para um convento ou mesmo para a masmorra, na pior das hipóteses.

— Milady, se me permitir, não acho prudente se arriscar tanto. Sir Hayden poderá conduzir o assunto. Temo que sua saída do castelo quando milorde acabou de ordenar que ninguém ultrapasse os muros do castelo possa lhe trazer transtornos.

— Não posso confiar que Hayden lidere as negociações com o Arwel. Bem sabemos o quanto não é habilidoso com as palavras. — Mildred não podia confiar um assunto tão importante a um guerreiro que sabia muito bem manejar a espada, mas era um completo desastre com a diplomacia. — Pois não perca mais tempo e vá ao encontro de Hayden enquanto ainda todos estão reunidos no grande salão. Não podemos chamar a atenção de ninguém ou colocaremos tudo a perder.



Aaron dispensou os guerreiros atendendo ao pedido de Marcel. Sabia que algo importante acontecia, caso contrário não teria trazido a esposa consigo.

— Eileen tem algo a revelar. – Disse-lhe o jovem guerreiro com semblante taciturno. Aaron não havia estranhado sua seriedade, pois Marcel sempre fora mais fechado do que outros homens que lhe serviam, mas a presença da curandeira era o que mais lhe preocupava. Marcel não a teria trazido até ele se o assunto não fosse sério e preocupante.

Eileen se empertigou diante da avaliação de seu senhor e engoliu em seco na tentativa de tomar coragem para contar a verdade sobre seu nome e origem.

— Não tenha medo! – Falou-lhe Marcel segurando em sua mão e deixando Aaron ainda mais incomodado com a proximidade dos dois. Eram amigos, sempre soubera, mas não estava preparado para vê-los trocando carícias como um casal enamorado.

— Milorde! – A curandeira hesitava sentindo o medo gelar seu sangue e as palavras pararem na garganta, sem coragem de revelar seu maior segredo. — A moça que os Arwel procuram sou eu! – Falou-lhe de uma só vez, impedindo-a de correr para longe da grande sala, apenas iluminada por tochas que se espalhavam como cortinas de fogos pelas grossas paredes.

— Eu não ouvi bem, é isso? – Aaron falou-lhe, voltando sua atenção para a curandeira.

— Ouviu sim! Eileen é a princesa perdida. É uma legítima Arwel. — Marcel adiantou-se na resposta, encarando seu senhor nos olhos.

— Por que não me contou a respeito, Eileen? — Aaron estava chocado, sim, espantado com a revelação de que sua dama da floresta, a dona de seu coração, era a princesa que os nativos tanto ansiavam reencontrar. Não era a filha de um duque ou de um conde, Eileen era o equivalente à filha do rei para seu povo e havia se deitado com ela, dormido com uma princesa.

— Eu temia causar-lhe problemas antes de qualquer coisa. Mas também temia que a revelação de meu segredo trouxesse meu tio até mim.

— E por que agora decidiu revelá-lo? — Aaron ainda não conseguia acreditar que sua Eileen, a curandeira da floresta, sua amante, era a filha mais importante do Clã Arwel, um dos mais poderosos entre os povos nativos.

— Seu povo corre perigo diante de uma iminente guerra. Sangue de inocentes não merecem ser derramado para salvar minha pele de um destino que já devia ter chegado. Minha tia devotou sua vida para me manter a salvo da ganância de meu tio e duvido que ela aceitaria que vidas venham a ser ceifadas para proteger-me. Minha mãe era de um clã de druidas poderosos, um onde as mulheres se dedicavam à cura. Não apenas sou uma Arwel, a filha perdida do senhor do clã, mas uma curandeira que jurou salvar vidas acima de qualquer coisa. Não teria paz se deixasse inocentes lutarem por mim.

— Você sabia disso, Marcel? — Perguntou-lhe Aaron sem desviar o olhar da curandeira, que lhe parecia ainda mais abatida do que nos dias anteriores.

— Fiquei sabendo no dia do casamento, milorde. — Marcel abaixou a cabeça envergonhado com a omissão.

— E quando me contaria? Sou seu senhor, Marcel, e você é o meu homem de confiança. — Aaron deixou a ira lhe dominar e socou a mesa com força, indignado pela omissão dos dois e ainda mais preocupado com a segurança de Eileen.

— Aaron! — A jovem se aproximou do duque, dispensando a formalidade e tocando-lhe no braço. — Não fizemos de propósito ou para passar por cima de sua autoridade. O que pretende fazer com a informação? — Perguntou-lhe Eileen com os olhos marejados, o que os deixavam mais verdes do que castanhos.

— Protegê-la! O que mais poderia fazer? — Aaron não deixaria seu amor à

mercê da sorte, sequer a usaria como moeda de troca. A informação lhe colocava em posição privilegiada, mas apenas isso. Não estava disposto a sacrificá-la, já tinha aberto mão de seu amor em nome de seu rei, de seu povo, mas perdê-la ou mesmo colocar em risco sua vida não lhe era uma opção e nunca viria a ser. — Quero-a de volta aos aposentos de minha filha. É lá que ficará até o perigo passar. Marcel poderá lhe acompanhar se desejar.

— Não pode me fazer prisioneira! – Eileen olhou-lhe frustrada. Aaron sempre tinha a solução para as coisas e nem sempre eram as mais ponderadas.

— Milorde está certo! – Seu marido acabava de concordar, o que não lhe deixou espantada. Homens costumavam tomar decisões sem considerar a opinião das mulheres, pensou Eileen resignada.

— A ordem é para que toda mulher, idoso e criança de Lyndford se abrigue dentro dos muros do castelo. – Chamou-lhe a atenção Aaron. — No caso de Eileen, ela se abrigará em um dos aposentos e não sairá sem estar acompanhada por mim ou Marcel.

— Mas Aaron, contei-lhe para evitar uma batalha sangrenta, não para me trancafiar dentro de uma cela. – A curandeira apelou para o bom senso de seu ex-amante.

— A guerra me acompanha há anos e se os Arwel querem guerra, darei o que me pedem. Não a entregarei para eles. O aparecimento da princesa perdida deve continuar a ser um segredo. – Determinou-lhe Aaron, fazendo uso de sua autoridade como duque.



Eileen acatou as ordens do Duque de Lyndford, mas pensando em uma maneira de livrar-se da clausura, sem causar mais transtornos do que vinha provocando. Às vezes, acreditava que nunca conseguiria encontrar paz em nenhum lugar. Sua tia estava certa quando lhe dizia que a floresta devia ser seu esconderijo e lar. Havia saído de lá por se sentir só, mas havia trazido consigo um rastro de amarguras e infortúnios.

Fazia dias que passava a maior parte do tempo somente com Adele para dividir a solidão. Lilith e Bertha, assim como o pequeno John, eram-lhe suas

únicas companhias. Marcel a evitava e não o julgava por isso, ao contrário, sentia-se aliviada por não ter que encará-lo. Desejava, por outro lado, notícias de Aaron. Mesmo sabendo que não era o certo se preocupar com o duque, não conseguia afastar dos pensamentos a preocupação que lhe abatia a cada novo anoitecer que assistia da janela de sua cela.

Sentia-se cada vez mais inútil presa entre paredes de pedras opressoras, quando podia ser mais útil junto ao povo, dedicando-se à cura, seu dom mais precioso. Apesar de já não ser tão requisitada como antes, devido à denúncia de bruxaria que fora vítima, poderia tentar curar homens feridos em batalha. Lilith lhe informara de que Lorde Aaron tentava negociar com os Arwel e alguns confrontos aconteciam nas cercanias da floresta.

Naquele dia em específico, não apenas a opressão das nuvens lhe sufocava e provocava-lhe arrepios, mas o pressentimento de que algo de ruim estava para acontecer. Os espíritos da floresta lhe mandavam mensagens pelo vento, mas Eileen não era capaz de decifrá-las. Nunca fora boa como sua tia em entender os sinais da natureza. Curava como ninguém, mas não havia herdado o dom de entender as mensagens que a Deusa lhe enviava com precisão.

Escutando o rangido da porta e acreditando que Bertha ou Lilith lhe visitariam mais uma vez naquele dia sombrio e gelado, virou-se e deu de cara com Mildred.

— Pela Deusa, o que quer de mim? – Perguntou-lhe Eileen, temendo que a duquesa tivesse descoberto que carregava um filho de seu marido ou mesmo seu segredo de que era a princesa perdida.

— Apenas quis ver com meus próprios olhos o absurdo que meu marido comete! Proteger dentro de nosso castelo a filha do inimigo. – Mildred proferiu as palavras com rancor e ódio no semblante. Sua frieza, em contrapartida, já não espantava a jovem curandeira. — Seus dias de princesa haverão de acabar, minha cara!

Eileen lhe virou as costas, com as lágrimas a escorrer pela face. A gravidez lhe havia deixado mais emotiva do que costumava ser. A esposa de Aaron merecia ouvir umas verdades, mas não desceria tão baixo e recusava-se a devolver-lhe as provocações. No entanto, uma coisa era-lhe certa, seu segredo havia chegado aos ouvidos da senhora do castelo e não tardaria para que outros descobrissem sua verdadeira identidade. Corria mais risco dentro do castelo do

que fora dele, pensou apavorada.

Mildred se afastou levando consigo a prepotência e o amargor que lhe cercavam cada dia mais. Eileen agarrou-se à Adele como se a pequena criança fosse capaz de salvar-lhe, a si e ao bebê que crescia em seu ventre. Não poderia ficar ali para sempre ou mesmo esperando que Aaron ou Marcel lhe viessem buscar, não quando havia visto tanto ódio nos olhos daquela que fora convertida em legítima Senhora de Lyndford.

— Eileen! – Lilith acabava de entrar com John nos braços, seus olhos estavam vermelhos e o desespero lhe contornava o semblante outrora alegre. — Meu marido, o pai de John, foi assassinado pelos Arwel. – As pernas da curandeira amoleceram e tudo ficou nublado de repente. Apoiou-se no batente da janela, de modo a não cair no chão e derrubar Adele.

— Como isso aconteceu? – Perguntou-lhe Eileen indignada. Lilith não sabia de sua verdadeira origem e não acreditava que o momento era o melhor para fazer a revelação.

— Falei-lhe para não se juntar ao exército, mas é um teimoso e o fez escondido. Nunca manuseou uma espada e era visto que acabaria mortalmente ferido, deixando-me viúva com um filho pequeno para criar. – As coisas andavam pior do que imaginara e passou pela cabeça de Eileen que deveria se entregar ou talvez fugir para longe, deixando um rastro para que seus parentes a buscassem longe das terras de Lyndford. — Peço que fique com John até eu enterrar meu marido.

— É claro que sim! Sempre foi uma boa amiga para mim, Lilith! É o mínimo que posso fazer por ti e por sua família.

— Tudo isso é culpa dos normandos! – Bradou-lhe Lilith, totalmente transtornada pela dor da perda do marido. Em Lyndford, os ânimos costumavam acirrar em momentos de desastres e guerras. Ali viviam pessoas com tradições diferentes, uma união inusitada entre diversos povos. Normandos tentavam conviver pacificamente com saxões e alguns nativos da região. Já os saxões aceitavam a presença dos normandos temendo que lhes tirassem a terra e o lar. E os nativos lutavam para não perder o domínio das terras ao oeste.

— Nem todos os normandos são ruins! – Falou-lhe Eileen, lembrando-se de Aaron e Marcel, sobretudo de Aaron que demonstrava ser um homem justo com seus súditos. — A culpa não é dos normandos, minha amiga. Se alguém deve ser

considerado culpado que seja eu. – Disse-lhe determinada a revelar seu segredo para sua melhor amiga. — Eu sou a princesa perdida, Lilith! Os Arwel querem a mim. Meu povo não costuma guerrear sem um bom motivo, ao menos contava-me tia Morrigan que no reinado de meu pai eram um povo pacífico.

— O que me diz não pode ser verdade! – Lilith não queria acreditar na amiga e correr o risco de odiá-la pelo mal que havia lhe assolado.

— Sou a princesa perdida do Clã Arwel e você terá que me ajudar a fugir daqui antes que a disputa entre Aaron e meu tio traga mais desgraças.

— Você é a princesa perdida! A razão por milorde ter-lhe trancafiado em um aposento. Eu devia odiá-la, Eileen, mas não consigo. Sinto apenas pena de ti. – Lilith queria espantar a dor e o rancor que sentia pela perda do marido e sabia que não podia culpar sua amiga pela teimosia que o moveu em busca da morte.

— Escute-me! Preciso que procure por Bertha e conte-lhe o que revelei. Vocês duas precisam me ajudar a fugir de Lyndford o quanto antes.

— Seu plano é muito arriscado. Quando milorde descobrir que a deixamos fugir, irá nos castigar. Você é o amor dele e jamais nos perdoará. – Lilith falava uma verdade, mas era o único jeito de evitar mais derramamento de sangue inocente.

— Lorde Aaron não saberá se fizemos tudo certo. Preciso sair daqui, Lilith, não apenas para dar fim à guerra travada entre Lyndford e os Arwel, mas também porque a duquesa descobriu meu segredo.

— Meu Deus! A duquesa aproveitará a oportunidade para livrar-se de ti. – A ama de leite de Adele arregalou os olhos assustada, sentindo o pavor tomar conta de seu corpo e de sua alma. Eileen podia ser a mulher que havia levado dois povos a guerrear, mas era sua amiga, havia trazido John ao mundo e evitado que fosse um órfão. Não viraria as costas para ela. Entregou-lhe John e foi em busca de ajuda, rogando para que ninguém desconfiasse dos planos das duas.

A curandeira temia pelo pior, em perder mais pessoas queridas ou mesmo o amor de sua vida. Culpava-se por ter deixado as coisas chegarem ao ponto que estavam. Martirizava-se por acreditar que um dia poderia ser feliz quando havia nascido com destino tão cruel. Devia entregar-se ao tio e aceitar o que lhe fora traçado, devia entregar-se aos saxões ou mesmo aos normandos e declarar-se uma bruxa, mas não teria coragem quando uma criança crescia em seu ventre e

merecia conhecer o mundo, fazê-lo um lugar melhor. A Deusa não teria lhe dado a benção da fecundidade caso não desejasse um futuro para si. Eileen precisava lutar, era-lhe certo que precisava lutar, não por ela, mas pelo filho que carregava.



Horas depois, Bertha entrou desesperada nos aposentos de Lady Adele em busca de Eileen. Suas feições revelavam profunda preocupação e seu chamado angustiante fizeram com que a curandeira saltasse da cama.

— Tenho que tirá-la daqui o quanto antes! – Falou-lhe a anciã com lágrimas nos olhos, o que acentuava ainda mais suas rugas.

— Pela Deusa! O que se passa? – Perguntou-lhe Eileen com as mãos no pescoço, sentindo cada músculo de seu corpo se contrair diante do que sabia não ser boa notícia. — Não posso deixar o castelo com Adele e John. Não esperava que viesse até mim tão cedo.

— Do que fala, moça? – A testa de Bertha já marcada pelo tempo tornava-se ainda mais enrugada pela preocupação e pelo temor de não salvar Eileen das garras da duquesa.

— Mande Lilith até ti, para que me ajudasse a fugir daqui. Sou a princesa perdida que os Arwel procuram desesperadamente e preciso fugir de Lyndford.

— Não estive com Lilith, tão pouco foi ela quem me contou que é a princesa perdida. Ouvi da própria duquesa. Eileen, milady se aliou ao chefe dos Arwel e facilitou-lhe a entrada no castelo. Eles virão até ti se não tratar de sair o quanto antes. – Bertha desesperada em poupar a vida da curandeira começou a juntar seus pertences em uma trouxa. Havia separado também alguns mantimentos.

— Como assim? Meu tio e seus seguidores já estão dentro do castelo? –

Perguntou-lhe a jovem, tomada do medo de não conseguir salvar seu filho. Levou as mãos à barriga e pediu às forças da natureza que lhe ajudassem, que protegessem sua vida e de seu filho.

— Eles conseguiram romper a resistência ao oriente do castelo.

— Justo onde estava sendo erguido o muro! – Lembrou-se Eileen.

— Mas foi um estratagema de Lady Mildred para distrair nosso lorde. Eu a ouvi repassando as instruções para a cadela da Chelsea. A duquesa ordenou à dama de companhia que abrisse as portas do fundo do castelo e os trouxesse para cá.

— Pela Deusa! Precisamos avisar Lorde Aaron. – Eileen não podia virar as costas para Aaron sabendo que corria perigo.

— Você tem que ir, moça! Agora! Consegui enviar um menino até Lorde Aaron, mas temo que não chegue a tempo para ajudá-la. – Bertha abria a porta para empurrar Eileen para fora quando avistou Lady Mildred e seus olhos raivosos vindo em direção dos aposentos. Temendo serem surpreendidas, a velha fechou a porta e ajudou Eileen a subir na janela para esconder-se no parapeito até o perigo passar.

— É muito alto, Bertha!

— Sei que é corajosa! Apenas feche os olhos e pense no seu bebê. – Disse-lhe a anciã cada vez mais desesperada.

— Como sabe que carrego um filho?

— Não nasci ontem e sei os sintomas que sofrem as mulheres quando esperam um bebê. Vá logo! – Empurrou-lhe para fora, orando e pedindo a Deus que a duquesa não encontrasse a amiga. Eileen não merecia ser entregue ao sacrifício como um cordeiro. — Fique aqui sem ousar voltar a entrar até que lhe chame.

Bertha arrumou a touca na cabeça, alisou o avental e sentou-se na cama ao lado dos bebês. Quando Mildred abriu a porta, não encontrou quem procurava.

— Onde está a ruiva? – Perguntou-lhe. — Sei que a protege, velha!

— Eileen pediu-me para ficar com os bebês enquanto ia em busca de Lilith. Lady Adele chorava de fome.

— É chegada a hora de desmamá-la. — Mildred buscou Eileen com os olhos em todos os cantos que imaginara estar escondida. Mas não havia rastro dela. Seu plano estava prestes a dar errado novamente se não conseguisse encontrar a curandeira. Havia arriscado muito para entregá-la ao tio e o fracasso não lhe era uma opção. — Se estiver mentindo para mim, Bertha, saberei!

A duquesa saiu do quarto, colocando um homem para vigiar a porta. Bertha praguejou, sentindo-se encurralada. Mesmo assim, a guerra ainda não estava decidida e enquanto estivesse viva, protegeria Eileen e o filho que carregava.

— Eileen! — Chamou-lhe a serviçal. — Terá que sair pelo quarto ao lado. Milady colocou um homem para vigiar a porta. Ande pelo parapeito e chegará à janela do quarto de Lorde Aaron. De lá, você conseguirá esgueirar-se até a porta da cozinha. Distrairei o guarda para que não perceba nem uma movimentação.

— Não sei se conseguirei me mover! — O medo havia paralisado todos os músculos da jovem curandeira.

— Terá que se mover! Pense em seu filho. — Bertha entregou-lhe a trouxa de roupas e um saquinho de moedas que eram suas economias.

— Não posso aceitar as moedas! E sua velhice?

— Uma velha não precisa mais do que um prato de comida e um teto e isso Lorde Aaron já me dá. As moedas lhe serão mais úteis! É meu presente para seu filho.

Eileen estendeu a mão para pegar o saco de moedas com as economias de uma vida de Bertha e agradeceu o gesto com um aperto de mão.

— Cuide de John e Adele!

— Vá para longe, moça! Vá para longe, sem olhar para trás.

A curandeira não podia mais fechar os olhos e precisava vencer o medo da altura que sempre lhe causava náuseas. Precisava ser mais forte do que o medo e mais precisa do que uma aranha que se grudava nas paredes. Arrastou-se até a janela do quarto de Lorde Aaron sentindo o suor escorrer pelo rosto e acumular-se no interior de suas roupas. Ao sentir a segurança do assoalho, conseguiu relaxar e respirar aliviada até certificar-se de que poderia dar andamento ao que fora planejado por Bertha. Na primeira tentativa, precisou retornar para o interior do quarto, pois Chelsea poderia lhe ver. Ali naquele quarto foi tomada pelas lembranças dos momentos que compartilhou com Aaron e ali selava a despedida

do homem que amava, levando consigo o fruto do amor dos dois.

Segura de que ninguém pudesse avistá-la, Eileen se esgueirou até a escada. A capa que Bertha havia colocado na trouxa lhe preservava dos olhos curiosos, dando-lhe tempo suficiente para escapar do castelo. Uma nova vida se iniciava, uma em que teria que aprender a viver só, por sua conta e risco, uma em que teria que esquecer Aaron por mais que lhe custasse.



Aaron ainda não conseguia acreditar no que seus olhos viam. Não tardaria muito para que os Arwel avançassem e tomassem o castelo. A derrota parecia-lhe mais iminente do que nunca. Precisava fazer algo ou perderia as terras de Lyndford.

— Os Arwel devem ter plantado um informante junto de nós, milorde! — Falou-lhe um de seus homens. — Só isso explicaria o fato de ter-nos atacado na porção oriental, a parte mais frágil do castelo.

— É sabido que um traidor esteve entre nós e juro que colocarei as mãos nele e não haverá pedido de clemência que me fará poupar sua vida. — Gritou-lhe o duque sentindo a dureza do cabo de sua espada e secando o suor que se misturava ao sangue dos homens que havia matado minutos antes.

O cansaço tomava a maior parte de seus homens e mesmo assim, os Arwel continuavam implacáveis, ceifando a vida e entregando as suas apenas para atingir o seu intento. Porém, Aaron apenas se daria por vencido se a morte lhe chegasse, até lá lutaria e protegeria não só suas terras, como também sua Eileen.

— Milorde! — Gritou-lhe um dos guerreiros. — Sir Marcel foi abatido e chama pelo senhor.

Desesperado, Aaron entregou o comando para o homem mais próximo e marchou na direção que veio a voz. Encontrou Marcel prostrado no chão, com uma espada atravessada em seu peito, agonizando e lutando para se manter lúcido.

— Não deve fazer esforço! — Disse-lhe Aaron ajoelhado diante de seu mais leal guerreiro.

— Morrerei, milorde, mas antes preciso contar-lhe algo!

— Poderá fazê-lo quando estiver curado. Proíbo que morra, Marcel!

— É sobre a curandeira, milorde! Preciso contar ou não terei o descanso eterno.

— Deixe-o falar, milorde! – Falou-lhe o guerreiro que havia chamado Aaron, dando a entender apenas com o olhar de que não havia mais o que ser feito para salvar Marcel da morte prematura, e que Aaron se culparia para sempre.

— O que tem sua esposa? – Autorizou-lhe Aaron.

— Eileen... Milorde... Eileen espera um filho.

— O que fala Marcel? – Aaron foi tomado de uma emoção profunda. Eileen esperava um filho que poderia ser seu e não de Marcel. Não estavam casados tempo suficiente para terem gerado um filho e tudo lhe indicava que o bebê que a curandeira carregava era seu e não de Marcel.

— Ela espera um filho seu! – Disse-lhe Marcel com muito esforço. — Nunca me deitei com Eileen, nunca consumamos o casamento. Ela se recusou por ainda amá-lo, milorde!

Foram as últimas palavras ditas pelo jovem guerreiro antes de dar seu último suspiro e entregar-se aos braços da morte. Aaron praguejou e amaldiçoou o destino por lhe ter tirado seu melhor amigo, aquele a quem tinha como um irmão. Marcel merecia a glória e não a morte.

— Milorde! – Outro de seus homens lhe chamava. Todos o chamavam, precisavam de suas ordens, mas Aaron sentia-se esgotado, derrotado pela perda prematura de Marcel. — Milorde! Esse menino chama pelo senhor.

— O que uma criança faz no campo de batalha? – Perguntou-lhe Aaron em tom repreensivo. Havia dado ordens para que crianças, idosos e mulheres se recolhessem em local seguro.

— Milorde! – O menino puxou sua cota de malha. — Bertha me enviou até o senhor para que o avisasse de que os Arwel planejam entrar no castelo e levar a curandeira.

— Como? O que Bertha lhe disse, garoto? – Aaron precisava saber mais.

— Ela disse que milorde deve saber que a invasão foi uma cilada para

distrair-lhe e facilitar a entrada dos Arwel no castelo.

— Maldição! – Praguejou Aaron. Haviam lhe distraído de propósito com a intenção clara de afastá-lo do castelo e o pior era que havia um traidor dentro de sua casa. Ninguém sabia que Eileen era a princesa perdida, muito menos uma Arwel. — Reúna cinco homens para me acompanhar até o castelo, Geoffrey! – Ordenou-lhe, tomado da raiva e de um forte sentimento de vingança. O traidor pagaria com sua vida se fosse preciso.

Acompanhado dos cinco homens destacados, Aaron rumou até o castelo, subindo as escadas em passos firmes e fortes a fim de alcançar os aposentos de Eileen e salvá-la, a ela e ao seu filho. Ainda custava a acreditar que Eileen esperava um filho dele e que nunca ousou traí-lo mesmo ele a tendo obrigado se casar com outro.

Ao chegar no quarto foram surpreendidos por homens dos Arwel fortemente armados. Uma luta se estendeu além do desejado. Aaron se ocupou de Owen, o tio que almejava levar ou mesmo assassinar Eileen. Enquanto lutava procurava com os olhos por ela, mas para seu desespero apenas encontrara Bertha e os bebês encolhidos em cima da cama que Eileen usava para dormir.

— O que fez com Eileen? – Gritou Aaron em direção a Owen.

— Seu maldito, quem deve perguntar o que fez com minha sobrinha sou eu. Sua esposa prometeu-me Eileen viva, mas não passou de uma armadilha. – Aaron sentiu a raiva apoderar-se do corpo, fervendo-lhe o sangue e fazendo-o desejar a morte da própria esposa. Lady Mildred era a traidora e não haveria rei que a livrasse da punição. — Lady Mildred, o que tem a nos dizer? – Um dos Arwel avançava para dentro da cela com uma faca apontada para o pescoço de sua esposa, que ao avistar Aaron foi incapaz de encará-lo olho no olho.

— Confesse, esposa, a quem traiu? – Exigiu-lhe Aaron sentindo cada vez mais raiva da esposa. — E não minta, Mildred! Uma vez na vida tenha honra e confesse que me traiu, entregando Eileen aos Arwel, agindo pelas minhas costas.

— Apenas fiz o que minha consciência mandou. O lugar dela era com seus familiares e tão-somente desejava proteger meu povo da selvageria dos nativos. – Os planos da duquesa acabavam de falhar e não conseguia pensar em uma forma de livrar-se da situação embaraçosa que havia se colocado e tudo por culpa da mente ardilosa de uma velha carcomida pelo tempo. Bertha haveria de pagar-lhe. Estava entre duas forças poderosas, se pendesse para o lado dos

Arwel, seu marido não lhe seria clemente, mas se apoiasse Aaron, acabaria morta pela força da adaga dos Arwel.

E quando tomou coragem para implorar perdão ao marido, Hayden invadiu o quarto apunhalando seu algoz pelas costas. Era o filho de Owen e a reação do tio de Eileen veio em momento seguinte e Hayden acabou jazendo morto aos seus pés. Era seu fim, pensou Mildred, tomada de intensa dor por ter sido a responsável pela morte de seu amante.

Aaron precisava enfrentar não apenas um Arwel enfurecido, mas um pai vingativo, e quando conseguiu dominá-lo, fazendo com que perdesse a espada, exigiu que lhe pedisse clemência e cansado de derramar sangue, poupou-lhe a vida, ordenando que o levassem para a masmorra e trancafiassem Mildred em seus aposentos. Os assuntos com sua esposa teriam que ficar para depois.

— Onde está Eileen? – Perguntou Aaron à Bertha.

— Ela fugiu antes da chegada dos homens, milorde.

— Quanto tempo faz?

— Temo que umas duas horas. – Respondeu-lhe Bertha com as lágrimas nos olhos, espantada com a brutalidade que fora obrigada a presenciar.

Aaron deixou-se cair aos pés da cama, exausto pelos longos dias de luta e preocupação, mas aliviado que Eileen conseguira fugir. Tudo indicava que havia fugido com o auxílio de Bertha, mas alarmado com os perigos que poderiam interceptá-la em sua jornada, necessitava de mais respostas.

— Ela disse para onde ia? – Aaron precisava de uma orientação para seguir. Não poderia procurá-la a esmo e sabia que suas chances de alcançá-la eram ínfimas naquele momento, ainda mais com uma batalha acontecendo em seus portões.

— Não, milorde! Não tivemos tempo para mais nada a não ser tratar de tirá-la de dentro do castelo. O senhor teria chegado atrasado e a moça já estaria nas mãos do tio. – A velha senhora não se arrependia dos atos, por acreditar que a curandeira era mais esperta do que as outras mulheres, pois havia crescido dentro da floresta e de fome não morreria.

— Minha esposa que facilitou a entrada dos Arwel no castelo, não foi, Bertha?

— Sim, foi milady! Sem querer ouvi sua conversa com a dama de companhia, mas mal tive tempo de avisá-lo quando avistei Chelsea saindo pela porta dos fundos.

Aaron levantou-se e tomado de um ardor vingativo saiu do quarto em direção ao encontro de sua esposa traidora. Mildred não seria poupada e amargaria o dia em que tomou a decisão de afrontá-lo usando Eileen para tanto.

Com um forte pontapé, abriu a porta e embebido do amargor da perda da mulher amada, agarrou-a pelo pescoço, forçando-a para que confessasse seus pecados, sua traição.

— A morte é pouco para ti, esposa! Não a matarei, mas a mandarei para um convento onde terá tempo para refletir sobre os atos bárbaros que cometeu. — Disse-lhe Aaron, controlando-se para não a sufocar, sentindo a força dos dedos em encontro ao pescoço esguio da duquesa. — Amargará pelo resto dos dias por ter me afrontado, por ter tramado contra a vida de Eileen.

— Ela lhe enfeitiçou! — Gritou-lhe Mildred, sentindo a ponta dos dedos de Aaron em sua garganta. — Ela tomou meu lugar e não merecia outro destino a não ser a morte.

— Jamais volte a chamá-la de bruxa. Eileen é mais digna que você, Mildred. Enquanto você manipula, ela cura, enquanto você mata, ela salva. Você é a bruxa e seu castigo será se purificar em um convento na Normandia. Aproveitarei a partida dos clérigos e a enviarei para um convento na Normandia.

— Não pode fazer isso! Eu imploro que reconsidere.

— Nunca! — Aaron soltou o aperto e empurrou-a, fazendo com que caísse aos pés de um dos guerreiros que o acompanhava. O duque fazia questão de humilhá-la ao enviá-la para um convento, como sinal de desprezo. A morte lhe teria sido mais benevolente e menos vergonhosa. — Mantenha-a trancada e trate de reforçar a vigília em sua porta. — Ordenou. — Não quero que sua dama de companhia entre ou qualquer pessoa, a não ser um dos guerreiros para dar-lhe comida e água. Despojem-na de todos os pertences pessoais, principalmente das joias que me pertencem por direito.

— Não pode ser tão impiedoso! — Mildred gritou como uma louca, revelando seu verdadeiro caráter, toda a podridão que a cercava, mas Aaron não se compadeceu e não mudaria seu decreto. Deixou-a para trás, pois uma rebelião

precisava ser contida.



Aaron retornou para o campo de batalha, gritando para seus homens que a guerra estava terminada. Owen Arwel estava preso e seus aliados não tiveram opção a não ser largarem suas espadas, mas surpresos com a reviravolta, acabaram por exigir prova de que seu líder fora preso e uma vez comprovada a prisão as tratativas para a paz se iniciaram.

Também destacou dois homens dentre seus guerreiros que não haviam se ferido em combate e os enviou para fazer uma varredura nos arredores de Lyndford em busca de Eileen, crendo que um rastro deveria ter sido deixado. Por fim, com pesar, enterrou os mortos e homenageou Marcel pela bravura e lealdade com que lhe serviu.

Assim que o perigo de novos ataques fora afastado, Aaron precisava o quanto antes escrever uma mensagem ao rei, onde contar-lhe-ia as desavenças enfrentadas com o Clã Arwel e a traição de sua esposa, comunicando ainda que a mandaria para um convento na Normandia. Guilherme não costumava ser clemente com os traidores e Mildred deveria agradecê-lo por não a ter entregado ao rei como era-lhe sua obrigação.

— Milorde! – Geoffrey adentrou dentro dos aposentos de Aaron, parecendo-lhe atônito em excesso.

— Alguma notícia da curandeira? – Animou-se Aaron, acreditando que sua agonia teria encontrado fim.

— Não, milorde! Os homens que foram enviados a rastreá-la não retornaram ainda. É milady!

— O que aconteceu com Lady Mildred? – Perguntou-lhe, esperando que não a tivessem deixado escapar.

— Milady está morta! – Aaron levantou de supetão. — Uma das criadas a encontrou em meio a uma poça de sangue quando foi levar-lhe a refeição. Cortou os pulsos. – Aquela notícia não lhe soou como uma tragédia. Lady Mildred havia decidido ceifar sua própria vida ao invés de viver em clausura. Não lhe perturbou ou mesmo fez-lhe sentir culpa ou remorso pela morte da esposa, uma vez que ela havia tomado a decisão e escolhido a morte, o caminho mais fácil para livrar-se dos problemas. Somente os fracos escolhiam a morte, temendo enfrentar outra punição.

Deu ordens para que o corpo fosse recolhido e sepultado o mais rápido possível, não havia tempo para celebrações e rituais quando assuntos mais importantes precisavam de sua atenção. Os clérigos foram incumbidos de encomendar a alma da Duquesa de Lyndford e por uma piada infame do destino, Aaron de Brienne tornava-se viúvo pela segunda vez, deixando-lhe livre para não errar de novo e ser feliz ao lado da mulher que realmente amava.

Não pretendia acompanhar o enterro quando apenas conseguia sentir desprezo pela mulher que lhe roubara a alegria. Limitou-se a ir até o quarto para atestar sua morte por lhe ser uma obrigação como senhor do castelo.

— O que devemos fazer com a dama de companhia de Lady Mildred? – Perguntou-lhe Geofrey.

— Chelsea deverá ser banida das terras de Lyndford. Designe um dos homens para que a acompanhe até uma das fronteiras e certifique-se de que não pise mais em minhas terras. – Decretou-lhe um destino propositadamente cruel, para vingar Eileen da dor e humilhação que fora obrigada a passar.

Apesar de mais um incômodo que teve que passar, a morte de Mildred lhe fora providencial e Guilherme haveria de aceitar sua sugestão, porém antes precisava firmar um acordo mais consistente com os Arwel, encontrar Eileen e trazê-la de volta para casa. O filho que ela trazia em seu ventre seria o elo que traria paz entre os povos.

Aaron sentia o sangue correr novamente em suas veias, a esperança a lhe

sorrir como uma criança e a vida a pulsar como um recém-nascido. Era tempo de buscar a felicidade e assim que tudo voltasse ao seu devido lugar, partiria em busca da dama da floresta, aquela que fazia seu coração bater mais forte e sorrir como um garotinho que tomava seu primeiro banho de chuva.

Evitava seus aposentos por lhe trazer lembranças de Eileen, mas era ali que ficavam seus pergaminhos e precisava dedicar-se a relatar seus planos ao rei. Havia muito o que ser feito e o quanto antes cuidasse das necessidades de Lyndford e colocasse o castelo novamente em pleno funcionamento, mais cedo poderia partir em busca dela.

Encontrou Bertha no caminho e ordenou-lhe que Lilith viesse até ele. A ama de leite de sua filha poderia lhe ser útil com alguma pista.

— Mandou me chamar, milorde? – Lilith lhe fez uma reverência em sinal de respeito.

— Sim! Você era muito próxima de Eileen e imaginei que possa saber para onde ela foi ou pretendia ir. – Aaron pediu-lhe aparentando cansaço. Lilith o admirava pela força que tentava demonstrar mesmo seus olhos dizendo o contrário.

— Sinto muito, mas não sei! Eileen apenas tinha a cabana na floresta para se refugiar, mas Geoffrey me contou que não havia sinal de presença humana lá. Eu sequer sabia que Eileen era uma Arwel e, milorde, temo que ela tenha se equivocado em deixar o castelo carregando... – Lilith quase deixou escapar o segredo que não lhe pertencia e levou as mãos à boca.

— Carregando um filho meu! Eu sei que o filho que Eileen carrega no ventre é meu. Marcel confessou-me antes de morrer. – Declarou-lhe Aaron com os olhos perdidos, embebido de recordações que se misturavam à preocupação de não saber se estava viva. Se algo de ruim viesse a acontecer com Eileen, sua vida não teria mais sentido. — Tem certeza de que Eileen não deixou escapar nada que possa me ajudar a encontrá-la?

— Nada de relevante, milorde! Apenas que pretendia retornar para as terras ao oeste e talvez ir atrás de um clã lendário de druidas. Mas nunca chegou a dizer-me mais, sinto muito!

— A informação que me deu é melhor do que nada, Lilith. Não tínhamos nada até então e agora sabemos que Eileen pode ter rumado ao oeste em busca

dos lendários druidas.

— E se não passar de uma lenda, milorde? Não consigo ser tão otimista quanto o senhor. Eileen é forte, sabemos, mas não passa de uma mulher grávida e sozinha.

Aaron dispensou a ama de leite ainda mais preocupado com o que acabara de ouvir. Eileen tinha intenções de viajar para as terras ocidentais, mas não passava de uma mulher perdida em um mundo hostil. Ela podia ter sobrevivido anos dentro da floresta, mas a vida além das cercanias de Lyndford era hostil demais e imaginá-la exposta a todos os perigos possíveis lhe deixava atônito e ansioso para encontrá-la o quanto antes.



Os dias seguintes foram de trabalho árduo. Aaron havia perdido homens na luta travada contra os Arwel e as obras no castelo estavam atrasadas. Algumas viúvas ainda choravam pelos maridos mortos e crianças órfãs lhe eram uma preocupação à parte.

A prosperidade que havia imaginado para Lyndford parecia uma promessa mais distante, mas nada se comparava à tristeza que lhe tomava quando pensava na dama da floresta. Trabalhava porque o povo precisava de sua liderança e não os deixaria para trás atordoados pela guerra, uma disputa que fora manipulada pela mente ardil e vingativa de sua falecida esposa. Se Guilherme pudesse ter antevisto a traição de Mildred jamais o teria feito casar-se com ela.

— Geoffrey! Levante-se e siga-me até o interior do castelo. – Ordenou-lhe Aaron, esperando dar um destino para as terras de Whortshire.

— Às ordens, milorde! – Falou-lhe o guerreiro em uma reverência respeitosa. Geoffrey tinha demonstrado lealdade e presteza nos últimos dias e Aaron pretendia recompensá-lo com a promoção que fora reservada para Marcel.

— Como sabe as terras de Whortshire foram colocadas sob minha proteção e como me preocupo com seu atual estado e considerando que a tenho relegado, o nomeio administrador do Condado de Whortshire. Pretendo deixá-lo como herança à minha filha. – Geoffrey estranhou a afirmação de seu lorde em deixar propriedade tão valiosa a uma mulher, mas não lhe competia levantar

questionamentos. — Escolha dentre nossos homens aqueles que lhe possam ser úteis e leais em sua nova incumbência.

— Sou grato pela confiança, milorde! — Respondeu-lhe o guerreiro ajoelhado diante de seu senhor como forma de agradecimento pela deferência com que fora tratado.

— Fez por merecer e confio que fará um bom trabalho em Whortshire. Mas terá que ser persistente para lidar com os saxões. Seu primeiro trabalho é descobrir quem foram os aliados de Lady Mildred e puni-los. Faça o que for preciso para separar o joio do trigo, Geoffrey!

— Sim, Milorde! Devo partir o quanto antes, presumo!

— Sim! Dispens-o pelo resto da semana para que possa fazer as malas e conversar com os homens que irão acompanhá-lo.

— Milorde! Gostaria de fazer um pedido, sem querer abusar de sua boa vontade.

— Pois fale, meu amigo! — Incentivou-lhe o duque curioso.

— Gostaria de desposar Lilith, mas sei que sua viuvez é muito recente, não passaram mais de seis meses que perdeu o marido. — A simples menção do decurso do tempo provocou um aperto no peito de Aaron. Eram para ser poucos dias que se transformaram em meses em um piscar de olhos. Não recebera notícias de Eileen e toda a comitiva que designava para buscá-la sempre resultava em decepção.

— O que Lilith pensa a respeito? — Voltou a atenção ao que lhe dizia o guerreiro.

— Ela pensa que é muito cedo e que deve guardar luto por um ano. Em respeito à memória de seu falecido marido, decidimos esperar o luto terminar e se milorde permitir, levarei ela e John para viver comigo em Whortshire.

— Claro que permito, não apenas permito como faço questão de levar a noiva ao altar. — Uma forma de agradecer aos dois pelos serviços que prestaram. Lilith cuidava de Adele com carinho e havia lhe dado o alimento que lhe fez crescer em graça e formosura. E com a partida de Eileen, fora Lilith quem confortara sua filha. — Devo muito aos dois! Você se mostrou um bom soldado e um excelente amigo. Já Lilith provou ser uma boa mulher, apesar de ser uma saxã. O casamento dos dois brindará uma nova era, representará a união entre

normandos e saxões.

Em breve, sua união com Eileen também seria o anúncio de novos tempos, mais pacíficos, não só entre normandos e saxões, mas entre normandos e nativos. Os Arwel eram o clã mais poderoso entre os nativos e uma união através do casamento apenas seria o começo do que Aaron vislumbrava para todos. Estava cansado de lutar, de derramar sangue e perder pessoas que lhe eram estimadas. Estava cansado de ter que desembainhar a espada. Desejava paz, ao menos uns poucos anos de paz antes de ter que voltar a encarar o ardor de uma batalha.

— E quanto a Eileen, o que pretende fazer? – Perguntou-lhe Geoffrey.

— Irei buscá-la e temo que já tenha perdido muito tempo. – Confessou-lhe Aaron, sentindo cada dia mais o peso de não conseguir se livrar das incumbências que tinha como senhor das terras.

— Permita dizê-lo, milorde, que tem feito de tudo para localizá-la e por mais que ainda não tenha conseguido se ausentar, colocou homens em busca de seu rastro e forças foram reunidas para procurá-la pelos quatro cantos. Posso ficar se milorde se sentir mais seguro! Podemos mandar uma comitiva a Whortshire para lidar com as primeiras necessidades e assim que milorde retornar, eu parto definitivamente. – Ofereceu-lhe Geoffrey, sabendo o quanto seu senhor sentia a ausência da curandeira e temia não a encontrar mais.

— Não se faz necessário, embora aprecie a oferta. Preciso de você em Whortshire e o quanto antes estiver lá, mais tranquilo ficarei. Porém, como não tenho como saber quanto tempo me ausentarei, deixarei ordens para que em caso de problemas em Lyndford, você seja chamado e dou-lhe liberdade para decidir por mim. Confio em ti, Geoffrey.

— Desejo-lhe sorte, milorde, e que Deus o abençoe em sua jornada. – Falou-lhe o guerreiro, pedindo licença para retirar-se.



O destino mais uma vez havia tramado para que Eileen vivesse só, por sua conta e risco. Quando havia acreditado no amor e em uma vida rodeada de pessoas queridas, traiçoeiramente precisou escolher entre a morte e a vida. Se não estivesse carregando uma nova vida em seu ventre, talvez viesse a escolher a morte à solidão. Sempre viveu com pouco, mas uma vida sem amor ser-lhe-ia mais difícil quando havia sentido o aconchego e o calor de pertencer aos braços de um homem.

Rumou por dias entre as penumbras da mata até sentir-se segura para ir ao encontro de seu destino. Sua tia Morrigan havia lhe deixado as coordenadas para buscar a proteção do povo de sua mãe e os braceletes e o broche seriam a prova de que era filha de Crystin, uma das mais poderosas druidesas que as terras do ocidente conheceram. Naqueles objetos de bronze foram gravadas inscrições milenares que apenas os druidas conseguiam decifrá-las.

Movida pela perseverança de dar um lar para seu filho, Eileen seguiu viagem por dias no lombo de sua fiel égua Princess, e houve dias em que sua determinação ameaçava ruir. Em troca de seus préstimos como curandeira e das moedas que Bertha lhe deu antes da partida, conseguiu sobreviver e chegar à aldeia dos druidas, onde foi acolhida assim que sua identidade foi confirmada.

O povo de que sua mãe descendia vivia recluso no interior de uma floresta, cercado por centenários carvalhos e abençoado pela força da natureza. Houve o tempo em que os druidas eram figuras veneradas, que todos respeitavam e se

curvavam. Suas vozes falavam mais alto do que os chefes dos clãs, participando ativamente da escolha dos líderes, dando também a última palavra em questões militares. A fúria nunca se sobrepunha à sabedoria da qual os druidas eram os representantes escolhidos pelas forças da natureza, dizia-lhe sua tia Morrigan.

Com o passar dos anos, já recuados ante as forças dos romanos, perderam espaço e cada vez mais passaram a se refugiar no interior de florestas intocadas, onde poderiam viver em paz e segurança. Mas Eileen duvidava da existência de comunidade tão próspera e acreditava que tudo não passasse de mais uma lenda que passava de boca em boca, cantada pelos brados e profetizada por sua tia.

Porém, quando não se tem mais nada para se acreditar, lendas se transformam em esperança. Assim, Eileen seguiu seu instinto e viajou em direção ao sol poente em busca de paz e acolhida entre pessoas que lhe compreenderiam e que não a julgariam por apenas querer curar.

No final de dois meses de andanças entre estradas desertas, abrigando-se em grutas e alimentando-se do que a natureza lhe dispunha, a jovem curandeira chegou ao seu destino e foi tomada de grande emoção. Ali naquele pequeno pedaço de chão, havia encontrado admiração e aprendera com anciãs sábias a manusear melhor as ervas, aprendera novas técnicas e novos modos de preparo, e a desenvolver a prática para cirurgias mais complexas. Seus dias eram tranquilos e permeados de paz. Ali encontrara a paz para o seu atormentado coração, esperando que um dia a ferida aberta por Aaron cicatrizasse, sabendo que apenas o tempo seria capaz de lhe confortar, não existindo poção ou mistura capaz de fazer sarar um coração despedaçado.

Sua barriga avolumava-se à medida que a lua reduzia ou aumentava seu brilho no alto do céu. Seu filho ou filha não tardaria a nascer e, então, o criaria ali até que fossem bem-vindos ou até que encontrasse coragem para enfrentar seu destino e ir em busca do seu pai. Era o mais certo a ser feito, mas temia que Aaron não o aceitasse. Eileen passava horas contemplando o céu estrelado e sentindo o vento em seu rosto enquanto considerava suas opções. Seu amor pelo Duque de Lyndford lhe era vivo o suficiente para lembrá-la das promessas que ele havia feito, mas temeroso o suficiente para fazê-la hesitar de sair da proteção da floresta em busca daquilo que não lhe pertencia mais.

E, então, em uma noite de lua cheia, seu bebê veio ao mundo, trazendo consigo a força do pai revelada no choro forte que comoveu Eileen. Seu bebê era um menino forte e saudável apesar de todas as adversidades que fora obrigado a

suportar no ventre de sua mãe. Deu-lhe o nome de Evan, que significava agraciado pelos deuses, pois era-lhe como um presente dos deuses.

— Meu pequeno Evan! — Beijou-lhe Eileen, oferecendo-lhe o peito. — Um dia quando estiver mais crescido contarei como se parece com seu pai. — A penugem negra em cima de sua cabeça lembra-lhe suas origens.

— Eileen! — Uma das anciãs entrou em sua pequena cabana de um cômodo só. — Dê-me o bebê e vá até o vilarejo em meu lugar. Um pequena alma precisa vir ao mundo. — Não demorou muito para que Eileen se convertesse na parteira mais requisitada da região. Os druidas recebiam a proteção de um vilarejo distante meia hora a cavalo e em troca cuidavam da saúde dos moradores. Era uma troca justa e pacífica, pensara a curandeira quando lhe contaram. Ali não havia ódio ou preconceito com o desconhecido e todos se beneficiavam mutuamente.

— Tem certeza de que posso deixá-lo contigo, Rhosyn? — Perguntou-lhe Eileen, não que não achasse que a anciã não cuidaria de seu filho, mas por não suportar ficar longe. Toda vez que precisava se separar de Evan, as recordações amargas por ter deixado Adele para trás a consumiam desesperadamente. Amava-a como filha e sentia a dor da saudade imaginando como estaria, o quanto havia crescido nos últimos meses.

Partiu com sua bolsa de ervas e unguentos que sempre lhe eram úteis para amenizar as dores e dar conforto às mulheres na hora do parto. Trazer vidas à luz era seu maior orgulho e entregava-se a essa paixão como uma centelha de um mundo melhor, consagrando cada bebê que nascia para ser uma dádiva dos deuses, que os conduziria a um mundo livre de guerras e disputas.

Não havia nada mais gratificante do que escutar o choro de um bebê e ver a alegria estampada no rosto de uma mãe, um sentimento que apenas se intensificou depois de viver a experiência de trazer ao mundo seu filho. Eileen era uma mãe e se sentia mais preparada para ajudar outras mulheres a trazerem seus filhos ao mundo.

E assim mais uma mulher cumpriria com seu maior legado e mais um bebê iria nascer por meio de suas mãos. Agradeceu à natureza e à grande Deusa pelo dom que havia recebido, comprometendo-se a dar o seu melhor e a curar o maior número de vidas.



Enquanto isso, muito próximo do pequeno vilarejo que havia sido esquecido pelo tempo, Aaron se cercava de informações. Meses de peregrinação e insistência o haviam trazido para o noroeste de Gales, ali naquela terra perdida de pessoas de hábitos rudimentares, havia perdido o rastro de Eileen. Algumas almas mais observadoras haviam percebido a passagem de uma mulher misteriosa de cabelos acobreados que lembravam o laranja do entardecer. As descrições coincidiam com sua dama da floresta e a esperança de encontrá-la lhe iluminava como uma centelha. Ela havia passado por diversos lugares, sempre entre povoados próximos à floresta.

Mas havia chegado ao fim do mundo se houvesse um. Uma região afastada da civilização ou daquilo que entendia por civilização. Passaram-se meses desde que havia cruzado as fronteiras de Lyndford e temia que não haveria mais tempo para encontrá-la. Suas forças se esvaíam conforme não conseguia obter mais informações. Os moradores daquele lugar lhe olhavam desconfiados e nem sequer lhe davam ouvidos. Mas Aaron os entendia. Era um forasteiro que destoava do tipo físico da região e a fortaleza dos seus músculos deixava claro de que se tratava de um guerreiro.

Uma alma piedosa lhe ofereceu pão e bebida em troca de algumas moedas. Estava sentado embaixo de uma árvore quando a viu sair de uma choupana humilde. Apesar do capuz encobrir sua cabeça e parte do seu rosto, as pontas avermelhadas que contrastavam com o verde de suas vestes fora a pista de que precisava.

Aaron tomado de um frenesi alucinante, levantou e a seguiu, esperando poder alcançá-la e aplacar a dor que o consumiu dia após dia desde sua partida.

— Eileen! — Gritou-lhe Aaron assim que se aproximou o bastante para que pudesse ouvi-lo. — Eileen, é você? — Pediu-lhe ansioso por vê-la sem o capuz, admirá-la por inteiro e perder-se em seu beijo, sentindo todo o ardor que sempre lhe consumia quando a encontrava.

A curandeira parou de andar, sentindo suas pernas afrouxarem e seu coração disparar por reconhecer o dono da voz que lhe clamava. Era Aaron ou sua fértil e saudosista mente lhe pregava mais uma das tantas peças que lhe perturbavam.

Deixou sua valise cair aos pés e levou suas mãos ao peito, na altura de seu coração, fechando os olhos a fim de encontrar lucidez para se virar e encarar a triste realidade da solidão e do vazio que lhe atormentava.

No entanto, quando se virou e o viu majestoso e imponente, não fora capaz de acreditar que não se tratava de uma ilusão ou mesmo de uma miragem criada por sua mente traiçoeira que se recusava a esquecê-lo.

— Aaron! – Deixou seu nome sair de seus lábios suavemente como uma carícia feita ao vento. — Não é um sonho! – Falou para si mesma e voltou a fechar os olhos, abrindo-os em seguida e deparando-se com ele ainda mais perto e mais vivo.

— Não é um sonho, meu amor! – Disse-lhe Aaron, puxando-lhe o capuz e revelando sua beleza. — Sou eu, Eileen! Em carne e osso, Aaron de Brienne, aquele que não se recusou a deixá-la para trás. – Aaron ajoelhou-se diante de seu amor em sinal de que lhe era seu servo. — Amo-a demais para ser possível viver sem ti. Peço que me perdoe pelo sofrimento que minhas decisões lhe impuseram. – Abaixou a cabeça e deixou as lágrimas rolares em um misto de alívio, alegria e agradecimento por tê-la encontrado.

— Pela Deusa! É você mesmo, Aaron?! – Eileen se ajoelhou diante de seu amor e abraçou-o com carinho, deixando-se levar pela saudade que sempre sentiu e que apenas crescia cada vez mais. — O que faz aqui? Como me encontrou?

— Vim buscá-la! – Tomou-a em um beijo, sentindo a força do calor de seus lábios macios, o esplendor de seu sabor e a paixão que o consumia e o fazia desejá-la.

— Aaron, não devia ter vindo até mim. Sabemos que não podemos ficar juntos. Você é casado e eu também, além de tudo, sou uma Arwel, o que complica tudo. – Rogou-lhe Eileen, tentando se convencer de que cederem ao sentimento que os unia era mais um equívoco que cometeriam. — Tentamos uma vez e não deu certo. Não creio que venha a dar certo.

— Tudo será diferente! Se me perdoar e se me aceitar novamente, prometo que darei minha vida para fazê-la feliz ao meu lado.

— Não prometa o que não pode cumprir! – Falou-lhe a curandeira com os olhos tomados pelas lágrimas, lembrando-se das dificuldades e das tragédias que

seu amor pelo lorde trouxera.

— Eu prometo porque estou livre para jurar-lhe e tomá-la como minha esposa. — Eileen arregalou os olhos, demonstrando o espanto que lhe tomou com a proposta que Aaron acabara de lhe fazer. — Embora, em meu coração, sempre fora minha esposa, eu a quero fazê-la minha também diante das leis normandas.

— Não entendo! — Soltou Eileen.

— Sou viúvo, Eileen! Mildred tirou a própria vida por não aceitar o destino que lhe decretei. Mande-lhe para um convento na Normandia como penalidade pelos atos covardes que cometeu contra ti e pela traição que cometeu contra o rei.

— Mesmo assim... Eu continuo casada! — Disse-lhe a curandeira atordoada com as revelações que lhe eram feitas sem cerimônias. Aaron percebendo sua confusão, levantou-se, levando consigo Eileen até a sombra de um velho salgueiro.

— Marcel está morto, Eileen! Não há nenhum impedimento para que nos casemos, minha adorável dama da floresta. — Era uma viúva e custava a acreditar que seu amigo havia tido um triste fim.

— E o rei? — Perguntou-lhe Eileen, tentando livrar-se do toque de Aaron. — Foi o Rei da Normandia que nos separou antes de Mildred ou Marcel. Eu temo me unir a ti para em um futuro não tão distante, seu rei ordenar-lhe que se case com uma lady para expandir seus domínios. — Deu-lhe as costas, temendo que a julgasse uma fraca por não querer lutar pelo amor que um sentia pelo outro. Mas seu sofrimento fora tão intenso que a mínima possibilidade de vivê-lo novamente a fazia querer fugir para longe de Aaron.

— Meu amor, não haverá rei ou outra pessoa capaz de nos separar novamente. Você é uma princesa, a herdeira de um dos mais poderosos clãs da região.

— O que minha descendência poderá fazer com que mude sua lealdade ao rei? — Perguntou-lhe Eileen ainda aflita.

— Casar com a filha do chefe dos Arwel será muito bem visto pelo Rei Guilherme, pois nosso filho selará a paz entre nossos povos.

— Nosso filho! — Eileen lembrou-se do pequeno Evan e de que já deveria estar de volta para dar-lhe de mamar.

— Eu sei que quando fugiu de Lyndford carregava meu filho no ventre. — Puxou-lhe Aaron em encontro aos seus braços. — Marcel confessou-me antes de morrer que não havia consumado o casamento e que o fruto de nosso amor crescia em seu ventre. — Encarou-lhe, perdendo-se na intensidade de seus olhos misteriosos, que sempre lhe atraíram. — O que aconteceu com nosso filho, Eileen?

— Evan... — Eileen chorava acreditando que seu tormento encontrava um fim, mas ainda temerosa com as promessas que lhe eram feitas no calor do reencontro. — Nosso filho me espera em casa. Eu dei à luz a um menino forte e saudável e dei-lhe o nome de Evan.

— Evan de Brienne, meu herdeiro! — Declarou-lhe Aaron, movido pelo orgulho que sentia de ser pai de um varão.

— Temo que pelas leis normandas, Evan nunca venha a ser reconhecido como um Brienne. — Eileen sabia pouco sobre as tradições normandas, mas sabia que um filho concebido fora do casamento sempre seria tratado como um bastardo.

— Eu o reconheço como um legítimo Brienne e lutarei para que todos o reconheçam como um. — Nada o demoveria da intenção de fazê-lo seu herdeiro e tomá-la como esposa.

— Seu rei não será tão benevolente. — Falou-lhe Eileen ainda duvidosa quanto a benevolência de Guilherme.

— Será, meu amor, ou terá que sentir as dificuldades de ter-me por inimigo, pois não hesitarei de juntar-me aos Arwel se for necessário. Quando me ajoelhei diante de ti e propus que te casasses comigo, o fiz verdadeiramente e de coração. Casa comigo, Eileen, e seja a Senhora de Lyndford como já o é para meu coração?

— Sim, sim e sim! — Eileen se jogou nos braços de Aaron, sem medo ou receio, entregando-se ao amor que ele lhe oferecia, sentindo-se plena novamente.



Uma vez permitida a presença de Aaron no acampamento druida, Eileen o levou até Evan. Sua presença fora tolerada uma vez que a curandeira lhe apresentou como marido, além de ser o pai de seu filho. Aos olhos de todos, eles haviam se casado quando se amaram na noite de Beltane e não haveria lei dos homens que conseguiria suplantiar o elo entre eles.

— Ele é tão precioso como a mãe! — Disse-lhe Aaron comovido em conhecer o bebê que era sangue de seu sangue. — Parece feliz. Preocupei-me com os dois, Eileen. Não houvera uma só noite em que não temi que o pior tivesse lhes acontecido. — A curandeira pegou Evan nos braços e o deitou no pequeno berço que ficava ao lado de sua modesta cama. — Adele sente sua falta, meu amor. Lilith a tem confortado como pode.

— Sinto muita falta de minha menina. — Eileen puxou-lhe pela mão para que se sentasse em um dos bancos colocados próximo à lareira. A primavera não dava sinais de chegar tão cedo e o vento assobiava persistente entre os galhos dos carvalhos que protegiam o acampamento.

— Não haverá um dia que não agradecerei a benção de tê-la encontrado, meu amor! — Falou-lhe com desejo no olhar, puxando-a para seu colo e exigindo um beijo que só ela era capaz de dar-lhe, um que aplacaria a imensa saudade que sentia.

— Eu amo você, Aaron! Amo tão profundamente que nem a dor de vê-lo casado com outra ou o medo de ser morta por meu tio foi capaz de apagá-lo de

meu coração ou diminuir-me o ardor da saudade que sentia por ti. — A jovem curandeira parecia flutuar entre sonho e realidade, ainda confusa com a repentina mudança em sua vida. Aaron lhe havia proposto casamento assim que o período de luto dos dois terminasse e ela ansiava por uma vida ao lado do homem que sempre amara, não que precisasse de um casamento perante um sacerdote normando para ser feliz, mas era-lhe sabido que estaria mais segura como legítima esposa e nada poderia afastá-los novamente.

— Não permitirei que mais nada nos afaste, minha dama da floresta! — Pegou-a no colo e a levou para a estreita cama, sentindo o desejo lhe dominar e ditar o rumo dos acontecimentos. Tirou-lhe as vestes, apreciando cada milímetro de pele que descobria, cada lembrança que lhe atingia deixava-lhe ansioso para se afundar dentro dela e acabar com a tortura que lhe consumira durante meses. — Em meu coração, sempre foi minha esposa, desde o dia em que a fiz minha! — Tomou-lhe em um beijo profundo, que se tornou firme e frenético à medida que ela se entregava ao prazer que ele lhe ofertava, uma promessa pecaminosa e envolvente de prazer. Aaron a queria inteira e exposta para poder apreciar sua beleza imortalizada em sua mente. Ali estava ela em seus braços, lânguida e tão sensual quanto se lembrava.

Aaron a contemplou como uma deusa pagã, sentindo o prazer lhe tomar apenas em olhá-la nua e preciosa como sempre a desejou. Sua virilidade havia ganhado forma desde que a puxara para seus braços e tudo nela lhe era atrativo e altivo. Beijou-a em todas as partes, sugando cada um de seus mamilos, trazendo-a para junto do desejo que o movia rumo ao paraíso. Sugou seu botão rosado, fartando-se de sua intimidade como se fosse um banquete, e ela foi tomada de intenso prazer. Aaron a conduzia para o inexplorado, estendendo sua mão e convidando-a para mais, cada vez mais alto, e então ela entrou em um violento clímax. Aaron se uniu à curandeira, arremetendo contra seu quadril agora mais largo pelo bebê que gerou e confessou-lhe seu amor e sua vontade de fazê-la feliz, intensificando as investidas até que o mundo estalou em êxtase, pura paixão. Eram apenas um, unidos pelos laços do amor, um nó tão forte que nem o tempo, nem as adversidades e muito menos os homens o romperia.

— Sempre fui sua! — Confessou-lhe Eileen ainda movida pelos espasmos violentos que a tomaram quando se entregou ao prazer. — Desde que me entreguei a ti, não apenas meu corpo passara a ser seu, mas meu coração.

— Sofri por imaginar as noites que poderia dividir com Marcel, noites que

sempre deveriam ter sido minhas; e houve noites em que quase invadi o quarto para tirá-la dos braços dele. — Aaron sabia que merecera tal sofrimento. — Nunca devia ter lhe feito casar com Marcel.

— Apenas quis me proteger! Não posso julgá-lo por isso, meu amor. — Disse-lhe Eileen, acolhendo-o em seus braços, deixando se levar pelo seu toque viciante. — Tomou a decisão que julgou ser a melhor e não precisa se culpar, apenas não o faça nunca mais, Aaron. Nem uma solução que nos separe será capaz de nos dar paz. Eu sofri por me afastar de ti, por ser obrigada a deixar Adele para trás e sofri por você não estar ao meu lado quando nosso filho nasceu e temi ainda mais que um dia, quando Evan me perguntasse sobre o pai e eu revelasse seu nome, você se recusaria a aceitá-lo como filho por pensar que Marcel era seu verdadeiro pai. — A jovem precisava confessar os temores que lhe acompanharam lua após lua. Se estar nos braços de Aaron significava um recomeço para os dois, o faria livre de rancor e teria que abrir seu coração ao homem que dizia amar-lhe mais do que tudo.

— Aprendi com meus erros e não posso prometer que não voltarei a cometê-los! Nada tive em minha vida além do desejo de conquistar minha própria terra, uma herança para deixar aos meus filhos. O amor nunca me fora uma possibilidade e quando a vi, apesar de negar que não era amor, mas apenas mais uma atração, uma necessidade da carne, eu já estava apaixonado e lutando contra o sentimento que me despertava por ser consciente de que não poderia ficar contigo da forma que merecia. — Beijou-lhe Aaron com sofreguidão.

— Apenas jure que não deixará nos separarem! — Pediu-lhe Eileen com os olhos brilhantes e apaixonados, sentindo novamente o vigor de Aaron contra seu ventre. Era um amante fervoroso e meses de saudade não seriam aplacados facilmente.

— Nunca amei uma mulher como amo você, Eileen! — Disse-lhe Aaron fitando-a nos olhos, apreciando o calor do corpo dela colado ao seu, o que apenas exaltou ainda mais sua necessidade de enterrar-se novamente dentro dela. — Sequer amei antes! — Confessou-lhe perdido na beleza da mulher que correspondia cada carícia e toque calorosamente. — Nem sabia que era possível amar como eu te amo. E custo a acreditar que a mereço.

— Como não merece?! É um bom homem, justo, leal e corajoso. Homens assim são raros e tê-lo por marido é uma honra para mim. — Ergueu as pernas dando-lhe acesso ao seu corpo, deixando-o ainda mais rígido e necessitado de

fazê-la sua novamente. — Você sempre foi meu marido, apesar de seus costumes não reconhecerem, nos casamos na noite de Beltane e me fora suficiente, porque o amor nos uniu e rendeu frutos, nosso filho Evan.

— Minha princesa galesa, minha dama da floresta ou futura Duquesa de Lyndford! Não importa o que seja, meu amor, tão-somente que seja minha mulher. — Enterrou-se dentro dela, aceitando seu sedutor convite, sentindo-se pleno e vivo, enchendo-a de sua semente, perdendo-se na volúpia da carne e entregando sua alma para ela, para fazê-la feliz e realizada, fazendo-a esquecer de todo o mal que sofreu.



Por amor, reinos foram perdidos e guerras foram travadas. Tragédias faziam parte de muitas histórias cantadas pelas vozes de bardos forasteiros que cruzavam matas e trilhas em busca de um prato quente de comida, muitas delas tendo o amor como protagonista. Mas Aaron estava determinado a ter um final feliz para sua história de amor e não permitiria menos do que a dona de seu coração ao seu lado. Puxou-a para cima de seu cavalo e acariciou a cabecinha de seu filho aconchegado no colo da mãe com ternura no olhar. Princess, a velha égua de Eileen, os acompanhava amarrada à cela de seu corcel negro. Viajariam dias com cuidado e em uma marcha menos acelerada para não cansar o bebê, que ainda era muito pequeno, e amaria sua mulher em cada parada com toda a devoção que era merecedora.

Eileen havia se despedido dos druidas e agradecido cada ensinamento que lhe fora repassado com sabedoria. Uma noite antes haviam renovado seus votos diante de um alto sacerdote do povo que os recebera tão bem e comemoram no altar erguido embaixo dos carvalhos o amor que os unia como marido e mulher. Eram uma família e um futuro esplendoroso lhes aguardava, sussurravam os espíritos da floresta claramente. Ali naquele pedaço de chão, a natureza esplendorosa e intocada do egoísmo humano enaltecia o amor e a união e previa tempos dourados e de fartura.

— Sei que preferia permanecer aqui, ao lado de quem a compreende e não a julga como feiticeira. — Disse-lhe Aaron com a preocupação marcando suas feições. — Aqui encontrou a paz que não fui capaz de dar a ti.

— Meu lugar é onde meu lorde está! Mesmo cercada da natureza, iluminada pelas estrelas e compreendida por mulheres como eu, jamais cheguei a me sentir em paz. Você fora a paz que sempre ansiei, Aaron. — Eileen acariciou-lhe o maxilar, fazendo-o relaxar pelo toque suave, desfazendo os vincos que lhe endureciam as feições. Apenas ela tinha o poder de aplacar a fúria que o tomava, somente ela tinha o dom de fazê-lo se sentir melhor.

— Como Duquesa de Lyndford tudo será diferente! Ninguém terá coragem de julgá-la e aceitarão sua ajuda como curandeira.

— Serei muito feliz, tenho certeza! Contigo e nossos filhos ao meu lado seremos felizes.

— Me dará outros filhos? — Perguntou-lhe Aaron com os olhos enegrecidos pela ânsia de derramar sua semente mais uma vez dentro dela.

— Sim! — Respondeu-lhe a curandeira tomada de intensa paixão. — Muitos filhos, meu amor, todos que nosso amor será capaz de nos dar e serão muitos, pois fomos agraciados pela natureza. — Beijou-lhe a face, aconchegando-se contra o peito protetor de seu senhor, mirando para o horizonte onde o sol se erguia majestoso, aquecendo a esperança de dias melhores. — O mundo apenas será um lugar melhor quando todos se deixarem tocar pelo amor. — Declarou-lhe com sabedoria e Aaron foi tomado de intensa emoção.

— Tocou-me no coração, minha dama da floresta! Tornou-me um homem melhor e um crente no poder do amor. — Sorriu-lhe o guerreiro, prendendo-a forte em seus braços, a ela e a seu filho, o herdeiro de seu legado e do amor que sua mãe havia lhe ensinado.

— Vamos, meu amor! Vamos que nossa filha nos espera! — Falou-lhe Eileen e Aaron a atendeu, esporeando o cavalo em direção ao lar que havia conquistado e construído para a mais bela e generosa mulher, seu amor.



Eileen e Aaron se casaram meses depois de chegarem em Lyndford, em uma noite de Beltane, tendo Rei Guilherme por padrinho, que fora convencido de que a união dos normandos com uma princesa galesa apenas traria benefícios ao seu reinado, ampliando sua influência ao oeste.

Geofrey e Lilith casaram-se na mesma cerimônia e o monarca lhe concedeu o título de Sir, fazendo de Lilith também uma lady. Viveram em Whortshire, onde Geofrey administrava o legado a ser herdado por Adele quando viesse a se casar e Aaron esperava que se tornasse uma boa condessa.

Aaron se cercava de aliados e tratados eram firmados em busca da paz, evitando sempre que pudesse levantar armas. Defendia seu povo e suas terras com garra e não hesitaria em voltar a lutar se fosse necessário, mas Eileen lhe provaria que nem sempre a lâmina da espada e a ponta da lança eram o melhor caminho a ser trilhado.

Lyndford jamais viu tamanha fartura e prosperidade sob a liderança de Aaron e o povo sentia-se cuidado e abençoado por poderem contar com as mãos miraculosas de sua senhora. A beleza e a sabedoria da Duquesa de Lyndford era cantada pelos poetas e brados espalhados pelo novo reino e além dele, há quem dizia que sua fama havia atravessado o vasto mar e chegado em terras normandas.

Além de ser uma habilidosa curandeira e parteira, Eileen fora conhecida pela sua generosidade. Através de suas mãos, muitas almas foram trazidas ao mundo

e de sua união com Aaron nasceram muitos filhos, todos saudáveis. A cada novo nascimento, celebrações brindavam a chegada de um novo herdeiro e o fecundo ventre da Senhora de Lyndford. Todos lhe rendiam oferendas como uma verdadeira divindade que havia trazido a prosperidade e a riqueza.

Naquele pedaço de chão, o profano convivia pacificamente com o divino, ensinando a todos que crenças são apenas formas diferentes de respeitar a mesma força divina que move o mundo. Não havia divisões, preconceitos ou mesmo ameaças quando o amor vencia. Aaron e Eileen perpetuaram seu legado de amor por gerações, tornando-se uma lenda entre os povos que vieram depois.

FIM.



Dizem os sábios que a gratidão é a memória do coração e, por essa razão, quando agradecemos, o fazemos de coração para coração.

Sou grata a Deus, antes de tudo, por ter sido agraciada com o dom de contar histórias e tocar corações com palavras.

Sou grata à minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente, sem julgamentos ou preconceitos, dando-me a confiança de que eu podia ser o que quisesse, até mesmo uma escritora.

Sou grata às minhas parceiras por aceitarem o desafio de tornar realidade o sonho de contar histórias. Às queridas Laizy Shaine e Camille Chiquetti, profissionais talentosas e cuja dedicação e empenho apenas enaltecem meu texto, minha admiração e carinho. Às queridas blogueiras Cássia, Danielle, Sueli e Vanessa, minha gratidão pela confiança depositada em meu trabalho. Às estimadas *beta-readers*, Cinthia e Julia, meu reconhecimento e admiração pela paciência e empenho com que cuidaram do meu texto.

Ao meu querido leitor, os meus mais sinceros agradecimentos.



Outras obras



UM AMOR PARA PENÉLOPE

Belle Époque, livro 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

A VIDA FEZ de Penélope uma mulher forte e tenaz. No início do século XX, o sonho de toda mulher é ter um bom casamento e filhos, exceto para Penélope. Prestes a completar 25 anos, Penélope apenas quer receber a herança deixada pelo pai, um inglês que a deixou no Brasil ainda menina, e abrir uma escola para moças em São Paulo. Prestes a realizar seu sonho, Penélope é chamada por sua madrinha Violeta para que acompanhe a jovem Flora nos eventos sociais do Rio de Janeiro. Sem poder negar um pedido de sua amada madrinha, Penélope parte para o Rio de Janeiro, onde é acolhida pela tradicional família Gusmão de Albuquerque.

Dona de uma beleza incomum e de uma inteligência irreverente, Penélope acaba por ser cortejada por vários cavalheiros, o que desperta ciúmes no solitário e responsável Felipe Gusmão de Albuquerque, o primogênito de Violeta. Viúvo e com uma filha pequena para educar, Felipe não esperava se apaixonar pela afilhada da mãe e fará de tudo para mantê-la distante de sua organizada e planejada vida. Felipe entende que Penélope não reúne as qualidades necessárias para ser a esposa de um rico banqueiro e chefe de uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro.

Atormentados pela forte atração que sentem um pelo outro, Penélope e Felipe sucumbirão ao desejo e um forte sentimento nascerá entre eles.



UMA PAIXÃO PARA FLORA

Belle Époque, livro 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Flora sempre foi fazer uma grande estreia na sociedade carioca. O que aconteceu tardiamente, apenas aos 17 anos, pois sua família, diferente das outras da época, deseja que Flora tenha um casamento por amor, sem interesses superficiais.

Em meio à confusão de pretendentes ao coração de Penélope, afilhada de sua mãe, a caçula dos Gusmão de Albuquerque conhece Yuri Volkov, um imigrante russo que fez fortuna no Brasil ao se dedicar ao mundo do entretenimento. Yuri enxerga em Flora uma oportunidade de ser aceito pela nata social carioca e a seduz, forçando um casamento entre eles. Os planos do empresário não saem como o esperado e ele se vê apaixonado pela esposa, fazendo-o lutar para conseguir protegê-la de um passado marcado por atos ilícitos.

Atormentados pela forte paixão que sentem um pelo outro, Flora e Yuri terão que superar vários obstáculos para terem o merecido final feliz.



UMA NOITE PARA HELENA

Belle Époque, livro 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

HELENA É UMA comprometida enfermeira que trabalha para um renomado médico em São Paulo. Viúva há anos, dedicou sua vida à educação de sua irmã menor, a quem considera uma filha. Sua determinação em ser um bom exemplo para a irmã mais nova ameaça ruir quando Bento é colocado sob seus cuidados. Considerado um dos melhores partidos do Rio de Janeiro, e para fugir da fila interminável de pretendes, Bento havia cedido às pressões de seu irmão mais velho e se mudado para São Paulo, com o intuito de assumir o comando da filial do banco da família. Seriamente ferido em um duelo, Bento não esperava se apaixonar pela linda e destemida enfermeira. Ambos cedem ao desejo numa noite qualquer. Era para ser uma única noite, afinal, Helena era a mais velha dos dois e deveria ter mais juízo. Mas Bento não desistirá dela tão facilmente e dará início a um jogo de sedução, no qual o amor ditará o rumo dos acontecimentos.



UMA AVENTURA PARA ELOÍSE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM 1922, O SONHO de Eloíse é se tornar uma Médica Veterinária e desbravar o mundo em busca de aventuras. Apaixonada por animais desde menina e convicta de que as mulheres podem e devem ser mais do que apenas esposas, Eloíse vê numa expedição científica para a Amazônia a chance de viver uma grande experiência e aperfeiçoar seus estudos na área das Ciências Naturais. Para tanto, precisará convencer seu pai a deixá-la se reunir aos Parker, um casal de cientistas norte-americanos. O que Eloíse não esperava, era se meter numa confusão com Adrian, o sobrinho dos Parker. Após um encontro inesperado, Eloíse e Adrian se veem às voltas com uma forte atração que ditará o rumo de suas vidas.

Uma Aventura para Eloíse é um spin-off da Série Belle Époque, ansiosamente aguardada pelas fãs da saga, que em formato de conto, narra parte da mocidade de Eloíse, a filha sapeca de Felipe Gusmão de Albuquerque e uma das personagens mais cativantes da Série.



UM MARIDO PARA LENITA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

O SONHO DE Lenita é se casar com um homem honrado e viver feliz para sempre. Como é a caçula da família, o pai de Lenita exige que suas irmãs mais velhas se casem antes, rejeitando, assim, todos os candidatos à mão da jovem. Quando sequestrada, Lenita conhece Dimitri Petrova, um mafioso russo que foi enviado ao Brasil para convencer Yuri Volkov a retomar os negócios da Máfia Russa. Prática e cheia de vida, Lenita se apaixona pelo seu sequestrador em meio às confusões arranjadas por Flora, sua melhor amiga.

Um Marido para Lenita é o spin-off de Uma Paixão para Flora, o livro 2 da Série Belle Époque. Os acontecimentos deste conto são narrados pela destemida e determinada Lenita Moreira Sales, mais uma personagem fascinante da Saga.



UMA LUA DE MEL PARA JUDITE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

JUDITE E SEAN casaram-se em uma cerimônia dos sonhos. Entretanto, depois de uma longa lua de mel na Europa, as coisas não saíram como o esperado. Assoberbado com o trabalho, Sean quase não tem tempo para a esposa. Judite, afoita por atenção, interpreta equivocadamente a falta de atenção do marido, ensejando a primeira briga do casal, que resulta em uma separação dolorosa para ambos, na qual o amor terá que ser o ingrediente essencial para juntá-los novamente.

Uma Lua de Mel para Judite é mais um spin-off de Uma Paixão para Flora, o livro 2 da Série Belle Époque, e narra os primeiros meses de casamento de Judite e Sean, um dos casais mais queridos da Série. Ela, uma italiana cheia de vida e ele, um irlandês inteligente e perspicaz. Duas almas que se encontram para viver o tão famoso “felizes para sempre”.



UM ROMANCE PARA BERENICE

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

BERENICE É A personificação da doçura e do bom comportamento. Uma donzela de princípios que apenas quer encontrar seu par perfeito e ser feliz para sempre. Dona de uma personalidade tranquila em meio a uma família conhecida pelo gênio forte, Berenice encontrará o amor onde menos esperava. Eliseu Padilha, um médico recém-formado e com um futuro brilhante, em visita aos tios no Rio de Janeiro, se encanta pela herdeira mais velha dos Gusmão de Albuquerque; e para tomá-la como esposa terá que provar que a merece, além de ser aprovado pela mais excêntrica família do Rio de Janeiro.

Um Romance para Berenice é o spin-off de Uma Noite para Helena e contará a história de Berenice e Eliseu, o casal simpático e apaixonado da Série, remetendo-nos aos anos anteriores ao primeiro livro.



UM NAMORADO PARA TELMA

Spin-off, série Belle Époque

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

TELMA, DIFERENTEMENTE DE outras moças de sua idade, não sonha mais em ser pedida em casamento ou mesmo em viver uma grande história de amor. Professora em um grupo escolar, alterna seus dias entre ensinar e ler novelas góticas. Sendo a mais nova de quatro irmãs, acostumou-se a ser a tia que está disponível para cuidar dos sobrinhos. O que Telma não esperava era reencontrar Thales, seu amor de infância que só tinha olhos para sua irmã mais velha. Thales Padilha voltou recentemente da Europa, formado em Direito e como um exímio boêmio apenas quer aproveitar os prazeres da vida e não pensa em se casar tão cedo. De um encontro inusitado, Telma e Thales implicam um com o outro e iniciam um jogo muito perigoso. Ele quer ajudá-la a arrumar um namorado, mas Telma tenta afastá-lo antes que acabe apaixonada e machucada.

Um Namorado para Telma é mais um spin-off de Uma Noite para Helena, o livro 3 da Série Belle Époque e conta a história de Thales Padilha, o primogênito peralta de Berenice e Eliseu.



QUANDO ELA CHEGOU

Trilogia Ela, 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Disponível em formato físico

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

APAIXONADA POR ARQUITETURA e história, Camila Rossini sonhava se tornar uma arquiteta para trabalhar com restauração e conservação de prédios históricos. Jovem, linda, de personalidade forte e destemida, perfeccionista e detalhista ao extremo, Camila precisou assumir a presidência da construtora da família quando seu irmão mais velho sofreu um grave acidente de trânsito.

Empenhada em manter os negócios da família, Camila deixa de lado seus sonhos e passa a viver para a empresa durante anos. Depois de um longo noivado, é abandonada no altar, o que a leva a questionar as escolhas que fez na vida e a embarcar numa viagem para o exterior.

Ao retornar para o Brasil, Camila decide recomeçar sua vida e realizar seus antigos sonhos. Muda-se para o Rio de Janeiro e aceita o cargo de assistente do genioso e controlador Murilo Mendonça Castro de Alcântara, um arquiteto

talentoso e um mulherengo incorrigível. Uma forte atração surgirá entre os dois, fazendo-os sucumbir a uma tórrida paixão, que poderá mudar o curso de suas vidas para sempre.

Quando ela chegou é o primeiro livro da *Triologia Ela*, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.



ELA É MINHA

Trilogia *Ela*, 2

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

EM QUANDO ELA CHEGOU, o livro 1 da Trilogia Ela, conhecemos o charmoso e divertido arquiteto Eduardo Botelho Neves, o Edu. Abalado com o casamento de Murilo e Camila, a quem nutria uma paixão, Edu prefere se afastar dos amigos.

Depois de muita insistência, Edu aceita o convite de Murilo para uma confraternização em sua casa, onde conhece Maria Lúcia Oliveira de Souza, a Malu, uma cientista com doutorado em física nuclear, que retorna ao Brasil para resolver pendências de seu misterioso passado.

O que Edu não esperava era se ver às voltas com a cientista e apaixonar-se por ela. Porém, Malu não quer se relacionar com ninguém, dificultando e criando barreiras para que Edu se aproxime.

Edu, um conquistador nato e um sedutor experiente, não mede esforços para conquistar Malu, usando todas as suas habilidades para atraí-la para sua cama. Ele a quer muito e ela se deixa levar pelo prazer. A atração entre os dois passa a ser irresistível e uma perseguição entre eles se inicia, levando-os a descobrir e a

experimentar sentimentos nunca antes vividos.

Ela é minha é o segundo livro da Trilogia Ela, que narra os encontros de casais de mundos diferentes que descobrem no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto Ela é Perfeita.



EU QUERO ELA

Trilogia Ela, 3

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

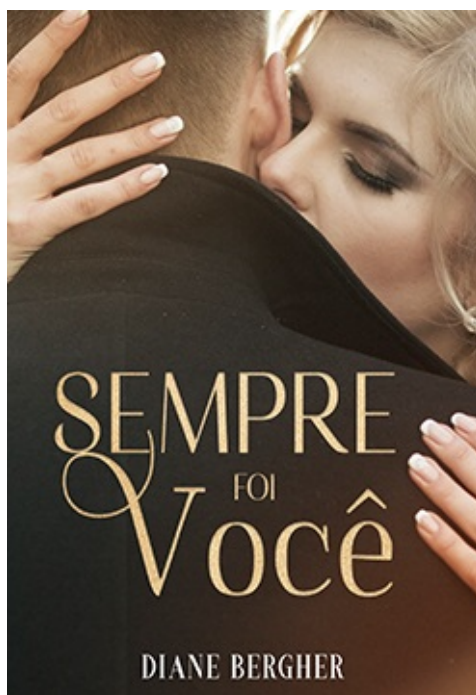
EM "EU QUERO ELA" é a vez de conhecermos o intelectual Leandro Navarro, um astrofísico introvertido que, arrependido de abandonar Camila no altar, inicia uma busca para encontrá-la e se desculpar pelo que havia feito com a esperança de reviver seu relacionamento.

O que Leandro não esperava era encontrá-la casada e com filhos. Não bastasse o ciúme doentio do marido de sua ex-noiva, Leandro ainda precisará vencer as barreiras impostas pela cunhada de Camila. Ana Margarida Mendonça Marcuzzi, uma jovem extrovertida e cheia de vida, não medirá esforços para proteger o casamento do irmão, lançando mão da sedução para manter o cientista afastado da cunhada.

Desse encontro inusitado surge uma forte atração. Esse sentimento faz com que criem um elo, onde desejo e paixão os conduzirá a descobrir o real significado da palavra amor.

"Eu quero ela" é o terceiro livro da "Trilogia Ela", que narra a estória de casais de mundos diferentes que encontram no amor seu elo mais profundo.

Faz parte desta edição, como bônus especial, o conto *Para sempre ela*.



SEMPRE FOI VOCÊ

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

DEPOIS DE UMA década e de escolhas erradas, Pedro reencontra a mulher de sua vida. Pedro e Melissa foram namorados na juventude, mas o destino os impediu de ficar juntos. Melissa casou-se com o melhor amigo de Pedro após ter fugido para o exterior. Pedro, por sua vez, casou-se com a irmã mais nova de Melissa. Com o retorno de Melissa ao Brasil, agora viúva, a paixão adormecida entre os dois renasce ainda mais forte.

Preso a um casamento fracassado, Pedro precisará lutar para reconquistar o amor e a confiança de Melissa. Em meio a segredos e intrigas familiares, poderá o amor ser capaz de vencer?



AO SR. L, COM AMOR

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

ATRAVÉS DE CARTAS não enviadas ao Senhor L., o amor idealizado da Senhorita S., conheceremos a transformação de uma menina tímida em uma mulher realizada e segura de suas escolhas. A primeira carta foi escrita no aniversário de 15 anos e, a partir de então, a cada 5 anos, a Senhorita S. escreveu uma nova carta, onde relatou os principais fatos, conquistas e sentimentos dos últimos anos de sua vida e as marcas que um amor não correspondido deixou em sua alma. A última e derradeira carta foi escrita, após um encontro dos dois, 20 anos depois da primeira carta. Na última carta, a senhorita S. despede-se definitivamente da menina que um dia foi e dá boas-vindas à mulher madura e feliz que se tornou.



VIDAS ENTRELAÇADAS

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

SINOPSE

Frederico e João Pedro, dois irmãos que cometem o pecado de amar a mesma mulher. Olívia é essa mulher, uma jornalista talentosa e uma mãe solteira dedicada, que desde os 15 anos é atormentada por pesadelos.

O destino trama um reencontro decidido por suas almas há longa data, no qual um acerto de contas é imprescindível para o resgate dos pecados dos três. Paixão e desejo. Intrigas e amarguras. Ódio e amor. Vida e morte. Sentimentos que os macularam além da vida, entrelaçando-os numa ciranda interminável em busca da redenção.

Um enredo instigante, onde o passado interfere no presente de forma tão intensa que pode gerar consequências no futuro. Traumas e medos que marcam o presente de uma mulher, fazendo-a cometer os mesmos erros do passado.

Para corações fortes e apreciadores de um romance dramático, Vidas Entrelaçadas. Suspense, mistérios e um amor mais forte que tudo. Poderá, Olívia, superar as marcas do passado para, enfim, encontrar paz para sua alma atormentada?



DIANE BERGHER é gaúcha de nascimento. Adotou Florianópolis como o lugar para viver com o marido e filho. É advogada com duas especializações na área e formação em coaching e mentoring. Uma leitora compulsiva e escritora por vocação, acredita que sonhar acordada, fantasiar mundos e transformar realidades é a vocação da sua alma. *Quando Ela Chegou*, sua primeira obra, foi lançada na internet. Com um texto delicado e sensível, o romance conquistou o público feminino do site em que está hospedado.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!